



Julia Quinn

A PROMETIDA DO
DUQUE

OS DOIS DUQUES DE WYNDHAM

2

Star Books Digital





A PROMETIDA DO DUQUE

—❖❖❖ OS DOIS DUQUES DE WYNDHAM ❖❖❖
2

Julia Quinn



Título original: *Mr. Cavendish, I Presume*

Copyright © 2009 por Julia Quinn

Copyright da tradução © 2019 por PL & PRT.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Mina Romeno

preparo de originais: PL & PRT

revisão: Lela Teixeira, Ana Maria e Clara Luz

diagramação: Star Books Digital

capa: Star Books Digital

imagem de capa: Trevillion

adaptação para ebook: Star Books Digital

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Star Books Digital

<https://t.me/SBDLivros>

<https://t.me/StarBooksDigital>

Quinn, Julia

A Prometida do Duque [recurso eletrônico] / Julia Quinn [tradução de PL & PRT]; Rio de Janeiro: PL & PRT, 2019.

recurso digital (Os Dois Duques de Wyndham; 2) Tradução de: Mr. Cavendish, I Presume Sequência de: O Duque Perdido de Wyndham

Formato: ePub

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-00-6087-611-1 (recurso eletrônico) 1. Romance de Época. 2. Livros eletrônicos. I. Título. II. Série.

E-book distribuído sem fins lucrativos

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou qualquer uso comercial do presente conteúdo

CAPÍTULO 1



É um verdadeiro crime que Amélia Willoughby ainda não tenha se casado.

Pelo menos, era isso o que dizia sua mãe.

Amélia ou, mais corretamente, Lady Amélia, era a segunda filha do Conde de Crowland, sendo assim ninguém poderia encontrar nenhum defeito em sua linhagem. Sua aparência era mais do que aceitável, se o gosto se inclinasse para as saudáveis rosas inglesas, gosto que, felizmente para ela, era dominante na alta Sociedade.

Seu cabelo era admiravelmente louro, seus olhos castanhos um tanto cinza esverdeados, e sua pele lisa e branca sempre que se lembrava de não ficar ao sol, as sardas não eram amigas de Lady Amélia. Tinha também, como sua mãe gostava de comentar, uma inteligência adequada, sabia tocar piano e pintar aquarelas, e isso sua mãe enfatizava com entusiasta insistência, estava em posse de todos os seus dentes.

Melhor ainda, que os mencionados dentes fossem perfeitamente iguais, o que não se podia dizer de Jacinda Lennox, a que caçou de forma limpa o Marquês de Baresford, cujo casamento foi *em* 1818, embora não antes de recusar dois Viscondes e um Conde, como gostava de informar a mãe de Jacinda.

Mas todas essas qualidades desapareciam diante do que, sem dúvida, era o aspecto mais pertinente e extraordinário da vida de Amélia Willoughby, seu longo compromisso de noivado com o Duque de Wyndham.

Se Amélia não tivesse sido comprometida, quando ainda estava no berço, com Thomas Cavendish, que nesse tempo era o herdeiro do ducado e ainda um menino, sem dúvida não teria chegado a pouco atraente idade de vinte e um anos, sendo donzela.

Durante uma temporada ficou em Lincolnshire, porque ninguém pensou que precisasse se incomodar em ir à Londres, a seguinte temporada sim, passou na capital, para acompanhar sua irmã mais velha, Elizabeth, pois seu prometido, também desde que ela estava no berço, teve a má sorte de contrair uma febre aos doze anos e morreu, deixando sua família sem herdeiro e Elizabeth Willoughby sem compromisso.

E quanto à temporada seguinte, quando todos estavam quase certos que Elizabeth se comprometeria em casamento a qualquer momento e Amélia continuava comprometida com o Duque, foram a Londres de todo jeito, porque teria sido embaraçoso se ficassem no campo.

Amélia gostava bastante da cidade. Divertia-se com as conversas, gostava muitíssimo de dançar, e se as pessoas falassem com sua mãe mais de cinco minutos, inteiravam-se de que se Amélia estivesse livre para se casar, teria recebido meia dúzia de pedidos, no mínimo.

O que significava que Jacinda Lennox continuaria sendo Jacinda Lennox e não a Marquesa de Baresford. E, mais importante ainda, Lady Crowland e todas as suas filhas continuariam a ter um

status mais elevado do que a enfadonha garota.

Evidentemente, como ouvia dizer com frequência do pai de Amélia, a vida nem sempre era justa, de fato, dificilmente era. Só tinha de olhar para ele, pelo amor de Deus. Cinco filhas, cinco! E agora o condado, que passara de pai para filho desde os tempos em que havia Príncipes na torre, passaria à Coroa, pois não havia nenhum primo à vista que pudesse herdá-lo.

Além disso, como sua mulher estava acostumada a recordar, graças as suas prontas manobras, que uma de suas cinco filhas já estava estabelecida, por assim dizê-lo, e só tinham que se preocupar com as outras quatro. A seu ver deviam deixar de se queixar do pobre Duque de Wyndham e do seu lento avanço para o altar.

Lorde Crowland gostava da paz e quietude acima de tudo, e isso era algo que deveria ter em conta antes de tomar por esposa, a ex Anthea Grantham.

Logicamente a ninguém ocorria sequer pensar que o Duque não cumpriria a sua promessa a Amélia e sua família, pelo contrário, era de conhecimento geral que o Duque de Wyndham era um homem de palavra, e se dizia que se casaria com Amélia Willoughby, então, como Deus era testemunha, casaria. Só ocorria que tinha a intenção de se casar quando fosse conveniente para ele, o que não era necessariamente quando fosse conveniente para ela. Ou, mais ao caso, para sua mãe.

Assim, ali estava Amélia, de volta a Lincolnshire.

E seguia sendo Lady Amélia Willoughby.

— Não me importa absolutamente — declarou quando Grace Eversleigh levantou o assunto no salão de reuniões e festas durante o baile de Lincolnshire.

Além de ser a mais íntima amiga de sua irmã Elizabeth, Grace Eversleigh era a dama de companhia da Duquesa viúva de Wyndham e, portanto estava em contato muito mais próximo com seu futuro marido do que ela já teve a oportunidade de ter.

— Ah, não — apressou-se em dizer Grace — não foi minha intenção dar a entender que se importasse.

— A única coisa que disse — atravessou Elizabeth, dirigindo um olhar estranho — foi que sua Excelência pensa permanecer em Belgrave durante seis meses pelo menos. E então você disse...

— Sei o que disse — interrompeu Amélia, sentindo o rubor subir à face.

E na realidade isso não era de todo certo. Não poderia ter repetido o que disse palavra por palavra, mas tinha a triste suspeita de que se o tentasse, seria mais ou menos algo assim.

“Bem, isso é fabuloso, sem dúvida, mas eu não daria nenhuma importância, e em todo caso o casamento de Elizabeth é no próximo mês, assim nem sonharia fazer planos para nada muito em breve e, digam o que digam, não tenho muita pressa em me casar com ele. Intercalou algo mais, algo, algo, algo. Apenas o conheço. Algo, algo mais. Sigo sendo Amélia Willoughby, e absolutamente não me importa”.

No final das contas, não era o tipo de discurso que alguém deseja reviver na cabeça.

Passado um momento de incômodo silêncio, Grace limpou a garganta e disse: — Prometeu que viria aqui esta noite.

Imediatamente Amélia a olhou nos olhos.

— Ah, sim?

Grace assentiu.

— O vi durante o jantar. Ou melhor, o vi porque passou por fora da sala de jantar quando estávamos jantando. Não jantou conosco. Acredito que ele e sua avó estejam brigados — acrescentou, como um à parte — Com frequência o estão.

Amélia sentiu os cantos da boca tensos. Não por raiva, na realidade, nem sequer por irritação. Era mais por resignação, que por qualquer outra coisa.

— Suponho que a viúva o tenha pressionado falando de mim — disse.

Teve impressão que Grace não desejava responder, mas finalmente disse:

— Bem, sim.

O que era de esperar, claro. Era bem conhecido que a Duquesa viúva de Wyndham estava mais impaciente que sua mãe por ver realizado o casamento. Também era bem conhecido que o Duque achava enfadonho a sua avó no melhor dos casos, assim não a surpreendia absolutamente que tivesse aceitado assistir à festa, só para conseguir que o deixasse em paz.

Como também era bem conhecido que o Duque não fazia promessas apressadas, estava muito seguro que ele se apresentaria na festa, e isso significava que o resto do sarau seguiria um caminho bem trilhado.

O Duque chegaria, todos o olhariam, depois todos a olhariam e então ele se aproximaria, ficariam vários minutos dedicados a uma incômoda conversa, solicitaria uma dança, ela aceitaria, e quando tivesse acabado a dança, daria um beijo em sua mão e partiria.

Presumivelmente, em busca dos cuidados de outra mulher. Uma mulher de outro tipo. Do tipo com ao qual um Duque não se casa.

Isso era algo no qual não gostava de pensar, embora nem por isso deixasse de pensá-lo. Mas, de verdade, podia esperar fidelidade de um homem *antes* do casamento?

Esse era um tema do qual tinha falado com sua irmã muitíssimas vezes, e a resposta era sempre deprimente a mesma, não. Não se pode esperar fidelidade quando o cavalheiro esteve comprometido desde que era menino. Não era justo esperar que renuncie a todas as diversões às que seus amigos se entregavam, só porque seu pai assinou um contrato de casamento uns vinte anos atrás. Mas quando estivesse fixada a data, bem, isso seria uma história diferente.

Ou, melhor dizendo, seria se os Willoughby conseguissem, alguma vez, que Wyndham fixasse uma data.

— Não parece muito entusiasmada por vê-lo — comentou Elizabeth.

— Não o estou — suspirou Amélia — Verdade seja dita, passo muito melhor quando ele está longe.

— Oh, não é tão terrível — assegurou Grace — Na realidade, é bastante encantador quando chega a conhecê-lo.

— Encantador? — repetiu Amélia, duvidosa.

Tinha o visto sorrir, mas não mais de duas vezes em uma conversa.

— Wyndham?

— Bem — disse com anuência Grace — talvez exagerei. Mas o Duque será um bom marido Amélia, isso prometo. É bastante divertido quando quer.

Amélia e Elizabeth a olharam com tanta incredulidade que Grace se pôs a rir e acrescentou: — Não minto, juro! Tem um senso de humor travesso.

Amélia sabia que Grace tinha boa intenção, mas ao dizer isso não conseguiu tranquilizá-la. E não era que sentisse ciúmes, estava bastante segura de que não estava apaixonada por Wyndham. Como poderia estar? Rara vez teve chance de trocar mais de duas palavras com ele. De todos os modos, achava bastante inquietante que Grace tivesse chegado a conhecê-lo tão bem. E isso não podia dizer a Elizabeth, para quem normalmente contava tudo.

Sua irmã e Grace eram amigas íntimas desde o dia que se conheceram, aos seis anos.

Elizabeth diria que era uma tola. Ou a obsequiaria com uma dessas olhadas horríveis que pretendiam ser de compreensão, mas que na realidade eram de lástima. E nos últimos tempos parecia ser a receptora de muitos desses olhares, normalmente sempre que saía o assunto do casamento. Se fosse uma mulher aficionada a apostar o que acreditava que poderia ser se alguma vez tivesse a oportunidade de tentá-lo, apostaria que recebera olhares de compaixão e lástima ao menos da metade das damas da alta Sociedade, e de todas as suas mães.

— Essa será nossa missão para o outono — declarou Grace de repente, com os olhos faiscantes de decisão — Amélia e Wyndham vão se conhecer por fim.

— Grace, não, por favor — disse Amélia, ruborizando-se.

Bom Deus, que humilhante, ser um *trabalho*.

— Finalmente vai ter que chegar a conhecê-lo — disse Elizabeth.

— Na realidade, não — respondeu Amélia, irônica — Quantos quartos há em Belgrave? Duzentos?

— Setenta e três — respondeu Grace.

— Poderia passar semanas sem vê-lo. Anos.

— Bem, não diga tolices — disse sua irmã — por que não me acompanha à Belgrave amanhã? Ocorreu-me o pretexto que mamãe precisa devolver uns livros à viúva para poder ir ver Grace.

Esta olhou um pouco surpresa para Elizabeth.

— Sua mãe pediu livros emprestados à viúva?

— Sim — respondeu Elizabeth, e acrescentou empertigada, — Foi minha idéia.

Amélia arqueou as sobrancelhas.

— Mamãe não é muito leitora.

— Bem, não podia pedir emprestado um piano — replicou Elizabeth.

Amélia achava que sua mãe tampouco era muito aficionada à música, mas pareceu que não tinha nenhum sentido dizê-lo. Além disso, justo nesse momento, a conversa se interrompeu bruscamente.

Ele chegara.

Bem podia estar de costas para a porta, mas soube exatamente no instante em que Thomas Cavendish entrou no salão de festas, porque, droga, já aconteceu o mesmo antes. Chegou o momento do grande silêncio. E então contou até cinco, fazia tempo que descobrira que os Duques requerem mais dos normais três segundos de silêncio começaram os cochichos. E Elizabeth já estava enterrando o cotovelo nas costelas, como se necessitasse do aviso.

E então, *aah, vi tudo na cabeça*, a multidão estava fazendo sua imitação do mar Vermelho, e pelo meio passou o Duque, seus ombros largos, seu passo decidido e orgulhoso, e ali estava, quase, quase, quase...

— Lady Amélia.

Arrumando a expressão do rosto, virou-se.

— Excelência — disse, esboçando o sorriso amável que sabia necessário.

Segurou sua mão e a beijou.

— Está encantadora esta noite.

Dizia sempre isso, cada vez.

Murmurou o obrigado e esperou pacientemente enquanto ele saudava sua irmã e logo dizia a Grace.

— Vejo que esta noite, minha avó a deixou livre de suas garras.

— Sim — disse ela, suspirando feliz — Não é maravilhoso?

Ele sorriu, e Amélia observou que seu sorriso não era o mesmo sorriso destinado ao público com que sorria para ela. Era um sorriso de amizade.

— É nada menos que uma santa, Senhorita Eversleigh — disse ele.

Amélia o olhou e depois olhou para Grace, tratando de imaginar no que ele estava pensando. Grace não tinha nenhuma opção no assunto. Se de verdade ele pensava que era uma santa, deveria provê-la de um dote e buscar um marido, para que não tivesse que passar o resto de sua vida atendendo a sua avó em todas as horas, até em seus menores desejos.

Mas, claro, isso não o disse, porque ninguém dizia essas coisas a um Duque.

— Grace nos disse que pensa passar vários meses no campo — disse Elizabeth.

Amélia desejou dar um chute. Com isso dava a entender que se tinha tempo para estar no campo, também tinha que ter tempo para por fim se casar com sua irmã. E claro, nos olhos do Duque havia uma expressão vagamente irônica ao responder.

— Sim.

— Pelo menos, eu estarei bastante ocupada até novembro — disse ela.

Porque de repente pareceu absolutamente necessário que ele se inteirasse que ela não iria passar o tempo sentada, junto à janela, bordando e suspirando por sua visita.

— Sim? — perguntou ele.

Ela endireitou os ombros.

— Sim.

Ele entreteceu um tanto os olhos, que eram de uma intensa cor azul, o gesto era de humor, não de aborrecimento, o que talvez, fosse ainda pior. Estava rindo dela. Não entendia por que tinha demorado tanto em se dar conta disso. Todos esses anos acreditara que ele simplesmente a ignorava.

Ora Por Deus.

— Lady Amélia — disse ele inclinando levemente a cabeça, mais parecido a uma permissão que se sentia obrigado a fazer — me daria a honra de conceder uma dança?

Elizabeth e Grace a olharam, as duas sorrindo serenamente, espectadoras. Todos Já tinham representado essa cena antes. E todos sabiam como devia continuar. Em especial ela.

— Não — disse, sem pensar duas vezes.

Ele pestanejou.

— Não?

— Não, obrigado, queria dizer — disse, com seu mais encantador sorriso, porque gostava de ser amável.

Ele parecia atônito.

— Não deseja dançar?

— Esta noite não, acredito que não.

Olhou dissimuladamente sua irmã e Grace. As duas estavam horrorizadas. Sentiu-se *maravilhosa*. Sentiu-se ela mesma, algo que nunca conseguia sentir na presença dele. Nem antes, quando estava esperando sua presença. Nem depois. Sempre tudo girava em torno dele. *Isto Wyndham e aquilo Wyndham e, aah, que sorte tinha ela por ter apanhado o Duque mais bonito do país sem ter tido nem que mover um dedo.* A única vez que deixou sair seu humor mordaz dizendo: *Bem, sim que tinha que mover os dedos para agarrar meu chocalho de bebê,* foi recompensada por dois olhares de assombro e um *jovem ingrata*. Essa foi à mãe de Jacinda Lennox, três semanas antes que caísse a chuva de pedidos para Jacinda.

Assim, pelo geral mantinha a boca fechada e fazia o que se esperava dela. Mas nesse momento... Bem, não se encontravam em um salão de Londres, sua mãe não estava olhando e estava simplesmente farta que ele a tivesse segurando com uma lorota. De verdade, já poderia ter encontrado outro. Poderia ter se divertido. Poderia ter beijado um homem.

Ab, muito bem, isso não. Não era uma idiota e sim valorizava sua reputação. Mas poderia ter imaginado, o que nunca se incomodou em fazer.

Então, tendo em vista que não sabia quando poderia sentir-se tão temerária outra vez, sorriu ao seu futuro marido e disse: — Mas você deveria dançar se o deseja. Não tenho dúvida que há muitas damas que se sentiriam felizes de ser seu par.

— Mas eu desejo dançar com você — disse ele.

— Talvez em outra ocasião — respondeu ela. Sorriu-lhe com seu sorriso mais alegre — Obrigado!

E dando meia volta, afastou-se.

Afastou-se.

Desejou saltar. E, claro, saltou, mas quando já estava fora do salão.



Thomas Cavendish agradava se considerar um homem justo, equânime, sobretudo que sua posição como sétimo Duque de Wyndham permitia sentir prazer em uma grande quantidade de exigências e atos irracionais. Poderia agir como um louco raivoso, se vestir todo de rosa e declarar que o mundo é um triângulo, mesmo assim os aristocratas seguiriam inclinando-se e arrastando-se

diante dele, pendentes de cada uma de suas palavras.

Seu pai, o sexto Duque de Wyndham, não tinha se comportado como um louco raivoso, nem vestido de rosa, nem declarado que o mundo é um triângulo, mas foi um homem muito pouco dado à razão. Justamente a isso se devia que ele se orgulhasse de sua serenidade e equanimidade, da seriedade de sua palavra e, embora não gostasse de revelar a muitos este lado de sua personalidade, da capacidade para encontrar humor no ridículo. E o que acabava de acontecer era decididamente ridículo.

Mas quando encerrou o rumor da saída de Lady Amélia do salão e, uma atrás de outra, as cabeças começaram a virar para ele, se deu conta de que o limite entre humor e fúria não é muito mais grosso que o fio de uma faca. E o dobro de afiado.

Lady Elizabeth estava olhando para ele com uma boa dose de horror, como se ele fosse se transformar em um ogro e despedaçar membro por membro. E Grace, droga a atrevida dava a impressão de que ia se por a rir a qualquer momento.

— Não — advertiu.

Ela obedeceu, mas apenas, assim que ele olhou Lady Elizabeth e perguntou: — Vou procurá-la?

Ela o olhou sem dizer uma palavra.

— A sua irmã — explicou ele.

Ela continuou muda.

Bom Deus, educavam as mulheres nestes tempos?

— Lady Amélia — disse, acrescentando uma explicação extra — Minha prometida. A que acaba de me deixar plantado.

— Eu não diria isso... — disse por fim Elizabeth, com a voz afogada.

Ele a olhou um momento, mais tempo do que parecera normal. Ele não sentia nem o menor desconforto com aquilo e depois olhou Grace, a que comprovara fazia muito tempo, que era uma das únicas pessoas do mundo, em quem podia confiar que era totalmente sincera.

— Vou procurá-la?

— Ah, sim — disse ela, com os olhos brilhantes de travessura — Vá.

Ele arqueou levemente as sobrancelhas, pensando onde poderia ter ido a maldita garota. Na realidade, não poderia ter partido da festa, a porta dava diretamente à rua principal de Stamford, lugar absolutamente inapropriado para uma mulher sozinha.

Na parte de trás havia um jardim. Ele não teve ocasião de vê-lo, mas haviam dito que se faziam muitos pedidos de casamento nesse frondoso recinto.

Embora pedido fosse na realidade uma palavra muito moderada para descrever o que ali ocorria. A maioria dos pedidos se fazia estando os envolvidos bem mais vestidos, do que estavam as pessoas que se encontravam no jardim atrás do salão de reuniões e festas de Lincolnshire. Mas não o inquietava muito que o surpreendessem as sós com Lady Amélia Willoughby. Já estava comprometido à garota, não? E não podia seguir prorrogando o casamento por muito mais tempo. Tinha informado aos seus pais que esperaria até que ela tivesse vinte e um anos, e supunha que não demoraria muito em chegar a essa idade.

Se é que já não chegara.

— Uma de minhas opções parece ser a seguinte — disse — Poderia ir procurar a minha encantadora prometida, trazê-la de volta arrastada para dançar com ela, e demonstrar à multidão reunida que a tenho claramente dominada.

Grace o olhou divertida. Elizabeth estava da cor de algo verde.

— Mas então daria a impressão que ela conseguiu me incomodar — continuou.

— Não o fez? — perguntou Grace.

Ele pensou. Sentia a espetada em seu orgulho, certo, mas, mais que qualquer outra coisa, estava tendo um grande momento.

— Não muito — respondeu e, posto que Elizabeth era a irmã, apressou-se a acrescentar, — Perdão.

Ela assentiu fracamente.

— Por outro lado — continuou — poderia simplesmente continuar aqui. E me negar a armar uma cena.

— Ah, parece-me que a cena já está armada — disse Grace, olhando-o travessa. Pagou-lhe com a mesma moeda.

— Tem sorte de ser a única coisa que faz com que a minha avó seja tolerável.

— Ao que parece não pode me despedir — disse Grace a Elizabeth.

— Embora a tentação seja grande — acrescentou ele.

Os dois sabiam que isso não era certo. Ele se prostraria aos seus pés, se fosse necessário, contanto que ela continuasse sendo a acompanhante de sua avó. Felizmente para ele, ela não mostrava nenhuma inclinação a partir. De todos os modos, o faria, e triplicaria o salário ao mesmo tempo. Cada minuto que Grace passava na companhia de sua avó era um minuto na qual ele não tinha que estar com ela, e francamente, não se pode por preço a algo assim.

Mas isso não era o assunto que tinha entre mãos. Sua avó estava comodamente instalada no salão contíguo, rodeada pelo grupo de suas amigas, e ele tinha toda a intenção de entrar e partir da festa sem ter que trocar nenhuma só palavra com ela.

Sua noiva, em troca, era outra história totalmente diferente.

— Acredito que vou permitir que tenha seu momento de triunfo — disse, chegando à decisão enquanto as palavras saíam de sua boca.

Não sentia a menor necessidade de demonstrar sua autoridade, porque, na realidade, podia ficar em dúvida? E não agradava particularmente a idéia de que a boa gente de Lincolnshire pudesse imaginar que estava apaixonado por sua noiva.

Thomas Cavendish não se apaixonava.

— Isso é muito generoso de sua parte, tenho que dizer — comentou Grace, sorrindo de uma maneira mais irritante.

Encolheu os ombros, levemente.

— Sou um homem generoso.

Elizabeth aumentou os olhos e pareceu que a ouvia respirar, mas além disso, continuou muda.

Uma mulher silenciosa, talvez devesse se casar com ela.

— Parte, então? — perguntou Grace.

— Quer se livrar de mim?

— Não, nada disso. Sabe que sua presença sempre me deleita.

Teria respondido o sarcasmo com algo similar, mas antes que pudesse abrir a boca, viu uma cabeça ou, melhor dizendo, parte de uma cabeça, aparecida por trás da cortina que separava o salão do corredor lateral.

Lady Amélia. Não fora muito longe depois de tudo.

— Vim para dançar — declarou ele.

— Detesta dançar — disse Grace.

— Não é certo. Detesto que me exijam dançar. Há muita diferença.

— Eu posso encontrar a minha irmã — disse Elizabeth, excitada.

— Não seja tola. É evidente que também detesta que exijam dançar. Grace será meu par.

— Eu? — disse a jovem, surpresa.

Thomas fez um gesto aos músicos que estavam na parte dianteira do salão. Imediatamente eles prepararam seus instrumentos.

— Você — disse ele — Não imaginou, suponho, que eu dançaria com outra aqui.

— Tem Elizabeth — disse ela, quando a levava para o centro da pista.

— Brinca, suponho — murmurou ele.

Lady Elizabeth Willoughby ainda não recuperara a cor que abandonou a face quando sua irmã deu as costas a ele e saiu do salão. Era provável que os esforços que exigiria a dança a fariam desmaiar.

Além disso, Elizabeth não ia bem aos seus fins. Olhou para Amélia. Surpreso, viu que ela não se ocultava imediatamente por trás da cortina. Sorriu, levemente. E então, e foi muito satisfatório, viu-a afogar uma exclamação.

Depois disso ela sim se escondeu por trás da cortina, mas isso não o preocupou. Estaria observando a dança, inteira, até o último passo.

CAPÍTULO 2



Amélia compreendeu imediatamente o que ele pretendia fazer, estava claro como água, e sabia muito bem que a estava manipulando.

Entretanto, maldito homem, ali estava ela, escondida atrás da cortina, olhando-o dançar com Grace.

Era um bailarino excelente. Isso sim sabia. Dançara muitas vezes com ele, quadrilhas, contradanças, valsas, de tudo durante suas duas temporadas em Londres, dançou por obrigação, todas e cada uma delas.

Entretanto às vezes, *às vezes*, foram muito agradáveis. Ela não era imune ao que pensavam outros. Era esplêndido colocar a mão no braço do solteiro mais cobiçado de Londres, sobretudo estando em posse de um contrato de vinculação que declara que o dito solteiro era dela e só dela. Em certo sentido, tudo nele parecia maior e melhor que em outros homens.

Rico! Duque! Fazia desmaiar as garotas tolas!

E as de constituição mais forte, bem, também desmaiavam.

Estava bastante certa que Thomas Cavendish teria sido declarado como o melhor partido da década embora tivesse nascido corcunda e com dois narizes. Não abundavam os Duques solteiros, e era bem conhecido que os Wyndham possuíam terras e dinheiro suficientes para rivalizar com muitos principados europeus.

Mas sua Excelência não tinha uma corcunda nas costas, e seu nariz por sorte era reto, fino e esplendidamente proporcional ao resto de seu rosto, seu cabelo escuro e abundante, seus olhos de um azul fascinante e, a não ser que tivesse alguns espaços ocultos na parte de trás, tinha todos os dentes. Objetivamente, seria impossível descrevê-lo como algo menos que elegante. Mas embora não fosse indiferente aos seus encantos, estes, tampouco, a cegavam. E mesmo estando comprometida com ele, considerava-se uma juíza objetiva dele.

É certo que o era porque era muito capaz de expressar com palavras seus defeitos e, de vez em quando, se entretinha escrevendo a lista. E a revisava, logicamente, em todos os poucos meses. Isso considerava justo. E tomando em conta o problema que se meteria se alguém encontrasse a lista, devia ser o mais exata possível.

Valorizava a exatidão em todas as coisas. Em sua opinião, essa era uma virtude infelizmente pouco valorizada. Mas o problema para definir seu noivo e, supunha a maior parte da humanidade, era a dificuldade para expressar suas qualidades ou defeitos em magnitude. Como explicar, por exemplo, esse ar indefinível que parecia envolvê-lo, como se nele houvesse algo... Algo *mais* que no resto da Sociedade?

Os Duques não deveriam parecer muito capazes. Teriam que ser magros e robustos ou, se não, gordos, suas vozes desagradáveis e seu intelecto não muito profundo e, bem, uma vez viu as mãos

de Wyndham. Normalmente, usava luvas quando se encontravam, mas uma vez, não recordava por que, as tirou, e ela se encontrou cativada por suas mãos.

Suas mãos, pelo amor do céu.

Era tola e fantasiosa sem dúvida, mas enquanto estava ali, em silêncio, e talvez com a boca aberta mais em cima, não pode deixar de pensar que essas mãos tinham feito coisas, reparado uma grade, pego uma pá. Se tivesse nascido quinhentos anos antes, com certeza que teria sido um feroz cavaleiro, que entrava na batalha segurando uma espada, quando não estava levando meigamente a sua gentil dama para o por do sol. E sim, era consciente de que dedicava muito mais tempo a refletir a respeito dos aspectos mais sutis da personalidade dele, que o que ele dedicava a pensar nos dela.

Mas de todos os modos, uma vez tudo dito e feito, não sabia muito a respeito dele. Com título, rico, bonito, isso na realidade não dizia muito. Não acreditava que fosse muito irracional desejar saber algo mais dele. E o que de verdade desejava, mesmo que não pudesse explicar porque exatamente, era que ele soubesse algo dela.

E que desejasse saber algo sobre ela.

Que averiguasse.

Que fizesse alguma pergunta.

Que escutasse a resposta, em lugar de simplesmente assentir enquanto olhava para alguma pessoa situada do outro lado da sala.

Desde que começou a levar em conta essas coisas, seu noivo tinha feito exatamente oito perguntas, sete relativas à como estava passando na reunião ou festa, e a outra sobre o tempo.

Não esperava que a amasse, não, não era *tão* fantasiosa. Mas sim acreditava que um homem de inteligência pelo menos normal, desejaria saber algo da mulher com que pensa se casar. Mas não, a Thomas Adolphus Horatio Cavendish, o muito estimado Duque de Wyndham, Conde de Kesteven, Stowe e Stamford, Barão Greenville de Staine, por não mencionar o monte de outros títulos honoríficos, que felizmente não tinham exigido que memorizasse, parecia não importar que sua futura esposa gostasse de morangos, mas não tolerasse ervilhas. Não sabia que ela jamais cantava em público, nem que, se a propunha, pintava aquarelas de uma magnífica qualidade.

Não sabia que ela sempre tinha desejado visitar Amsterdam.

Não sabia como a chateava que sua mãe dissesse que tinha uma inteligência *adequada*.

Não sabia que iria perder sua irmã Elizabeth quando se casasse com o Conde de Rothsey, que vivia no outro extremo do país, a quatro dias de viagem em uma carruagem. E não sabia que se algum dia pedisse sua opinião, uma pergunta muito singela na realidade, a respeito de algo que não fosse a temperatura do ar, se elevaria incomparavelmente na opinião dela.

Mas isso seria supor que a ele importava sua opinião, e estava bastante certa que não importava. Na realidade, sua falta de preocupação pelo bom julgamento dela, poderia muito bem ser a única coisa importante que sabia dele.

A não ser...

Com supremo cuidado mostrou a cabeça por trás da cortina de veludo vermelho que fazia às vezes de escudo, muito consciente de que ele sabia que estava ali.

Observou-lhe o rosto.

Observou sua maneira de olhar para Grace.

Sua maneira de sorrir para Grace.

Sua maneira de...

Santo Deus estava rindo?

Jamais o ouvira rir, jamais o vira sorrir assim do outro lado de um salão.

A boca abriu sozinha pela impressão, e talvez por um pouco de consternação. Ao que parece sabia algo importante de seu noivo.

Estava apaixonado por Grace Eversleigh.

Ah, ora, maravilhoso.



No salão de reuniões e festas de Lincolnshire não se dançava a valsa, as Senhoras que organizavam a festa trimestral seguiam considerando-a uma dança *indecente*.

Na opinião de Thomas, isso era uma lástima. Não interessava absolutamente a natureza sedutora da dança, jamais tivera a oportunidade de dançá-la com uma mulher a que desejasse seduzir. Mas dançá-la dava a oportunidade de conversar com o par. O que teria sido muitíssimo melhor que uma palavra aqui e uma frase ali, enquanto ele e Grace iam e vinham seguindo os complicados passos e figuras da contradança.

— Tenta fazer-lhe ciúme? — perguntou ela, sorrindo de uma maneira que poderia considerar coquete se não a conhecesse tão bem.

— Não seja ridícula.

Mas nesse momento ela estava agarrada de braços cruzados com um latifundiário da localidade. Calando o grunhido de irritação, esperou que ela voltasse a estar ao seu lado.

— Não seja ridícula — repetiu.

Ela inclinou a cabeça.

— Nunca dançou comigo antes.

Esta vez ele esperou o momento adequado para responder.

— Quando tive ocasião de dançar com você?

Grace retrocedeu e fez a reverência que exigia a dança, mas ele a viu inclinar a cabeça em gesto de assentimento. Ele raramente assistia a essa festa local, e embora ela acompanhasse sua avó quando ia a Londres, só muito de vez em quando a incluíam nas saídas noturnas, e nesses casos ela ia sentar a um lado, com as acompanhantes e Senhoras mais velhas.

Avançaram até o começo da fila, segurou a mão para fazer o *passeio*, e caminharam pelo corredor formado por cavalheiros à direita e damas à esquerda.

— Está zangado — disse Grace.

— Não, não.

— Orgulho ferido.

— Antes possivelmente sim, mas só um momento — ele reconheceu.

— E agora?

Ele não respondeu. Não foi necessário. Tinham chegado ao final do passeio e tiveram que ocupar seus postos enfrentados formando o corredor. Mas quando se juntaram para tocar as mãos, ela disse: — Não respondeu a minha pergunta.

Os dois regressaram, voltaram a juntar-se e então ele se inclinou um pouco para dizer: — Eu gosto de estar no controle.

Pareceu que ela iria rir disso.

Obsequiou-a com um sorriso indolente, e quando voltou a ter a oportunidade de falar, perguntou: — Surpreendi muito você?

Fez sua permissão, ela fez o giro e então disse, com os olhos faiscantes de travessura.

— Jamais me surpreende.

Ele riu, e quando voltaram a encontrar-se para uma reverência e um giro, disse-lhe: — Eu jamais o tento.

Ela se limitou apenas a olhar.

Grace era uma boa pessoa. Ele duvidava que sua avó, quando a contratou para que fosse sua dama de companhia, tivesse procurado algo mais que uma pessoa afável que soubesse dizer *Sim, Senhora e É claro, Senhora*, mas escolheu bem de todos os modos. Era uma vantagem também que Grace tivesse nascido no distrito. Ficara órfã fazia uns anos, quando seus pais contraíram uma febre, seu pai era latifundiário rural, e tanto ele como sua mulher eram pessoas muito queridas na comunidade.

Em consequência, Grace já conhecia todas as famílias da região, e era amiga da maioria. Isso tinha que ser uma vantagem em sua posição atual. Ao menos isso supunha ele. Não tinha ocasião de falar muito com ela, pois a maior parte do tempo procurava manter-se afastado de sua avó. Quando a música chegou a seu fim, se permitiu olhar para a cortina vermelha. Ou sua noiva partiu, ou tinha se feito mais perita na arte de se esconder.

— Deveria ser mais simpático com ela — disse Grace quando foram caminhando para a beira da pista.

— Me deixou plantado.

Ela simplesmente encolheu os ombros.

— Deveria ser mais simpático com ela — repetiu.

Então fez a reverência e se afastou, deixando-o sozinho, o que nunca é uma perspectiva atraente em uma reunião como essa.

Era um cavalheiro comprometido em casamento e, além disso, essa era uma festa da comunidade, em que sua prometida era conhecida por todo mundo. E isso *deveria* significar que o deixariam em paz aqueles que pudessem imaginar suas filhas ou irmãs, ou sobrinhas como sua Duquesa. Mas, por desgraça, Lady Amélia não oferecia um amparo total nesse aspecto. Embora a quisesse e, por isso ele sabia, bastante, nenhuma mãe que se respeitasse podia se desentender da idéia de que algo *poderia* ir mal, no compromisso, e que o Duque *poderia* se encontrar livre e *poderia* ter que buscar uma esposa.

Ao menos, isso disseram. Normalmente, ninguém fazia a ele esses comentários sussurrados o que

agradecia assiduamente ao seu pai.

E embora em Lincolnshire houvesse cidadãos que não estavam em posse de uma filha, irmã, sobrinha sem compromisso, sempre havia alguém que desejava ganhar seu favor com adulações. Isso era absolutamente exaustivo. Daria um braço, bem, talvez um dedo do pé, por ter um só dia, sem que ninguém dissesse algo porque acreditava que isso era o que ele desejava ouvir.

Ser Duque oferecia umas quantas vantagens, mas a sinceridade das pessoas com quem se relacionava não estava entre elas. Por isso, quando Grace o deixou sozinho à beira da pequena pista de baile imediatamente se dirigiu à porta. A uma porta, para ser mais exato. Não deu importância e não se fixou em que porta era. Simplesmente desejava sair.

Vinte segundos depois, estava respirando o ar fresco noturno de Lincolnshire, refletindo sobre o resto de sua noite. Pensou ir para casa, na realidade, estivera esperando com ilusão uma noite tranquila, quando sua avó o enredou com seus planos para a festa.

Nesse momento ocorreu que seria mais conveniente fazer uma visita a Stamford.

Celeste, sua viúva particular, muito inteligente e muito discreta, estaria em sua casa. Sua relação ia à perfeição para os dois. Levava presentes, objetos formosos que ela podia aproveitar para adornar sua bonita casa ou para complementar os modestos ganhos que deixara seu marido. E oferecia companhia sem nenhuma expectativa de fidelidade. Deteve-se um momento para se orientar, uma árvore pequena, uma pilha para pássaros e uma planta que parecia ser uma roseira excessivamente podada. Bem, estava claro que não saía pela porta da rua.

Ah, sim, o jardim. Franzindo ligeiramente o cenho olhou para trás por cima do ombro. Na realidade, não sabia se podia sair à rua sem voltar a entrar no salão. E justo nesse instante teria jurado que ouviu alguém dizer seu título com voz aguda, e a isso seguiram as palavras *filha, deve e apresentação*. Perdão tinha que tentá-lo.

Deu a volta à pilha para pássaros com a intenção de chegar à esquina do edifício e ver se havia saída por ali, mas quando passou junto à roseira maltratada, com a extremidade do olho pareceu ver um movimento.

Não era sua intenção olhar. Deus sabia que não desejava olhar. Olhar só podia ocasionar incômodos. Nada é mais aborrecido que encontrar alguém homem ou mulher, com mais frequência mulher onde não se deve estar. Mas olhou, claro, simplesmente porque assim se ia desenvolvendo sua noite.

Olhou, e desejou não ter olhado.

— Excelência.

Era Lady Amélia, que estava, muito certamente, onde não devia estar.

Olhou-a severo, enquanto decidia como abordar o assunto.

— O salão estava sufocante — disse ela, ficando de pé.

Estivera sentada em um banco de pedra, e seu vestido, bem, sorte seja a verdade, não recordava de que cor era e à luz da lua era difícil saber, mas parecia fundir-se com o entorno, e talvez por isso não a visse imediatamente.

Mas nada disso importava. O importante era que estava fora, sozinha.

E pertencia a ele.

Francamente, o assunto não podia ir bem.

Sua saída teria sido muitíssimo mais magnífica, supunha Amélia, se tivesse podido abandonar não só o salão de baile, mas também todo o recinto, mas tinha o aborrecido assunto de sua irmã. E sua outra irmã. E sua mãe. E seu pai, embora estivesse bastante segura de que ele teria saído encantado atrás dela pela porta, se não fosse por essas outras três Willoughby, que seguiam buscando um marido.

Assim, dirigiu-se ao espaço contíguo do salão de baile, onde podia sentar-se em um pequeno banco de pedra e esperar que sua família se cansasse da festa. Ninguém ia a esse lugar, não era o jardim propriamente dito e, posto que a finalidade da reunião era ver e ser vistos, bem, um velho e poeirento banco não favorecia a causa. Não fazia muito frio e o céu estava claro, por isso se viam as estrelas, e isso ao menos oferecia algo para ela olhar, embora com seu péssimo talento para reconhecer as constelações, era muito provável que isso a mantivesse ocupada só uns poucos minutos.

Mas conseguiu encontrar a Ursa Maior e a partir dela encontrou a Menor, ou ao menos o que acreditava que era a Ursa Menor. Encontrou três agrupamentos que poderiam ter sido ursos, Na realidade, quem foi que idealizou essas coisas devia ter uma predileção pelo abstrato, e mais à frente havia algo que poderia jurar que era uma agulha de Igreja. Claro que não havia nenhuma constelação que se chamasse *Agulha...*

Trocou de posição, para ver melhor o cintilante agrupamento para o norte que, com bastante imaginação, poderia resultar ser um urinol de estranha forma, mas antes que pudesse entrecerrar os olhos para enfocá-la bem, ouviu os inconfundíveis sons de uns passos pelo jardim.

Em direção a ela.

Que coisa. Seu reino por um momento de solidão. Nunca o tinha em casa, e a julgar pelos sons de passos, ao que parece tampouco o teria ali. Ficou muito quieta, esperando que o intruso partisse desse lugar, e então...

Não podia ser.

Mas, claro, era.

Seu estimado noivo. Em toda sua esplendorosa glória.

Que fazia ele ali?

Quando ela saiu do salão, ele estava muito feliz dançando com Grace. E embora tivesse terminado a dança, não devia acompanhá-la até a beira da pista e passar uns quantos minutos em conversa inútil? Aos que tinham que seguir outros quantos minutos mais de ser abordado pelos muitos e diversos membros da Sociedade de Lincolnshire, que tinham a esperança de que anulasse o compromisso, e isso sem desejar nenhum mal à noiva, sem dúvida alguma, mas ouvira mais de uma pessoa comentar a possibilidade de que ela se apaixonasse por outro e fugisse para Gretna. Francamente, como se alguém pudesse escapar de *sua* casa sem que ninguém se inteirasse.

Mas pelo visto Sua Excelência conseguiu se livrar de tudo isso em um tempo recorde e estava escapando pelo jardim de trás.

Ah, sim, caminhava muito erguido, insuportavelmente orgulhoso, mas mesmo assim, estava muito claro que queria escapulir, e isso o encontrava digno de uma sobranceira arqueada. Qualquer um diria que um Duque tinha o poder suficiente para escapar pela porta da frente.

A teria encantado urdir histórias vergonhosas a respeito dele, mas ele escolheu esse momento porque ela era sem dúvida a garota de mais má sorte de Lincolnshire para virar a cabeça em direção a ela.

— Excelência — disse, porque não tinha nenhum sentido simular que não sabia que ele a vira.

Ele não disse nada em resposta, o que ela encontrou grosseiro, mas pareceu que não estava em posição de abandonar as boas maneiras, assim que se levantou do assento e explicou.

— O ambiente do salão era sufocante.

Bem, isso era certo, mesmo que não fosse esse seu motivo para sair.

Ele continuou sem dizer nada, só a olhando dessa maneira altiva tão dele. Resultava-lhe difícil manter-se quieta sob o peso desse olhar, e supôs que essa era a finalidade. Morria de vontade de passar o peso do corpo de um pé ao outro, de apertar as mãos, de apertar os dentes, mas não, não daria essa satisfação caso que ele notasse algo do que ela fazia. Assim, manteve-se absolutamente imóvel, limitando-se a esboçar seu sorriso sereno, a que se permitiu trocar um pouco ao inclinar a cabeça.

— Está sozinha — disse ele.

— Sim.

— Aqui fora.

Ela não soube como dizer algo afirmativo sem fazer parecer estúpido pelo menos a um dos dois, assim simplesmente pestanejou e esperou.

— Sozinha — disse ele.

Ela olhou à esquerda, logo à direita, e então disse sem pensar duas vezes.

— Não mais.

O olhar dele se fez mais severo, embora ela o teria acreditado impossível.

— Suponho que é consciente dos possíveis perigos para sua reputação.

Então ela sim apertou os dentes, embora só um instante.

— Supus que ninguém me encontraria.

Não gostou dessa resposta, isso ficou muito claro.

— Isto não é Londres — continuou — Posso estar sentada em um banco sozinha fora do salão uns minutos, sem perder minha posição na Sociedade. Sempre, logicamente, que você não me condene.

Ai, Deus, ele tinha as mandíbulas apertadas? Que par formavam os dois, certamente.

— De todos os modos — disse ele em tom abrupto — esse comportamento é impróprio de uma futura Duquesa.

— Sua futura Duquesa.

— Efetivamente.

Amélia notou que o estômago começava a fazer umas revoadas e tombos dos mais estranhos e, a verdade, não sabia dizer se estava enjoada ou aterrada.

Wyndham parecia estar furioso, friamente furioso, e embora não sentisse medo por sua pessoa,

era muito cavalheiro para golpear uma mulher, ele poderia se quisesse converter sua vida em uma série de sofrimentos. Desde que tinha memória incultaram que esse homem menino então estava no comando. Era simples, sua vida girava em torno dele e isso aceitava sem pigarrear.

Ele falava, ela escutava.

Ele a chamava, ela ia de um salto.

Ele entrava em uma sala e ela sorria encantada.

E, mais importante ainda, alegrava-a ter essas oportunidades. Era uma garota *com sorte*, porque tinha que estar de acordo com tudo o que ele dissesse. Só que ele e isso tinha que ser seu maior delito, raramente falava. Quase nunca a chamava, porque o que podia necessitar que ela pudesse dar? E já renunciara a sorrir quando ele entrava na sala, porque ele jamais olhava em direção a ela.

Se notava sua existência, não era com regularidade.

Mas nesse momento...

Obsequiou-o com um sorriso sereno, olhando seu rosto como se não se desse conta de que seus olhos estavam a uma temperatura aproximada de dois pedacinhos de gelo. Nesse momento ele se fixava nela.

E então, inexplicavelmente, ele mudou.

Mudou e ali estava. Algo pareceu abrandar-se dentro dele, curvaram os lábios e de repente a estava olhando, como se ela fosse um tesouro sem preço deixado cair em seu colo por um Deus benévolo.

Bem, esse olhar era para por terrivelmente inquieta a uma dama.

— Descuidei de você — disse ele, observando-a.

Ela pestanejou. Três vezes.

— Perdão?

Agarrou-lhe a mão e a levantou até sua boca.

— Descuidei de você — repetiu, e sua voz pareceu fundir-se com a noite — Isso não esteve bem por minha parte.

A ela entreabriram os lábios, e embora devesse fazer algo com o braço usá-lo para abaixar a mão ao lado teria sido a opção óbvia, continuou tal como estava como uma imbecil, com a boca aberta e toda flácida, pensando por que ele...

Bem, a verdade, simplesmente pensando *por que*.

— Dançamos agora? — murmurou ele.

Ela o olhou surpresa.

O que se propunha?

— Não é uma pergunta difícil — disse ele, sorrindo, puxando brandamente a mão e aproximando-se mais — Sim ou não.

Ela reteve o fôlego.

— Ou sim — disse ele, rindo, ao tempo que deslizava a mão por suas costas até deixá-la à altura de sua cintura. Aproximando os lábios a sua orelha, sem tocar-lhe, embora, tão perto que suas

palavras passaram pela pele como um beijo, acrescentou — Sim é quase sempre a resposta correta.

Aumentou um pouco a pressão da mão em suas costas e, lentamente, brandamente, começaram a dançar.

— E sempre — sussurrou, roçando a orelha com a boca — quando está comigo.

Estava seduzindo-a. Dar-se conta disso fez com que se sentisse presa de uma grande excitação e confusão. Não conseguia imaginar por que, jamais tinha mostrado inclinação para fazer isso. E, além disso, era intencional. Estava tirando todas as armas de seu arsenal, ou ao menos todas as permitidas em um jardim público.

E o estava conseguindo. Sabia que seu objetivo tinha que ser maquiavélico, estava totalmente certa que ela não se tornou irresistível ao longo dessa noite, mas de todos os modos sentia formigar a pele, e quando respirava e não respirava com a frequência que devia, parecia que o corpo aliviava e flutuava. Podia não saber muito sobre as relações entre homens e mulheres, mas sabia uma coisa.

A estava atordoando.

Seu cérebro continuava funcionando e seus pensamentos eram bastante completos, mas de maneira nenhuma ele poderia saber isso, porque a única coisa que era capaz de fazer era olhá-lo como uma boba apaixonada, suplicando com os olhos que movesse a mão, que pressionasse mais suas costas.

Desejava apertar-se contra ele, desejava *afundar-se* nele.

Havia dito alguma palavra desde que ele agarrou sua mão?

— Nunca tinha dado conta do quanto são belos seus olhos — ele disse em voz baixa.

Ela desejou dizer que isso era porque nunca se incomodava em olhá-la, e logo desejou observar que não podia ver a cor dos olhos à luz da lua. Mas em lugar de dizer isso, sorriu como uma idiota e levantou o rosto para ele, porque melhor, talvez, ele estivesse pensando em beijá-la, e melhor ainda, talvez, beijaria, e talvez, aah, decididamente, ela o permitiria.

E então ele a beijou. Roçou-lhe os lábios com os dele, de uma maneira que tinha que ser o beijo mais terno, mais respeitoso e mais romântico da história.

Era tudo o que tinha sonhado que podia ser um beijo. Doce, suave, e produziu um calor que percorreu todo seu corpo. E então, não pode evitá-lo, suspirou.

— Que doce — murmurou ele.

Seus braços levantaram como por vontade própria, e rodeou seu pescoço. Ele riu por esse entusiasmo, e abaixou as mãos, até as cavar em seu traseiro, da maneira mais escandalosa.

Escapou um suave grito, apertando-se contra ele, e então ele esticou as mãos e mudou a respiração.

E também mudou o beijo.

CAPÍTULO 3



A intenção do beijo, logicamente, fora afirmar seu domínio sobre ela, mas foi uma surpresa muito agradável.

Lady Amélia era muito deliciosa, e ele estava descobrindo que seu traseiro era especialmente tentador, tanto que sua mente o tinha adiantado bastante e estava vagando por um impreciso lugar que poderiam estar sem roupa, no qual ele poderia deslizar as mãos brandamente para cima, para baixo e ao redor, subir pelo interior de suas coxas, acariciando com os polegares, mais acima, mais acima...

Bom Deus, teria que decidir fixar uma data para se casar com a moça.

Aprofundou o beijo, gostou de seu suave grito de surpresa e a estreitou com mais força. A sentia gloriosamente apertada contra ele, todas as suaves curvas e ágeis músculos. Gostava de cavalgar, haviam dito em alguma parte.

— Que formosa — murmurou, pensando se alguma vez ela montaria escarranchada.

Mas esse não era o momento, e de maneira nenhuma o lugar, para permitir que descontrolasse a imaginação. Assim, certo de que já tinha sufocado sua pequena rebelião, separou-se dela, deixou um momento uma mão em sua face e finalmente abaixou ao lado.

Quase sorriu. Ela o estava olhando com uma expressão aturdida, como se não soubesse bem o que acabava de acontecer.

— Posso acompanhá-la ao salão? — propôs.

Ela negou com a cabeça, limpou a garganta, e finalmente disse:

— Não ia partir?

— Não poderia deixar você aqui.

— Posso voltar sozinha.

Ele deve tê-la olhado com dúvida porque ela disse:

— Pode me observar até que entre, se quiser.

— Por que não deseja que a vejam comigo? Dentro de pouco tempo serei seu marido.

— Sim?

Ele pensou para aonde teria ido a apaixonada garota, porque nesse momento o estava olhando com os olhos bem limpos e perspicazes.

— Dúvida de minha palavra? — perguntou, procurando que a voz saísse impassível.

— Jamais duvidaria dela.

Ao dizer isso retrocedeu um passo, mas não foi um movimento de retirada, mas sim, bem um sinal, de que já não estava mais atordoada.

— Qual foi, então, sua intenção?

Ela o olhou e sorriu.

— Claro que será meu marido. É do *dentro de pouco tempo* que duvido.

Ele a olhou um bom momento e finalmente disse:

— Você e eu nunca falamos francamente.

— Não.

Era mais inteligente do que tinha imaginado. Isso era bom, decidiu. Incomodo às vezes, é verdade, mas em geral uma vantagem.

— Que idade tem?

Ela aumentou os olhos.

— Não sabe?

Ob, maldição, as coisas que as mulheres escolhem para por o grito no céu.

— Não — disse.

— Tenho vinte e um anos. — Fez uma reverência e inclinou levemente a cabeça, zombadora — Já sou uma solteirona.

— Vamos, por favor.

— Minha mãe se desespera.

— Bruxa impertinente — disse ele, olhando-a.

Ela pensou, e inclusive pareceu grata pelo insulto.

— Sim.

— Deveria beijar você outra vez — disse ele, arqueando uma sobrancelha em um arco arrogante bem praticado.

Ela não era tão sofisticada para ter uma réplica pronta, circunstância que o fez sentir-se bastante satisfeito. Se aproximou um pouco, sorrindo brincalhão.

— Fica calada quando a beijo.

Ela fez uma brusca inspiração, ofendida.

— Fica calada quando a insulto também — murmurou ele — mas, curiosamente, isso não acho tão divertido.

— Você é insuportável — sibilou ela.

— E ainda vem — suspirou ele — As palavras. Saídas de sua boca.

— Vou embora — declarou ela.

Deu meia volta e começou a andar para o salão de baile, mas ele foi muito rápido e passou seu braço pelo dela antes que pudesse escapar. Para um observador teria parecido a mais cortês das posturas, mas a mão que tinha sobre a dela fazia algo mais que cobrir-lhe.

Prendia a mão dela com firmeza.

— Eu a acompanharei — disse sorrindo.

Dirigiu a ele um olhar insolente, mas não discutiu. Então deu um tapinha na mão, deixando a escolha entre achar que seria um gesto tranquilizador ou de superioridade.

— Vamos? — disse.

Começaram a andar e entraram juntos no salão.

A festa claramente estava chegando ao fim. Observou que os músicos já tinham guardado seus instrumentos e a multidão tinha diminuído um pouco. Nem Grace, nem sua avó se via por nenhuma parte.

Os pais de Amélia estavam no canto do outro lado conversando com um latifundiário da localidade, assim que a levou pelo meio da pista de baile, fazendo uma inclinação de cabeça aos que o saudavam, mas sem se deter.

E então sua futura esposa falou. Em voz baixa, só para seus ouvidos. Mas a pergunta foi demolidora.

— Alguma vez se cansa que o mundo deixe de rodar cada vez que entra em uma sala?

Ele sentiu que os pés ficavam cravados no chão, e a olhou. Tinha os olhos muito abertos, e então viu que eram algo esverdeados. Mas não viu sarcasmo nas profundidades. A pergunta era sincera, motivada não por chateio ou rancor, mas sim por simples curiosidade.

Não tinha o costume de revelar seus pensamentos mais profundos a qualquer um, mas, nesse momento sentiu um cansaço insuportável, e talvez também um certo cansaço de ser ele. Portanto, moveu a cabeça e respondeu: — Todos os minutos de todos os dias.



Várias horas depois Thomas entrou no Castelo Belgrave e se dirigiu à escada para subir ao seu quarto. Estava cansado. E de mau humor, se não exatamente de mau humor, não estava de bom humor. Sentia-se impaciente, principalmente consigo mesmo. Tinha passado boa parte da noite pensando em sua conversa com Amélia, o que era bastante irritante, nunca antes tinha desperdiçado tanto tempo pensando nela.

Ao sair do salão de festas, em lugar de voltar direto para casa, como fora sua primeira intenção, tinha percorrido as ruas de Stamford para ir visitar Celeste. Mas quando chegou a sua casa sentiu relutância em golpear a porta. A única coisa que podia pensar era que teria que conversar com ela, porque esse era o tipo de relação que tinham, Celeste não era uma atriz, nenhuma cantora de ópera de vida irada, amante de festas e diversões, era uma viúva correta, e tinha que tratá-la como tal, e isso significava conversa e outras sutilezas, estivesse ou não em ânimo para falar. Ou para outras sutilezas. Portanto, ficou sentado em seu cabriolé, parado diante da casa dela, pelo menos dez minutos.

Finalmente, sentindo-se idiota, dirigiu-se ao outro lado da cidade e entrou em uma taberna no qual não era conhecido da clientela e bebeu uma cerveja. E desfrutou, de verdade, da solidão, a solidão e a bendita paz de que nenhuma só pessoa se aproximasse com uma pergunta, uma petição de um favor ou, Deus o amparasse, um compromisso.

Esteve aí uma boa hora bebendo sua cerveja, sem fazer outra coisa que observar às pessoas que o rodeavam e logo, caindo na conta da hora que era, voltou para sua casa.

Bocejou. Sua cama era muito cômoda, e pensava aproveitá-la bem, possivelmente até o meio dia. Tudo era silêncio em Belgrave quando entrou. Fazia horas que os criados se foram deitar, e, ao que parecer, também sua avó.

Graças a Deus.

Supunha que gostava dela. Na realidade, isso era algo teórico porque a verdade, não caía bem. Mas claro, a ninguém caía bem. Talvez devesse a ela uma certa lealdade. Ela pariu um filho que logo se casou com a mulher que o pariu ele. E antes de mais nada, teria que valorizar sua própria existência.

Mas, além disso, não ocorria nenhum motivo para ter afeto a ela. Augusta Elizabeth Candida Debenham Cavendish não era, para dizer de forma amável, uma pessoa muito simpática.

Ouvira dizer de pessoas que a tinham conhecido há muito tempo que, embora nunca tivesse sido amistosa, houve um tempo que talvez não fosse tão *antipática*. Mas esse tempo foi muito antes que ele nascesse, antes que morreram dois de seus três filhos, o mais velho da mesma febre que levou seu marido e o seguinte em um naufrágio perto da costa da Irlanda.

Seu pai nunca imaginou que se converteria no Duque, tendo dois irmãos mais velhos e muito sãos. O destino é inconstante, na realidade. Voltou a bocejar, sem se incomodar em tampar a boca, e avançou silencioso em direção à escada. E então, muito surpreso, viu a...

— Grace?

Ela lançou um grito de surpresa e saltou o último degrau. Por reflexo, ele chegou de um salto até ela e a firmou, segurando pelos braços até estar seguro de que não cairia.

— Excelência — disse ela, em um tom que revelava um cansaço infinito.

Ele retrocedeu, observando-a com curiosidade. Fazia muito tempo que passavam das formalidades de títulos quando estavam em casa e não havia ninguém perto.

Na realidade, ela era uma das poucas pessoas que o chamava por seu nome de nascimento.

— Que diabos faz ainda em pé? — perguntou — Já passam das duas.

— Passam das três, na realidade — suspirou ela.

Ele a observou outro momento, tentando imaginar o que teria feito sua avó que fizesse necessário que sua dama de companhia estivesse em pé a essa hora da noite. Quase dava medo pensar sobre isso, só o diabo sabia o que poderia haver proposto.

— Grace? — perguntou, em tom suave, porque se via que a pobre garota realmente estava esgotada.

Ela pestanejou e moveu a cabeça, para se sacudir.

— Perdão, o que disse?

— Por que anda vagando pelos corredores?

— Sua avó não se sente bem — respondeu ela, sorrindo pesarosa. E de repente acrescentou — Chega tarde em casa.

— Tinha assuntos para atender em Stamford — respondeu ele secamente.

Considerava uma de suas verdadeiras amigas, mas seguia sendo uma dama da cabeça aos pés, e jamais a insultaria mencionando Celeste em sua presença.

Além disso, seguia bastante chateado consigo mesmo por sua indecisão. Por que diabos fora até Stamford se, ao final, não fora visitar Celeste?

Grace limpou a garganta.

— Tivemos uma noite... Um pouco agitada — disse, e logo acrescentou quase a contra gosto — Uns bandoleiros nos assaltaram.

— Bom Deus! — exclamou ele olhando-a com mais atenção — Está bem? Minha avó está bem?

— Nenhuma das duas sofreu dano, embora nosso cocheiro tenha um galo feio na cabeça. Tomei a liberdade de dar três dias livres para que se recupere.

— É claro — ele disse, embora se repreendendo no interior.

Não deveria ter permitido que viajassem sozinhas, deveria ter ocorrido que voltariam tarde. E os Willoughby, o que? Era improvável que tivessem assaltado sua carruagem, viajavam em sentido oposto. De todos os modos, se sentiu preocupado.

— Devo pedir desculpas. Deveria ter insistido que levassem mais de um cavaleiro de escolta.

— Não seja tolo. Não é culpa sua. Quem teria pensado...? — Moveu a cabeça — Não nos fizeram mal. Isso é o que importa.

— O que pegaram? — perguntou ele, pois pareceu uma pergunta lógica.

— Não muito — disse ela alegremente, como se quisesse subtrair importância à situação — A mim nada. Imagino que era evidente que não sou uma mulher rica.

— Minha avó deve estar louca de fúria.

— Está um pouco perturbada — ela admitiu.

Ele quase riu. Seria impróprio e cruel, mas sempre o tinham encantado os eufemismos.

— Levava seu colar de esmeraldas, não é verdade? — Moveu a cabeça — A velha bruxa tem um carinho ridículo para com essas pedras.

— Na realidade, salvou as esmeraldas — respondeu Grace, e ele compreendeu que tinha que estar muito esgotada, porque não o repreendeu por chamar de velha bruxa sua avó — Escondeu-as debaixo da almofada do assento.

Isso, relutantemente, o impressionou.

— Sim?

— Eu as escondi — emendou — Passou-me antes que abrissem a porta da carruagem.

Ele sorriu por essa ocorrência e, passado um momento de silêncio atipicamente incômodo, disse: — Não me disse por que está em pé tão tarde. Sem dúvida merece um descanso também.

Ela gaguejou e titubeou, fazendo-o pensar que diabos poderia ser o que a fazia sentir-se tão incômoda. Finalmente disse: — Sua avó me fez um estranho pedido.

— Todos os seus pedidos são estranhos — respondeu imediatamente.

— Não, esta... Bem... — exalou um suspiro de exasperação — Suponho que não iria querer me ajudar a tirar um quadro da galeria.

Bom, isso não era o que esperava ouvir.

— Um quadro.

Ela assentiu.

— Da galeria.

Ela voltou a assentir.

Ele tentou imaginar... E logo renunciou.

— Suponho que não terá pedido uma de suas pequenas pinturas.

Pareceu que ela esteve a ponto de sorrir.

— Quer a das bandejas com frutas? — perguntou.

Bom Deus, sua avó se tornou louca. Embora isso fosse bom, na realidade. Talvez pudesse enviá-la para um asilo. Estava certo que ninguém o impediria.

— Não. Quer o retrato de seu tio.

— De qual?

— De John.

Ele assentiu, pensando por que fez a pergunta. Não conheceu seu tio, logicamente.

John Cavendish morreu um ano antes que ele nascesse. Mas o Castelo Belgrave viveu muitíssimo tempo sob sua sombra. A Duquesa viúva sempre gostara mais de seu filho do meio, e todos sabiam, em especial seus outros filhos.

— Sempre foi seu favorito — murmurou.

Grace o olhou intrigada.

— Mas você não o conheceu.

— Não, claro que não — ele respondeu bruscamente — Morreu antes que eu nascesse. Mas meu pai falava dele. Com muita frequência, e nunca com carinho.

De todos os modos, talvez devesse ajudá-la a desprender o quadro. A pobre garota não poderia fazê-lo sozinha. Moveu a cabeça.

— Esse retrato não é de corpo inteiro?

— Acredito que sim.

Bom Deus. As coisas que fazia sua avó... Não. Não, não o faria.

Olhou para Grace francamente nos olhos.

— Não — disse — Não vai levar esse quadro esta noite. Se deseja o maldito retrato em seu quarto, pode ordenar a um laçao que o leve pela manhã.

— Asseguro a você que não desejo nada mais que ir deitar neste mesmo instante, mas é mais fácil agradá-la.

— De maneira nenhuma — respondeu ele.

Bom Deus, sua avó tinha apavorado a todo o serviço.

Dando meia volta começou a subir a escada, com a intenção de dar a reprimenda que merecia, mas quando estava na metade, se deu conta de que ia sozinho.

O que ocorria às mulheres de Lincolnshire essa noite?

— Grace! — gritou. Ao não vê-la materializar-se imediatamente ao pé da escada, desceu

correndo e gritou mais forte — Grace!

— Estou aqui — replicou ela, dando a volta à esquina do corredor — O que aconteceu? Vai despertar a casa toda.

Ele não pareceu importar isso.

— Não me diga que foi à galeria você sozinha tirar o quadro.

— Se não o levo, passará o resto da noite puxando o cordão para me chamar e não poderei dormir nada.

Ele entrecerrou os olhos.

— Venha e verá — disse.

— O que? — perguntou ela, alarmada — Arrancarei seu cordão de chamar — disse ele, continuando a ascensão com renovada resolução.

— Arrancará seu... Thomas!

Ele não se deteve. Ao ouvi-la subir correndo atrás dele, quase a ponto de pegá-lo.

— Thomas, não pode!

Então ele se deteve e virou. Inclusive sorriu, porque, de verdade, era quase divertido.

— É minha casa — disse — Posso fazer o que quiser.

Pôs-se a andar pelo tapete a largas passadas sem se deter até chegar à porta do quarto de sua avó, que estava convenientemente entreaberta.

— O que pretende fazer? — espetou.

Mas sua avó parecia estar...

Mal.

Seus olhos. Em seu olhar não se via essa dureza normal e, a verdade, seu aspecto não era o de uma bruxa que se parecesse com Augusta Cavendish que conhecia e não gostava.

— Santo céu — exclamou — sente-se mal?

— Onde está a Senhorita Eversleigh? — perguntou sua avó, olhando nervosa por todo o quarto.

— Aqui — disse Grace, caminhando a toda pressa até situar-se do outro lado da cama.

— Onde está o retrato? Preciso ver meu filho.

— Senhora, é muito tarde — disse Grace, tratando de explicar. Se aproximou mais da cama, olhou-a fixamente e repetiu — Senhora.

— Pela manhã pode ordenar a um laçao que traga isso — disse Thomas, pensando por que teve a impressão de que entre as duas mulheres passou uma espécie de comunicação sem palavras, estava bastante seguro de que sua avó não confiava suas coisas a Grace, e esta tampouco a ela. Limpou a garganta e acrescentou — Não vou permitir que a Senhorita Eversleigh faça esse pesado trabalho físico, e muito menos a esta hora da noite.

— Necessito do retrato, Thomas — disse a viúva, não em seu brusco tom normal, sua voz soou de causar pena, desconcertantemente débil. E então acrescentou — Por favor.

Ele fechou os olhos. Sua avó jamais dizia, *por favor*.

— Amanhã — disse, recuperando-se — A primeira hora se quiser.

— Mas...

— Não. Lamento que tenham assaltado as duas esta noite, e é claro que farei tudo o que seja necessário, dentro do razoável, para procurar comodidade e saúde, mas isto não inclui exigências caprichosas inoportunas. Entende-me?

Ela franziu os lábios e ele viu em seus olhos um brilho de sua altivez normal. Daí foi, isso que achou tranquilizador, não que gostasse dessa altivez de sua avó, mas o mundo parecia mais equilibrado quando cada pessoa se comportava como se esperava dela.

Ela o estava olhando furiosa. Sustentou o olhar com a mesma fúria.

— Grace — disse em tom enérgico, sem desviar a vista para olhá-la — vá se deitar.

Passado um bom momento de silêncio, ouviu-a sair.

— Não tem nenhum direito de dar ordens dessa maneira — sibilou sua avó.

— Não, é você que não tem nenhum direito.

— É minha acompanhante.

— Não sua escrava.

As mãos da anciã tremeram.

— Não entende. Jamais poderia entender.

— O que agradeço muito — replicou ele.

Bom Deus, o dia que a entendesse seria o dia em que deixaria de gostar de si mesmo. Tinha passado toda vida tratando de agradar essa mulher, ou melhor dizendo, a metade de sua vida tentando agradá-la e a outra metade tentando evitá-la. Nunca tinha gostado de sua avó. Recordava bastante bem sua infância para não se esquecer disso.

Já não se preocupava, fazia tempo que compreendera que para ela ninguém era bom. Mas, ao que parece, em outro tempo não foi assim. Se o ressentimento de seu pai era um indício, Augusta Cavendish tinha adorado seu filho do meio, John. Sempre lamentou que este não tivesse nascido primeiro para ser o herdeiro, e quando seu pai, Reginald, o filho mais novo, herdou de forma inesperada, ela deixou perfeitamente claro que era um substituto débil, que John teria sido melhor Duque e não ele, Charles, que, por ser o mais velho, fora preparado para o posto. Portanto, quando Charles morreu, Reginald ficou sozinho com uma mãe amargurada e uma esposa a quem não gostava nem respeitava. Seu pai sempre pensou que o tinham obrigado a se casar com uma mulher inferior porque ninguém ocorreu que algum dia herdaria, e não via nenhum motivo para não proclamar sua opinião em voz alta e clara.

Por muito que Reginald Cavendish e sua mãe se detestassem, na realidade eram extraordinariamente parecidos. Nenhum dos dois gostava de ninguém, nem sequer dele, Thomas, por mais herdeiro do ducado que fosse.

— É uma lástima que não possamos escolher nossos familiares — murmurou.

Sua avó o olhou duramente. Ele não tinha falado em voz alta o suficientemente para que ela o ouvisse, mas sem dúvida não foi difícil interpretar seu tom.

— Me deixe sozinha — disse.

— O que aconteceu esta noite? — perguntou ele.

Porque isso não tinha sentido. Sim, uns bandoleiros a tinham assaltado e talvez, a apontaram uma pistola ao seu peito. Mas Augusta Cavendish não era uma flor débil. Cuspiria pregos quando a pusessem em sua tumba, disse não cabia dúvida.

Ela entreabriu os lábios e em seus olhos brilhou um brilho vingativo, mas no final não respondeu. Endireitou as costas, apertou as mandíbulas e disse: — Saia.

Ele encolheu os ombros. Se ela não queria que ele fizesse o papel de neto solícito, pois ele se considerava livre da responsabilidade.

— Fiquei sabendo que não levaram suas esmeraldas — disse, dirigindo-se à porta.

— É claro que não — gritou ela.

Ele sorriu, principalmente porque ela não o via.

— Não se portou bem com o que fez — disse ao chegar à porta, virando-se para olhá-la — aproveitar-se da Senhorita Eversleigh.

Ela emitiu um sopro e não se dignou a responder esse comentário. Tampouco ele o esperava. Augusta Cavendish jamais valorizaria mais sua dama de companhia que suas esmeraldas.

— Que durma bem, querida avó — disse, saindo ao corredor.

Depois apareceu a cabeça pela porta, o suficiente para arrojear o dardo de despedida.

— Se não puder dormir, segue acordada em silêncio. Te pediria que se fizesse invisível, mas vive insistindo em que não é uma bruxa.

— É um neto antinatural — sibilou ela.

Thomas encolheu os ombros, decidindo que bem podia permitir ter a última palavra. Ela tinha tido uma noite difícil.

E estava cansado.

Além disso, não importava.

CAPÍTULO 4



O mais irritante de tudo, pensava Amélia enquanto bebia seu chá, que logicamente esfriou, era que poderia estar lendo um livro.

Ou cavalgando sua égua.

Ou colocando as pontas dos pés em um arroio, ou aprendendo a jogar xadrez ou observando os lacaios de sua casa abrilhantar a prata.

Mas estava ali, em um dos doze salões do Castelo Belgrave, bebendo chá frio, pensando se seria de má educação comer a última bolacha e dando um salto cada vez que ouviam passos no corredor.

— Ui, santo céu! Grace! — ouviu Elizabeth exclamar — Não me estranha que esteja tão distraída.

Endireitou as costas. Ao que parece perdeu algo interessante enquanto meditava sobre a maneira de evitar seu noivo, o que valia a pena ter em conta, podia estar ou não estar apaixonado por Grace.

É certo, beijou a *ela*.

Conduta nada honrada, certamente. Em relação aos dois.

— Mmm? — murmurou.

Olhou para Grace com mais atenção, observando seu cabelo escuro e seus olhos azuis, e se deu conta que era bastante bonita. Isso não deveria surpreendê-la, a conhecia a vida toda. Antes que Grace se transformasse na dama de companhia da Duquesa viúva, era filha de um latifundiário da localidade.

Bem, continuava sendo, claro, mesmo que o latifundiário morrera, o que não oferecia muito a Grace quanto à manutenção ou amparo. Mas no tempo em que seus pais estavam vivos, todos formavam parte do mesmo ambiente rural, e embora talvez os pais não fossem muito amigos, as filhas eram. Encontrava-se com Grace uma vez por semana, talvez, ou duas vezes, se levassem em conta o dia que iam à Igreja.

Mas, na verdade, nunca ocorreu pensar em sua aparência. E não porque não se importasse ou a considerasse indigna de olhá-la. Só era que... Bem, por que iria fazê-lo? Grace sempre estava ali. Era uma parte normal e confiável de seu mundo. A mais íntima amiga de Elizabeth, que ficou tragicamente órfã e então a Duquesa viúva a acolheu.

Reconsiderou esse pensamento. *Acolheu* era uma maneira muito amável de expressá-lo, na realidade, Grace trabalhava arduamente por sua manutenção. Não fazia trabalhos de faxineira, mas o tempo que passava com a viúva era exaustivo.

Isso sabia por experiência própria.

— Estou bastante recuperada — disse Grace — Parece que só estou um pouco cansada. É que não dormi bem.

— O que aconteceu? — perguntou Amélia, decidindo que não tinha sentido simular que estivera escutando.

Elizabeth deu-lhe um empurrão.

— Uns bandoleiros assaltaram Grace e a viúva!

— Não me diga.

Grace assentiu.

— Ontem à noite, quando voltávamos do baile.

Bem, isso sim era interessante.

— Levaram algo? — perguntou, porque, de verdade, pareceu uma pergunta pertinente.

— Como pode falar com tanta tranquilidade? — exclamou Elizabeth — Apontaram com uma pistola para ela — olhou para Grace — não é verdade?

— Sim — respondeu a garota.

Amélia pensou. Não pensou na pistola, e sim na falta de horror de Grace ao contar a história. Talvez fosse uma pessoa fria.

— Sentiu medo? — perguntou Elizabeth, em um fôlego — Eu teria morrido de medo. Teria desmaiado — Eu não teria desmaiado — disse Amélia.

— Bem, você não, claro — respondeu Elizabeth, irritada — Nem sequer demonstrou surpresa ao saber do ocorrido.

— A verdade é que o encontro foi bastante emocionante — disse ela, olhando para Grace com muito interesse — Não foi?

E viu que a garota, santo céu, ruborizava.

Inclinou-se para ela sorrindo. Um rubor podia significar um monte de coisas, todas elas esplêndidas. Sentiu um revôo no peito, uma sensação embriagadora, uma espécie de emoção que a fazia sentir-se quase leve, o tipo de emoção que se sente quando contam para ela uma intriga particularmente succulenta.

— Era bonito, então? — perguntou.

Elizabeth a olhou como se tivesse se tornado louca.

— Quem?

— O bandoleiro, logicamente.

Grace gaguejou algo e se levou a xícara de chá aos lábios, simulando beber.

— Era — disse Amélia, sentindo-se muito melhor.

Se Wyndham estava apaixonado por Grace... Bem, pelo menos esta não o correspondia.

— Levava uma máscara — respondeu a jovem.

— Mas de todos os modos viu que era bonito.

— Não!

— Pois então sua forma de falar devia ser muito sedutora. Tinha acento francês, italiano? — estremeceu de prazer, pensando em tudo o que lera sobre Byron fazia pouco tempo — Espanhol.

— Ficou louca — disse Elizabeth.

— Não falava com acento — disse Grace — Bem, não com muito acento. Escocês, talvez? Irlandês? Não saberia dizê-lo.

Amélia se apoiou no respaldo, suspirando feliz.

— Um bandoleiro. Que romântico.

— Amélia Willoughby! — repreendeu sua irmã — Assaltaram Grace com uma ponta de uma pistola, e acha romântico?

Teria respondido um pouco muito mordaz e engenhoso, porque, francamente, se não se pode ser mordaz e engenhosa com uma irmã, com quem se pode sê-lo? Mas, justo nesse momento ouviram passos no corredor.

— A viúva? — sussurrou Elizabeth para Grace, fazendo um mau gesto.

Ficavam muito bem quando a viúva não se reunia a elas para tomar chá.

— Não acredito — respondeu a dama de companhia — Quando descí, continuava na cama. Estava... Um tanto... Alterada.

— Imagino — comentou Elizabeth, e então exclamou — Levaram suas esmeraldas?

Grace negou com a cabeça.

— Escondemos. Debaixo da almofada do assento.

— Ah, que inteligente! — exclamou Elizabeth, aprovativamente — Não acha Amélia?

Mas sua irmã já não estava mais escutando. Ficava evidente que os passos que se ouviam no corredor eram de uma pessoa de pés mais firmes que a viúva, e, como não, viu passar Wyndham por fora da porta aberta.

Parou a conversa. Elizabeth olhou para Grace, Grace olhou para ela, e ela simplesmente continuou olhando para a porta. Passado um momento de silêncio, Elizabeth soltou o fôlego retido e disse: — Acredito que ele não sabe que estamos aqui.

— Não importa — declarou Amélia, o que não era de tudo verdade.

— Eu gostaria de saber aonde vai — murmurou Grace.

Então, as três idiotas na opinião de Amélia ficaram imóveis, com as cabeças viradas para a porta e mudas, como atordoadas. Ao final de um momento, ouviram grunhidos e logo o ruído de um golpe. As três se levantaram ao mesmo tempo e continuaram olhando a porta, embora sem se mover do lugar em que estavam.

— Está bem! — ouviram exclamar o Duque.

Elizabeth aumentou os olhos. Em Amélia exclamação produziu um agradável calor, aprovava algo que indicasse que ele não estava totalmente com o controle de uma situação.

— Cuidado aí — ouviram-no dizer.

Então pelo corredor passou um enorme quadro, levado por dois lacaios, com muita dificuldade para mantê-lo perpendicular ao chão.

Era uma visão particularmente estranha, o quadro era um retrato de tamanho natural, o que explicava a dificuldade para equilibrá-lo, e era de um homem, um homem bastante bonito na

realidade, erguido, com um pé apoiado sobre uma pedra grande, em atitude muito nobre e orgulhosa. Claro que nesse momento ela o via inclinado, em um ângulo de quarenta e cinco graus, e ao passar flutuando parecia inclinar-se e endireitar-se, o que diminuía bastante a nobreza e o orgulho.

— De quem é esse retrato? — perguntou quando o quadro desapareceu de sua vista.

— Do filho do meio da viúva — respondeu Grace, distraída — Morreu faz vinte e nove anos.

Ela achou estranho que Grace soubesse com tanta exatidão o ano de sua morte.

— Por que mudam o retrato de lugar?

— A viúva deseja tê-lo lá em cima.

Amélia ocorreu perguntar por que, mas, claro, quem sabia por que a viúva fazia às coisas? Além disso, Wyndham escolheu esse momento para reaparecer na porta.

As três o observaram em silêncio e de repente, como se o tempo avançasse ao reverso, ele retrocedeu um passo e olhou para o interior do salão. Vestia-se impecável, como sempre, sua camisa branca neve, seu colete de um maravilhoso brocado azul escuro.

— Senhoras — disse.

Imediatamente as três fizeram suas reverências.

Ele inclinou a cabeça, de maneira seca, tão dele.

— Perdão — disse então, e se afastou.

— Bem — disse Elizabeth.

E isso esteve bem, porque ao que parece a nenhuma das outras duas ocorreu algo para encher o silêncio.

Amélia pestanejou, tratando de explicar o que ela pensava da cena. Não se considerava conhecedora do protocolo dos beijos, nem da conduta adequada depois do acontecimento, mas podia supor que depois do ocorrido a noite passada, merecia algo mais que um *perdão*.

— Talvez devêssemos partir — disse Elizabeth.

— Não, não podem — disse Grace — Ainda não. A viúva deseja ver Amélia.

Escapou um gemido da jovem prometida.

— Sinto muito — disse Grace.

Ficou muito claro para Amélia que o dizia a sério. Porque, francamente, a viúva desfrutava meter-se com ela. Se não era sua postura, era sua expressão, e se não era a expressão, era a nova sarda que tinha aparecido no nariz.

E se não era a sarda nova, era a sarda que ia aparecer, porque embora ela estivesse no interior da casa, absolutamente à sombra, a viúva *sabia* que não usava o chapéu com o vigor necessário, quando chegasse o momento de sair ao sol.

As coisas que a viúva sabia a respeito dela eram francamente aterradoras, tanto em magnitude como em exatidão.

Vai parir o próximo Duque de Wyndham! Tinha ladrado mais de uma vez, *A imperfeição não é uma opção.*

Imaginando o resto da visita, exalou um suspiro.

— Vou comer a última bolacha — declarou, sentando-se.

As outras duas assentiram, compassivas, e voltaram a sentar também.

— Talvez devesse ordenar que trouxessem mais? — perguntou Grace.

Amélia assentiu, abatida.

E justo nesse instante voltou Wyndham.

A jovem deixou escapar um grunhido de chateação porque teve que voltar a endireitar as costas no assento e, claro, tinha a boca cheia de miolos e, claro, *claro* ele nem sequer estava olhando para ela, assim estava nervosa por nada.

Homem sem consideração.

— Quase o rasgamos na escada — estava dizendo o Duque para Grace — Foi para a direita e quase se incorpora no corrimão.

— Ui, caramba — disse Grace.

— Teria sido como uma estaca no coração — disse ele, sorrindo irônico — Teria valido a pena só para ver o rosto dela.

A dama de companhia se dispôs a levantar.

— Sua avó se levantou então? — perguntou.

— Só para fiscalizar o traslado — respondeu ele — No momento está a salvo.

Grace pareceu aliviada, e Amélia não podia dizer que não a compreendia.

Wyndham olhou a bandeja onde estavam as bolachas e só ficavam miolos, e voltou a virar a cabeça para Grace dizendo: — Não posso acreditar que teve a temeridade de pedir que o levasse ontem à noite — E acrescentou em um tom não tão duro, mas irônico — Ou que tenha acreditado que podia levá-lo sozinha.

Grace olhou às duas irmãs e explicou:

— Ontem à noite a viúva me pediu que levasse o quadro.

— Mas é enorme! — exclamou Elizabeth.

Amélia guardou silêncio. Estava impressionadíssima pela moderação de Grace. Todos sabiam que a viúva jamais *pedia* nada.

— Minha avó sempre preferiu o seu filho do meio — disse o Duque em tom grave.

Então, como se acabasse de ver a mulher com que pensava casar, olhou para ela e disse: — Lady Amélia.

— Excelência — respondeu ela, submissamente.

Mas talvez não a ouviu, já que se virou para a Grace, dizendo:

— Vai me apoiar, suponho, se a confinar?

Amélia aumentou os olhos. Pareceu que era uma pergunta, mas igualmente poderia ter sido uma ordem, o que era muito mais interessante.

— Thom... — começou Grace a dizer, mas se interrompeu, limpou a garganta e emendou — Excelência, hoje deve ter uma paciência extra com ela. Está muito alterada.

Amélia engoliu saliva para passar o sabor ácido, amargo, que subiu à garganta. Por que a surpreendia tanto que Grace chamasse Wyndham por seu nome de batismo? Eram amigos, é claro. Viviam na mesma casa, enorme, claro, e sempre cheia com a frota de criados. Mas a dama de companhia comia com a Duquesa viúva, o que significava que frequentemente comia com Wyndham, e nesses cinco anos teriam que ter tido incontáveis conversas.

Tudo isso sabia. E não se importava. Nunca importara. Nem sequer importava que Grace o chamasse Thomas nem que ela, sua noiva, jamais tivesse ocorrido pensar nele chamando-o Thomas. Mas como era que não soube até então? Deveria saber.

E por que a chateava não saber?

Observou atentamente seu perfil. Continuava falando com Grace, e não recordava, nenhuma só vez em que tivesse sido cuidadoso daquela maneira quando falava com ela. Em seu olhar havia familiaridade, o afeto de experiências compartilhadas.

Ai, bom Deus. A teria beijado? Teria beijado Grace?

Agarrou-se na borda do sofá. Não podia tê-la beijado. Grace não o teria beijado.

Grace não era tão amiga dela como de Elizabeth, mas mesmo assim jamais teria cometido uma traição como essa. Não era desse tipo de mulher. Até no caso que acreditasse estar apaixonada por ele, embora tivesse pensado que um escândalo poderia levar ao casamento, não teria sido tão desrespeitosa, tão desleal como...

— Amélia?

Olhou sua irmã e pestanejou para focar seu rosto.

— Sente-se mal?

— Estou muito bem — espetou, porque a última coisa que precisava era que todos a olhassem quando tinha o rosto de cor verde.

E claro todos a estavam olhando.

Mas Elizabeth não se deixava convencer facilmente. Tocou-lhe a fronte e murmurou: — Não está quente.

— Claro que não — resmungou ela, apartando a mão — Simplesmente estive muito tempo de pé.

— Estava sentada — replicou Elizabeth.

Amélia levantou.

— Acredito que preciso tomar ar fresco.

Sua irmã também se levantou.

— Pensei que precisasse estar sentada.

— Me sentarei lá fora — resmungou ela, desejando de todo coração não ter superado o costume infantil de golpear sua irmã no ombro — Me desculpem — disse em direção aos outros dois.

Se pôs a andar para sair do salão, mesmo que isso significasse passar roçando os joelhos de Wyndham e de Grace.

Ele se levantou, cavalheiresco que era, e inclinou levemente a cabeça quando ela passou.

E então, ai, Deus, podia ter algo mais humilhante?

Com a extremidade do olho viu Grace dando uma cotovelada nas costelas de Wyndham.

Seguiu um terrível momento de silêncio, durante o qual estava certa que ele olhou furioso para Grace, felizmente, ela já chegara à porta e não ia virar e olhar o rosto dele.

Então Wyndham disse com voz amável.

— Permita que a acompanhe.

Ela se deteve na porta e lentamente virou para ele.

— Obrigado por sua preocupação — disse, escolhendo bem as palavras — mas não é necessário.

Em seu rosto viu que ele teria gostado de aceitar a opção que oferecia, mas devia se sentir culpado por tê-la desatendido, porque disse um enérgico.

— Mesmo assim vou.

E só um instante depois ela já tinha sua mão sobre seu braço, saíram da casa e foram caminhando ao ar livre. E desejou esboçar seu sorriso mais insípido e dizer: *Ohh, que sorte a minha de ser sua noiva.*

Ou se não, *Exigirá que converse com você?*

Ou, pelo menos, *Tem a gravata torcida.*

Mas, claro, não disse nada.

Porque ele era o Duque, e era seu prometido, e se talvez a noite anterior conseguiu mostrar um pouquinho de energia... Isso foi antes que a beijasse.

Curioso como isso mudou tudo.

Olhou-o dissimuladamente. Ele continuava olhando para frente, o contorno de sua mandíbula firme, tremendamente orgulhoso e resolvido.

Quando estava falando com Grace, não tinha essa expressão. Engoliu saliva e reprimiu um suspiro. Não devia fazer nenhum som, porque então ele viraria a cabeça para ela e a olharia dessa maneira tão dele, seus olhos penetrantes e frios como gelo, francamente, sua vida seria muito mais simples se ele não tivesse os olhos tão azuis.

E então perguntaria o que estava acontecendo, mas, claro, não se importaria com sua resposta, e por seu tom ela saberia, e isso a faria sentir-se pior ainda, e...

E o que? O que na realidade importava?

Ele se deteve, apenas uma interrupção no seu passo, e ela se voltou para olhá-lo. Ele estava olhando para o Castelo por cima do ombro.

Para Grace. De repente se sentiu bastante doente.

E não pode reprimir o suspiro.

Ora, ao que parece, se importava muitíssimo. Maldita seja!



O dia estava espetacular, observou Thomas, com bastante objetividade. O céu estava branco e azul em partes iguais, e a erva estava bastante larga para balançar brandamente com a brisa. Mais à

frente havia árvores, era uma parte bastante arborizada bem no meio da terra de lavoura, com ondulantes colinas que iam descendo para a costa. O mar estava a mais de duas milhas de distância, mas nos dias como esse, quando a brisa vinha do leste, o ar se impregnava de um leve sabor salubre.

O terreno nessa parte era pura natureza, tal como Deus a criou, ou ao menos tal como a deixaram os saxões, centenas de anos atrás.

Era maravilhoso, e maravilhosamente agreste. Se seguisse dando as costas ao Castelo, era possível esquecer a existência da civilização. Quase tinha a impressão de que se continuasse caminhando, podia seguir e seguir afastando-se, mais e mais longe. Até desaparecer.

Isso pensara em algumas ocasiões. Era tentador.

Mas atrás dele estava seu patrimônio. O Castelo era enorme e imponente e, olhando de fora, não particularmente amistoso. Pensou em sua avó. Belgrave não sempre era particularmente amistoso em seu interior, tampouco. Mas era dele, e tinha afeto, inclusive com o imenso peso das responsabilidades que supunha.

O Castelo Belgrave estava na medula de seus ossos, em sua alma. E por grande que fosse a tentação de vez em quando, estava seguro de que não poderia jamais partir. Entretanto, havia outras obrigações mais imediatas, a mais urgente das quais ia caminhando ao seu lado.

Suspirou e o único gesto de cansaço que se permitiu foi fechar brevemente seus olhos. Talvez devesse ter se esforçado em atender Lady Amélia quando a viu no salão. Diabos, talvez devesse falar com ela antes que com Grace. Na realidade, *sabia* que deveria ter feito isso, mas a cena com o quadro fora tão ridícula que tinha que comentá-la com alguém, e, claro, Lady Amélia não teria entendido a situação.

De todos os modos, a beijara na noite passada, e mesmo que tivesse todo o direito de fazê-lo, supunha que isso requereria certa fineza de sua parte depois.

— Espero que não tenha acontecido nenhum incidente em seu trajeto de volta para casa ontem à noite — disse decidindo que essa era tão boa introdução para uma conversa como qualquer outra.

Ela continuou olhando para as árvores.

— Os bandoleiros não nos assaltaram — respondeu.

Ele a olhou, com a finalidade de interpretar seu tom. Pareceu detectar uma certa ironia em sua voz, mas seu rosto estava magnificamente sereno.

Ela o surpreendeu olhando-a e murmurou:

— Obrigado por sua preocupação.

Ele não pode deixar de pensar se ela acreditaria que estava zombando dela.

— O tempo está precioso esta manhã — disse, porque pareceu que isso era justo o que devia dizer para cativá-la.

Não sabia por que. E tampouco sabia por que desejava cativá-la.

— Muito agradável — concordou ela.

— Se sente melhor?

— Desde ontem à noite? — perguntou ela, pestanejando surpresa.

Olhou suas faces ruborizadas um pouco divertido.

— Referia há cinco minutos atrás, mas...

Era maravilhoso comprovar que ainda sabia por rubor nas faces de uma mulher com um beijo.

— Estou muito melhor — disse ela secamente, afastando a tapas o cabelo, que, por não estar seguro sob um chapéu, voava com a brisa.

As mechas de cabelo não deixavam de meter-se na boca. Ele teria achado isso tremendamente aborrecido.

Como as mulheres aguentavam?

— Senti-me agoniada no salão — acrescentou ela.

— Ah, sim. O salão é muito estreito.

Cabia quarenta pessoas sentadas.

— A companhia era cansativa — disse ela com intenção.

Ele sorriu para si.

— Não tinha idéia de que não se dava bem com sua irmã.

Até o momento Amélia tinha dirigido seus dardos às árvores da colina, mas então virou bruscamente a cabeça para ele.

— Não me referia a minha irmã.

— Sabia — murmurou ele.

O rubor dela se intensificou e ele pensou qual seria a causa, se raiva, ou sobressalto. As duas coisas provavelmente.

— Por que está aqui? — perguntou ela então.

Ele pensou um momento.

— Vivo aqui.

— Por que está aqui comigo? — disse entre dentes.

— A menos que esteja equivocado, será minha esposa.

Ela se deteve, virou-se para ele e o olhou nos olhos.

— Não gosta de mim.

Seu tom não indicava que isso a entristecia particularmente, era mais exasperação. E isso o deixou curioso.

— Isso não é certo — respondeu.

Porque não era. Há uma grande diferença entre antipatia e indiferença.

— Não gosta — insistiu ela.

— Por que acredita nisso?

— Como poderia não acreditar?

Ele a presenteou com um sedutor sorriso.

— Acredito que ontem à noite demonstrei muito bem que eu gosto.

Ela não disse nada, mas tinha o corpo muito tenso e seu rosto era todo um quadro de

concentração, e ele quase a ouviu contar até dez antes de dizer: — Para você sou um dever.

— Certo, mas possivelmente um agradável.

A ela moveu o rosto com encantadora intensidade. Ele não tinha idéia no que estava pensando, qualquer homem que dissesse que sabia interpretar às mulheres por suas feições era um tolo ou um mentiroso. Mas achava bastante divertido observá-la pensar, ver mudar suas expressões ao tentar decidir de que maneira tratar com ele.

— Alguma vez pensa em mim? — ao final perguntou.

Típica pergunta feminina, sentiu-se como se estivesse defendendo os homens de todas as partes ao responder prontamente.

— Estou pensando em você neste momento.

— Sabe o que quero dizer.

A ele ocorreu mentir, talvez fosse isso que devia fazer. Mas descobriu que essa garota com que devia casar era muito mais inteligente do que pensara, por isso não ficaria satisfeita com trivialidades. Portanto, optou por dizer a verdade.

— Não.

Ela pestanejou. E voltou a pestanejar. E pestanejou outras quantas vezes mais. Estava claro que não esperava essa resposta.

— Não? — repetiu finalmente.

— Deveria considerar um elogio — disse ele — Se tivesse má opinião de você, mentiria.

— Se tivesse melhor opinião de mim, eu não teria que fazer a pergunta.

Ele sentiu que sua paciência começava a acabar. Estava ali, não? Acompanhando-a em um passeio pelo campo, quando, a verdade, a única coisa desejava fazer era...

Algo, disse, irritado. Não sabia o que, mas, na verdade, tinha pelo menos doze assuntos que requeriam sua atenção, e se não sentia um especial desejo de ocupar-se deles, sim desejava que estivessem resolvidos.

Ela acreditava que era sua única responsabilidade? Acreditava que ele tinha tempo para estar sentado compondo poemas dedicados a uma mulher que ele nem sequer escolhera para que fosse sua esposa? A tinham *reservado*, pelo amor de Deus. No maldito berço.

Olhou-a nos olhos, perfurando-a.

— Muito bem, Lady Amélia. O que espera de mim?

Ao que parece, a pergunta a desconcertou, e gaguejou umas quantas tolices que talvez nem ela mesma entendesse.

Bom Deus, não tinha tempo para isso. Não dormiu nada na noite passada, sua avó estava mais irritante que nunca, e agora sua noiva, que antes não dava nem um pio, além das trivialidades normais sobre o tempo, de repente agia como se ele tivesse obrigações para com ela. Além de casar com ela, logicamente, que tinha toda a intenção de fazer. Mas, bem, não nesse dia.

Esfregou o rosto com o polegar e o dedo médio. A cabeça estava começando a doer.

— Sente-se mal? — perguntou ela.

— Estou muito bem — espetou ele.

— Ao menos tão bem como me sentia no salão — ouviu-a resmungar.

E, francamente, isso foi muito. Levantou a cabeça e cravou um olhar nela.

— Volto a beijá-la?

Ela não respondeu, mas os olhos se arregalaram.

Ele pousou o olhar em seus lábios e murmurou:

— Parece que um beijo nos torna muito mais agradáveis.

Ela seguiu sem dizer nada.

Ele decidiu tomar isso por um sim.

CAPÍTULO 5



— Não! — exclamou Amélia, retrocedendo de um salto.

Se não estivesse tão desconcertada por essa repentina virada dele para o terreno amoroso, teria se divertido muitíssimo sobre seu tropeço e desconcerto quando se inclinou para ela e seus lábios não encontraram nada.

— Não? — disse ele, brincalhão, quando recuperou o equilíbrio.

— Nem sequer deseja me beijar — disse ela, retrocedendo outro passo, ele começava a parecer perigoso.

— Ah, claro — murmurou ele com os olhos brilhantes — Eu não gosto de você, por isso quero beijá-la.

Seu coração deu um tombo.

— Não gosta?

— Segundo você, não — ele recordou.

Ela sentiu as faces arderem de vergonha, dessa maneira que só é possível quando alguém joga no rosto suas próprias palavras.

— Não quero que me beije — gaguejou.

— Não? — perguntou ele, e ela não soube como aconteceu, mas a distância entre eles se reduziu bastante.

— Não — disse, tratando de manter o equilíbrio — Não quero, por que... Por que...

Estava desesperada, nessa posição era impossível que seus pensamentos discorressem de forma calma e racional.

Então viu claro.

— Não — repetiu — Não quero. Porque você não deseja isso.

Ele ficou imóvel, mas só um instante.

— Acredita que não desejo beijar você?

— Sei que não o deseja — respondeu ela, pensando que esse tinha que ser o momento mais valente de sua vida.

Porque ele estava *todo* ducal.

Temível. Orgulhoso. Talvez furioso. E tão bonito, ligeiramente despenteado por causa do vento, que quase doía olhá-lo.

E, seja dita a verdade, ela desejava muitíssimo beijá-lo. Mas não se ele não queria fazê-lo.

— Acredito que pensa muito — disse ele finalmente.

A ela não ocorreu nenhuma resposta possível. Mas retrocedeu um pouco mais, aumentando a distância entre eles.

Distância que ele eliminou em seguida.

— Desejo muitíssimo beijar você — disse, avançando — Na realidade, muito bem poderia ser a única coisa que desejo fazer com você neste momento.

— Não — apressou-se a dizer ela, retrocedendo de novo — Só acredita que deseja.

Então ele riu, e Amélia teria se sentido insultada se não estivesse tão concentrada em manter firmes os pés, e seu orgulho.

— Porque acredita que assim pode me dominar — continuou, olhando o chão, não queria pisar em uma toca de toupeiras ao retroceder outro passo — Acredita que se me seduzir eu me converterei em um pedacinho de mulher débil e fácil de dominar, incapaz de fazer nada além de suspirar seu nome.

Pareceu que ele riu outra vez, embora nesta ocasião, pensou, possivelmente riria com ela, não dela.

— Isso é o que acredita? — perguntou ele sorrindo.

— Isso é o que acredito que você acredita.

Ele curvou o canto esquerdo da boca. Estava encantador. Parecia um menino, totalmente diferente do orgulhoso Duque, ou ao menos diferente do homem que estava acostumada a ver.

— Acredito que tem razão — disse.

Isso a desconcertou tanto que sentiu que a mandíbula caía.

— Sim?

— Sim. É muito mais inteligente do que deixa transparecer.

Isso era um elogio?

— Mas — acrescentou ele — isso não muda a essência fundamental do momento.

— E essa é...?

Ele encolheu os ombros.

— De todos os modos vou beijar você.

O coração começou a retumbar, e seus pés, traidores apêndices, jogaram *raízes*.

— O que está acontecendo — continuou ele em voz baixa, agarrando a mão — é que, embora tenha razão, pois sim que gosto de converter você em uma... Como foi essa sua encantadora frase, ah, um pedacinho de mulher débil cuja única finalidade na vida é estar de acordo com cada palavra minha, sinto algo perplexo por uma certa verdade bastante patente.

Ela entreabriu os lábios.

— Desejo beijá-la — A puxou pela mão, aproximando-a dele — Muitíssimo.

Ela quis perguntar por que. Não, não queria fazê-lo, porque estava muito segura de que a resposta seria algo que só derreteria a parte de resolução que ainda ficava. Mas desejava... Ai, Deus, não sabia o que desejava fazer. Algo, algo. Algo que recordasse aos dois que continuava estando em posse de seu cérebro.

— Chame de sorte — disse ele em voz baixa — ou acaso. Mas pelo motivo que for, desejo beijá-la. É muito agradável — Levantou a mão e a beijou — Não concorda comigo?

Ela assentiu. Porque por muito que desejasse, não podia mentir.

Os olhos tinham escurecido, passando de azul celeste a azul escuro.

— Alegra-me que estejamos de acordo — disse.

Dizendo isso, pôs um dedo sob o queixo e levantou o rosto para ele, e sua boca encontrou a dela.

O beijo foi suave no princípio, roçando os lábios para que os abrisse, e esperou seu suspiro para introduzir a língua, capturando o fôlego, a vontade e a capacidade para formar pensamentos, além de, esse beijo era diferente.

Realmente esse foi o único pensamento racional e completo que pode formar. Estava imersa em muitas sensações intensas, impulsionada por uma necessidade que não entendia bem, mas de todos os modos era capaz sentir isso no seu interior.

Esse beijo era diferente.

Fosse qual fosse o objetivo dele, fosse qual fosse sua intenção, seu beijo não era igual ao da vez anterior.

Não tivera a intenção de beijá-la. Não tinha quando se viu obrigado a acompanhá-la em sua caminhada, não tinha quando desciam pela colina fora da vista da casa, e nem sequer quando a gracejou dizendo: *Volto a beijá-la?*

Mas então ela fez seu discurso sobre o pedacinho de mulher débil e não pode fazer outra coisa que estar de acordo com ela, e ela estava tão inesperadamente atraente, brigando com seu cabelo, totalmente alvoroçado, e olhando-o altiva ou, se não altiva exatamente, mantendo-se firme em seus pontos e defendendo suas opiniões de uma maneira que ninguém se atrevia a fazer com ele. À exceção, talvez de Grace, embora em seu caso, só quando não havia nenhuma outra pessoa presente.

Foi nesse momento quando reparou em sua pele, branca e luminosa, com um conjunto de sardas do mais delicioso, e em seus olhos, não de todo verdes, mas, tampouco, não de todo castanhos, iluminados por uma inteligência muito aguda, embora reprimida. E em seus lábios.

Fixou-se muitíssimo em seus lábios, cheios e turgentes, que tremiam tão levemente que só perceberia o tremor se olhasse com atenção.

E assim que os olhou, não podia parar de olhar.

Como era possível que nunca reparara nela antes? Sempre estivera ali, uma parte de sua vida desde quase todo o tempo que podia recordar. E então, pelo motivo que fosse, desejou beijá-la. Não para dominá-la, não para submetê-la embora não importaria que qualquer dessas duas coisas fosse um benefício acrescentado, a não ser simplesmente por beijá-la.

Para conhecê-la.

Para senti-la em seus braços e absorver o que fosse em seu interior que a tornava *ela!*

E talvez, talvez, compreender quem era.

Mas cinco minutos depois, não sabia se tinha informado de algo, porque quando começou a beijá-la, a beijá-la de verdade, de todas as maneiras que um homem sonha beijar uma mulher, o cérebro deixou de funcionar.

Não conseguia imaginar por que de repente a desejava com tanta intensidade que se sentia enjoado. Talvez fosse porque ela era dele, e ele sabia, e talvez todos os homens possuem uma veia primitiva, possessiva. Ou talvez fosse que gostava de deixá-la sem fala, mesmo que ao fazê-lo ficasse ele aturdido de maneira similar.

Fosse como fosse, no momento que abriu a boca com os lábios e introduziu a língua para saboreá-la, o mundo que os rodeava girou, desvaneceu-se e desapareceu, e só ficou *ela*.

Acariciou seus ombros, abaixou as mãos por suas costas e continuou até o traseiro, apertando e pressionando, gemendo ao senti-la apertar-se contra ele. Uma loucura. Estavam em um campo, a plena luz do sol, e desejava possuí-la ali, nesse momento. Levantar as suas saias, deitá-la e fazer o amor até que tivessem desgastado e arrancado a relva do chão.

E depois voltar para fazê-lo.

Beijou-a com toda a energia louca que corria por suas veias, e o instinto levou suas mãos a apalpar sua roupa, procurando botões, broches ou o que fosse para poder tocar sua pele, para sentir seu calor. E só quando finalmente conseguiu soltar dois botões nas costas do vestido, recuperou uma parte de sua sensatez.

Não soube o que foi exatamente que devolveu a razão, poderia ter sido o gemido dela, rouco, complacente e absolutamente impróprio de uma virgem inocente, embora fosse provável que tivesse sido sua reação a esse som, que foi breve e excitado, e trouxe detalhadas imagens dela para sua mente, sem roupa e fazendo coisas, que era certo que Amélia nem sabia que eram possíveis.

Separou-a, com relutância e decisão ao mesmo tempo. Fez uma inspiração e estremeceu ao expulsar o ar, embora isso não servisse para acalmar o rápido tamborilo de seu coração.

As palavras *sinto muito* chegaram à ponta da língua e, francamente, era sua intenção dizê-las, porque isso seria o que um cavalheiro faria, mas quando a olhou e viu seus lábios entreabertos e molhados, seus olhos grandes e aturdidos, algo mais verdes que antes, sua boca formou as palavras sem nenhuma ordem de seu cérebro, e disse: — Isto foi... Surpreendente.

Ela pestanejou.

— Agradavelmente surpreendente — acrescentou, bastante aliviado porque a voz saiu serena, e não se sentia absolutamente sereno.

— Nunca tinham me beijado — disse ela.

Ele sorriu.

— A beijei ontem à noite.

— Não assim — murmurou ela, quase como se estivesse falando consigo mesma.

Ele sentiu que seu corpo, que tinha começado a se acalmar, reacendia-se.

— Bem — disse ela então, sua expressão ainda bastante aturdida — suponho que agora *tem* que se casar comigo.

Em qualquer outro momento, isso, dito por outra mulher depois de um beijo, demônios, teria produzido uma irritação instantânea. Mas algo no tom dela, e a expressão de seu rosto, que era encantadoramente duvidosa, produziram uma reação contrária, e riu.

— O que é tão divertido? — perguntou ela.

Mas não foi uma pergunta que exigisse resposta, porque continuava tão atordoada que era

incapaz de falar em tom zangado.

— Não tenho nem idéia — respondeu, muito sinceramente — Venha, vire para eu abotoar o vestido.

Imediatamente ela levantou as mãos até a nuca, e pela brusca inspiração que fez, ele compreendeu que não se deu conta de que desabotoara dois botões. Ela tentou abotoar e ele desfrutou bastante observando seus esforços, mas ao final de dez segundos teve piedade dela e tirou brandamente suas mãos.

— Me permita.

Como se ela tivesse outra opção. Abotoou-os lentamente, mesmo que todas as curvas racionais de seu cérebro aconselhavam um rápido fechamento do vestido. Mas o fascinou esse pequeno pedaço de pele, suave como pêssego, e só dele. Umas finas jубas de cabelo loiro desciam pela nuca, e quando a roçou com seu fôlego, pareceu que a pele estremecia.

Inclinou-se, não pode evitá-lo, e a beijou ali.

E ela voltou a gemer.

— Será melhor que voltemos para casa — disse ele então, com a voz rouca, retrocedendo.

Nesse momento se deu conta de que tinha deixado solto o último botão. Amaldiçoou em voz baixa, porque não convinha absolutamente voltar a tocá-la, mas não podia levá-la de volta para casa assim, por isso voltou para botão e desta vez suas mãos trabalharam com mais diligência.

— Está pronto — disse.

Ela virou e o olhou receosa. E ele se sentiu como um agressor de inocentes.

E, curiosamente, não se importou. Ofereceu-lhe o braço.

— Posso acompanhá-la de volta a casa?

Ela assentiu, e nesse momento ele sentiu uma estranha e intensa necessidade. A de saber o que ela estava pensando. Muito estranho. Antes jamais tinha se interessado em saber o que pensavam as pessoas, fosse quem fosse. Mas não perguntou. Porque não fazia esse tipo de coisas. E, na realidade, que necessidade havia? Finalmente, se casariam, assim não importava o que pensasse cada um deles, não é verdade?

Amélia não teria acreditado que fosse possível que aquele rubor de sobressalto continuasse nas faces uma hora inteira, mas estava claro que sim era possível, porque quando a Duquesa viúva saiu ao passo no corredor, ao menos sessenta minutos depois que voltasse para o salão a se reunir com Grace e Elizabeth, bastou um olhar ao seu rosto para ficar quase dominada pela fúria. E ali estava cravada, erguida como uma árvore no corredor, obrigada a se manter imóvel, enquanto a viúva ladrava, elevando incrivelmente a voz.

— Droga de sardas!

Amélia se encolheu. A viúva a reprovava várias vezes antes por suas sardas, embora talvez não chegasse a mais de dez vezes, mas essa era a primeira vez que sua fúria a levava a dizer palavrões.

— Não tenho nenhuma sarda nova — disse, pensando como teria Wyndham conseguido escapar dessa cena.

Escapou no mesmo instante em que a deixou no salão, com as faces rosadas, um prato cheio para a viúva, que sempre tinha o sol em tanta estima, como tem um vampiro. E isso continha uma certa

justiça irônica, porque ela considerava a viúva com tanta estima quanto a um vampiro. A viúva jogou a cabeça para trás diante de seu comentário.

— O que disse?

Tendo em vista que nunca respondera nada antes, não a surpreendeu essa reação. Mas ao que parece esses últimos dias havia virado uma folha em sua vida, e estava em uma página que continha segurança em si mesma e atrevimento, assim engoliu em seco e disse: — Não tenho nenhuma sarda nova. Olhei-me no espelho do quarto de vestir e as contei.

Era mentira, além disso, uma mentira muito satisfatória.

A viúva franziu a boca como um peixe. Olhou-a furiosa uns bons dez segundos, o que significava nove segundos mais do que necessitava Amélia para ficar nervosa. E depois gritou: — Senhorita Eversleigh!

Grace saiu virtualmente de um salto do salão ao corredor. Ao que parecia a viúva não notou sua chegada e continuou com as críticas.

— Ninguém se importa com nosso sobrenome? Nosso sangue? Santo Deus, sou a única pessoa neste detestável mundo que entende a importância de... O significado de...

Amélia a olhou horrorizada, durante um momento teve a impressão de que a viúva ia começar a chorar, o que não podia ser possível, porque era biologicamente incapaz de produzir lágrimas. Disso estava muito segura.

Grace avançou e a deixou pasmada ao por um braço sobre os ombros da viúva.

— Senhora — disse em tom tranquilizador — foi um dia difícil.

— Não tem sido difícil — espetou a viúva, afastando o braço de um tapa — tem sido qualquer coisa, menos difícil.

— Senhora — repetiu Grace.

E de novo Amélia se maravilhou da amável tranquilidade de sua voz.

— Me deixe em paz! — rugiu a viúva — Tenho uma *dinastia* com que me preocupar. Você não é nada! Nada!

Grace retrocedeu de um salto. Amélia observou que movia a garganta, e não soube se era para engolir as lágrimas ou por absoluta fúria.

— Grace? — disse, com cautela, sem sequer saber o que ia perguntar, simplesmente pareceu que devia dizer algo.

A dama de companhia respondeu com um leve e rápido movimento da cabeça, que significava *não pergunte*.

Logicamente, isso inspirou curiosidade por saber o que teria ocorrido na noite passada. Porque ninguém agia com normalidade. Nem Grace, nem a Duquesa, nem, por certo, Wyndham. Além de seu desaparecimento da cena. Isso ao menos era exatamente o que se podia esperar dele.

— Vamos acompanhar Lady Amélia e a sua irmã a Burges Park — disse a viúva em seu tom autoritário — Senhorita Eversleigh, ordene que preparem imediatamente nossa carruagem. Vamos fazer o trajeto com nossas visitas e logo voltaremos em nosso veículo.

Grace entreabriu os lábios, surpresa, mas estava acostumada aos furiosos caprichos da viúva,

portanto assentiu e se dirigiu com toda pressa para a porta do Castelo.

— Elizabeth! — disse Amélia desesperada, ao ver sua irmã na porta do salão.

A ladina traidora já tinha virado sobre seus saltos com a intenção de escapar e deixá-las sós com a viúva. Alcançou e agarrou seu cotovelo e a obrigou a virar.

— Irmã, querida — resmungou entre dentes.

— Meu chá — disse Elizabeth, com uma voz fraca, apontando para o salão.

— Está frio — disse Amélia com firmeza.

Elizabeth tentou sorrir para a viúva, mas o gesto não passou de uma careta.

— Sarah — disse a viúva.

Elizabeth não se incomodou em corrigi-la.

— Ou Jane — gritou a viúva — Que nome tem?

— Elizabeth — respondeu.

A viúva entreceitou os olhos, como se não acreditasse de tudo, e se o agitaram horrivelmente as abas do nariz ao dizer: — Vejo que acompanhou sua irmã outra vez.

— Ela me acompanhou — emendou Elizabeth.

Na opinião de Amélia, essa era a frase mais atrevida que sua irmã tinha pronunciado na presença da viúva em toda sua vida.

— E o que devo entender com isso?

— Isto... Vim devolver os livros que me peguei emprestados para minha mãe — gaguejou Elizabeth.

— Ora! Sua mãe não lê, todos sabemos. É um pretexto tolo e transparente para que *ela* — apontou para Amélia — venha a esta casa.

A boca de Amélia abriu sozinha pela surpresa, porque sempre acreditara que a viúva a desejava em sua família. E não porque estivesse bem, mas sim porque desejava que ela apressasse em casar com seu neto, para que começasse a fazer crescer os pequenos Wyndham em seu ventre.

— É um pretexto aceitável — grunhiu a viúva — mas parece que não dá resultados. Onde está meu neto?

— Não sei Excelência — respondeu Amélia.

E isso era a absoluta verdade. Não dissera nada sobre seus planos quando a deixou abandonada no salão. Ao que parecer a beijara tão completamente que acreditou que não era necessária nenhuma explicação.

— Moça estúpida — resmungou a viúva — Não tenho tempo para isto. Ninguém compreende seu dever? Morreram herdeiros a direita e a esquerda, e você — deu um empurrão no ombro — nem sequer é capaz de levantar as saias para...

— Excelência! — exclamou Amélia.

A viúva fechou a boca, e a jovem pensou que talvez tenha dado conta que fora muito longe. Mas a anciã simplesmente a olhou, com os olhos entrecerrados, duas fendas cruéis, e se afastou.

— Amélia? — disse Elizabeth, ficando ao seu lado.

Ela pestanejou várias vezes. Rápido.

— Quero ir para casa.

Sua irmã assentiu, tranquilizando-a. Juntas caminharam até a porta.

Grace estava dando ordens para um laçao, assim saíram e se detiveram no caminho de entrada para esperá-la. O ar já estava bastante frio, mas para Amélia não teria importado que abrissem os céus e as duas ficassem ensopadas. Só desejava partir dessa droga de casa.

— Não virei da próxima vez — disse a Elizabeth, rodeando-se com os braços.

Se Wyndham finalmente quisesse cortejá-la, podia ir vê-la.

— Eu tampouco penso voltar — disse sua irmã, virando e olhando para a casa, duvidosa.

Nesse momento Grace saiu, assim esperou que descesse a escada, agarrou seu braço e perguntou: — Foi minha imaginação ou a Duquesa viúva esteve pior que de costume?

— Muito pior — concordou Amélia.

Grace suspirou e moveu um pouco o rosto, como se estivesse reconsiderando a resposta que veio em primeiro lugar à cabeça. Finalmente se limitou a dizer: — É... Complicado.

Não tinha nada para dizer em resposta a isso, assim Amélia observou curiosa como a dama de companhia simulava arrumar o laço da cinta do vestido. E então...

Grace ficou imóvel. As três ficaram imóveis.

Amélia e Elizabeth seguiram o olhar de Grace. No final do caminho de entrada havia um homem, estava muito longe para ver seu rosto. Só se distinguia seu cabelo escuro e que montava um cavalo como se tivesse nascido naquela cela. O momento ficou suspenso no tempo, silencioso, quieto, e de repente, aparentemente por nenhum motivo, o homem virou seu cavalo e se afastou.

Amélia abriu a boca para perguntar a Grace quem era, mas antes que pudesse falar a viúva saiu e gritou: — Para a carruagem!

Como não desejava começar nenhum tipo de diálogo com a anciã, Amélia decidiu obedecer a ordem e fechar a boca. Passado um momento, estavam as quatro instaladas na carruagem dos Crowland, Grace e Elizabeth no assento com vista para trás, e ela no outro, ao lado da viúva, olhando para frente, fixando o olhar em um ponto atrás da orelha de Grace. Se conseguisse manter essa postura na meia hora seguinte, poderia escapar sem ter que olhar para a viúva.

— Quem era esse homem? — perguntou Elizabeth.

Não houve resposta.

Amélia desviou o olhar para o rosto de Grace. Era mais interessante, estava simulando que não ouviu a pergunta de Elizabeth. Era fácil ver seu estratagema ao olhar para frente, a preocupação estava apertada no canto direito de sua boca.

— Grace, quem era? — repetiu Elizabeth.

— Ninguém — respondeu sua amiga imediatamente — Estamos prontas para partir?

— Conhece-o, então? — insistiu Elizabeth.

Amélia desejou amordaçá-la. Não havia dúvida de que Grace o conhecia. Isso estava claro como a água.

— Não — respondeu a jovem, bruscamente.

— Do que estão falando? — perguntou a viúva, muito irritada.

— Havia um homem no final do caminho de entrada — explicou Elizabeth.

Amélia desejou dar um chute nela, mas era impossível. Sua irmã estava sentada em frente da viúva, inalcançável.

— Quem era? — perguntou a anciã.

— Não sei — respondeu Grace — Não vi o rosto.

O que não era mentira, ao menos a segunda parte, pensou Amélia.

O homem estava muito longe para que alguma delas tivesse visto o rosto. Mas apostaria seu dote que Grace sabia quem era.

— Quem era? — trovejou a viúva, elevando a voz para se fazer ouvir por cima do ruído das rodas da carruagem, que iniciava a marcha pelo caminho.

— Não sei — repetiu Grace, embora a voz saiu quebrada e todas perceberam.

A viúva se virou para Amélia.

— Você o viu? — perguntou em tom tão mordaz com seus olhos malignos.

Amélia captou o olhar de Grace e passou uma espécie de comunicação entre elas.

Engoliu em seco.

— Não vi ninguém, Senhora — respondeu.

A anciã a descartou com um sopro e dirigiu todo o peso de sua fúria para Grace.

— Era ele?

Amélia reteve o fôlego.

A quem se referiam?

A dama de companhia negou com a cabeça.

— Não sei — gaguejou — Não saberia dizer.

— Pare a carruagem! — gritou a viúva, levantando-se. Fez a um lado de Grace de um empurrão e golpeou forte o painel de separação para a boléia — Pare, já disse!

A carruagem se deteve com uma sacudida, e o corpo Amélia foi para frente e caiu aos pés de Grace. Tentou levantar-se, mas a viúva o impediu, que estava inclinada quase por cima dela e pegou o queixo de sua dama de companhia.

— Darei mais uma oportunidade, Senhorita Eversleigh — então vociferou — Era ele?

Amélia deixou de respirar.

Grace não se moveu e, passado um momento, assentiu muito levemente.

E a viúva ficou louca.

Amélia acabava de sentar quando teve que se agachar para evitar que a bengala da mulher a decapitasse.

— Vire a carruagem! — estava gritando.

O veículo ficou em marcha lentamente e depois virou a toda velocidade porque a viúva gritava:
— Rápido, rápido!

Ainda não transcorreu um minuto quando se detiveram diante da porta do Castelo.

Horrorizada, Amélia viu que a viúva fez Grace descer de um empurrão.

As duas irmãs se levantaram para olhar pela portinhola aberta quando a anciã desceu de um salto atrás de sua dama de companhia.

— Grace ia coxeando? — perguntou Elizabeth.

— Não... — Amélia conseguiu dizer.

Ia dizer *Não sei*, mas a viúva a interrompeu ao fechar com um violento golpe a portinhola sem dizer uma palavra.

— O que acaba de acontecer? — perguntou Elizabeth quando a carruagem já ia em marcha pelo caminho de sua casa.

— Não tenho nem idéia — respondeu Amélia em um sussurro.

Virou o olhar para o Castelo, que já se via menor na distância.

— Nem a menor idéia.

CAPÍTULO 6



Nessa tarde Thomas estava sentado em seu escritório meditando sobre a sedutora curva do traseiro de sua noiva simulando que estava revisando uns contratos que seu secretário redigira. Era um passatempo dos mais agradáveis, e teria continuado sua meditação até a hora do jantar, se não tivesse sido pela tremenda comoção que se ouviu no corredor.

— Não quer saber meu nome? — gritou uma voz masculina desconhecida.

Indeciso, Thomas deixou a pluma no escritório, mas, além disso, não fez o menor gesto de se levantar. Não interessava sair e averiguar o que ocorria, e quando passou um momento e não ouviu nada mais, decidiu voltar sua atenção para os contratos.

Acabava de molhar a pluma no tinteiro quando a voz de sua avó rompeu o ar como só ela podia fazê-lo.

— Vai deixar a minha acompanhante em paz?

Levantou-se. Podia ignorar facilmente um possível problema com sua avó, mas um problema com Grace não. Saiu para o corredor e olhou para o vestibulo.

Bom Deus. O que se propunha essa velha agora?

Estava junto à porta do salão a poucos passos de Grace, que tinha uma expressão infeliz e humilhada, que pela primeira vez via nela. Do lado da jovem estava um homem que não vira nunca.

E o desconhecido tinha as mãos atadas às costas, por ordem de sua avó, era de se supor.

Escapou um gemido dele.

A velha bruxa era um perigo.

Pôs-se a andar para eles, com a intenção de libertar o homem, pedir desculpas e conseguir seu silêncio subornando-o com algo, mas quando já estava perto, ouviu o maldito canalha sussurrar para Grace.

Poderia beijá-la na boca.

— Que diabos! — exclamou, chegando até eles — Este homem está incomodando, Grace?

Ela se apressou a negar com a cabeça, mas ele viu algo mais em seu rosto, algo muito parecido ao terror.

— Não, não — disse ela — mas...

Ele olhou para o desconhecido, pois não gostara da expressão dos olhos de Grace.

— Quem é você?

— Quem é *você*? — perguntou por sua vez o homem, e com um sorriso bastante desrespeitoso.

— Sou Wyndham — respondeu ele, preparado para por fim à tolice — e você está em minha casa.

Viu que a expressão do homem mudou. Ou melhor, ele mudou seus traços, mas isso durou só um instante, e novamente tinha a expressão insolente.

Era alto, quase tão alto quanto ele, e de idade similar. Tomou aversão por ele imediatamente.

— Ah — disse o desconhecido, de repente com todo encanto — Bem, nesse caso, sou Jack Audley, antes do estimado exército de Sua Majestade, e mais recentemente do poeirento caminho.

Thomas abriu a boca para dizer o que achava dessa resposta, mas sua avó se adiantou a ele.

— Quem são estes Audley? — perguntou, aproximando-se furiosa — Não é um Audley, isso se vê na sua cara. Em seu nariz, em seu queixo e em todos seus malditos traços, exceto em seus olhos, que são da cor incorreta.

Thomas a olhou impaciente e confuso. *De que idiotice estava falando desta vez?*

— Cor incorreta? — perguntou o homem — Seriamente? — Olhou para Grace, com uma expressão de inocência e atrevimento — Sempre me disseram que as damas gostam dos olhos verdes. Informaram-me mau?

— É um Cavendish! — rugiu a viúva — É um Cavendish e exijo saber por que não me informou de sua existência.

Um Cavendish?

Thomas olhou para o desconhecido, depois para sua avó e novamente para o desconhecido.

— Que diabos está acontecendo? — perguntou.

Ninguém respondeu, assim olhou para a única pessoa que considerava digna de confiança.

— Grace?

Ela não o olhou nos olhos.

— Excelência — disse com sossegado desespero — Poderíamos falar em particular?

— E esconder dos outros? — disse o Senhor Audley depois de emitir um sopro hipócrita, acrescentou — depois do que passei...

Thomas olhou para sua avó.

— Ele é seu primo — ela declarou prontamente.

O Duque vacilou, não era possível que tivesse ouvido bem. Olhou para a Grace, e esta acrescentou: — Ele é o bandoleiro.

Enquanto ele tentava assimilar a notícia, o canalha insolente se virou para que todos vissem suas mãos atadas, e disse: — Não estou aqui por vontade própria, pode ter certeza disso.

— Sua avó acreditou reconhecê-lo ontem à noite — explicou Grace.

— Não acreditei, reconheci-o — gritou a viúva, movendo a mão para o bandoleiro — Simplesmente olhe para ele.

O homem o olhou para ele.

— Eu usava máscara — disse como se sentisse igualmente perplexo.

Thomas levou a mão esquerda à frente e a esfregou e beliscou entre o polegar e os dedos, se por acaso isso podia aliviar a dor de cabeça que começava a atacá-lo.

Bom Deus. E então pensou *o retrato.*

Inferno e condenação. Então, isso foi tudo. Às três e meia da manhã, pelo amor de Deus, Grace estava em pé e tinha a intenção de tentar desprender da parede o retrato de seu defunto tio e...

— Cecil! — gritou.

Apareceu o lacaio com extraordinária rapidez.

— O retrato de meu tio — espetou.

O lacaio pigarreou a garganta pela consternação.

— O que acabamos de subir para...?

— Sim. Desçam ao salão. — Ao ver que Cecil não se movia rápido, praticamente gritou — Imediatamente!

Sentiu uma mão no braço.

— Thomas — disse Grace em voz baixa, sem dúvida com a finalidade de acalmar seus nervos — me permita que explique isso, por favor.

— Sabia algo de tudo isto? — perguntou ele, tirando sua mão do braço.

— Sim, mas...

Ele não pode acreditar.

Grace, a única pessoa que tinha chegado a acreditar totalmente sincera.

— Ontem à noite — esclareceu, caindo em conta do quanto era íntimo para ele a lembrança do ocorrido na outra noite, em sua vida faltava terrivelmente os momentos de amizade pura, não mudava. E por mais estranho que fosse, o momento na escada foi um deles. Mas como, pensou, tinha que explicar a sensação de ter recebido um murro no ventre que sentiu quando viu a expressão de culpa no rosto dela.

— Ontem à noite já sabia?

— Sim, mas, Thomas...

— Basta — ele espetou — Ao salão. Todos para o salão.

Grace tentou captar sua atenção outra vez, mas ele não fez conta.

O Senhor Audley, seu maldito primo! Tinha os lábios franzidos, como se a qualquer momento fosse se por a assobiar uma alegre melodia. E sua avó, bem, só o diabo sabia o que estava pensando. Parecia dispéptica, mas, claro, sempre parecia dispéptica.

Mas olhava para Audley com uma intensidade francamente aterradora. Este, em troca, nem notava esse olhar maníaco, estava muito ocupado comendo Grace com os olhos.

E ela parecia sentir-se muito abatida. E certamente podia estar.

Quando viu que todos tinham entrado no salão, fechou a porta, soltando umas quantas maldições em voz baixa.

Então Audley levantou as mãos, inclinou a cabeça e o olhou.

— Acredita que poderia...?

— Pelo amor de Cristo — resmungou Thomas.

Foi procurar um abridor de cartas no escritório, que estava perto, e logo, agarrando uma mão, com um só e violento talho cortou as ataduras.

— Thomas — disse Grace situando-se diante dele, olhando-o com olhos insistentes — Acredito de verdade que deveria me permitir falar com você um momento antes que...

— Antes de que? — gritou ele — antes que me intere que tenho um primo cuja existência eu desconhecia e que poderia ou não estar sendo procurado pela coroa?

— Não, pela coroa, não acredito — disse Audley, mansamente — embora sim por uns quantos magistrados. E um ou dois párocos — voltou-se para a viúva, — em geral, roubar nas estradas não se considera de menor risco de todas as ocupações possíveis.

— Thomas — repetiu Grace, olhando nervosa para a viúva, que por sua vez estava olhando para ela furiosa — Excelência — emendou — há uma coisa que precisa saber.

— Certamente — disse ele, mordaz — as identidades de meus verdadeiros amigos e confidentes, para começar.

Grace retrocedeu como se a tivesse golpeado, mas ele ignorou o sentimento de culpa que ferrou seu peito. Na noite anterior ela teve tempo de sobra para informá-lo.

Não havia nenhum motivo para que ele se encontrasse nessa situação sem estar totalmente preparado.

— Recomendo Senhor — disse Audley, em tom desenvolto, mas firme — que fale com mais respeito à Senhorita Eversleigh.

Thomas ficou paralisado.

Quem diabos esse homem acreditava que era?

— Perdão, o que disse?

Audley inclinou ligeiramente a cabeça e deu a impressão de que lambia o interior dos dentes.

— Não está acostumado que falem com você como um homem, é? — zombou ele.

Um ser estranho se apoderou do corpo de Thomas, um ente furioso, maligno, de arestas ásperas e dentes afiados, candentes, e antes de se dar conta se equilibrou no pescoço de Audley.

Caíram os dois no chão com um forte golpe e rodaram até se chocar com uma mesa de canto. Com enorme satisfação, Thomas se encontrou montado escarranchado sobre seu amado primo, pressionando o pescoço com uma mão e fechando em punho a outra para convertê-la em uma arma letal.

— Basta! — ouviu Grace gritar.

Mas não sentiu nada quando agarrou seu braço. Pareceu que ela cambaleava para trás quando ele abaixou o punho com força e o enterrou na mandíbula de Audley.

Mas este era um competidor formidável. Como compreenderia logo depois, o homem tivera anos para aprender a brigar sujo, com um rápido e violento movimento, sentou e enterrou a cabeça no queixo, aturdindo-o tempo suficiente para inverter as posições.

— Nunca mais... volte a... Me golpear. — grunhiu, enterrando o punho na face para recalcar as palavras.

Thomas conseguiu libertar um cotovelo e o enterrou no ventre do outro, e foi recompensado por um rouco grunhido.

— Basta! Os dois! — gritou Grace, conseguindo se meter como uma cunha entre eles.

E talvez isso fosse a única coisa que poderia ter feito para por fim à briga.

Thomas deteve o movimento de seu punho bem a tempo para não enterrá-lo no rosto dela.

— Deveria ter vergonha — disse ela.

O Duque teria manifestado seu acordo, mas estava tão sem fôlego que não pode falar. Então ficou evidente que ela falava com ele. Isso o chateou, e produziu o desejo nada admirável de envergonhá-la tal como ela o tinha envergonhado.

— Talvez pudesse convir levantar de mi... Isto...

Olhou a cintura, que era onde ela estava sentada.

— Oh! — exclamou ela, levantando de um salto.

Mas não soltou o braço de Audley, e o levou com ela, separando-os. O homem parecia se sentir muito feliz de se afastar com ela.

— Vai curar minhas feridas? — perguntou olhando-a com a expressão lastimosa de um cachorrinho maltratado.

— Não tem nenhuma ferida — respondeu ela secamente. Então olhou para o Duque, que também se pôs de pé — E você tampouco.

Thomas friccionou a mandíbula, pensando que ao cair a noite as faces dos dois demonstrariam que estava enganada.

Então sua avó ah, aí está à pessoa mais qualificada para dar classe de amabilidade e cortesia, decidiu que era o momento para intervir. Começou por dar um forte empurrão no ombro dele, o que não o surpreendeu.

— Peça desculpas imediatamente! — gritou — Ele é um hóspede em nossa casa.

— *Minha casa.*

O rosto dela esticou. Essa era a única maneira que podia usar para influenciá-la, ela vivia ali por especial e graciosa condescendência dele.

— É seu primo de primeiro grau — disse ela — Qualquer um pensaria que, dada a falta na família de parentes próximos, estaria desejoso de dar as boas vindas a casa.

Sim, tinha razão, pensou Thomas, mas olhou para Audley receoso.

Achou ruim em apenas vê-lo, desgostava do sorriso satisfeito, e insolência afetada. Conhecia os homens desse tipo.

Audley não sabia nada de dever, nada da responsabilidade, e tinha o atrevimento de se meter em sua casa e criticar?

Além disso, quem diabos podia assegurar que era realmente seu primo?

Flexionou e estirou os dedos, com o fim de se acalmar.

— Alguém poderia me explicar — disse em tom abrupto e furioso — como este homem chegou a meu salão?

O silêncio respondeu. Ao que parecia cada um esperava que o outro o enchesse. Finalmente, Audley encolheu os ombros e fez um gesto para a viúva com a cabeça.

— Ela me sequestrou — disse.

Thomas se virou lentamente para sua avó.

— Sequestrou ele — repetiu, não porque fosse difícil de acreditar, a não ser porque sabia que era muito capaz de fazê-lo.

— É claro — respondeu ela, altivamente — E voltaria a fazê-lo.

Thomas olhou para Grace.

— É verdade — disse ela.

E então, condenação, olhou para Audley e disse:

— Sinto muito.

— Aceito a desculpa, é claro — respondeu este, com tanto encanto e cortesia que teria sido aceitável no salão de baile mais distinto.

O tédio deve ter se feito notar no rosto do Duque, porque ao olhá-lo, Grace acrescentou: — Ela o sequestrou!

Thomas se limitou a fitá-la. Não gostava de fazer comentários sobre o tema.

— E me obrigou a participar — Grace resmungou.

— O reconheci ontem à noite — declarou a viúva.

— No escuro? — perguntou Thomas, duvidoso.

— E com o rosto coberto por uma máscara — respondeu ela com orgulho — É a mesma imagem de seu pai. Sua voz, sua risada, tudo.

Ab, tudo adquiriria sentido, claro, pensou Thomas.

O retrato, a aflição de sua avó nessa noite. Deixou sair o fôlego e fechou os olhos, chamando em seu auxílio a energia para tratá-la com amável compaixão.

— Vovó — disse, e isso ela deveria reconhecê-lo como a ramo de oliva que era, pois jamais a chamava *vovó* — compreendo que continue lamentando a morte de seu filho...

— Seu tio — atravessou ela.

— Meu tio — emendou, embora fosse difícil considerá-lo assim, uma vez que não o conheceu — Mas se passaram trinta anos desde sua morte.

— Vinte e nove — corrigiu ela.

Thomas olhou para Grace, para que? Não sabia. Em busca de apoio? De compaixão? A jovem estirou os lábios em um gesto de desculpa, mas guardou silêncio.

Voltou a olhar para sua avó.

— Isso é muitíssimo tempo. As lembranças se desvanecem.

— A minhas não — respondeu ela altivamente — e muito menos as que tenho de John. Ao seu pai agradou bastante esquecê-lo totalmente...

— Nisso estamos de acordo — interrompeu Thomas, em tom abrupto, porque a única coisa mais ridícula que a situação do momento, era imaginar seu pai presenciando-o.

— Cecill! — gritou outra vez, flexionando os dedos, para não ceder o impulso de estrangular alguém.

Onde estava o maldito quadro? Já fazia uma eternidade que tinha enviado o laçao para trazê-lo. Era uma tarefa simples. Era de supor que sua avó não teve tempo para fazê-lo pendurar na parede de seu quarto.

— Excelência! — respondeu uma voz do corredor.

Foi abrir a porta e aí vinha o quadro, avançando pela segunda vez nesse dia, oscilando entre os dois laçaios que tentaram mantê-lo em equilíbrio ao virá-lo para entrar no salão.

— Ponham em qualquer parte — ordenou.

Os laçaios encontraram um lugar desocupado, puseram o quadro no chão, vertical, e o apoiaram brandamente na parede. E pela segunda vez nesse dia Thomas se encontrou olhando o rosto de seu tio John, morto tanto tempo atrás.

Só que desta vez foi totalmente diferente.

Quantas vezes passara diante do retrato sem jamais se incomodar em olhá-lo atentamente? E por que teria que olhá-lo? Dado que não o conheceu, nunca teve um motivo para ver algo familiar em sua expressão.

Mas nesse momento...

Grace foi primeira em encontrar as palavras para expressá-lo.

— Oh, Meu deus.

Emocionado, Thomas olhou para Audley, era como se o retratado fosse ele.

— Vejo que agora ninguém está em desacordo comigo — disse sua avó, toda presunçosa.

— Quem é você? — perguntou o Duque em um sussurro, olhando o homem que só podia ser seu primo de primeiro grau.

— Meu nome — gaguejou sem poder afastar o olhar do retrato — o nome que me puseram... Meu nome completo é John Augustus Cavendish-audley.

— Quem foram seus pais? — perguntou Thomas em voz baixa. Ao não obter resposta, a voz ao insistir saiu mais forte e aguda — Quem foi seu pai?

Audley virou bruscamente a cabeça para ele.

— Quem diabos acredita que foram?

Thomas sentiu que seu mundo se desvanecia, todos os momentos, todas as lembranças, todas as inspirações de ar que faziam acreditar que sabia quem era, tudo, tudo desapareceu, deixando-o sozinho, nu e totalmente desorientado.

— Seus pais... — disse, notando que a voz saía trêmula, como a brisa — estavam casados?

— O que pretende insinuar? — grunhiu Audley.

— Por favor — rogou Grace, ficando entre eles outra vez — Ele não sabe...

Olhou o Duque e ele compreendeu o que queria dizer.

Audley não sabia, não tinha idéia do que significava para ele ser filho legítimo. Grace o olhava como pedindo desculpas, porque também queria dizer que tinham que dizer que não podiam se abster de dar essa informação, fosse quais fossem as consequências.

Então ela o disse.

— É necessário que alguém explique ao Senhor Audley...

— Cavendish — gritou a viúva.

— Ao Senhor Cavendish-audley — emendou Grace, diplomática, como sempre — É necessário que alguém diga que... Que... — Desesperada olhou para todos, um a um, até que seu olhar se pousou no pasmado rosto de Audley — Seu pai, o homem do retrato, caso que *seja* seu pai, era... O irmão mais velho do pai de sua Excelência.

Ninguém disse nada.

Grace limpou a garganta.

— Portanto, se... Se seus pais estavam legalmente casados...

— Estavam — disse o Senhor Audley, mordaz.

— Sim, é claro. Quero dizer, não é claro, a não ser...

— O que quer dizer — interrompeu Thomas, porque, por Deus, já não aguentava nem mais um momento disso — é que, se de verdade você for o filho legítimo de John Cavendish, é você o Duque de Wyndham.

E então esperou. *O que?* Não sabia, mas ele já tinha acabado, havia dito o que tinha que para dizer. Que o outro desse sua droga opinião.

— Não — disse Audley finalmente, sentando-se na poltrona mais próxima — Não.

— Ficaré aqui — declarou a viúva — até que este assunto se resolva a minha satisfação.

— Não! — repetiu Audley, com muitíssimo mais convicção — Não.

— Ah, sim ficará — respondeu ela — Se não, o entregarei às autoridades como o ladrão que é.

— Você não faria isso — exclamou Grace. Olhou para Audley — Ela não faria isso jamais. Não faria se acreditar que você é seu neto.

— Fecha a boca! — grunhiu a viúva — Não sei o que pretende fazer, Senhorita Eversleigh, mas você não é da família, e está descolada neste salão.

Thomas avançou um passo para intervir, mas antes que pudesse dizer uma palavra, Audley se levantou, bem erguido, com as costas retas como uma vara, e olhar severo.

Foi quando Thomas deixou de acreditar que tinha mentido quanto ao serviço no exército, porque foi evidente que era um oficial da cabeça aos pés ao ordenar.

— Não volte a falar com ela dessa maneira nunca mais.

A viúva retrocedeu, surpresa que seu recém-descoberto neto falasse com tanta autoridade, e mais ainda em favor de uma pessoa que ela considerava muito inferior.

— Sou sua avó — disse mordaz.

— Isso está por determinar-se — respondeu Audley, olhando fixamente sua face.

— O que? — exclamou Thomas, sem parar para controlar sua reação.

Audley o olhou tranquilamente, avaliando-o.

— Agora quer dizer — continuou Thomas, incrédulo — que acredita que não é o filho de John Cavendish?

O homem deu de ombros e, de repente, parecia mais o maroto que tinha representado antes.

— Francamente — disse — não sei se desejo entrar neste seu encantador clube.

— Não tem outra opção — disse a viúva.

Ele a olhou de esguelha.

— Que doce é você. E que consideração. De verdade, uma avó para a eternidade.

Um risinho afogado escapou de Grace.

Que teria emitido ele, pensou Thomas, embora não, ele teria rido as gargalhadas, se as circunstâncias tivessem sido outras. Mas nesse momento não, que tinha em seu salão um possível usurpador de identidades.

— Excelência — disse então Grace, vacilante.

Mas ele não desejava ouvi-la. Não desejava ouvir nada, nem as opiniões nem as sugestões de ninguém, nada.

Bom Deus, todos o estavam olhando, esperando que tomasse uma decisão, como se estivesse no controle. E isso tinha graça, já que agora ele nem sequer sabia quem era. Ninguém, possivelmente. Ninguém absolutamente. Certamente não era o cabeça da família.

— Wyndham — disse sua avó.

— Cale-se! — replicou ele.

Apertou os dentes, esforçando-se em não mostrar debilidade.

Que diabos devia fazer? Olhou para Audley talvez devesse começar a pensar nele como *Jack*, uma vez que ainda não conseguia imaginá-lo como Cavendish ou, Deus o amparasse, como Wyndham.

— Deveria ficar — disse, e detestou o modo como sua voz saía lenta — vamos precisar... — Custava acreditar que pudesse dizê-lo — vamos ter que resolver isto.

Audley não respondeu imediatamente, e quando falou parecia estar tão esgotado como se sentia Thomas.

— Por favor, alguém poderia me explicar...? — interrompeu para pressionar as têmporas, movimento que o Duque entendeu muito bem, a cabeça doía terrivelmente — Poderia alguém me explicar a árvore genealógica?

— Tive três filhos — disse a viúva, com voz enérgica — Charles era o mais velho, John o do meio, e Reginald o caçula. Seu pai partiu para a Irlanda justo depois que Reginald se casou com — em seu rosto apareceu uma expressão de desgosto, e Thomas se limitou a olhar para ela quando ela fez um gesto para ele com a cabeça — sua mãe.

— Ela era de Londres, plebéia — disse Thomas, porque, diabos, não era nenhum segredo — Seu pai tinha fábricas. Muitas, muitas fábricas — Ah, ironia — Agora são nossas.

A viúva estirou os lábios, mas não fez nenhum comentário a essa interrupção, toda sua atenção estava posta em Audley.

— Comunicaram a morte de seu pai em julho, e o mais velho morrera de uma febre. Eu não contrái a enfermidade. Meu filho mais novo já não vivia em Belgrave, assim ele também se livrou. Charles ainda não tinha se casado, e acreditávamos que John tinha morrido sem descendência. Portanto, Reginald se converteu no Duque — depois de uma breve pausa acrescentou — Não se esperava que fosse ele.

Então todos viraram a cabeça para olhar para Thomas.

Fabuloso. Não disse nada, de maneira nenhuma ia insinuar que sua avó merecia uma resposta.

— Ficarei — disse Audley finalmente.

Embora seu tom fosse de resignação, como se não tivessem dado alternativa, Thomas não se deixou enganar.

Era um ladrão, pelo amor de Deus.

Um ladrão que dava a oportunidade de se apoderar legalmente de um dos títulos mais elevados do país, para não falar das riquezas que o acompanhavam. Riquezas imensas, incomensuráveis, inclusive às vezes para ele.

— Muito sensato de sua parte — disse a viúva, juntando as mãos — Então agora vamos a...

— Mas antes — interrompeu Audley — devo voltar para a estalagem e recolher minhas coisas — Passeou o olhar pelo salão, como se zombando da opulência — Por mais pobres que sejam.

— Que tolice — exclamou a viúva — Suas coisas podem ser substituídas — olhou sua roupa de viagem por cima do altivo nariz — Com objetos de muito melhor qualidade, poderia acrescentar.

— Não disse isso para pedir permissão a você — respondeu Audley com toda malícia.

— De todos os mo...

— Além disso — interrompeu ele — devo dar explicações aos meus sócios.

Thomas se preparou para intervir. Não podia permitir que Audley propagasse o rumor por todo o condado. Em menos de uma semana se saberia em toda Grã-Bretanha. Embora no final acontecesse que tudo era infundado, ninguém voltaria a considerá-lo da mesma maneira.

Sempre haveria falatórios sobre que talvez ele não fosse o verdadeiro Duque.

Houve outro que reivindicava o título. Sua própria avó o apoiava.

Seria um maldito pesadelo.

— Nada que se aproxime da verdade — acrescentou Audley, sarcástico, olhando para ele.

Thomas se sentiu incômodo, não gostava que lessem seus pensamentos com tanta facilidade, e muito menos esse homem.

— Não desapareça — ordenou a viúva — porque asseguro que lamentará.

— Não há motivo para se preocupar com isso — disse Thomas, expressando o que todos tinham que saber — Quem desapareceria tendo a promessa de receber um ducado?

Observou que isso não divertiu absolutamente Audley. E isto a ele não importou muito.

— Eu o acompanharei — disse.

Precisava conhecê-lo melhor, ver como se conduzia fora, como se comportava quando não tinha o público feminino para cortejar.

Audley o olhou zombeteiro, e arqueou para a esquerda a sobrancelha, exatamente do mesmo modo que a viúva fazia bom Deus, era aterrador.

— Tenho que me preocupar com minha segurança? — perguntou.

Thomas se obrigou a não reagir. Não precisava de outra briga a murros essa tarde. Mas o insulto doeu.

Toda sua vida tinha posto antes Wyndham, o título de Wyndham, o patrimônio, as terras, que a ele, a pessoa, Thomas Cavendish, cavalheiro nascido no condado de Lincolnshire da Inglaterra, que gostava de música, mas se aborrecia com ópera, que preferia cavalgar que ir em uma carruagem, mesmo que o tempo estivesse inconstante, que adorava morangos, em especial coroados com chantilly, que se graduou em Cambridge, com sobressalente e era capaz de recitar a maioria dos sonetos de Shakespeare, mas não os recitava nunca porque preferia saborear cada palavra em sua mente. Que encontrava satisfação no trabalho físico e manual e ninguém parecia importar. E ninguém parecia se importar tampouco que nunca tivesse tomado gosto para o vinho, nem que achasse estúpido o atual costume de soprar, que imperava na corte.

Não, quando chegava o momento de tomar uma decisão, qualquer que fosse, nada disso importava. Ele era Wyndham, simples assim. E, ao que parecia, assim complicado também. Por que sua lealdade ao seu título e ao seu patrimônio era absoluta. Fazia o que era correto, o que era justo. Sempre, sempre.

Na realidade, era risível, tremendamente irônico. Fazia o correto porque era o Duque de Wyndham. E ao que parece o correto poderia muito bem ser ceder seu título e tudo o que o acompanhava a um desconhecido.

Se não fosse o Duque, isso o libertaria? Poderia então fazer o que gostasse, roubar nas estradas, agredir as virgens ou o que fosse que decidiam fazer os homens que não levavam essa carga em cima?

Mas depois de tudo o que tinha feito, que alguém sugerisse que antepor seu benefício pessoal ao seu dever para com o sobrenome de sua família... Não o feria até a medula, queimava-o.

E então Audley olhou para Grace, obsequiando-a com esse aborrecido sorriso lisonjeador.

— Sou uma ameaça para sua identidade — disse fazendo um leve gesto para ele — Suponho que qualquer homem sensato poria em dúvida sua segurança.

Thomas teve que fazer um esforço para deixar as mãos quietas dos lados, embora estivesse fechadas em punhos.

— Não, engana-se! — exclamou ela, e o Duque se sentiu curiosamente consolado pela efusão de sua voz — Julga-o mau. O Duque... — interrompeu-se, engasgada com a palavra, mas em seguida endireitou os ombros e continuou — é o homem mais honorável que conheci. Você nunca sofreria mal algum em sua companhia.

— Asseguro — disse Thomas calmamente — que, sejam quais sejam meus impulsos violentos, não me deixarei levar por eles.

Grace se voltou contra ele.

— Que terrível dizer isso — disse, e acrescentou em voz muito baixa, para que só ele a ouvisse — E depois que o defendi.

— Mas é sincero — disse Audley, reconhecendo isso como um gesto de assentimento.

Olharam-se nos olhos e em silêncio declararam uma trégua.

Iriam juntos para a estalagem. Não fariam perguntas, não dariam opiniões...

Demônios, nem sequer falariam a não ser que fosse absolutamente necessário.

E isso para Thomas estava muito bom.

CAPÍTULO 7



— Seu olho está roxo!

Isso foi a primeira coisa que Audley disse, quase uma hora depois que começaram o trajeto.

Thomas virou para olhá-lo.

— Sua face está púrpura.

Faltava muito pouco para chegar à estalagem onde Audley tinha seus pertences, assim tinham diminuído a velocidade e levavam seus cavalos a passo lento.

Audley montava um dos cavalos do estábulo de Belgrave, e era, não pode deixar de observar Thomas, um cavaleiro extraordinariamente perito.

Audley tocou a face, sem nenhuma delicadeza. A tamborilou energicamente com três dedos da mão direita, para avaliar a lesão.

— Não é nada — disse — Não está tão mal como seu olho.

Thomas dirigiu um olhar altivo, porque, de verdade, como podia sabê-lo? Tinha a face totalmente púrpura.

Audley o olhou com exagerada afabilidade.

— Tive uma ferida de bala no braço e uma de adaga na perna — explicou.

Thomas não disse nada, mas os dentes chiaram e ouviu com toda clareza o som de sua respiração.

— A face não é nada — repetiu Audley, e olhou para frente, enfocando o olhar na curva do caminho a que foram se aproximando.

Já quase tinham chegado à estalagem. Thomas conhecia bem a região.

Demônios era dono da metade dessas terras.

Ou acreditava que era dono. Quem podia saber? Igual não era o Duque de Wyndham. O que ocorreria se era simplesmente outro primo Cavendish qualquer? Porque havia outros primos, e muitos. Talvez não de primeiro grau, mas o campo estava inundado de primos de segundo e terceiro grau.

Interessante pergunta. Interessante, claro, porque era a única palavra que podia empregar sem romper numa risada louca. Se não era o Duque de Wyndham, quem diabos era? Possuía algo? Havia alguma parte de madeira, uma pedra ou um pequeno terreno cheio de escombros que pudesse chamar dele?

Seguia comprometido com Amélia?

Bom Deus. Olhou para Audley por cima do ombro e viu que, maldito, ia tranquilo, imperturbável, contemplando o horizonte.

Esse homem se transformaria no marido de Amélia? Terras, título, até o último centavo, venha, meninos! Vamos por à noiva também no pacote já que estamos nisso.

E vendo como Grace reagia diante do odioso canalha, Amélia se apaixonaria por ele a primeira vista.

Emitiu um sopro, exasperado. Se o dia enegrecia mais outro pouco, chegaria a pior morada do inferno antes que a noite caísse.

— Vou beber uma cerveja — anunciou.

— Uma cerveja? — perguntou Audley, surpreso, como se não pudesse imaginar o Duque de Wyndham bebendo algo tão plebeu.

— Enquanto você faz o que seja que deseja fazer — disse Thomas. Olhou-o com a extremidade do olho — Suponho que não precisa que ajude a dobrar seus pertences.

Audley virou para olhá-lo com as sobrancelhas arqueadas.

— Não, a menos que você tenha preferência pela roupa íntima de outros homens. Deus me livre de estorvar suas diversões.

Thomas sustentou o olhar com fria resolução.

— Não me obrigue a golpeá-lo outra vez.

— Perderia.

— Você morreria.

— Não por sua mão — resmungou Audley.

— O que disse?

O outro encolheu os ombros.

— Você continua sendo o Duque.

Thomas apertou as rédeas com mais vigor de que era necessário. E embora soubesse muito bem o que Audley quis dizer, apoderou-se dele uma mal humorada necessidade de obrigá-lo a dizer, portanto, perguntou, em tom seco, abrupto e, sim, muito ducal.

— Com isso quer dizer...

Audley voltou a virar e a olhá-lo, com uma expressão indolente, serena, seguro de si, e isso enfureceu Thomas, porque seu recém-descoberto primo era, ou parecia ser, tudo o que normalmente ele era. Mas que agora estava muito longe de ser. Retumbava o coração, sentia picar as mãos e, mais que qualquer outra coisa, o mundo parecia ter inclinado, o enjoava.

Não era ele, não se sentia desequilibrado, todo o resto estava. Quase dava medo fechar os olhos, temia que ao abri-los o céu estivesse verde e os cavalos estivessem falando em francês, e que cada vez que tentasse dar um passo, o chão não estivesse onde ele esperava.

Então Audley disse:

— Você é o Duque de Wyndham. A lei está do seu lado.

Thomas sentiu um verdadeiro desejo de golpeá-lo outra vez, sobretudo porque com isso demonstraria que esse homem tinha razão. Ninguém se atreveria a contrariá-lo no povo.

Poderia golpeá-lo até deixá-lo feito um mingau sangrento, e seus restos seriam jogados

limpamente de um lado.

Aclamem todos ao Duque de Wyndham!

Só tinha que pensar em todos os benefícios adicionais ao título dos quais nunca se aproveitou.

Chegaram à estalagem e entregou as rédeas ao menino do estábulo que chegou correndo para saudá-los. Se chamava Bobby. Conhecia-o fazia anos. Seus pais eram seus inquilinos, gente honrada e trabalhadora, que cada ano, no Natal, perseveravam em levar a Belgrave uma cesta com rabanadas, mesmo que sabiam que os Cavendish não podiam estar em necessidade de mantimentos.

— Excelência — disse Bobby sorrindo, ainda ofegante pela carreira.

— Cuidará bem deles, Bobby? — disse ele, indicando com um gesto a montaria de Audley, que o menino agarrou também.

— Pode estar certo, Senhor.

— Por isso nunca confiaria seu cuidado a nenhum outro — disse Thomas, dando uma moeda para ele — Ficaremos... — olhou para Audley — Uma hora?

— Sim, pode-se dizer que saímos em uma hora — respondeu Audley. Então virou para Bobby, e o olhou nos olhos, o que Thomas achou surpreendente — Ontem não estava aqui.

— Não, Senhor — respondeu o menino — Só trabalho cinco dias da semana.

Thomas se encarregava que o dono de hospedaria recebesse uma bonificação todo mês por lhes dar um dia livre aos muito jovens. Embora, logicamente, isso não soubesse ninguém além do dono de hospedaria.

— Conheceu Lucy? — perguntou Audley ao menino.

Lucy?

Thomas pôs atenção, interessado.

Os olhos do menino iluminaram.

— O castrado negro?

— Tem um castrado chamado Lucy? — perguntou Thomas.

— É esse — disse Audley ao menino, e logo para Thomas, — É uma longa história.

— É uma preciosidade — disse Bobby, com os olhos arregalados.

Thomas não pode deixar de sentir diversão. O menino gostava dos cavalos desde antes de aprender a andar. Ele sempre tinha pensado contratá-lo algum dia para que fosse o chefe dos cavaleiros de Belgrave.

— Tenho muito carinho por ele — disse Audley — Salvou minha vida uma ou duas vezes.

Bobby arregalou os olhos, redondos como pratos.

— Sim?

— Sim — respondeu — Napoleão não tem nenhuma possibilidade contra um bom cavalo britânico como esse. — Olhou para o estábulo — Ele está bem?

— Escovado e alimentado. Eu mesmo me encarreguei disso.

Enquanto Audley dizia ao menino que selasse o castanho ridiculamente chamado Lucy, Thomas se dirigiu a taberna, pensando que talvez seu pretendido primo antipatizasse um pouquinho menos

do que antes, pois um homem que tem tanto respeito a um cavalo é digno de respeito. De todos os modos, uma caneca de cerveja não podia estar deslocada em um dia como esse.

Conhecia bem o dono de hospedaria.

Harry Gladdish se criou com ele em Belgrave, era filho do ajudante do chefe dos cavaleiros, e seu pai, o Duque, considerou-o um bom acompanhante para ele, era tão inferior de classe social que não poderia ter discussão entre eles a respeito de quem estava no comando.

Melhor um cavaleiro que um plebeu da cidade, acostumava dizer seu pai, e normalmente dizia isto diante de sua mãe, que era filha de um plebeu da cidade.

Mas eles sim discutiam a respeito de quem estava no comando, e com bastante frequência. Em consequência, fizeram-se amigos íntimos. Passados uns anos, cada um tomou um caminho diferente. Seu pai, o Duque, permitiu que Harry compartilhasse suas classes com ele em Belgrave, mas não esteve disposto a patrocinar mais educação. Assim, ele foi a Eton, logo a Cambridge e depois participou da brilhante vida social de Londres e seus excessos.

Harry continuou em Lincolnshire e finalmente assumiu a direção da estalagem que seu pai comprara quando chegou uma herança inesperada para sua esposa. E embora depois de adultos tivessem talvez mais consciência de sua diferença de classe que quando eram meninos, a descontraída amizade de sua infância tinha demonstrado ser extraordinariamente duradoura.

— Harry — disse, sentando em um tamborete junto ao balcão.

— Excelência — respondeu, com esse sorriso maroto que esboçava quando o chamava por seu título honorífico.

Thomas o olhou carrancudo um instante por seu atrevimento, mas em seguida quase riu. Se soubesse...

— Bonito olho esse — comentou Harry — Sempre gostei de púrpura real.

Ocorreram umas dez réplicas diferentes para Thomas, mas no final faltou energia para ter o trabalho de dizer alguma.

— Uma caneca? — perguntou Harry.

— Da melhor que tenha.

O homem serviu a cerveja e pôs a jarra no balcão.

— Está horroroso — disse sem rodeios, movendo a cabeça.

— Poderia estar pior.

— Sua avó?

Harry conhecia bem a velha viúva.

— Entre outras coisas — disse evasivo.

— Sua noiva?

Thomas pestanejou. Não tinha pensado muito em Amélia nessa tarde, o que era incrível se tomasse em conta que estivera a ponto de dar uma queda em um prado só fazia seis horas.

— Tem uma — disse Harry, e levantou a mão para indicar sua estatura — Mais ou menos desta altura.

Era mais alta, pensou Thomas, distraído.

— Loira — continuou o dono de hospedaria — não muito peituda, mas...

— Basta — gritou Thomas.

Harry sorriu de orelha a orelha.

— É sua noiva, então.

O Duque bebeu um gole de cerveja e decidiu deixar acreditar que seu olho arroxeadado tinha a ver com sua noiva.

— É complicado — disse ao fim.

Imediatamente Harry se apoiou no balcão, assentindo compassivo.

Realmente tinha nascido para esse trabalho.

— Sempre é — disse.

Como Harry se casou aos dezenove anos com sua garota e já tinha seis pirralhos correndo pela pequena casa que tinha atrás da estalagem, Thomas não achava muito qualificado para dar sua opinião em assuntos do coração.

— Outro dia esteve aqui um jovem... — disse o dono de hospedaria começando uma história.

Claro, sem dúvida ouvia todo tipo de tragédias e histórias tristes ocorridas de Lincolnshire a York e de volta.

Thomas continuou bebendo sua cerveja enquanto Harry tagarelava sobre nada em particular. Na realidade, não o escutava, mas quando estava nos últimos goles ocorreu que nunca em sua vida tinha agradecido mais um bate papo inócuo.

E então Audley entrou.

Thomas olhou sua jarra, pensando se deveria pedir outra. Beber em menos de um minuto pareceu uma idéia bastante atraente.

— Boa tarde, Senhor — saudou Harry — Como está sua cabeça?

Thomas levantou a vista.

Harry o conhecia?

— Muito melhor — respondeu Audley.

— Dei meu remédio matutino — explicou Harry a Thomas, voltou para olhar para Audley — Sempre vai bem. Pergunte ao Duque.

— O Duque necessita com frequência de remédio para os excessos? — perguntou Audley amavelmente.

Thomas o olhou carrancudo.

Harry não respondeu, vira o olhar que se cruzou entre eles.

— Vocês se conhecem? — perguntou.

— Mais ou menos — disse Thomas.

— Mais para menos — acrescentou Audley.

Harry e o Duque cruzaram seus olhares durante apenas um segundo, mas passaram cem

perguntas entre eles, junto com uma confiança incrivelmente consoladora. Se precisasse, podia contar com Harry.

— Temos que ir — disse Thomas, jogando para trás o tamborete e se levantando.

Depois virou para Harry e fez um gesto de despedida.

— Vão juntos? — perguntou o dono de hospedaria, surpreso.

— É um velho amigo — respondeu Thomas, e a voz saiu muito parecida com um grunhido.

Harry não perguntou de onde se conheciam, sempre sabia que pergunta não devia fazer.

— Não me disse que conhecia o Duque — disse a Audley.

Este encolheu os ombros.

— Você não me perguntou isso.

Harry esteve um momento em silêncio, ao que parece pensando, e então voltou a olhar Thomas e disse: — Boa viagem, amigo.

O Duque tocou a têmpora em um gesto de despedida e se dirigiu a porta, é claro que seu primo o seguiria.

— É amigo do dono de hospedaria — comentou Audley quando já tinham saído.

Thomas virou para olhá-lo com um largo sorriso, falso.

— Sou um homem amistoso.

Depois disso, não disseram nada mais até que estavam a uns poucos minutos de Belgrave. Então Audley disse: — Vamos precisar de uma história.

Thomas o olhou, interrogativamente.

— Suponho que não deseja que saibam que sou seu primo, o filho do irmão mais velho de seu pai, para ser exato, até que o tenha verificado.

— Certo.

A voz saiu abrupta, mas isso deveu principalmente que o irritou que isso não tivesse ocorrido a ele antes. O olhar que Audley dirigiu o chateou imensamente, começou com um breve sorriso, que em seguida passou a um sorriso satisfeito.

— Então, vamos ser velhos amigos?

— Da universidade?

— Mmm, não. Boxe?

— Não.

— Esgrima?

O Duque era todo um professor.

— Sou passável — disse encolhendo de ombros.

— Então essa é nossa história. Aprendemos praticando juntos. Anos atrás.

Thomas manteve o olhar à frente. Belgrave já estava mais perto.

— Já me dirá se deseja praticar — disse.

— Tem equipamento?

— Tudo o que poderia necessitar.

Audley olhou para o Castelo, que já se via imenso, como um ogro de pedra, tampando os últimos raios do sol poente.

— E tudo o que alguém não necessita também, imagino — disse.

Thomas não fez nenhum comentário. Quando chegaram ao Castelo simplesmente apeou e entregou as rédeas ao laçao que estava esperando. Entrou imediatamente, impaciente por ter o homem as suas costas. E não era que desejasse dar as costas para ele, mas que desejava esquecê-lo. Só podia pensar em como agradável era sua vida doze horas atrás. Não, melhor oito horas, que era o tempo que fazia que tinha desfrutado daquele agradável momento que passou com Amélia. Sim, essa era a separação ótima entre sua vida anterior e a nova. Depois de Amélia, antes de Audley.

Perfeito.

Por mais amplo que fosse o alcance dos poderes ducais, não estava entre eles o de fazer retroceder o tempo, assim, decidindo não ser diferente do homem sofisticado e totalmente independente que fora sempre, deu ao mordomo as ordens pertinentes, para que atendessem ao Senhor Audley e depois entrou no salão, onde estavam esperando sua avó e Grace.

— Wyndham — disse a anciã, energicamente.

Ele assentiu.

— Ordenei que levassem as coisas do Senhor Audley ao quarto de seda azul.

— Excelente escolha. Mas tenho que recordar que não o chame Senhor Audley em minha presença. Não conheço esses Audley e não me interessa conhecê-los.

— Não acredito que interesse conhecer a você, tampouco — disse seu recém-descoberto neto, que tinha entrado na sala com passos rápidos e silenciosos.

Thomas olhou sua avó. Ela se limitou a arquear uma sobrancelha, para deixar clara sua própria magnificência.

— Mary Audley é irmã de minha falecida mãe — declarou o homem — Ela e seu marido, William Audley, tomaram conta de mim quando nasci. Criaram-me como um filho e, a meu pedido, deram-me seu sobrenome. Não desejo renunciar a ele.

Thomas gostou disso, não pode evitar.

Então Audley se voltou para Grace e fez uma reverência.

— Pode me chamar Senhor Audley se o desejar, Senhorita Eversleigh.

Ela se inclinou em uma ridícula reverência. E então olhou para o Duque. Para que? Para pedir permissão?

— Minha avó não pode despedi-la por chamá-lo por seu sobrenome legal — disse impaciente. Bom Deus, isso já estava ficando tedioso — E se a despedir, eu a retirarei com um bom legado e enviarei minha avó para alguma propriedade muito longínqua.

— Isso é tentador — murmurou Audley — Aonde pode enviá-la que seja bastante longe?

Thomas quase sorriu. Por mais irritante que fosse, esse homem tinha um senso de humor que gostava.

— Estou pensando em aumentar nossas propriedades — respondeu — As Hébridas Exteriores estão preciosas nesta época do ano.

— É desprezível — sibilou sua avó.

— Por que continuo tendo-a aqui? — perguntou Thomas, pensando em voz alta.

E, como o dia fora condenadamente longo e tinha desvanecido todo o consolo que produziu a cerveja, foi até um armário e se serviu uma taça. Então interveio Grace, como estava acostumada a fazer quando pensava que devia defender a viúva.

— É sua avó — disse.

— Ah, sim, o sangue — suspirou Thomas, começava a se sentir com suficiente coragem, e nem sequer estava um pouco bêbado — Me disseram que é mais espesso que a água. Uma lástima. — Olhou para Audley — Logo compreenderá isso.

Este simplesmente encolheu os ombros. Ou talvez não, como imaginou. Precisava sair dali, afastar-se dessas três pessoas, estar longe de tudo o que tivesse que ver com Wyndham, Cavendish, Belgrave ou qualquer dos outros títulos honoríficos que seguiam seu sobrenome. Virou para sua avó e olhou fixamente.

— E agora terminou meu trabalho aqui. Devolvi o filho pródigo ao seu amoroso seio, e tudo está bem no mundo. Não em *meu* mundo, mas sim no mundo de alguém, não tenho dúvida.

— Não no meu — disse Audley, e esboçou um sorriso indolente, despreocupado — Se por acaso interessa.

Thomas simplesmente o olhou.

— Não me interessa.

Audley sorriu para Grace, um sorriso insosso, e, bendita seja, parecia disposta a se interpor entre eles comessem outra briga. Inclinando a cabeça para ela, em uma espécie de irônico brinde, bebeu a taça de licor de um só gole, escandalosamente grande.

— Vou sair.

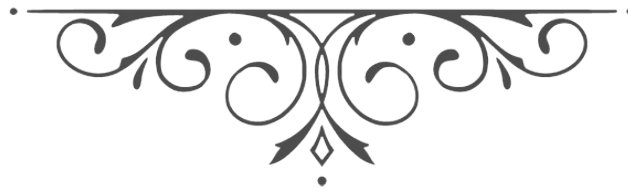
— Para onde? — perguntou a viúva.

Thomas se deteve na porta.

— Ainda não decidi.

E, na realidade, não importava. Qualquer lugar seria bom do que estar ali.

CAPÍTULO 8



— Não é Wyndham que está aí?

Amélia entrecerrou os olhos, fez viseira com a mão, serviço fabuloso fez esta manhã e olhou para o outro lado da rua.

— Parece que é ele sim.

Milly, sua irmã mais nova, que a acompanhava nessa saída para Stamford, apoiou-se nela para ver melhor.

— Eu acredito que é Wyndham. Mamãe não ficará contente?

Amélia olhou para a loja por cima do ombro, nervosa. Sua mãe, que estava no interior, não tinha feito outra coisa que dar bicadas como um pássaro carpinteiro toda a manhã. Bicada aqui, bicada ali, Amélia faz isto, Amélia não faça isso. Ponha gorro, que aparecerão sardas, não se sente tão desajeitada, que o Duque jamais vai decidir casar com você.

Bicada, bicada, bicada, bicada.

Nunca tinha conseguido ver a relação entre sua postura na intimidade da sala de café da manhã de sua casa, e a incapacidade de seu noivo para fixar data para o casamento. Mas, claro, tampouco conseguia entender nunca, como podia sua mãe saber qual de suas cinco filhas tinha roubado um pedaço de massapão, ou deixado os cães entrarem por um descuido, ou fez um mau gesto, isso foi culpa dela derrubado o urinol, em cima da bata favorita de sua mãe.

Voltou-se para o outro lado da rua e focou a vista no homem que Milly assinalava.

Não podia ser Wyndham. Certo que se parecia muitíssimo com seu noivo, mas estava... Como dizê-lo?

Um pouco prejudicado.

Embora essa era uma forma muito amável de dizê-lo.

— Está bêbado? — perguntou Milly.

— Não é Wyndham — disse, com firmeza, porque o Duque nunca cambaleava assim.

— Eu acredito que é sim.

— Não, não é ele — respondeu Amélia, embora não estava muito certa.

Milly esteve calada uns cinco segundos.

— Deveríamos dizer a mamãe — no fim disse.

— Não devemos dizer a mamãe — sibilou Amélia, virando bruscamente para olhá-la.

— Ai! Amy, está me machucando!

Amélia afrouxou a pressão em seu braço.

— Me escute. Não dirá nenhuma palavra a mamãe. Nenhuma única palavra. Entendeu?

Milly arregalou os olhos, redondos como pratos.

— Então acredita que é Wyndham.

Amélia engoliu em seco, sem saber o que fazer.

Sim parecia ser o Duque, e se fosse, ela tinha o dever de ajudá-lo. Ou escondê-lo. Tinha a impressão de que ele preferiria esse último.

— Amélia? — sussurrou Milly.

Ela não prestou atenção. Tinha que pensar.

— O que vai fazer?

— Se cale — disse em um enérgico sussurro.

Não tinha muito tempo para pensar o que devia fazer. Sua mãe sairia da loja de roupas a qualquer momento.

Bom Deus, não queria nem imaginar a cena.

Justo então o homem virou e a olhou. Pestanejou várias vezes, como se quisesse localizá-la em sua memória. Cambaleou, endireitou-se, voltou a cambalear e finalmente apoiou as costas na parede de pedra, bocejando e esfregando um olho com o dorso da mão.

— Milly — disse Amélia então, sem deixar de olhar para Wyndham, porque sem dúvida era ele, até que de repente desviou o olhar para o rosto de sua irmã — Sabe mentir?

Os olhos de sua irmã faiscaram.

— Com todo atrevimento.

— Diga a mamãe que me encontrei com Grace Eversleigh.

— A amiga de Elizabeth?

— É amiga minha também.

— Bom, é mais amiga de Elizabeth...

— Não importa de quem é mais amiga — gritou Amélia — diga que me encontrei com Grace e que me convidou a ir com ela a Belgrave.

Milly pestanejou várias vezes, como um modo, pareceu Amélia, e depois disse: — A esta hora da manhã?

— Milly!

— Só tento que a história seja acreditável.

— Bem, sim. A esta hora da manhã — Era algo cedo para uma visita, mas não via maneira de salvar esse problema — Não terá que explicar nada. Mamãe simplesmente vai cacarejar, talvez diga que está curioso, e isso será tudo.

— E vai me deixar sozinha aqui na rua?

— Não acontecerá nada a você.

— Sei que não me acontecerá nada, mas mamãe não vai gostar.

Maldita seja, chateava a ela quando Milly tinha razão.

Tinham saído para comprar um doce e tinham que voltar juntas. Sua irmã tinha dezessete anos e era muito capaz de passar diante de três lojas sozinha, mas sua mãe sempre dizia que as damas decorosas não vão nunca sós a nenhuma parte.

A Lady Crowland não pareceu engraçado que o perguntasse se a nenhuma parte incluía o banheiro. Ao que parece as damas decorosas não dizem *banheiro* tampouco.

Olhou para a loja. O sol caía sobre o vidro da vitrine e o brilho impedia de ver o interior.

— Eu acredito que segue em volta as compras — disse Milly — Disse que pensava provar três vestidos.

Mas como, quase certo, significava que provaria oito, de todos os modos, não podiam contar com que fosse assim.

Amélia pensou rápido e disse:

— Diga que Grace tinha que partir imediatamente e que por isso não tive tempo para entrar e informá-la da mudança de planos. Diga que Grace não tinha outra opção. A viúva precisava dela.

— A viúva — repetiu Milly, assentindo.

Todos conheciam a anciã.

— Mamãe não se importará — assegurou Amélia — ficará encantada. Vive tentando me enviar a Belgrave. Agora vá — Deu-lhe um suave empurrão, pensou melhor e agarrou o braço, retendo-a — Não se vá ainda.

Milly a olhou com visível irritação.

— Me dê um momento para levar o Duque até um lugar que esteja fora da vista.

— Para você ficar fora da vista — disse Milly com todo atrevimento.

Amélia reprimiu o desejo de dar uma boa sacudida, só a olhou séria.

— É capaz de me ajudar?

Milly pareceu ofendida pela pergunta.

— É claro.

Amélia fez um breve gesto de assentimento.

— Maravilha! Obrigada. — Deu um passo e acrescentou — Não olhe.

— Bem, isso é pedir muito.

Amélia decidiu não insistir. Se ela estivesse no lugar de sua irmã, olharia e sem desviar a vista.

— Muito bem. Simplesmente não diga nenhuma só palavra.

— Nem sequer a Elizabeth?

— A ninguém.

Milly assentiu.

Amélia sabia que podia confiar-se nela. Talvez Elizabeth não soubesse manter a boca fechada, mas Milly com uma boa motivação era uma tumba.

E como ela era a única que sabia como foi que toda uma coleção de charutos importados de Lorde Crowland ficaram empapados ao derrubar um bule... Sua mãe detestava os charutos e,

portanto declarou que não interessava encontrar a culpado.

Bem, basta dizer que Milly tinha muita motivação para manter a boca fechada.

Depois de um último olhar a sua irmã atravessou a rua com toda pressa, cuidando de saltar os atoleiros que se formaram com a chuva dessa noite. Chegou até Wyndham, ainda com uma certa esperança de que não fosse ele, e inclinando a cabeça, para medir, disse: — Eh, Excelência.

Ele levantou a cabeça. Pestanejou. Inclinou a cabeça e então fez um mau gesto, como se não devesse ter feito esse movimento.

— Minha esposa — disse.

E quase a arrojou de costas com seu fôlego.

Amélia se recuperou em seguida, agarrou o braço e o segurou firme.

— O que faz aqui? — perguntou em um sussurro.

Olhou para todos os lados, angustiada, não havia muita gente na rua, mas podia passar qualquer conhecido por ali.

— E, santo céu, o que aconteceu ao seu olho?

Tinha um arroxeadado surpreendente sob o olho, que se estendia da ponte do nariz até a têmpora. Nunca vira algo assim, era muito pior que o que formou em Elizabeth quando, sem querer, ela a golpeou com um taco de beisebol de críquete.

Ele tocou a pele arroxeadada, encolheu os ombros e apertou o nariz, ao que parece pensando na pergunta. Depois voltou a olhá-la e inclinou a cabeça.

— É minha esposa, não é verdade?

— Ainda não — disse ela.

Ele a olhou com uma intensidade e concentração estranhas.

— Acredito que ainda sim é.

— Wyndham — disse ela, com o fim de mudar de assunto.

— Thomas — corrigiu ele.

Ela quase riu. Assim que esse era o momento em que dava permissão para chamá-lo por seu nome de batismo?

— Thomas — repetiu, mais que nada para que não a interrompesse — O que faz aqui? — Ao não obter resposta, acrescentou — Assim?

Ele a olhou sem compreender.

— Está bêbado — disse ela em um enérgico sussurro.

— Não — disse ele, pensando — Ontem à noite estava bêbado. Agora estou indisposto.

— Por quê?

— Preciso de um motivo?

— Pois...

— Tenho um motivo, claro. Não gostaria de dizer isso, mas tenho um motivo.

— Tem que ir para casa.

— Casa — repetiu ele. Inclinou a cabeça, com uma expressão muito filosófica — Bem, essa sim que é uma palavra interessante.

Enquanto ele dizia essas tolices ela olhou em volta de um e outro lado procurando algo, o que fosse que indicasse como tinha chegado até aí o Duque essa noite.

— Excelência...

— Thomas — corrigiu ele, curvando os lábios em um sorriso algo ondulante.

Ela levantou uma mão com os dedos abertos, mais para dominar sua irritação que para arreganhá-lo.

— Como chegou aqui? — perguntou, pronunciando muito lentamente — Onde está sua carruagem?

Ele pensou.

— Neste momento não sei.

— Bom Deus — resmungou ela.

— É? Deus é bom? De verdade?

Um gemido escapou dela.

— Está bêbado.

Ele a olhou, olhou e continuou olhando, e justo quando ela abriu a boca para dizer que precisavam encontrar imediatamente sua carruagem, disse: — Pode ser que esteja um pouco bêbado — clareou garganta — Ainda.

— Wyndham — disse ela, em seu tom mais severo — Suponho que...

— Thomas.

— Thomas — repetiu ela, entre dentes — Imagino que recorda como chegou aqui.

Uma vez mais ele ficou calado como um imbecil. Finalmente disse: — A cavalo.

Fabuloso. Justo o que necessitavam.

— Dirigindo uma carruagem! — acrescentou alegremente, e celebrou sua ocorrência rindo.

Ela o olhou incrédula. Quem era esse homem?

— Onde está a carruagem? — perguntou, entre dentes.

— Ah, por ali — disse ele fazendo um vago gesto para trás com o braço.

Ela virou a cabeça para olhar. *Por ali* parecia ser uma rua lateral qualquer. Ou poderia ser a primeira. Ou, dado seu estado, poderia ter se referido a todo Lincolnshire, até Wash e o mar do Norte.

— Poderia ser mais exato? — perguntou, já decidida a intimidá-lo, e logo acrescentou pronunciando muito bem e lento — Pode me levar até sua carruagem?

Ele se inclinou para ela, com aspecto muito alegre.

— Poderia.

— Me levará.

— Fala como minha avó.

Agarrou o queixo, obrigando-o a deixar quieto o rosto, até que estavam olhando-se nos olhos.

— Não volte a dizer isso nunca mais.

— Eu gosto de mandona.

Soltou o queixo como se queimasse.

— Uma lástima — disse ele, passando mão pelo lugar do queixo onde ela o havia tocado. Separou-se da parede de pedra, cambaleou somente um segundo e conseguiu não cair — Vamos?

Ela assentiu, com a intenção de segui-lo, até que ele se virou a olhá-la, e sorrindo fracamente disse: — Devo pensar que não quer agarrar meu braço?

— Vamos, pelo amor de Deus — resmungou ela.

Passou o braço pelo dele e juntos caminharam até a esquina da rua principal e tomaram o beco lateral. Ele a guiava quanto a direção, mas ela o sustentava para que não perdesse o equilíbrio, assim o avanço era lento. Mais de uma vez ele tropeçou e esteve a ponto de cair, e ela observou que tinha o cuidado de vigiar onde punha os pés e de quando em quando se detinha para não tropeçar nos paralelepípedos. Finalmente, depois de atravessar duas ruas e virar por outra esquina, chegaram a uma praça de tamanho médio, em que se via poucas pessoas.

— Acredito que foi aqui — disse ele, erguendo o pescoço.

— Ali — disse ela, apontando de uma maneira muito imprópria de uma dama — Nessa esquina. Esse é o seu?

Ele olhou com os olhos entrecerrados.

— Sim.

Ela fez uma longa inspiração, para se fortalecer, e o levou pelo lugar até a carruagem que esperava. Aproximou a boca de seu ouvido.

— Acredita que pode agir como se não estivesse bêbado?

Sorriu com uma expressão de bastante superioridade para ser um homem que necessitava ajuda para manter-se erguido.

— Jack Cocheiro! — gritou com voz enérgica e autoritária.

Amélia se impressionou ao seu pesar.

— Jack? — comentou — Não são todos John Cocheiro?

— A todos os meus cocheiros os rebatizei Jack — disse ele, algo displicente — E estava pensando em fazer o mesmo com as faxineiras.

Ela reprimiu o impulso de tocar sua testa para ver se tinha febre.

O cocheiro, que estivera cochilando na boléia, avivou-se e desceu de um salto.

— Para Belgrave — disse Thomas solenemente, erguendo o braço e oferecendo a mão Amélia para ajudá-la a subir a carruagem.

Não parecia ter bebido três garrafas de genebra, isso era certo, mas mesmo assim ela não estava nada segura de se desejava se deixar ajudar por ele.

— Não há outra maneira, Amélia — disse ele, com voz quente e um sorriso algo maroto.

Nesse momento ele quase parecia ser ele mesmo, sempre no comando, sempre dominando a

conversa.

Pôs a mão na dele e pareceu sentir ou sentiu...?

Um suave aperto na mão. Muito suave, nada sedutor, nada escandaloso. Mas sentiu tremendamente íntimo, que falava de lembranças compartilhadas e encontros futuros.

E isso foi tudo. Só isso. Já estava instalada no assento e ele sentado ao seu lado, escancarado como o cavalheiro algo ébrio que era. Olhou de propósito o assento em frente. Podiam estar comprometidos, mas ele não devia sentar ao seu lado, estando sozinhos em uma carruagem fechada.

— Não me peça que viaje olhando para trás — disse ele, negando com a cabeça — Não poderia, depois de...

— Não diga mais nada — disse ela, sentando-se no assento em frente.

— Não tinha por que mudar de assento — disse ele com uma expressão nada típica dele, quase parecida com a de um cachorrinho ferido, embora com um toque de picardia.

— Só foi para me proteger.

Olhou-o desconfiada. Vira essa palidez. Sua irmã mais nova tinha um estômago muito sensível. A palidez de Thomas era muito parecida com a de Lydia justo antes de arrojá-las tripas.

— Quanto bebeu?

Ele encolheu os ombros, sem dúvida tinha decidido que não tinha sentido continuar adulando-a.

— Nem de perto tanto como merecia.

— Isto é algo que faz... Com frequência? — perguntou com muita cautela.

Ele não respondeu imediatamente. Passado um momento disse: — Não.

Ela assentiu.

— Isso é o que me parecia.

— Circunstâncias excepcionais — disse ele, fechando os olhos — Históricas.

Ela o observou uns quantos segundos, permitindo o luxo de examinar seu rosto sem se preocupar o que pensaria ele.

Estava cansado, esgotado. Na realidade, havia algo mais. Parecia... Arrasado.

— Não estou dormindo — disse ele, embora sem abrir os olhos.

— Isso é elogiável.

— Sempre é assim sarcástica?

Ela não respondeu imediatamente. Passado um momento disse, — Sim.

Ele abriu um olho.

— Sim?

— Não.

— Mas às vezes?

Ela não pode deixar de sorrir.

— Às vezes. Algo mais que às vezes quando estou com minhas irmãs.

Ele fechou o olho.

— Estupendo. Não suporto uma mulher sem senso de humor.

Ela pensou um momento, tentando entender por que esse comentário não ficou bem. Finalmente perguntou.

— Acredita que o sarcasmo e o humor são intercambiáveis?

Ele não respondeu, por isso ela lamentou ter feito a pergunta. Deveria saber que não devia expor uma questão complicada a um homem bêbado. Virou para olhar pelo vidro. Já tinham saído de Stamford e foram para o norte pela estrada de Lincoln. Ocorreu que esse tinha que ser o caminho aonde ia Grace com a viúva naquela noite em que os bandoleiros as assaltaram. Mas teria que ser mais longe da cidade, se ela fosse assaltar uma carruagem, escolheria um lugar mais afastado. Além disso, pensou, erguendo o pescoço para ver melhor pela janela, não se via nenhum lugar para se esconder. Um bandoleiro não precisa de um lugar para se esconder e esperar?

— Não.

Levou um susto e o olhou horrorizada. Estivera pensando em voz alta?

— Não acho intercambiáveis o humor e o sarcasmo — disse ele, sem abrir os olhos.

Interessante.

— Só agora responde minha pergunta?

Ele encolheu levemente os ombros.

— Tive que pensar.

— Ah — disse ela e voltou a atenção para a janela, preparando-se para voltar para seus sonhos acordada.

— Era uma pergunta complicada — continuou ele.

Ela voltou a olhá-lo. Tinha os olhos abertos e concentrados nela. Parecia estar um pouco mais lúcido que uns minutos antes, isto não dava o ar de um catedrático de Oxford, mas sim parecia capaz de levar uma conversa bem simples.

— Na realidade, depende do tema do sarcasmo — disse ele — e do tom.

— É claro — respondeu ela, embora não estava segura se ele já tinha a cabeça limpa.

— Muitos de meus conhecidos dizem um sarcasmo com a intenção de insultar — continuou ele — assim não, não o acho intercambiável com o humor.

Estava olhando para ela com uma espécie de interrogação nos olhos, e ela compreendeu que pedia sua opinião sobre o assunto. E isso era assombroso. Alguma vez pediu sua opinião sobre algo? O que fosse?

— Estou de acordo — disse.

Ele sorriu, muito levemente, como se sorrir com mais vigor fosse revolver o estômago.

— Isso me pareceu — Guardou silêncio um segundo — Obrigado, por certo.

Ela quase se envergonhou do agrado que essas palavras produziram.

— De nada.

Ele continuou sorrindo, embora o sorriso se tornou algo irônico.

— Fazia tempo que ninguém me salvava.

— Imagino que fazia tempo que não necessitava que o salvassem.

Apoiou-se no respaldo, sentindo-se estranhamente contente. Acreditou quando ele disse que não tinha o costume de beber em excesso, e isso a alegrava. Tinha pouca experiência com bêbados, mas o que vira, normalmente em bailes, quando seus pais permitiam ficar até mais tarde que o habitual, não tinha gostado.

De todos os modos não podia não se alegrar de tê-lo visto assim. Ele sempre estava no comando, sempre absolutamente sereno e seguro de si mesmo, e isto não se devia só a que era o Duque de Wyndham, que seguia em fila a só um punhado de homens da Grã-Bretanha. Era simplesmente porque ele era assim, essa era sua maneira de ser, autoritário, de fria inteligência.

Situava-se no fundo do salão ou sala, contemplando à multidão, e as pessoas desejavam que estivesse no comando, desejavam que ele tomasse suas decisões, que ele lhes dissesse o que deviam fazer.

John Donne o expressou mal. Alguns homens *são* ilhas, totalmente autosuficientes. O Duque de Wyndham o era desde que ela tinha memória.

Só que agora, só desta vez, tinha necessitado dela.

Dela.

Era emocionante, fascinante.

E a melhor parte de tudo era que ele nem sequer se deu conta. Não teve que pedir ajuda. Ela o viu necessitado, julgou a situação e agiu.

Ela tomou a decisão, ela esteve no comando.

E gostou. Disse que gostava de mulher mandona. Quase dava desejo de abraçá-la.

— Por que sorri? — perguntou ele — Parece que está muito contente.

— Não entenderia — disse ela, sem um indício de amargura, porque o autodomínio dele, não causava aborrecimento nem rancor, só o invejava por isso.

— É injusta — disse ele, como uma amável acusação.

— Disse como um elogio — respondeu ela, consciente de que ele não entenderia isso tampouco.

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Então terei que acreditar nisso.

— Ah, eu nunca minto quando faço um elogio. Não os faço à toa. Acredito que têm que significar algo, não acha?

— Mesmo que a pessoa receptora não entenda seu significado?

Ela sorriu.

— Inclusive nesse caso.

Ele também sorriu um sorriso algo irônico, que só levantou um dos cantos da boca, mas transbordava de humor, e continha talvez um pouco de afeto, e, pela primeira vez em sua vida, passou pela cabeça de Amélia Willoughby a idéia de que o casamento com o Duque de Wyndham poderia ser algo mais que um dever, algo mais que uma simples questão de obrigação.

Poderia resultar ser algo, na realidade, muito agradável e prazeroso.

CAPÍTULO 9



Talvez fosse conveniente que ainda tivesse bastante álcool nas veias quando Amélia o encontrou, refletia Thomas, porque não estava em condições para se sentir humilhado. E nesse momento, quando os únicos efeitos que ficavam do excesso de bebida dessa noite eram uma dor na têmpora esquerda e uma vibração na direita, tinha que reconhecer que ela o viu em seu pior estado e não ficou gritando. Na realidade, parecia muito satisfeita por estar na carruagem com ele.

Tal pensamento o teria feito sorrir se nesse mesmo instante um repentino salto da carruagem ao passar por um buraco, não tivesse feito chocar o cérebro com o crânio, se isto era possível. Não era um estudioso de anatomia, mas essa possibilidade era mais provável que o que sentiu, que uma bigorna entrara voando pela janela e se enterrou na têmpora esquerda.

Quanto a têmpora direita começou a doer de modo similar, só podia supor que era por solidariedade. Emitindo um gemido nada atraente, apertou com força a ponta do nariz, como se a dor que isso produzia fosse eliminar as outras.

Amélia não disse nada, e nem sequer fez cara de que acreditasse que devia dizer algo, o que reforçou sua crença de que era uma mulher excelente. Estava sentada ali, com uma expressão extraordinária serena no rosto, levando em conta que ele devia ter uma aparência de morto, a ponto de lançar substâncias nocivas em cima dela.

Para não dizer nada de seu olho. Essa noite se via bastante horroroso, não imaginava de que cor se tornou durante a noite. Fazendo uma inspiração profunda, abriu os olhos e a olhou por cima da mão, com a que seguia tentando inutilmente fazer seu efeito mágico apertando a ponta do nariz.

— A cabeça? — perguntou ela amável.

Estivera esperando que ele dissesse algo, compreendeu ele.

— Dói muitíssimo.

— Há alguma coisa que poderia tomar para aliviar a dor? Láudano talvez?

— Bom Deus, não — Quase desmaiou só de pensar — Me deixaria totalmente inconsciente.

— Chá? Café?

— Não, o que preciso é...

Uma mistura Gladdish.

Como não tinha ocorrido isso antes?

O nome era ridículo, mas como só a necessitava depois de se comportar de maneira ridícula, era apropriado.

Harry Gladdish a aperfeiçoara durante o verão quando os dois tinham dezoito anos.

Seu pai tinha decidido passar a temporada em Londres, deixando-o em Belgrave, onde podia fazer o que desse vontade.

Ele e Harry se debandaram. Não fizeram nada depravado, embora nesse tempo eles imaginavam que eram os piores libertinos do mundo. Depois de ter visto como outros jovens decidiam destruir-se em Londres, contemplava esse verão com certa diversão. Comparados com esses jovens, ele e Harry eram cordeirinhos inocentes. De todos os modos, tinham bebido em excesso e com muita frequência, e a mistura Gladdish, bebido pela manhã com o nariz apertado e um estremecimento, salvou-os mais de uma vez. Ou, pelo menos, restabelecia a eles a capacidade para caminhar bastante direitos para voltar para suas camas, onde podiam dormir até curar o resto do mal estar.

Olhou Amélia.

— Dispõe de meia hora extra?

Ela abriu os braços fazendo um gesto de arrastar.

— Ao que parece, disponho do dia todo.

Isso o sobressaltou um pouco.

— Ah, sim — clareou a garganta, tentando ao mesmo tempo manter a cabeça quieta — lamento isso. Espero que não se tenha visto obrigada a abandonar planos importantes.

— Somente a chapeleira e o sapateiro — disse ela. Simulou estar contrariada, mas ao final acrescentou sorrindo — Me parece que este inverno estarei mau provida de chapéus e sapatos.

Ele levantou um dedo.

— Será um momento.

Inclinando-se para o assento da frente, golpeou duas vezes o painel com o punho. A carruagem se deteve imediatamente. Normalmente teria descido de um salto para dar a mudança de ordem ao cocheiro, mas sem dúvida desta vez podia perdoar que tentasse limitar seus movimentos. A última coisa que os dois desejavam era que ele vomitasse o conteúdo do estômago em uma carruagem fechada.

Quando terminou de dar a ordem e o cocheiro pôs o veículo em marcha, sentou-se e se reacomodou, sentindo-se decididamente mais contente com apenas pensar na mistura que o esperava. Harry se perguntaria por que estivera bebendo e por que tinha bebido em outra parte, mas não perguntaria a ele. Ao menos não nessa manhã.

— Aonde vamos? — perguntou Amélia.

— A Happy Hare.

Desviariam do caminho para Belgrave, mas não muito.

— A estalagem?

— Sim. Lá me curarão.

— Na Happy Hare? — disse ela, duvidosa.

— Acredite em mim.

— Tenho que acreditar em um homem bêbado — disse ela, movendo a cabeça.

Ele a olhou arqueando as sobrancelhas no famoso e régio arco Wyndham.

— Não bebi genebra.

Bom Deus, tinha muita mais classe.

Pareceu que ela poderia sorrir.

— Sinto muito. O que bebeu então?

O Duque estava seguro de que esse não era o tipo de conversa que se deve ter com a própria noiva, mas nada nesse encontro era o tipo de coisas que se deve fazer, ver ou dizer com a noiva.

— Cerveja — disse — Provou alguma vez?

— Claro que não.

— Perdoa-me, sinto tê-la ofendido.

— Não me ofendeu — replicou ela, ofendida — É a simples realidade. Quem me teria servido cerveja?

Tinha razão.

— Muito bem — disse, todo cortes — Mas que fique claro que não bebi genebra.

Ela o fitou serenamente e quase riu. Pareciam um velho casal. Embora, na realidade, ele não tenha tido muitas ocasiões de ver velhos casais, fazendo algo que não fosse insultar seu pai e aceitar o insulto sua mãe, mas Grace contara que os pais de Amélia se gostavam e estavam muito unidos, e, por isso vira Lorde e Lady Crowland, pareciam se dar bastante bem. Ou, pelo menos, nenhum dos dois parecia querer ver o outro morto.

— Seus pais se gostam? — perguntou ele de repente.

Ela pestanejou várias vezes, muito rápido, visivelmente surpresa pela mudança de tema.

— Meus pais?

— Se dão bem?

— Sim, suponho — Enrugou o rosto de uma maneira adorável, pensando — Não fazem muitas coisas juntos, seus interesses não coincidem, mas acredito que têm afeto mútuo. Não pensei muito nisso, para ser franca.

Isso não era o que se diz uma descrição de uma grande paixão, mas, de todos os modos, era uma experiência tão completamente diferente da dele que não pode evitar sentir curiosidade.

Ela deve ter notado o interesse em seu rosto, porque continuou:

— Suponho que se dão bem. Se não, talvez eu tivesse notado, não acredita?

Ele recordou as intermináveis horas que desperdiçava pensando em seus pais. Assentiu. Apesar de toda sua inocência e candura, Amélia era extraordinariamente sagaz.

— Parece que minha mãe o tira um pouco do sério — continuou ela — Bem, mais que um pouco, mas parece que meu pai não se importa. Sabe que só se deve a ela que considera seu dever ocupar-se de estabelecer todas suas filhas. E esse é o desejo de meu pai também. O que ocorre é que ele não deseja se envolver nos detalhes.

Thomas se surpreendeu assentindo, aprovador. As filhas tinham que dar uma quantidade de trabalho incrível.

— Meu pai a agrada escutando-a durante uns quantos minutos — continuou ela — porque sabe quanto gosta de ter ouvintes, mas com frequência se limita a mover a cabeça e logo parte. Acredito que é mais feliz ao ar livre, vagabundeando com seus cães de caça.

— Cães de caça?

— Tem vinte e cinco.

— Caramba.

Ela fez um mau gesto.

— Vivemos tentando convencê-lo de que isso é excessivo, mas ele insiste em que qualquer homem que tem cinco filhas, merece ter cinco cães por cada uma delas.

Ele tentou apagar a imagem que apareceu em sua mente.

— Me diga, por favor, que seu dote não inclui nenhum deles.

— Deveria verificá-lo — disse ela, com os olhos faiscantes de travessura — Nunca vi o contrato de compromisso.

Sustentou o olhar um bom momento e finalmente disse:

— Isso significa não — Mas ela manteve a expressão impassível tanto tempo, que ele se viu obrigado a acrescentar — Espero.

Ela riu.

— Não suportaria se separar deles. Acredito que seria feliz me vendo partir de casa para que meu marido me mantivesse, mas separar-se de seus cães... Jamais. Seus pais se davam bem?

O ânimo dele escureceu e a dor de cabeça voltou.

— Não.

Olhou seu rosto um momento, e ele não soube se desejava saber o que viu nela, porque sua expressão era quase compassiva ao dizer: — Sinto muito.

— Não sinta — disse ele energicamente — Isso já passou, morreram e agora não há nada a fazer a respeito.

— Mas... — começou a dizer ela com os olhos tristes — Não, nada.

Ele não tinha a intenção de contar nada, jamais falara de seus pais com ninguém, nem sequer com Harry, e este fora testemunha de tudo. Mas Amélia estava ali tão silenciosa, com uma expressão de tanta compreensão em sua face, mesmo que... Bem, não era possível que compreendesse, tendo essa família tão gloriosamente aborrecida e tradicional. Mas havia algo em seus olhos, algo quente e muito doce, e ele teve a impressão de que ela já o conhecia, de que o conhecia sempre e só estava esperando que ele a conhecesse.

— Meu pai odiava a minha mãe — disse as palavras saíram de sua boca antes que desse conta de que as dizia.

Ela aumentou os olhos, mas não disse nada.

— Odiava tudo o que ela representava. Era uma plebéia da cidade, como já sabe.

Ela assentiu. Claro que sabia. Todos sabiam. Ao que parece, ninguém se importava muito, mas todo mundo sabia que a Duquesa mais recente tinha nascido sem ter nem um só parente que tivesse um título. O título... Tinha graça. Seu pai dedicara toda sua vida a render culto diante do altar de sua aristocracia, e agora era possível que nunca tivesse sido verdadeiramente o Duque. Não foi se os pais de Audley tiveram o bom julgamento de se casar.

— Wyndham? — disse ela em voz baixa.

Ele virou a cabeça para ela. Devia ter aprofundado em seus pensamentos.

— Thomas — recordou.

Um suave rubor pelas faces se estendeu a ela. Não de sobressalto, ele compreendeu, mas sim de prazer. Esse pensamento produziu um calor no fundo do ventre e logo chegou mais profundo a um canto do coração que estivera inativo durante anos.

— Thomas — disse ela em voz baixa.

E isso bastou para que ele desejasse dizer mais.

— Casou-se com ela antes de herdar o título — explicou — Pois meu pai era o terceiro filho.

— Um de seus irmãos se afogou, não é verdade?

Ab, sim, o bem amado John, que igual poderia ou não ter engendrado um filho legítimo.

— O segundo, não é verdade? — acrescentou ela.

Ele assentiu, porque não podia fazer outra coisa. Não podia explicar o ocorrido no dia anterior. Bom Deus, menos de vinte e quatro horas atrás havia se sentido feliz beijando-a no prado, pensando que chegara o momento de fazê-la sua Duquesa, e nesse instante nem sequer sabia quem era.

— John — obrigou-se a dizer — Era o favorito de minha avó. O navio em que vinha afundou no mar da Irlanda. E no ano seguinte uma febre levou o velho Duque e seu herdeiro. Morreram na mesma semana, e de repente meu pai herdou o título.

— Deve ter sido uma surpresa.

— Certamente. A ninguém teria ocorrido que seria o Duque. Tinha três opções, o exército, o clero ou se casar com uma herdeira — Escapou uma risada bronca — Imagino que ninguém se surpreendeu de que fizesse a escolha que fez. Quanto a minha mãe, bem, esta é a parte divertida. Sua família se sentiu decepcionada também. Mais que a nossa.

Ela se tornou para trás, e a surpresa coloriu brandamente sua face.

— Mesmo que ao se casar entrava na Casa Wyndham?

— Eram riquíssimos — explicou Thomas — Seu pai possuía fábricas por todo o norte. Ela era sua única filha. Davam por seguro que poderiam comprar um título. Nesse tempo meu pai não tinha nenhum, e eram poucas as esperanças de que herdasse.

— O que ocorreu?

Ele encolheu os ombros.

— Não tenho idéia. Minha mãe era bastante bonita. E era muito rica. Mas não recebeu nenhum pedido de nobres, assim tiveram que se conformar com meu pai.

— Que acreditava que se conformava com ela — disse Amélia.

Thomas assentiu tristemente.

— Caiu-lhe mal do momento em que se casou com ela, mas quando seus dois irmãos mais velhos morreram e se converteu em Duque, odiou-a. E nunca se incomodou em dissimular isso. Nem diante de mim nem diante de ninguém.

— Ela correspondia o sentimento?

— Não sei — respondeu ele, e se deu conta do quanto era estranho que nunca tivesse feito essa pergunta — Nunca fez represálias, se for isso o que está pensando — Viu sua mãe em sua mente, sua face perpetuamente aflita, o constante esgotamento que se via em seus olhos azuis claros — Simplesmente aceitava o ódio. Escutava seus insultos, não dizia nada e se afastava. Não, não — emendou, ao recordar bem — Não era isso o que fazia. Nunca se afastava. Sempre esperava que ele se afastasse primeiro. Nunca teria saído antes dele de uma sala, jamais teria atrevido.

— Que fazia? — perguntou Amélia em voz baixa.

— Gostava do jardim — disse Thomas recordando — E quando estava chovendo, passava muito tempo olhando pela janela. Na realidade, não tinha muitas amigas. Acredito que não...

Esteve a ponto de dizer que não recordava tê-la visto sorrir, mas passou uma lembrança pela cabeça. Ele tinha sete anos, talvez, ou oito. Tinha pego flores e feito um ramo para ela. Seu pai se enfureceu, as flores formavam parte de um jardim muito planejado e não devia cortá-las. Mas sua mãe sorriu, ali diante de seu pai, iluminou a face e sorriu. Curioso que não tivesse pensado nisso durante tantos anos.

— Rara vez sorria — disse — Quase nunca.

Morreu quando ele tinha vinte anos, justo uma semana antes de seu marido. A mesma febre pulmonar os levou. Foi uma maneira terrível e violenta de morrer, seus corpos sacudidos pela tosse, seus olhos frágeis pelo esgotamento e a dor. O médico, que nunca dizia as coisas com delicadeza, explicou que estavam se afogando em seus próprios líquidos. Ele sempre tinha achado amargamente irônico que seus pais, que passaram a vida se evitando, tivessem morrido essencialmente juntos. E seu pai teve uma última coisa para jogar a culpa. Na realidade, suas últimas palavras foram: *Ela fez isto.*

— E a isso se deve que estejamos aqui agora — disse de repente, presenteando-a com um sorriso irônico — Juntos.

— Perdão?

Ele encolheu os ombros, como se nada disso importasse.

— Sua mãe ia se casar com o Charles Cavendish sabia?

Ela assentiu.

— Ele morreu quatro meses antes do casamento — disse ele, em voz baixa e sem emoção, como se estivesse repetindo uma notícia do jornal — Meu pai sempre pensou que sua mãe deveria ter sido sua esposa.

Amélia o olhou surpresa.

— Seu pai amava a minha mãe?

Thomas riu amargamente.

— Meu pai não amava ninguém. Mas a família de sua mãe era tão antiga e nobre como a dele.

— Mais antiga — disse ela, sorrindo — mas não tão nobre.

— Se meu pai tivesse sabido que ia ser o Duque, não teria casado com minha mãe — Olhou-a com uma expressão indecifrável — Teria casado com a sua.

Ela entreabriu os lábios, para dizer algo muito profundo e agudo, por exemplo *Oh*, mas ele continuou: — Em todo caso, por isso se deu tanta pressa em dispor meu compromisso com você.

— Teria sido com Elizabeth — disse ela — só que meu pai desejava que sua filha mais velha se casasse com o filho de seu melhor amigo. Mas ele morreu, assim minha irmã teve que ir a Londres para encontrar marido.

— Meu pai estava resolvido a unir às famílias na geração seguinte — disse ele, e riu, mas em sua risada se detectou uma nota desagradável, de exasperação — Para corrigir o lamentável cruzamento causado pela entrada do sangue plebeu de minha mãe na família.

— Vamos, não seja tolo — disse ela, embora tivesse a impressão de que estava certo.

De todos os modos, sentiu pena pelo menino que foi ele, ao se criar nessa família tão infeliz.

— É verdade — disse ele — Meu pai dizia isso com muita frequência. Eu devia me casar com uma aristocrata e me certificar de que meus filhos fizessem o mesmo. Levaria gerações devolver ao sangue a nobreza que tinha antes — Sorriu, mas com uma expressão absolutamente horrível — A você minha querida, destinaram a ser nossa salvadora com a amadurecida idade de seis meses.

Ela desviou a face para poder assimilar tudo isso. Com razão ele se sentia tão relutante a fixar uma data para o casamento. Como ia querer se casar com ela se seu compromisso era fruto de tanta amargura?

— Não se entristeça tanto — disse ele, e quando ela virou a face para olhá-lo, ergueu a mão e acariciou sua face — Não é culpa sua.

— Não é sua culpa tampouco — disse ela, resistindo o desejo de virar um pouco o rosto para morder a mão.

— Não — murmurou ele — não é.

Então se inclinou para ela e ela não pode evitar o mesmo, e enquanto a carruagem estralava brandamente, roçou os lábios com os seus.

Ela sentiu um formigamento. Suspirou.

E alegremente se teria fundido com ele em outro beijo, mas justo nesse momento a carruagem passou por um buraco e o salto os devolveu bruscamente até o fundo de seus respectivos assentos. Ela emitiu um sopro de frustração. Na próxima vez encontraria a maneira de perder o equilíbrio de tal forma que caísse sentada junto dele. Seria maravilhoso, e mesmo que se encontrasse em uma posição escandalosa não seria de todo culpa dela. Embora, claro, Thomas tivesse um aspecto horroroso. Não estava verde. O pobre estava avermelhado.

— Sente-se mal? — perguntou, deslizando discretamente pelo assento para não permanecer frente a ele.

O Duque disse algo, mas ela deve ter ouvido mal, porque pareceu que dizia: *Necessito uma mistura.*

— Perdão?

— Voltaria a beijar você — disse ele, muito brincalhão, e como se sentisse um pouco de náuseas ao mesmo tempo — mas estou bastante seguro de que você não gostaria.

Enquanto ela tentava formular uma resposta, ele acrescentou:

— O próximo beijo...

A isso seguiu um momento de silêncio e pouco depois um grunhido, ambas as coisas causadas por outro salto da carruagem sobre um buraco. Ele limpou a garganta.

— O próximo beijo você gostará. Isso Amélia, é uma promessa.

Não coube dúvida de que tinha razão, porque só a frase produziu um estremecimento. Rodeando o peito com os braços, olhou pela janela. Tinha notado que a carruagem diminuía a marcha, nesse momento virou para entrar no pequeno pátio diante da estalagem. A Happy Hare datava dos tempos dos Tudor, e sua fachada em branco e negro estava bem mantida e era convidativa, com um vaso de barro com flores em cada janela, de todos os matizes de vermelho e ouro. Do primeiro andar, que sobressaía da planta baixa, pendurava um letreiro retangular no que estava pintado um coelho dentuço, em posição erguida sobre suas patas traseiras, vestido com espartilho e rufos isabelinos.

Amélia achou bastante encantador e ocorreu comentar, mas Thomas já tinha a mão na maçaneta da portinha.

— Não deveria esperar que a carruagem parasse de todo? — perguntou brandamente.

Ele deixou de mover a mão sobre o cabo e não disse nenhuma palavra até que a carruagem se deteve.

— Só demorarei um momento — disse sem olhá-la.

— Acredito que o acompanharei — respondeu ela.

Ele ficou imóvel um momento e logo virou lentamente a cabeça para ela.

— Não preferiria ficar aqui, na comodidade da carruagem?

Se sua intenção foi aplacar sua curiosidade, equivocou-se de método.

— Quero estirar as pernas — disse Amélia, esboçando seu insípido sorriso favorito.

Esse sorriso o usara com ele cem vezes pelo menos, mas não desde que chegaram a se conhecer um pouco melhor, já não estava tão segura que daria resultado.

Ele a olhou um longo momento, visivelmente perplexo por sua serena atitude.

Como um feitiço, pensou ela. Pestanejou um par de vezes, não de modo coquete nem chamativo, e sim simplesmente um par de pestanejos seguidos, como se estivesse esperando pacientemente sua resposta.

— Muito bem — disse ele então.

Ela detectou em sua voz um tom de resignação que nunca tinha ouvido antes. Mas, claro, é que sempre conseguia o que queria. Por que ia se sentir *resignado*?

Ele desceu da carruagem com menos energia do que seu salto habitual e virou para oferecer a mão para ajudá-la a descer. Ela apoiou graciosamente a mão na dele, desceu, e se deteve para alisar a saia e observar a estalagem.

Nunca estivera na Happy Hare. Logicamente tinha passado em frente um monte de vezes, ficava em uma estrada principal e, além de duas temporadas em Londres, passara toda sua vida nesse determinando canto de Lincolnshire. Mas nunca tinha entrado. Era uma estalagem, por isso era principalmente para viajantes de passagem pelo distrito. Além disso, sua mãe jamais teria posto um pé em um estabelecimento como esse. Só havia três pousadas que ela se dignava visitar quando ia a Londres, o que fazia as viagens um pouco limitadas.

— Vem aqui com frequência? — perguntou, agarrando o braço que oferecia.

Ela achava muito surpreende e emocionante, ir agarrada do braço de seu prometido de uma

forma tão amistosa, não porque fosse um requisito que ele se sentia obrigado a cumprir. Era quase como se fossem recém-casados que tinham saído para dar um passeio.

— Considero o dono de hospedaria um amigo — respondeu ele.

Ela virou a cabeça para ele. Até esse dia Thomas fora para ela o Duque, alguém instalado em um alto pedestal, tão alto que dificilmente podia conversar com simples mortais.

— Sim? — disse.

— Tão difícil é imaginar que eu poderia ter um amigo de classe inferior?

— Não, claro que não — respondeu ela, porque não podia dizer a verdade, que sim era difícil imaginá-lo com um amigo de qualquer classe.

E não porque ele tivesse algum defeito, justamente o contrário, era tão esplêndido em todo que uma pessoa não podia imaginar se aproximando e dizer algo amável ou banal. E não era assim como se formavam normalmente as amizades? Em um momento normal, compartilhando um guarda-chuva ou talvez estando em dois assentos contíguos durante uma noite musical ruim? Ela vira como as pessoas o tratavam. Ou o adulavam, pavoneavam-se e pediam favores, ou se mantinham de lado, tão intimidados que não se atrevia a puxar conversa com ele. Nunca tinha ocorrido pensar nisso, mas devia sentir-se muito só.

Entraram na estalagem, e embora ela não tenha virado a cabeça em nenhum momento, moveu os olhos de lá para cá, tentando ver tudo. Não sabia o que sua mãe achava tão repelente, tudo parecia muito respeitável. Além disso, cheirava divinamente, a bolo de carne, a canela e a outra coisa mais que não conseguia identificar, um pouco de sabor forte e doce. Entraram em uma sala que tinha que ser o bar ou a taberna, e imediatamente o dono da hospedaria os saudou, exclamando: — Wyndham! Dois dias seguidos! A que devo sua dourada presença?

— Basta de tolices, Gladdish — resmungou Thomas, levando-a para o bar.

Sentindo-se muito ousada, ela se sentou em um tamborete.

— Esteve bebendo — disse o dono de hospedaria, sorrindo de orelha a orelha — E não aqui comigo. Sinto-me destruído.

— Necessito de uma combinação — disse Thomas.

E isso não tinha mais sentido que mistura, pensou Amélia.

— Necessito de uma apresentação — respondeu o dono da hospedaria.

Amélia sorriu de orelha a orelha. Jamais ouviu ninguém falar com ele dessa maneira. Grace, às vezes, se aproximava. Mas não era igual. Ela jamais seria tão audaz.

— Harry Gladdish — disse Thomas, ao que parece tremendamente irritado por ter que dançar no ritmo da música de outro — permita que apresente a Lady Amélia Willoughby, filha do Conde de Crowland.

— E sua noiva — murmurou o Senhor Gladdish.

— Encantada de conhecê-lo — disse Amélia, estendendo a mão.

Ele a beijou, o que a fez sorrir.

— Estive esperando conhecê-la, Lady Amélia.

Ela estava consciente de que seu rosto se alegrava.

— Sim?

— Desde... Bem, mald... Droga, Wyndham, quanto tempo faz que sabemos que está comprometido?

Thomas cruzou de braços, com expressão de aborrecimento.

— Eu o soube desde que tinha sete anos.

O Senhor Gladdish a olhou com um sorriso travesso.

— Então eu soube desde que tinha sete anos também. Somos da mesma idade, sabe?

— Conhecem-se a muito tempo então? — perguntou Amélia.

— Desde toda a vida — confirmou o Senhor Gladdish.

— Desde que tínhamos três anos — corrigiu Thomas. Esfregou a têmpora — A mistura, por favor.

— Meu pai era ajudante do chefe de cavalaria em Belgrave — explicou o Senhor Gladdish sem fazer o menor caso de Thomas — Ensinou os dois a cavalgar. Eu era melhor.

— Não é verdade.

O Senhor Gladdish se inclinou sobre o bar.

— Em tudo.

— Recorde que está casado — disse Thomas, mordaz.

— Está casado? — disse Amélia — Que maravilhoso. Quando estivermos casados, convidaremos você e sua esposa a Belgrave.

Reteve o fôlego, sentindo-se quase enjoada. Jamais tinha imaginado com tanta certeza sua vida de casada com Thomas, inclusive nesse momento custava a acreditar que tivesse a ousadia de dizer isso.

— Ah, pois, ficaremos encantados — disse o Senhor Gladdish, olhando o Duque de certa maneira.

Amélia pensou que talvez Thomas nunca o tivesse convidado.

— A mistura, Harry — disse Wyndham, quase grunhindo — Imediatamente.

— Está bêbado, sabe não é? — disse para ela o Senhor Gladdish.

— Já não — respondeu ela — Mas estava. Bastante — Virou o rosto para Thomas sorrindo — Seu amigo me cai bem.

— Harry — disse o Duque — se não colocar uma mistura sobre este balcão dentro dos próximos trinta segundos, farei com que arrasem esta estalagem.

— Que abuso de poder — disse o Senhor Gladdish, movendo a cabeça e fazendo a tarefa — Rogo a Deus que você seja uma boa influência para ele, Lady Amélia.

— Farei tudo o que estiver ao meu alcance — disse ela com sua voz mais devota e afetada.

— Bem — disse o Senhor Gladdish, levando uma mão ao coração — Isso é tudo o que pode fazer qualquer um de nós.

— Fala igual ao padre — disse Amélia.

— Sim? Que elogio. Estive cultivando meu tom de padre. Irrita Wyndham, portanto é algo que

devo cuidar.

Thomas esticou o braço por cima do bar e o agarrou pelo pescoço da camisa com uma força extraordinária encontrando-se tão mau.

— Harry...

— Thomas, Thomas, Thomas — disse o Senhor Gladdish.

Amélia quase riu alto ao ver seu noivo repreendido assim por um dono de hospedaria. Era maravilhoso.

— Ninguém gosta de um bêbado mal humorado — continuou o dono de hospedaria, pondo um copo pequeno sobre o balcão — Aqui tem. Pelo bem do resto de nós.

Amélia se inclinou a olhar o conteúdo do copo. Era amarelado, de aspecto viscoso, algo marrom formava uma linha curva e tinha várias bolinhas de cor vermelha.

E cheirava horrível.

— Santo céu — exclamou, olhando para Thomas — Não vai beber isso, não é verdade?

Ele agarrou o copo, o levou aos lábios e o bebeu de um gole.

Amélia se encolheu ao ver.

— Ui — disse sem poder evitar um gemido, revolveu seu estômago apenas olhá-lo.

Thomas estremeceu, e logo esticou e moveu o queixo, como se estivesse preparando para algo muito desagradável. E então soltou o fôlego em um sopro.

Amélia tornou para trás para evitar o cheiro. Esse beijo que tinha prometido... Seria melhor que não o tivesse pensando para esse dia.

— É tão bom como se recorda, não é? — disse o Senhor Gladdish.

Thomas o olhou nos olhos.

— Melhor.

O dono da hospedaria riu, então o Duque riu e Amélia simplesmente os olhou sem entender nada. Não pela primeira vez desejou ter tido irmãos. Teria sido útil para poder entender melhor esses dois.

— Não demorará a ficar curado — disse o Senhor Gladdish.

— Por isso vim.

— Bebeu um destes antes? — perguntou Amélia, tratando de não enrugar o nariz.

Antes que Thomas pudesse responder, o Senhor Gladdish disse:

— Seu prometido iria querer minha cabeça se dissesse quantos destes já engoliu.

— Harry... — disse Thomas em tom ameaçador.

— Fomos jovens e tolos — continuou o dono de hospedaria, levantando as mãos, como se isso bastasse como explicação — De verdade, há muitos anos não servi nenhum destes.

Amélia se alegrou em ouvir isso, por divertido que tivesse sido ver por fim Thomas dessa forma, não gostava da idéia de se casar com um bêbado habitual. De todos os modos, não podia deixar de pensar o que teria ocorrido, que o fez desejar sair e se exceder na bebida.

— Outro dia servi um destes ao seu amigo — disse o Senhor Gladdish, em tom despreocupado.

— Meu amigo — disse Thomas.

Amélia não estivera prestando muita atenção, mas o tom de sua voz a impulsionou para olhá-lo, pareceu aborrecido e perigoso, se fosse possível essa combinação.

— Sim, já sabe a quem me refiro — disse Gladdish — Esteve aqui com ele ontem.

— Há alguém de visita? — perguntou ela — Quem é?

— Ninguém — respondeu Thomas sem olhá-la — Só um conhecido de Londres. Estava acostumado a praticar esgrima com ele.

— Seu prometido é destro com uma espada — disse Gladdish, fazendo um gesto para Thomas — Derrotava-me sempre, por muito que me doa reconhecê-lo.

— Convidava-o a participar de suas aulas de esgrima? — disse Amélia — Que fantástico.

— Participava de todas suas aulas — disse o Senhor Gladdish sorrindo.

E seu sorriso era sincero, não zombeteiro, nem tolo.

— Esse foi o único gesto generoso de meu pai — confirmou Thomas — Não o bastante generoso, isso sim. A educação de Harry acabou quando eu parti para Eton.

— Mas Wyndham não pode se livrar de mim tão facilmente — disse o dono da hospedaria. Inclinou-se para ela e acrescentou — Todo mundo deveria ter alguém que conheça todos seus segredos.

Ela aumentou os olhos.

— Você conhece os de Thomas?

— Todos seus segredos? Absolutamente.

Ela olhou seu prometido, que não o contradisse. Voltou a olhar encantada para Harry.

— Ora, sim que os conhece!

— Não acreditou?

— Só me pareceu educado verificar — murmurou ela.

— Bem, sim, você tem que se casar com o rapaz enquanto eu devo suportar sua companhia uma vez por semana ou algo assim — Olhou a Thomas e agarrou o copo — Necessita outro?

— Esse foi suficiente, obrigado.

— Sua cor já está voltando — disse Amélia, um pouco surpresa — Não está tão verde.

— Amarelo, pareceu-me — atravessou o Senhor Gladdish — Além do púrpura sob o olho. Um púrpura muito real.

— Harry... — disse Thomas, ao que parece no limite de sua paciência.

O dono da hospedaria se inclinou mais para ela.

— A estes tipos ducais nunca lhes põe o olho negro. Sempre púrpura, vai melhor com o traje de cerimônia.

— Há traje de cerimônia?

— Sempre há traje de cerimônia — disse Harry, agitando uma mão.

Thomas agarrou o braço dela.

— Já vamos, Harry

— Tão cedo? — perguntou o dono de hospedaria, sorrindo de orelha a orelha.

Amélia fez um gesto de despedida com a mão livre enquanto Thomas a afastava do balcão.

— Foi um prazer conhecê-lo, Senhor Gladdish.

— Será bem recebida em qualquer momento, Lady Amélia.

— Ah, pois obrigado. Eu...

Mas Thomas já a tinha tirado do bar.

— É um encanto — comentou, avançando a saltos para acompanhar os passos mais longos dele.

— Um encanto — repetiu Thomas, movendo a cabeça — Isso gostaria.

Levou-a por um lado de um atoleiro de água, embora não com tanta perícia que ela não tivesse que dar um curto salto para não molhar as botas.

O cocheiro já tinha a portinha aberta quando chegaram à carruagem.

Amélia se deixou ajudar pelo Thomas para subir, e ainda não se sentou quando o ouviu dizer: — Ao Burges Park.

— Não! — exclamou, tirando a cabeça pela portinhola.

Bom Deus, isso seria um desastre.

CAPÍTULO 10



Thomas a olhou um momento mais tempo do que era estritamente necessário, e depois fez um gesto ao cocheiro indicando que se afastasse, para poder falar em particular.

Como ela estava com o meio corpo fora da carruagem, ele não teve que aproximar-se mais para perguntar.

— Por que não?

— Para proteger sua dignidade — disse ela, como se isso tivesse perfeita lógica — disse a Milly...

— Milly?

— Minha irmã.

Aumentou os olhos, como as mulheres aumentam quando se sentem frustradas porque seu acompanhante normalmente homem não é capaz de discernir imediatamente a natureza de seus pensamentos.

— Recorda-se que tenho uma irmã.

— Lembro que tem várias — disse ele, sarcástico.

A expressão dela se tornou claramente mal humorada.

— Milly estava comigo esta manhã quando o vi...

Thomas soltou uma maldição em voz baixa.

— Sua irmã me viu.

— Sim, e felizmente para você é justamente a única de todas minhas irmãs que de verdade sabe guardar um segredo.

Tinha que ter um pouco de graça nisso, pensou ele, mas não o via.

— Continue — ordenou.

E ela continuou, com grande animação.

— Tinha que dar a minha mãe um motivo para ter abandonado Milly na rua principal de Stamford, assim disse a minha irmã que dissesse para ela que eu encontrara Grace, que fora levar recados para sua avó. Devia dizer que Grace me convidou para ir com ela a Belgrave, mas que tinha que partir com ela imediatamente, porque a Duquesa viúva a ordenara que voltasse imediatamente.

Thomas pestanejou, tentando segui-la.

— Porque tinha que ter um motivo que explicasse por que não tive tempo para entrar na loja e informá-la, pessoalmente, de minha mudança de planos.

Olhou-o como se ele devesse compreender suas razões. Não as entendia absolutamente.

— Porque — continuou ela, já visivelmente impaciente — se eu entrasse para falar com minha

mãe, ela teria insistido em sair da loja, e por mais bonito que seja, devo confessar que não sabia como podia disfarçar você para que parecesse com Grace Eversleigh.

Ele esperou até estar seguro de que ela tinha terminado a argumentação, e então murmurou: — Sarcasmo, Amélia?

— Quando as circunstâncias o requerem — replicou ela, depois de um segundo de irritado silêncio.

Olhou-o com as sobrancelhas arqueadas, quase desafiante.

Ele a olhou dissimulando sua diversão. Se o jogo ia ser de arrogância, não ganharia jamais. E, efetivamente, passados só cinco segundos desse enfrentamento com olhares, ela fez uma inspiração e continuou como se não tivesse feito nenhuma pausa.

— Assim compreende por que não posso voltar para Burges ainda. De maneira nenhuma poderia ter chegado a Belgrave, passar um tempo com quem fosse que devia passar um tempo e retornar para casa.

— Comigo — disse ele.

Ela o olhou atordoada ou, melhor dizendo, como se pensasse que ele estava atordoado.

— Perdão?

— Teria que ter passado um tempo comigo — explicou Thomas.

A expressão dela parecia incrédula.

— Minha mãe ficaria encantada, mas ninguém mais acreditaria.

Ele não entendeu muito bem por que isso doeu, mas doeu, e converteu a voz em gelo.

— Se importa de explicar esse comentário?

Ela riu, e vendo que ele não disse nada mais, ficou séria e disse: — Ah, falei sério.

— Dei algum motivo para acreditar que não?

Ela apertou os lábios e durante um instante pareceu quase humilde.

— Não, claro que não, Excelência. Ele não se incomodou em recordar que o chamasse de Thomas — Mas acredito que compreende meu argumento — continuou ela, justo quando ele acreditava que tinha terminado — Alguma vez passei um tempo com você em Belgrave?

— Vai de visita continuamente.

— E o vejo durante os dez minutos prescritos, quinze se estiver de ânimo generoso.

Ele a contemplou incrédulo.

— Estava muito mais amável quando acreditava que eu estava bêbado.

— Estava bêbado.

— De todos os modos.

Abaixou a cabeça e apertou a ponta do nariz. Condenação, o que devia fazer nessa situação?

— Sua cabeça dói? — perguntou ela.

Ele a olhou então.

— Faz isto — disse ela imitando o gesto — quando dói sua cabeça.

Tinha feito isso muitíssimo nas últimas vinte e quatro horas, era uma maravilha que não tivesse essa parte da face tão machucada como o olho.

— Há um bom número de coisas que me incomodam e me provocam dor de cabeça — disse secamente, e ao vê-la com o rosto tão aflito, sentiu-se obrigado a acrescentar — Não me refiro a você.

Ela entreabriu os lábios, mas não disse nada.

Ele tampouco acrescentou nada mais, e já tinha passado um minuto inteiro quando ela disse com cautela e em tom quase pesaroso.

— Acredito que teremos que ir a Belgrave — explicou quando captou o olhar — Acredito que tinha ocorrido o mesmo a mim — continuou — que poderíamos simplesmente dar um passeio pelo campo e, ao fim de uma ou duas horas, você poderia me levar a minha casa.

Era certo, tinha pensado. Ele faria um dano terrível à reputação dela se os viam, mas isso parecia ser a menor de suas preocupações.

— Mas não conhece minha mãe — acrescentou ela — não a conhece como eu. Enviará alguém a Belgrave, ou talvez virá ela pessoalmente, com um ou outro pretexto. Talvez o de pedir emprestados mais livros a sua avó. Se chegar e eu não estiver ali, será um desastre.

Ele quase riu. Seu único motivo para não rir foi que teria sido o cúmulo do insulto, e havia certos traços cavalheirescos que não podia abandonar, nem sequer quando o mundo se estava desmoronando ao seu redor. Mas, na realidade, depois dos acontecimentos do dia anterior a aparição do primo cuja existência desconhecia, a possível perda de seu título, de sua casa e provavelmente da roupa que levava posta, as consequências de um passeio ilícito pelo campo pareciam corriqueiros. O que poderia ocorrer? Que se alguém os via estariam obrigados a se casar? Já estavam comprometidos.

Ou não? Já não sabia.

— Sei que isso só apressaria uma cerimônia a que estamos predestinados há décadas — continuou ela — mas você não deseja algo assim — tremeu a voz e o sentimento de culpa perfurou o coração dele — Não ainda. Isso deixou claro.

— Isso não é certo — ele apressou-se a dizer.

E não era. Mas fora, e os dois sabiam. Olhando-a nesse momento, seu cabelo loiro brilhante à luz da manhã, seus olhos, não tão castanhos desta vez, a não ser quase verdes, já não sabia por que tinha passado tanto tempo adiando o casamento.

— Eu não desejo — disse ela em voz tão baixa que era quase um sussurro — Não assim. Não quero algo arrumado com pressas. Já que ninguém acredita que você deseja se casar comigo.

Ele quis contradizê-la, dizer que não fosse tola imaginando coisas que simplesmente não eram certas. Mas não podia. Não a tinha tratado mal, mas tampouco a tratara bem.

Surpreendeu-se olhando sua face, e foi como se nunca a tivesse visto antes, de verdade. Era formosa, encantadora, em todos os sentidos. E já poderia ser sua esposa. Mas o mundo era diferente ao que era no dia anterior a essa mesma hora, e já não sabia se tinha direito a ela. E, bom Deus, a última coisa que desejava fazer era levá-la a Belgrave. Não seria divertido? Poderia apresentá-la ao bandoleiro Jack! Não custava imaginar o diálogo.

— *Amélia, apresento o meu primo.*

— *Seu primo?*

— *Pois sim. Ele poderia ser o Duque.*

— *Então, quem é você?*

— *Excelente pergunta.*

Por não dizer as outras excelentes perguntas que, sem dúvida, ocorreriam a ela, muito especialmente aquela sobre em que situação se encontrava seu compromisso com ele.

Bom Deus. Era alucinante, e sua mente, que estava melhorando, mas seguia um pouco prejudicada pela bebedeira dessa noite, preferia continuar sem alucinações.

Seria fácil para ele insistir em que não fossem a Belgrave. Ele estava acostumado a tomar as decisões e ela estava acostumada a submeter-se a elas. Fazer caso omissos de seus desejos não pareceria absolutamente estranho. Mas não podia fazer isso. Não nesse dia.

Era possível que sua mãe não fosse a Belgrave para procurá-la. Era possível que ninguém soubesse jamais que ela não estava onde havia dito que estaria. Mas ela saberia. Saber que tinha olhado seus olhos e dito por que precisava ir a Belgrave, e saber que ele fora tão insensível que não se incomodou em tomar em conta seus sentimentos.

E ele saberia que a tinha ferido.

— Muito bem — disse bruscamente — Iremos a Belgrave.

Belgrave não era o que diz uma casinha de campo, sem dúvida poderiam evitar o Senhor Audley. Em todo caso, era muito provável que este ainda estivesse na cama, não parecia ser do tipo que desfruta das horas da manhã.

Deu a ordem ao cocheiro de que os levasse a casa, subiu na carruagem e se sentou ao lado de Amélia, dizendo: — Imagino que não está desejosa da companhia de minha avó.

— Não muito.

— Ela prefere as salas que dão à fachada do Castelo.

E se Audley estava levantado, por ali estaria também, provavelmente avaliando a prata ou calculando o valor da coleção de quadros de Canaletto do vestíbulo norte. Virou a cabeça para ela.

— Entraremos por atrás.

Ela assentiu, e tudo resolvido.

Quando chegaram a Belgrave, o cocheiro levou a carruagem diretamente ao estábulo, por ordem do Duque, era de supor, pensou Amélia.

E chegaram ao seu destino sem ficar à vista das janelas da fachada do Castelo. Se a viúva estava ali, como Thomas havia dito que estaria e, a verdade, em todas as visitas a Belgrave só a vira em três salões distintos, todos do lado da fachada, poderiam passar o resto da manhã em relativa paz.

— Acredito que nunca estive neste lado de Belgrave — comentou quando entraram por umas portas de vidro.

Sentia-se quase uma ladra, por entrar furtivamente. Tudo estava tranquilo e silencioso nessa parte da casa. Isso fazia perceber todos os sons, todas as pisadas.

— Rara vez estou nesta parte — comentou ele.

Ela olhou ao redor. Tinham entrado em um corredor comprido e largo ao que dava uma fileira de salas por ambos os lados. A sala que tinha adiante era uma espécie de sala de estudo, com uma parede cheia de livros, e aroma de conhecimento.

— Não consigo imaginar por que — disse — Isto é precioso. Tão silencioso e aprazível. Estas salas devem receber o sol da manhã.

— É uma dessas juvenzinhas aplicadas que sempre se levantam a alvorada, Lady Amélia?

Seu tom soou muito formal. Talvez se devia a que estavam em Belgrave, onde tudo era formal. Seria difícil falar de forma descontraída e espontânea nesse lugar, contemplados por tanto esplendor? Burges Park também era bastante grandiosa, era certo, mas tinha um certo calor que faltava em Belgrave. Ou talvez pensava isso porque conhecia Burges. Criou-se ali, rindo, açoitando suas irmãs e gracejando sua mãe. Burges era um lar, Belgrave era mais um museu.

Que valente tinha que ser Grace para despertar ali cada manhã.

— Amélia — soou como um aviso a voz de Thomas.

— Sim — disse imediatamente, recordando que tinha que responder a sua pergunta — Sim, sou madrugadora. Não posso dormir quando saiu o sol. Os verões são particularmente difíceis.

— E os invernos são fáceis? — perguntou ele, parecia divertido.

— Nada disso. São piores ainda. Durmo muito. Suponho que deveria viver no Equador, onde há uma divisão perfeita entre o dia e a noite todos os dias do ano.

Ele a olhou curioso.

— Você gosta do estudo da geografia?

— Sim — respondeu, entrando na sala e passando ociosamente os dedos pelos lombos dos livros.

Gostava que fizessem uma curva sobressalente com os que os dedos davam um saltinho ao passá-los.

— Ou deveria dizer *gostaria*. Não sei muito. Nossa instrutora não a considerava uma disciplina importante. E nossos pais tampouco, suponho.

— Seriamente? — disse ele.

Parecia interessado, e isso a surpreendeu. Com toda a aproximação recente entre eles, ele continuava sendo...

Bem, *ele*, e não estava acostumada a que se sentisse interessado por seus pensamentos e desejos.

— Dança — respondeu, porque acreditava que assim respondia a sua pergunta tácita — Desenho, piano, matemática, o suficiente para que soubéssemos calcular o preço de um bom disfarce.

Pareceu que ele sorria.

— São caros?

Ela o olhou coquete por cima do ombro.

— Oh, sim, muito caros. Depenarei você se oferecermos mais de dois bailes de máscaras ao ano.

Ele a olhou um momento, com uma expressão quase irônica, e logo fez um gesto para uma estante do outro extremo da sala.

— Os atlas estão ali, se deseja satisfazer seu interesse.

Sorriu, um pouco surpresa por esse gesto. Então, sentindo-se inexplicavelmente satisfeita, caminhou até as prateleiras.

— Acreditei que não vinha com frequência a esta parte da casa.

Ele esboçou um sorriso irônico, enviesado, que em certo modo parecia brigar com seu olho arroxeadado.

— Venho com a frequência necessária para saber onde encontrar um atlas.

Assentindo, ela tirou um, comprido e fino, a sorte. Pô-lo sobre a mesa e contemplou as letras douradas da capa, *Mapas do mundo*. O lombo rangeu quando o abriu. A data que aparecia na capa era 1796.

Ocorreu a ela pensar quando fora a última vez que o abriram.

— Grace adora os atlas — disse, a idéia passou pela cabeça como vinda de nenhuma parte.

— Sim?

Ouviu seus passos aproximando-se.

— Sim. Acredito recordar que o disse em algum momento. Ou talvez fosse Elizabeth quem me disse isso. Sempre foram muito boas amigas.

Com supremo cuidado voltou outra página. O livro não era particularmente delicado, mas algo inspirava reverência e respeito. Olhou e viu um enorme mapa retangular que ocupava as duas páginas, e leu a legenda, *Projeção do Mercator de nosso mundo, publicado o ano de Nosso Senhor 1791*.

Passou a mão pelo mapa, deslizando brandamente os dedos pela Ásia e logo seguiu para baixo até a ponta mais austral da África.

— Que grande é — murmurou, mais para si mesma.

— O mundo? — disse ele, e ela detectou um sorriso em sua voz.

— Sim.

Ele se situou ao seu lado e deslizou um dedo pelo mapa até colocá-lo sobre Grã-Bretanha.

— Olhe que pequenos somos.

— Parece estranho, não é? — ela comentou tratando de não fixar-se em que ele estava tão perto que sentia o calor que emanava de seu corpo — Sempre me surpreende o longe que Londres está e, entretanto, aqui... — indicou o mapa — não é nada.

— Nada não — disse ele. Mediu a distância com o dedo mindinho — A metade de uma unha pelo menos.

Ela sorriu, olhando o livro, pois isso era muito menos inquietante que olhar para ele.

— O mundo medido em unhas. Seria um estudo interessante.

Ele riu.

— Posso assegurar que em alguma universidade há alguém tentando isso neste momento.

Ela o olhou, o que talvez fosse um erro, porque, olhá-lo deixou-a sem fala. De todos os modos,

conseguiu dizer e com uma voz extraordinariamente rouca.

— Os professores são muito excêntricos, não?

— O são os que têm as unhas largas.

Ela riu, e ele também, e então Amélia se deu conta que nenhum dos dois estava olhando o mapa.

Os olhos dele, pensou, tinham uma estranha forma de olhar, como se estivessem estudando uma obra de arte. Gostava de seus olhos. Gostava de olhá-lo. Como era que alguma vez se fixou em que no direito tinha uma estreita faixa marrom? Acreditara que sua íris eram azuis, não azul claro nem celeste, sim azul escuro, uma cor esfumada com uma leve insinuação de cinza. Mas nesse momento via claramente que tinha uma linha marrom em um deles, que o atravessava da pupila até o lugar onde em um relógio seriam as quatro.

Isso a fez pensar por que não a vira antes. Talvez se devia simplesmente a que nunca os tinha olhado com bastante atenção, ou talvez porque nunca permitira estar tão perto o tempo suficiente para olhá-los bem.

Então, com uma voz tão contemplativa e suave como teria saído a ela, se tivesse tido o coragem para falar, ele murmurou: — Neste momento, seus olhos estão quase marrons.

Ela pegou um salto ao voltar para a realidade.

— Você tem uma faixa marrom — disse.

E imediatamente desejou sair correndo da sala. Que boba, dizer isso.

Ele tocou a pele machucada da maçã do rosto.

— Uma faixa?

— Não, no olho — ela explicou.

Uma vez que não podia retirar o que disse, bem podia tentar explicar-se melhor. Torpemente levantou a mão direita para tocar-lhe, mas em seguida a jogou para trás já que não podia tocá-lo, e muito menos no olho.

— Ah, isso. Sim, é estranho, não é verdade?

Disse isso com um rosto estranho. Bem, não estranho, não teria sido estranho em nenhuma outra pessoa, mas nele sim. Era um gesto como de modéstia, quase de acanhamento, e tão absoluta e maravilhosamente humano que o coração de Amélia deu um tombo.

— Ninguém nunca reparou — acrescentou ele — Talvez isso seja melhor. É uma pequena imperfeição.

Será que procurava elogios? Pensou ela. Apertou os lábios para evitar sorrir.

— Eu gosto — disse — Eu gosto de tudo o que o faz menos perfeito.

A expressão dele se tornou mais quente.

— Seriamente?

Ela assentiu e desviou o olhar. Curioso como achava mais fácil ser franco e valente quando ele estava zangado ou bêbado que quando estava sorrindo.

— Então encontrará muitas coisas em mim que goste — disse, e sua voz soou tão perto dela que era inquietante — uma vez que me conheça melhor.

Ela olhou o mapa, simulando que o observava com muita atenção.

— Quer dizer que não é perfeito?

— Jamais me permitiria dizer *isso* — brincou ele.

Ela engoliu em seco. Ele estava muito perto. Talvez nem sequer notasse a contorno, sua voz soava muito tranquila, sua respiração controlada, em seus ouvidos.

— Por que disse que meus olhos são marrons? — perguntou sem desviar o olhar do atlas.

— Não disse isso. Disse que estavam marrons.

Ela sentiu uma vaidade totalmente imprópria em seu íntimo. Sempre tivera orgulho da cor de seus olhos. Era seu melhor traço, o único que tinha. Todas suas irmãs tinham o cabelo no mesmo tom de loiro e a mesma cor da pele, e ela era a única que tinha esses olhos tão interessantes.

— Estavam verdes esta manhã — continuou ele — Embora supunha que isso pudesse ser atribuído à bebida. Outra caneca de cerveja e teria visto sair mariposas de suas orelhas.

Ela levantou a cabeça e o olhou absolutamente indignada.

— Não foi pela bebida. Meus olhos são verdes. Muito mais verdes que marrons — acrescentou resmungando.

Ele sorriu de certa maneira furtiva.

— Olhe Amélia, descobri sua vaidade?

Sim descobrira, mas ela não ia reconhecer.

— São de uma cor verde amarronzado — repetiu, em tom algo escrupuloso — É um traço de família. Da família de alguém ao menos.

— Na realidade — disse ele em voz muito baixa — maravilhou-me bastante que volúveis são.

— Ah — Engoliu em seco, desconcertada por esse amável elogio, e bastante satisfeita também — Obrigada.

Voltou à atenção ao mapa, que estava ali sobre a mesa diante dela, seguro e tranquilizador.

— Olhe que grande é a Groenlândia — disse, principalmente porque foi o primeiro que viu na parte de cima.

— Na realidade, não é tão grande — disse ele — O mapa distorce a superfície.

— Sim?

— Não sabia isso?

Seu tom não foi insultante, e nem sequer de superioridade, mas de todos os modos ela se sentiu tola. Pareceu que era o tipo de coisa que deveria ter sabido. E naturalmente era o tipo de coisa que teria gostado de saber.

— É a consequência de ter que estender uma superfície esférica em uma plana — explicou ele — Tente imaginar como seria este mapa se envolvesse com ele uma esfera. Vai sobrar muito papel nos pólos. Ou, ao inverso, tente imaginar que agarra a superfície de uma esfera e a estende sobre um plano. Não obteria um retângulo.

Ela assentiu, inclinando a cabeça, pensando.

— Ou seja, que os extremos de cima e de baixo se estiram. Ou melhor, o norte e o sul.

— Exatamente. Vê como a Groenlândia se vê quase do mesmo tamanho que a África? Na realidade, sua superfície é inferior a uma décima parte.

Ela o olhou.

— Nada é o que parece, não é verdade?

Ele esteve calado tanto momento que ela chegou a pensar se seguiriam falando de mapas. E então ele disse: — Não.

Movendo a cabeça, ela voltou sua atenção ao mapa.

— É estranho — disse.

E acreditou ouvi-lo dizer:

— Não tem nem idéia.

Olhou-o curiosa, com a intenção de perguntar o que queria dizer, mas ele já havia voltado a atenção para o mapa.

— Estas projeções têm suas vantagens — disse então, em tom algo enérgico, como se desejasse mudar de assunto.

— É certo que não projetam a superfície real, mas os ângulos locais são os verdadeiros, e por isso são tão úteis na navegação.

Ela não soube se entendia bem isso, mas gostava de escutá-lo falar de tema tão acadêmico. E estava *encantada* que ele não tivesse deixado de lado o assunto como algo que não seria de interesse para uma dama. Olhou-o e sorriu.

— Está claro que sabe muitíssimo disto.

Ele encolheu os ombros, em atitude modesta.

— Eu gosto.

Ela colocou os lábios entre os dentes, costume que sua mãe detestava, mas não podia evitá-lo. Era algo que fazia sempre quando tentava decidir o que dizer, ou se dizia ou não.

— Isto tem um nome, não é verdade? — perguntou.

Um pé estava se movendo nervoso dentro do sapato.

Desejava saber o nome para poder olhá-lo em casa na enciclopédia de seu pai, mas não queria revelar sua ignorância. Isso lembrava todas essas ocasiões em que se via obrigada a sorrir amavelmente, quando sua mãe dizia que ela era inteligente, mas não muito.

— Desenhar mapas, quer dizer?

Ela assentiu.

— Chama-se cartografia. Do grego *chartis*, que quer dizer *mapa*, e *graphein*, *escrever*.

— Eu deveria saber — murmurou — Não o do grego, suponho, mas pelo menos a palavra. Meus pais pensaram que alguma vez teríamos que nos servir de um mapa?

— Imagino que pensaram que teria a outras pessoas para explicar isso — disse ele amavelmente.

Ela o olhou consternada.

— Está de acordo então? Acredita que me educaram como é devido?

Que terrível fazer essa pergunta. Punha-o em um apuro horrendo, mas não pode evitá-lo.

— Acredito — disse ele em tom suave e pausado — que se manifesta o desejo de ter mais conhecimentos deveriam dar a você oportunidade de adquiri-los.

E esse foi o momento.

Não o compreendeu imediatamente, não o compreendeu ou, melhor dizendo, não se deu permissão para compreendê-lo, até várias semanas depois.

Mas esse foi o momento em que se apaixonou por ele.

CAPÍTULO 11



Passada uma hora, depois de tirar quatorze atlas das prateleiras e explicar a Amélia a diferença entre projeções cartográficas, Mercator, sinusoidais e cônicas, Thomas a deixou em um dos salões que davam à fachada e explicou ao mordomo que ela viera para ver a Senhorita Eversleigh.

Era necessário informar Grace das atividades dessa manhã, isso era impossível evitá-lo, não havia voltas a dar. Se não se podia conseguir que uma mentira se aproximasse todo o possível da verdade, ele era da opinião que a verdade deve aproximar-se o máximo possível da mentira. Dessa maneira era muito menos provável que todos se sentissem confusos. Mas isso significava que Amélia devia passar um tempo com Grace e, mais importante ainda, que esta devia saber que essa manhã teve que ir às compras em Stamford e convidara Amélia a vir com ela para Belgrave.

Entretanto, era necessário que ele falasse com Grace primeiro, sem que Amélia soubesse, assim entrou em outro salão, mais próximo à escada, e se situou perto da porta, para poder procurá-la antes de que ela chegasse ao salão onde estava sua prometida. Tinham se passado cinco minutos quando ouviu passos descendo a escada, eram passos suaves, decididamente femininos. Apareceu pela porta, viu que era Grace, e quando chegou o momento, ergueu a mão, agarrou o braço e a fez entrar no salão.

— Thomas! — exclamou ela, depois do grito de surpresa. Aumentou os olhos ao ver sua desalinhada aparência — O que aconteceu com você?

Ele colocou um dedo nos lábios e fechou a porta.

— Esperava outra pessoa? — perguntou, porque pareceu que a surpresa dela se devia mais a que era ele e não a que a fizesse entrar no salão.

— Não — apressou-se em responder, embora tenha ruborizado. Olhou ao redor, para comprovar que estavam sozinhos — O que está acontecendo?

— Precisava falar com você antes que visse Lady Amélia.

— Ah, sabe que está aqui então?

— Eu a trouxe.

Ela não disse nada e ele viu a surpresa em seu rosto. Então ela olhou para o relógio do suporte do lar, no que viu que ainda não era meio dia.

— É uma longa história — disse ele, adiantando-se a qualquer pergunta — Mas basta dizer que ela informará que você esteve em Stamford esta manhã e a convidou para vir a Belgrave.

— Thomas, muitas pessoas sabem muito bem que não estive em Stamford esta manhã.

— Sim, mas sua mãe não é uma delas.

— Isto... Thomas... — disse ela, vacilante, como se não soubesse muito bem como continuar — Acredito que devo dizer que dada a quantidade de prosternações, imagino que Lady Crowland ficaria

encantada em saber que...

— Vamos, pelo amor de Deus, não há nada disso — resmungou ele, caso ela fosse gritar *Agressor de inocentes!* Apertou os dentes, aborrecido por essa singular experiência de ter que explicar seus atos a outro ser humano — Amélia me ajudou a vir para casa quando viu que eu estava... Mal.

— Foi muito caridosa — disse ela em tom escrupuloso.

Ele a olhou indignado, pois parecia a ponto de começar a rir.

Ela limpou a garganta.

— Há... Isto... Considerou a possibilidade de se arrumar um pouco?

— Não — gritou ele, todo sarcasmo — eu gosto bastante de parecer um idiota sujo.

Grace fez um mau gesto e afogou uma exclamação.

— Agora escute — continuou ele, resolvido a passar por cima do sobressalto dela — Amélia vai repetir o que disse, mas é fundamental que não fale para ela do Senhor Audley.

O último saiu quase em um grunhido, custava dizer esse apelido sem sentir uma onda de aborrecimento.

— Jamais diria nada — respondeu ela — Não me corresponde fazê-lo.

— Estupendo.

Sabia que podia confiar-se nela.

— Mas ela ira querer saber por que você estava... Isto...

— Você não sabe por que — disse ele, terminante — Simplesmente diga isso. Por que vai suspeitar que sabe mais?

— Sabe que o considero um amigo. E, além disso, vivo aqui. Criadas sempre sabem tudo. Ela sabe isso.

— Você não é uma criada — resmungou ele.

— Sou e sabe disso — replicou ela, curvando os lábios, divertida — A única diferença é que me permite por roupa mais fina e de vez em quando conversar com os hóspedes ou as visitas. Mas posso assegurar que fico sabendo de tudo de que fofoca o pessoal.

Bom Deus, o que estava acontecendo em sua casa? Alguma vez algum de seus atos passava despercebido ou não se comentava? Virou a cabeça para soltar uma maldição em voz baixa. Depois fez uma inspiração profunda para se fortalecer, voltou a olhar para Grace e disse: — Faça por mim. Diga por favor, que não sabe?

Amélia não demoraria a tomar conhecimento de tudo, mas simplesmente não desejava que fosse nesse dia. Estava muito cansado, não tinha vontade de dar explicações, estava tão esgotado por sua própria comoção que não podia ocupar-se da dela e, além disso...

Pela primeira vez em sua vida se alegrava de que ela fosse sua noiva. Acreditava que qualquer um compreenderia seu desejo de guardar o segredo uns quantos dias mais.

— É claro — respondeu Grace, embora sem olhá-lo ao rosto. Então, tendo em vista que a tinham educado para olhar na face das pessoas, olhou-o nos olhos e acrescentou — Tem minha palavra.

Ele assentiu.

— Amélia está esperando você — disse.

— Sim, sim, claro — disse ela, e se dirigiu com toda pressa para a porta, de repente se deteve e virou para olhá-lo — Ficar bem?

Oh, que pergunta.

— Não me responda — balbuciou ela então, e saiu correndo da sala.

Amélia estava sentada no salão prateado, esperando pacientemente a chegada de Grace e tratando de não tamborilar o chão com as pontas dos pés. Então se deu conta que estava tamborilando com os dedos, o que era segundo sua mãe um costume pior ainda, assim se obrigou a deixar quietos os dedos.

Imediatamente as pontas de seus pés reataram o tamborilar.

Deixou sair o ar em uma longa expiração e concluiu que não importava. Em todo caso, ali não havia ninguém que a visse e, apesar da insistência de sua mãe, tamborilar com as pontas dos pés não era um hábito tão mau quando se faz em particular. A diferença de roer unhas a toda hora o que ela não faria jamais, que as deixa atrofiadas, e descuidadas.

Tinha tentado explicar a diferença para Milly, a que era capaz de estar sentada como uma pedra durante seis horas seguidas, mas não via o branco de suas unhas fazia anos. Sua irmã se declarava incapaz de entender a diferença. Por motivos puramente egoístas, logicamente.

Olhou suas unhas e observou que não as tinha tão limpa como era seu costume. Provavelmente por levar Thomas pelas ruas de Stamford. Ou seja, em que tipo de sujeira se esteve derrubando. Nesse momento estaria acima asseando, supunha. Nunca o vira tão sujo. Tinha a impressão de que ele nunca estivera tão sujo. E, na realidade...

Esse era ele? Era Thomas o homem que tinha passado diante da porta? Levantou-se de um salto.

—Thomas? É...?

O cavalheiro se deteve, virou e então ela viu que era outro homem. Era de estatura e aspecto similar, mas nunca o vira, disso estava absolutamente segura. Alto, embora não muito, e seu cabelo era talvez um ou dois matizes mais escuro que o de Thomas. Deu-se conta que tinha a face machucada.

Muito interessante.

— Ah, perdoe — apressou-se em dizer.

Mas sentia curiosidade, assim caminhou para a porta, caminhava em direção a ele, ele não poderia continuar seu caminho sem ser imperdoavelmente grosseiro.

— Lamento decepcioná-la — disse ele, sorrindo de uma maneira mais coquete.

A seu pesar ela se sentiu bastante agradada, pensou se esse homem saberia quem ela era. Provavelmente não. Quem se atreveria a paquerar com a noiva do Duque de Wyndham em sua própria casa?

— Não, não, foi meu erro. Estava sentada ali — fez um gesto para trás — Quando o vi passar, pareceu-me que era o Duque.

Na realidade, Thomas e esse homem tinham a mesma maneira de andar. Que estranho. Não tinha

dado conta que era capaz de reconhecer o modo de andar de seu prometido, mas no instante em que viu esse homem se deu conta que caminhava da mesma maneira dele.

Ele se inclinou em uma elegante vênica.

— Capitão Jack Audley, para servi-la, Senhora.

Ela se inclinou em uma cortês reverência.

— Lady Amélia Willoughby.

— A noiva de Wyndham.

— Conhece-o, então? Ah, bem, claro que o conhece. É um hóspede aqui — Recordou a conversa na Happy Hare — Ah, deve ser seu companheiro de esgrima.

O Capitão Audley entrou no salão.

— Falou de mim?

— Não muito — disse ela, tratando de desviar o olhar da face machucada.

— Ah, isto — murmurou o Capitão Audley, tocando-a face, ao que parece um pouco envergonhado — Vê-se muito pior do que é na realidade.

Ela estava procurando a melhor maneira de perguntar como fez esse machucado, quando ele acrescentou, em um tom do mais cordial.

— Me diga Lady Amélia, de que cor está hoje?

— Sua face? — perguntou ela, surpresa por essa franqueza.

— Sim. Os hematomas tendem a ser piores com o passar do tempo, entendeu? Ontem era bastante púrpura, quase púrpura real, misturado com matizes azuis. Não me olhei no espelho estas últimas horas — Virou a cabeça para que ela o visse melhor — Segue igual de atraente?

Ela o olhou assombrada, sem saber o que dizer. Nunca conhecera ninguém com tanta lábia. Tinha que ser um talento.

— Isto... Não — respondeu finalmente, como não tinha nenhum sentido mentir estando ele a uns poucos palmos de um espelho — Eu não o chamaria atraente.

Ele riu.

— Não tem papas na língua, não é?

— Acredito que esses matizes azuis, que estava tão orgulhoso se tornaram um pouco verdes.

E sorriu bastante encantada por sua análise.

Ele se aproximou um pouco, sorrindo travesso.

— Para fazer jogo com meus olhos?

— Não, não com o púrpura acima — disse ela, sentindo-se absolutamente imune aos seus encantos, mesmo que reconhecesse que estes eram enormes, acreditava que as mulheres se jogavam aos pés a cada passo — Vê-se bastante horrível.

— Púrpura misturado com verde faz...?

— Um desastre.

Ele voltou a rir.

— Você é encantadora, Lady Amélia. Mas não me cabe dúvida que seu noivo diz isso em todas as ocasiões possíveis.

Ela não soube o que responder. Sem dúvida não em todas as ocasiões possíveis. Mas esse dia fora diferente. Melhor.

— Espera por ele aqui? — perguntou o Capitão.

— Não, só... — alcançou a parar antes de dizer que acabava de estar com o Thomas. Nunca fora boa para inventar histórias — vim para ver a Senhorita Eversleigh — Viu passar um brilho interessante pelos olhos dele, assim perguntou — Conhece a Senhorita Eversleigh?

— Sim. É muito formosa.

— Sim — disse ela. Todos a acham formosa, não? Pressionou o paladar com a língua o tempo suficiente para não deixar ver que desejava franzir o cenho e acrescentou, — É muito admirada por todo mundo.

— São conhecidas você e a Senhorita Eversleigh?

— Sim, ou seja não, somos mais que conhecidas. Conheço Grace desde que fomos meninas. É muito amiga de minha irmã mais velha.

— De você também, é certo.

— É claro — disse ela, assentindo com a cabeça, qualquer outro gesto daria a entender que Grace não era muito digna de sua amizade, o que seria uma falsidade, não era culpa dela que Thomas a tivesse em tão alta estima. E esse cavalheiro também, a julgar por seu interesse — Mas o é mais de minha irmã. São da mesma idade, sabe?

— Ah, a triste realidade da irmã mais nova — murmurou ele, pormenorizado.

Ela o olhou com interesse.

— Teve essa experiência?

— Não, não — respondeu sorrindo de orelha a orelha — Era eu o que não fazia caso dos pequenos. Fui o mais velho da ninhada. Uma posição afortunada acredito. Teria sido muito infeliz se não tivesse estado no comando.

Ela entendia bem isso. Muitas vezes pensava que ela era uma pessoa diferente com Elizabeth do que era com Milly.

— Eu sou a segunda de cinco — disse — assim sei valorizar sua opinião.

Ele pareceu impressionado.

— Cinco! Todas garotas?

A boca dela abriu sozinha, pela surpresa.

— Como soube?

— Não tenho idéia — respondeu ele — só que é uma imagem muito encantadora. Teria sido uma lástima sujá-la com um menino.

Santo céu. Era um maroto.

— Sempre tem esse pico de prata, Capitão Audley?

E, como não, ele a obsequiou com um sorriso francamente letal.

— À exceção de quando é de ouro.

— Amélia!

Os dois se giraram para olhar. Era Grace, que acabava de entrar no salão.

— E Senhor Audley — disse a dama, olhando-o surpresa.

— Oh, sinto muito — disse Amélia, desconcertada — Acreditei que era *Capitão* Audley.

— Sou — disse ele, com um leve encolhimento do ombro — Depende de meu estado de ânimo

— Olhou para Grace e se inclinou em uma reverência — É realmente um privilégio voltar a vê-la tão logo, Senhorita Eversleigh.

Ela fez uma reverência, dizendo:

— Não sabia que estava aqui.

— Não há nenhum motivo para que soubesse. Eu ia em direção à porta para sair e fazer uma saudável caminhada, quando Lady Amélia me saiu no caminho.

— Acreditei que era Wyndham — explicou Amélia para Grace — Não é muito estranho isso?

— Sim — respondeu sua amiga.

Para Amélia pareceu que a voz soou algo áspera, mas talvez se devesse simplesmente a que tenha entrado um pouco de pó na garganta. Mas seria de má educação mencioná-lo, assim disse: — Claro que eu não estava olhando com muita atenção, e seguro que isso explica meu erro. Só o vi com a extremidade do olho quando passou por diante da porta aberta.

O Capitão, ou seja o Senhor Audley, olhou para Grace e disse: — Explicado assim tem muita lógica, não é verdade?

— Muita — repetiu a dama de companhia, e olhou para trás por cima do ombro.

— Espera alguém, Senhorita Eversleigh? — perguntou ele.

— Não, só pensei que sua Excelência poderia querer vir nos acompanhar. Isto... Dado que está aqui sua noiva.

Amélia engoliu em seco, incômoda, agradecendo que nenhum dos dois a estivesse olhando. Grace não sabia que passou toda a manhã com Thomas. Nem que tinha que ir às compras em Stamford. E não saberia jamais, pensou, começando a se sentir irritada, se o Senhor Audley não continuasse seu caminho. Acaso não disse que desejava sair para caminhar?

— Voltou então? — perguntou o Senhor Audley — Não sabia.

— Isso é o que me disseram — disse Grace — Eu não o vi.

— Esteve ausente algum tempo — disse o Senhor Audley.

Amélia tentou captar a atenção de Grace, mas não conseguiu.

Thomas não gostaria que se soubesse que estivera indisposto essa noite, e essa manhã também.

— Acredito que devo ir buscá-lo — disse Grace.

— Mas se acabar de chegar aqui — disse o Senhor Audley.

— De todos os modos...

— Faremos chamá-lo — disse o Capitão, com firmeza.

Foi até o cordão para chamar e deu um bom puxão.

— Já está feito.

Amélia olhou para Grace e viu que tinha uma expressão de vago alarme no rosto, depois olhou o Senhor Audley, que era a personificação da tranquilidade. Nenhum dos dois disse nada, e ao que parece tinham esquecido que ela estava ali com eles. Isso a levou a perguntar-se o que ocorria.

Voltou a olhar sua amiga, já que ela sim sabia, mas esta ia caminhando a toda pressa para o sofá.

— Acredito que vou sentar — murmurou.

— Eu também — disse Amélia imediatamente, vendo a oportunidade de falar com ela em particular.

Sentou-se ao lado de Grace, muito perto dela, mesmo que o sofá era comprido e havia muito espaço. A única coisa que precisava era que o Senhor Audley se desculpasse e partisse, olhasse para outro lado ou fizesse qualquer outra coisa que não fosse contemplá-las com esses olhos verdes de gato.

— Que quadro mais atraente formam as duas — comentou ele — E eu sem meus óleos.

— Pinta, Senhor Audley? — perguntou Amélia, então, porque a tinham educado para dar conversa amável sempre que a ocasião o requeria, e muitas vezes quando não também. Alguns hábitos são difíceis de romper.

— Ai de mim, não, mas estive pensando em tomar umas aulas. É uma atividade nobre para um cavalheiro, não lhes parece?

— Ah, sim, certamente — respondeu ela, embora pensando para seu colete que o estudo serviria mais se o tivesse começado mais jovem.

Olhou para Grace, que pareceu natural que dissesse algo para participar da conversa. Como não disse nada, deu-lhe uma suave cotovelada.

— O Senhor Audley aprecia muito a arte — disse sua amiga.

O homem sorriu enigmático.

Novamente Amélia se sentiu obrigada a romper o silêncio.

— Então deve estar desfrutando de sua estadia em Belgrave — disse.

— Espero com ilusão o percurso para ver a coleção — respondeu ele — A Senhorita Eversleigh consentiu em me mostrar isso.

— Muito amável de sua parte, Grace — disse Amélia, procurando que não notasse a surpresa em seu rosto.

Na realidade, não havia nada mau no Senhor Audley, à parte talvez de sua incapacidade para sair do salão quando ela desejava que saísse. Mas dado que Grace era a dama de companhia da Duquesa viúva, achava estranho que não tivessem pedido que mostrasse a coleção a um amigo de Thomas.

Grace grunhiu algo que talvez pretendesse ser uma resposta.

— Pensamos evitar os cupidos — disse ele.

Bom Deus, sim que saltava de tema em tema, pensou Amélia.

— Cupidos? — repetiu.

Ele encolheu os ombros.

— Tenho descoberto que eu não gosto.

Como era possível que a alguém não gostasse dos cupidos?

— Vejo que não concorda comigo, Lady Amélia — disse ele, e ela observou que antes de dizê-lo olhou para Grace.

— O que têm os cupidos que não gosta? — perguntou.

Não fora sua intenção conversar com ele sobre esse ridículo tema, mas foi ele quem começou.

Ele se sentou no braço do sofá e a enfrentou.

— Não os acha algo perigoso?

— Bebês gordinhos?

— Levam armas letais.

— Não são verdadeiras flechas.

Novamente ele olhou para Grace.

— O que parece a você, Senhorita Eversleigh?

— Não estou acostumado a pensar nos cupidos — respondeu esta.

— Entretanto, falamos deles duas vezes.

— Porque você puxou o assunto.

Amélia ficou atrás, surpresa, nunca vira Grace tão chateada.

— Meu trocador está francamente cheio de cupidos — disse o Senhor Audley.

— Esteve em seu trocador? — perguntou Amélia para Grace.

— Não com ele — disse sua amiga, com bastante brutalidade — Mas o vi.

Ninguém disse nada e finalmente Grace resmungou:

— Perdão.

Amélia concluiu que já era hora de tomar o controle da situação.

Esse dia tinha mudado, voltando uma folha em sua vida. Tinha conseguido dirigir Thomas, e bem podia dirigir esses dois se fosse necessário.

— Senhor Audley — disse.

— Lady Amélia — respondeu ele, inclinando elegantemente a cabeça.

— Seria de muito má educação que a Senhorita Eversleigh e eu déssemos uma volta pelo salão?

— Claro que não — respondeu ele imediatamente, mesmo que fosse uma grosseria, que só eram três e ele ficaria sozinho, sem ninguém com quem conversar.

— Obrigado por sua compreensão — disse ela, e ato seguido se agarrou ao braço de Grace e se levantou, fazendo que sua amiga se levantasse também — Sinto a necessidade de estirar as pernas, mas acredito que seu passo seria muito enérgico para uma dama.

Caramba, custava-lhe acreditar que houvesse dito essa tolice, mas ao que parece deu bom resultado. O Senhor Audley não disse nada mais e ela se afastou com Grace para uma das janelas.

— Preciso falar com você — sussurrou, tratando de caminhar com passo tranquilo e gracioso.

Sua amiga assentiu.

— Esta manhã — continuou, olhando dissimuladamente para o Senhor Audley para ver se as estava observando, e estava-o fazendo — vi que Wyndham estava um pouco... Mal e fui ajudá-lo, mas tive que dizer a minha mãe que me encontrei com você e que você me convidou para vir a Belgrave.

Grace voltou a assentir, embora com o olhar fixo à frente, e depois olhou para a porta, mas em nenhum momento a ela.

— Duvido que seja necessário, mas se vir minha mãe, rogo que não me contradiga.

— É claro que não — disse sua amiga imediatamente — Tem minha palavra.

Amélia assentiu um pouco surpresa de quão fácil resultou tudo. Não tinha imaginado que Grace se negasse, mas de todos os modos parecia que devia dar mais explicações. Sua amiga nem sequer perguntou o que aconteceu com Thomas. Sem dúvida era uma circunstância que despertava a curiosidade de qualquer um. Quando o Duque necessitou da ajuda de alguém?

Guardaram silêncio ao passar perto do Senhor Audley, que parecia estar se divertindo pelo espetáculo que apresentavam as duas.

— Senhorita Eversleigh — murmurou — Lady Amélia.

— Senhor Audley — respondeu esta última.

Grace disse o mesmo.

Continuaram a volta pelo salão e quando estavam bastante afastadas para que ele não as ouvisse, Amélia decidiu reatar a conversa no ponto em que a tinha deixado.

— Espero não ter me excedido — sussurrou.

Grace estava muito calada e ela sabia muito bem que pedir que mentisse era pedir muito.

Ouviram passos no corredor e Grace se voltou para a porta.

Mas só era um lacaio, que passou levando um enorme baú, seguro que vazio, pois o levava sobre o ombro, ao que parece sem esforço.

— Sinto muito — disse então — Disse algo?

Amélia abriu a boca para repetir o que havia dito, mas se limitou a dizer: — Não.

Nunca vira sua amiga tão distraída.

Continuaram a volta pelo salão, tomando o caminho mais longo pela borda, como a primeira vez. Quando se aproximavam da porta ouviram passos outra vez.

— Me desculpe — disse Grace, soltando-se de seu braço. Foi com toda pressa até a porta aberta, apareceu e voltou — Não era o Duque — explicou.

Amélia olhou para a porta e viu passar dois lacaios, eles levavam um baú e o outro uma chapeleira.

— Alguém vai a alguma parte? — perguntou.

— Não — disse Grace — Bom, na realidade parece que sim, mas eu não sei.

Sua voz soou tão abrupta e agitada que Amélia se sentiu impulsionada a perguntar.

— Grace, você está bem?

Sua amiga virou a cabeça para ela, mas não o suficiente para poder ver seus olhos.

— Não, quer dizer, sim, estou muito bem.

Amélia olhou para o Senhor Audley, que fez um gesto de saudação com a mão. Voltou a olhar para Grace, e viu que um forte rubor tingia suas faces. Isso foi motivo suficiente para voltar a olhar ao Senhor Audley. Ele estava olhando para sua amiga. Certo que as duas estavam muito juntas, agarradas do braço, mas era mais que evidente a quem ia dirigido seu olhar sedutor.

Grace também sabia, ficou apanhado o fôlego e o esticou todo o corpo, ela sentiu sua tensão no braço.

Então a assaltou uma idéia da mais maravilhosa.

— Grace — disse em voz muito, muito baixa, apenas um sussurro — está apaixonada pelo Senhor Audley?

— Não!

As faces da jovem, que já começavam a recuperar sua cor normal, voltaram a ficar vermelhas. Além disso, a negativa saiu em voz muito alta, e o Senhor Audley as estava olhando divertido e curioso.

Grace esboçou um tênue sorriso, inclinou a cabeça e disse *Senhor Audley*, embora era impossível que ele a ouvisse de onde estava sentado.

— Acabo de conhecê-lo — sussurrou então, energicamente — Ontem. Não, anteontem. Bom... Não me lembro.

— Conheceu cavalheiros interessantes nestes últimos dias, não?

Grace virou bruscamente a cabeça para olhá-la.

— O que quer dizer?

— O Senhor Audley — brincou Amélia — o bandoleiro italiano.

— Amélia!

— Vamos, não passa nada, disse que era escocês, ou irlandês. Não estava segura — Então olhou ao Senhor Audley e se deu conta de que tinha um sotaque ligeiramente estrangeiro — De onde é o Senhor Audley, por certo? Tem um sotaque algo cantante também.

— Não sei — disse Grace, um tanto impaciente, na sua opinião.

— Senhor Audley — exclamou ela.

Imediatamente ele inclinou a cabeça em um gesto interrogativo.

— Estávamos nos perguntando de onde você é. Não consigo identificar seu sotaque.

— Da Irlanda, Lady Amélia. De um pouco ao norte de Dublin.

— Irlanda! Ah, caramba, é de muito longe.

Ele se limitou a sorrir.

Tinham acabado de dar a volta ao salão, assim Amélia soltou o braço de Grace e foi se sentar.

— Como está passando em Lincolnshire, Senhor Audley? — perguntou.

— Acho-o do mais surpreendente.

— Surpreendente? — repetiu Amélia, olhando para Grace para ver se ela também achava curiosa essa resposta, mas a jovem estava na porta, muito nervosa, com a cabeça inclinada.

— Minha visita não foi como esperava.

— Não? O que esperava? Asseguro que somos bastante civilizados neste canto da Inglaterra.

— Muitíssimo — concordou ele — mais do que eu prefiro, na realidade.

— Vamos Senhor Audley, o que pode significar isso?

Ele esboçou um sorriso bastante enigmático, mas não disse nada mais, o que ela achou muito atípico dele. Então se deu conta de que só o conhecia fazia quinze minutos. Era estranho que encontrasse algo atípico dele.

— Ah — ouviu dizer Grace, e logo — Me desculpem.

Ela e o Senhor Audley se olharam e os dois viraram ao mesmo tempo para a porta.

CAPÍTULO 12



Além de Harry Gladdish, o homem que conhecia melhor Thomas era seu valete, Grimsby, que estava com ele desde o dia que partiu para a universidade.

A diferença de muitos valetes, Grimsby era extraordinariamente forte embora isto não se apreciasse ao olhá-lo, era muito esbelto e tinha a pele branca e pálida, o que preocupava muito a governanta, que vivia tentando conseguir que comesse mais carne vermelha.

Quando Thomas voltava para casa depois de um louco galope sob a chuva, com toda a roupa empapada e enlameada, Grimsby se limitava a perguntar pelo cavalo. Quando Thomas passava um dia nos campos, fazendo trabalho físico e manual junto com seus inquilinos, e voltava com várias camadas de pó e sujeira na pele, no cabelo e nas unhas, Grimsby perguntava se preferia a água para o banho morna, quente ou quase fervendo.

Mas quando Thomas entrou em seu quarto, talvez ainda infestado de álcool fazia um tempo que ele deixara de notar seu mau cheiro, sem gravata, e o machucado sob o olho de uma cor extraordinariamente púrpura, a escova que Grimsby estava abrillantando um sapato caiu.

Esse era possivelmente o único indício de alarme que tinha mostrado em toda sua vida.

— Seu olho — disse.

Ah, bem, pensou Thomas. Grimsby não o vira depois de seu encontro com seu encantador primo. Obsequiou-o com um leve sorriso enviesado.

— Talvez pudéssemos escolher um colete para combinar.

— Acredito que não tem nenhum, Excelência.

— Não?

Chegou até o lavabo, onde o esperava a bacia cheia de água, graças à eficiência de Grimsby. Já estava morna, mas não estava em posição de queixar-se. Tornou-se um pouco no rosto e a friccionou com uma toalha de mão, e depois repetiu toda a operação, pois um rápido olhar no espelho o disse que só tinha eliminado levianamente sua sujeira.

— Teremos que remediar isso, Grimsby — disse, passando com força a toalha pela frente. Por cima do ombro olhou para seu valete, sorrindo sarcástico — acredita que pode memorizar a cor para a próxima vez que estejamos em Londres?

— Permite-me sugerir, Excelência, que considere a possibilidade de não voltar a submeter seu rosto a esse mau trato? — Passou outra toalha, embora ele não o tivesse pedido — Isso eliminaria nossa necessidade de considerar a cor quando escolhermos seu guarda-roupa para o ano que vem — Passou um sabão para ele.

— De todos os modos poderia comprar um colete desse tom se o desejar. Imagino que ficaria melhor sobre um tecido que sobre a cara.

— Disse com muita elegância — murmurou Thomas — Quase não pareceu uma repreensão.

Grimsby sorriu modestamente.

— Tonto, Excelência.

E passou outra toalha.

Caramba, pensou Thomas, devia estar pior do que tinha acreditado.

— Chamo para que tragam água para um banho, Excelência?

A questão era supérflua, uma vez que Grimsby já puxava o cordão antes do *Excelência*.

Thomas se despiu, enquanto seu valete recolhia cada objeto com umas pinças, e ficou com a bata. Ato seguido se voltou para a cama, e estava pensando em deixar o banho para depois de uma boa sesta quando soou um golpe na porta.

— Foram rápidos — comentou Grimsby, atravessando a sala para abrir a porta.

— Sua Excelência tem uma visita — disse a inesperada voz de Penrith, o mais antigo mordomo de Belgrave.

Thomas não se incomodou em abrir os olhos. Nesse momento não havia ninguém por quem valesse a pena levantar-se.

— O Duque não recebe a esta hora — disse Grimsby.

Thomas resolveu aumentar seu salário o mais rápido possível.

— É sua noiva — disse o mordomo.

Thomas sentou como movido por uma mola. Que diabos? Supunha que Amélia tinha vindo para ver Grace. Tinham planejado tudo. As duas mulheres podiam conversar uma hora inteira, e então ele faria sua aparição habitual, e ninguém suspeitaria que sua prometida estivera em Belgrave quase toda a manhã.

O que poderia ter ido mal?

— Excelência — disse Grimsby quando ele abaixou as pernas pelo lado da cama para levantar-se — não pode nem pensar em receber Lady Amélia nesse estado.

— Penso em me vestir — disse ele, bastante irônico.

— Sim, é claro, mas...

Ao que parece Grimsby não se sentiu capaz de terminar a frase em voz alta, mas moveu um pouco o nariz e depois o enrugou, o que Thomas interpretou como *Senhor, fede*.

Mas não havia nada que fazer a respeito. Não podia deixar Amélia sozinha se as coisas não tinham ido de acordo com o plano. E, como não, Grimsby foi capaz de fazer um pequeno milagre no espaço de dez minutos. Quando saiu de seu quarto, voltava a ver-se totalmente ele mesmo bem, quase, seu ajudante não teve tempo de barbeá-lo. Mas já não tinha os cabelos de ponta como as plumas de um pássaro exótico, e embora o hematoma sob o olho continuasse sendo horrível, já não tinha os olhos avermelhados nem parecia esgotado.

Um pouco de pó para os dentes, e estava preparado para descer.

Grimsby, por sua parte, dava todos os sinais de que necessitava de uma boa sesta.

Desceu a escada com a intenção de ir diretamente ao salão, mas quando entrou no corredor, viu

Grace a alguns palmos da porta do salão, gesticulando como louca e com um dedo posto sobre os lábios.

— O que está acontecendo? — disse, avançando com muita resolução — O que significa isto? Penrith me disse que Amélia veio para me ver. É certo?

Não se deteve, caso que ela entraria com ele no salão, mas quando passou por seu lado, a jovem agarrou o braço, obrigando-o a deter-se.

— Thomas, espere — sussurrou.

Ele virou para olhá-la com uma sobrancelha arqueada, interrogativa.

— O Senhor Audley — disse ela, afastando-o mais da porta — Está no salão. — Thomas olhou para a porta do salão e depois para ela, sem entender por que haviam dito que Amélia estava ali.

— Com Amélia — disse ela, quase um silvo.

Ele soltou uma maldição, sem poder evitá-lo, apesar da presença de uma dama.

— Por quê?

— Não sei — respondeu Grace, em tom bastante brusco — Estava ali quando eu cheguei. Amélia disse que o viu passar pelo corredor e acreditou que fosse você.

Ah, isso sim tinha graça. Assim estavam abençoados com uma semelhança familiar. Que curioso.

— O que disse a ela?

— Não sei. Eu não estava lá. E depois não podia interrogá-la na presença dele.

— Não, claro que não.

Apertou a ponta do nariz, pensando. *Isso era um desastre.*

— Estou segura de que não revelou seu... Sua identidade — disse ela.

Thomas a olhou com expressão sarcástica.

— Não é minha culpa — disse ela, zangada.

— Não disse que era.

Emitindo um sopro de irritação, continuou seu caminho para o salão. O Senhor Audley era como uma gangrena. Em todos os anos que Grace levava trabalhando em sua casa, jamais tinham se zangado. E sabe-se lá o que este homem estava dizendo a Amélia.

Do instante em que Grace saiu do salão, nem Amélia nem o Senhor Audley haviam dito uma só palavra, foi como se tivessem chegado a um acordo tácito, e o silêncio continuou enquanto os dois tentavam ouvir o que se dizia no corredor. Mas, a não ser que o Senhor Audley tivesse melhor ouvido que ela, parecia que os dois se sentiam frustrados. Ela não conseguia captar nem o menor som de suas vozes, Grace deve ter interceptado o Duque no começo do corredor.

Sua amiga parecia extraordinariamente agitada nesse dia, o que ela achava estranho. Sabia que pedira muito, que Grace era mais íntima amiga de sua irmã que dela, mas isso não explicava de maneira nenhuma seu estranho comportamento.

Inclinou-se, como se assim pudesse melhorar sua audição. Algo estava ocorrendo em Belgrave, e sua irritação ia aumentando, pois parecia ser a única pessoa a que deixavam na ignorância.

— Não poderá ouvi-los — disse o Senhor Audley.

Ela o olhou com uma expressão que tentou que fosse de recriminação.

— Vamos, não simule que não era isso o que tratava de fazer — disse ele — Eu sim.

— Muito bem — disse ela, decidindo que não tinha nenhum sentido negá-lo — Do que acredita que estão falando?

Ele encolheu os ombros.

— Difícil sabê-lo. Jamais presumiria conhecer a mente feminina, nem a de nosso estimado anfitrião.

— Não se dá bem o Duque? — perguntou ela, porque seu tom dava a entender que não resultava muito simpático.

— Não disse isso — disse ele em tom de amável repreensão.

Ela apertou os lábios, desejando dizer que não importava que o dissesse, mas não ganhava nada o provocando, ao menos nesse momento, assim simplesmente perguntou: — Quanto tempo vai ficar em Belgrave?

— Impaciente por se livrar de mim, Lady Amélia?

— Não, não — respondeu ela, e isso era mais ou menos certo, a princípio, não a incomodava sua presença, embora nesses momentos não facilitasse as coisas — Vi os criados levando baús. Pensei que poderiam ser seus.

— Imagino que pertencem à viúva — respondeu ele.

— Vai a alguma parte? — perguntou ela, consciente de que não deveria falar com tanto entusiasmo, mas uma dama pode fingir indiferença só até certo ponto.

— A Irlanda — respondeu ele.

Antes que ela pudesse fazer outra pergunta Thomas apareceu na porta, com um aspecto muito mais próprio dele que o que tinha a última vez que o viu.

— Amélia — disse, caminhando para ela com passos longos.

— Excelência — respondeu ela.

— Fico feliz em vê-la. Vejo que conheceu nosso hóspede.

— Sim, o Senhor Audley é muito ameno.

Thomas olhou o cavalheiro, não com especial afeto, observou ela.

— Muito — disse.

A isso seguiu um detestável silêncio, que ela pôs fim dizendo:

— Vim ver Grace.

— Sim, é claro — murmurou Thomas, afinal esse era o engano que tinham tramado.

— E eu a encontrei primeiro, ai de mim — disse o Senhor Audley.

Thomas dirigiu um olhar que teria intimidado a qualquer um dos homens que Amélia conhecia, mas seu convidado simplesmente sorriu.

— Na realidade, eu encontrei a ele — disse — Vi-o no corredor e pensei que fosse você.

— Assombroso, não é verdade? — murmurou o Senhor Audley, olhando para ela — Não nos

parecemos em nada.

A jovem olhou seu prometido.

— Não — disse Thomas, secamente.

— O que parece a você, Senhorita Eversleigh? — perguntou o Senhor Audley.

Amélia olhou para a porta, não tinha dado conta de que sua amiga entrara.

O Senhor Audley ficou de pé, sem deixar de olhar para Grace.

— Temos algum traço em comum o Duque e eu?

A moça deu a impressão de que não sabia o que responder. Finalmente disse: — Acredito que não o conheço bastante bem para emitir um julgamento acertado.

O Senhor Audley sorriu, e Amélia teve a impressão de que entre eles passava uma espécie de comunicação que ela não entendeu.

— Bem dito, Senhorita Eversleigh — disse ele — Posso deduzir, então, que ao Duque sim, conhece bastante bem?

— Levo cinco anos trabalhando para sua avó. Durante este tempo tive a sorte de conhecê-lo um pouco.

— Lady Amélia — interrompeu Thomas — permite-me que a acompanhe a sua casa?

— É claro — respondeu ela, já pensando com ilusão no trajeto.

Não esperava ter sua companhia, essa mudança de planos era delicioso.

— Tão cedo? — murmurou o Senhor Audley.

— Minha família estará esperando — disse ela.

— Partiremos imediatamente então — disse Thomas oferecendo o braço.

Ela o agarrou e se levantou.

— Isto... Excelência.

Isso disse Grace, que seguia perto da porta. Os dois a olharam. Parecia um pouco agitada.

— Poderíamos falar um momento, eeh..., antes que partam? Por favor.

Thomas se desculpou e saiu para o corredor atrás de Grace. Ficaram visíveis do salão, embora era difícil, na realidade, impossível, ouvir a conversa.

— Do que podem estar falando? — disse o Senhor Audley.

Por seu tom, Amélia compreendeu que ele sabia muito bem do que estavam falando, que sabia que ela não sabia, e sabia, além disso, que fazer essa pergunta a irritaria tremendamente.

— Não tenho a menor idéia — respondeu mordaz.

— Eu tampouco — disse ele, em seu habitual tom alegre e despreocupado.

Então ouviram.

— Irlanda!

Foi a voz de Thomas, e soou muito forte, o que não era nada típico nele. Amélia teria gostado de saber o que diziam depois, mas seu prometido agarrou o braço de Grace e a afastou para um lado, e ficaram absolutamente fora da vista. E da audição também.

— Temos nossa resposta — disse o Senhor Audley.

— Não pode estar chateado pelo fato de que sua avó vá sair do país — disse Amélia — Eu diria que se fosse assim estaria pensando melhor em celebrá-lo.

— Eu acredito, mas a Senhorita Eversleigh informou que sua avó pretende que ele a acompanhe. Ela se voltou para trás pela surpresa.

— A Irlanda? Vamos, deve estar enganado.

Ele encolheu os ombros.

— É possível. Sou um recém-chegado aqui.

— Além de que não consigo imaginar por que a Duquesa viúva desejaria ir a *Irlanda*, e não é que eu não gostaria de ver seu formoso país, mas acho muito inesperado nela, pois a ouvi falar com desprezo de Northumberland, da região dos lagos e de toda Escócia, na realidade — interrompeu-se, tratando de imaginar se à viúva desfrutando dos rigores da viagem — Irlanda me parece um pouco longe para ela.

Ele assentiu amavelmente.

— Mas, com franqueza, não tem lógica que ela deseje que acompanhe sua Excelência. Não desfrutam de sua companhia mútua.

— Que amável expressão, Lady Amélia — comentou Jack — Alguém gosta de estar na companhia deles?

Os olhos dela aumentaram pela surpresa. Essa era uma declaração mais clara ainda de que não gostava de Thomas. E dito em sua própria casa! Certamente, era uma declaração extraordinariamente descortês.

E curiosa.

Justo então voltou a entrar no salão Thomas.

— Amélia — disse com voz bastante enérgica — Acredito que não poderei acompanhá-la a sua casa. Peço desculpas.

— É claro — disse ela, lançando um rápido olhar ao Senhor Audley, embora para que, não tinha idéia.

— Disporei tudo para sua comodidade. Talvez gostasse de levar um livro da biblioteca?

— Pode ler em uma carruagem? — perguntou o Senhor Audley.

— Você não? — perguntou ela.

— Eu sim. Posso fazer quase tudo em uma carruagem. Ou com uma carruagem — acrescentou esboçando um estranho sorriso.

Thomas agarrou o braço de sua noiva, com uma firmeza bastante surpreendente, e a pôs de pé.

— Foi um prazer conhecê-lo, Senhor Audley — disse ela.

— Sim, parece que parte — disse ele.

— Amélia — disse Thomas secamente, levando-a para a porta.

Quando já tinham saído ao corredor, perguntou:

— Está acontecendo alguma coisa?

— Não, claro que não — disse ele — Simplesmente, há uns assuntos que devo atender.

Ela esteve a ponto de perguntar pela iminente viagem a Irlanda, mas, não o fez. Não sabia bem por que, não foi uma decisão consciente, mas sim uma sensação ou impressão. Thomas parecia chateado, não desejava alterá-lo mais. E, além disso, duvidava muito de que ele respondesse sinceramente se perguntasse.

Não mentiria, isso seria muito estranho, mas sim se evadiria dizendo algo vago condescendente e a abandonariam os deliciosos sentimentos produzidos pelo desenvolvimento dessa manhã.

— Eu poderia levar um dos atlas? — perguntou.

O trajeto a casa duraria menos de uma hora, mas tinha desfrutado muitíssimo olhando os mapas. Era algo que tinham feito juntos, com as cabeças inclinadas sobre os livros, suas frentes quase se tocando. O contorno de um continente, a cor azul celeste de um oceano em uma página, sempre a faziam pensar nele.

Já no trajeto a casa, enquanto a carruagem estralava e saltava brandamente sobre os buracos, foi passando as páginas até encontrar o mapa da Irlanda. Gostou bastante de sua forma, o contorno quase todo liso pelo este e pelo oeste, como se estendesse seus braços para o Atlântico.

Perguntaria a Thomas pela viagem a próxima vez que o visse. Era de supor que ele não partiria do país sem dizer.

Fechou os olhos, e visualizou seu rosto, corrigindo convenientemente seu olho arroxeadado.

Tinham entrado em um novo capítulo de sua relação. Disso estava segura. Seguia sem saber por que Thomas esteve bebendo nessa noite, mas se disse que não importava.

A única coisa que importava era que isso o tinha levado a ela e talvez tinha servido para encontrar a si mesma.

Tinha despertado. Depois de anos de andar sonâmbula, despertara.

CAPÍTULO 13



Quatro dias depois

Passado o primeiro choque, Thomas compreendeu que sua avó tinha razão em uma coisa. Uma viagem à Irlanda era a única solução para o problema. Devia sair à luz a verdade, por mais desagradável que fosse. Era possível que, com o devido estímulo, o Senhor Audley estivesse disposto a renunciar a seu direito ao título embora duvidasse que a Duquesa viúva permitisse isso. Mas ele tinha claro que não encontraria jamais a paz se não soubesse quem era realmente, e não se acreditava capaz de continuar em seu posto se sabia que este pertencia legitimamente a outro.

Toda sua vida fora uma mentira? Alguma vez fora o Duque de Wyndham, alguma vez fora sequer o herdeiro? Isso significaria que, bom, realmente era a única parte divertida de tudo, seu pai tampouco nunca fora o Duque. Uma circunstância como essa quase o fazia desejar que seu pai estivesse vivo, só para ver sua reação.

Teriam que mudar a inscrição sobre sua lápide? Pensou. Provavelmente sim.

Entrou no salão que dava à fachada da casa e se serviu uma taça.

Era possível que desfrutasse fazendo apagar o título da lápide de seu pai, pensou.

Era bom saber que poderia ter um pouco de diversão em todo esse assunto. Foi se colocar junto à janela para olhar para fora. Ia a essa sala com frequência, quando desejava solidão. Também podia estar sozinho em seu escritório, logicamente, mas ali ele estava rodeado de livros de contabilidade e correspondência, todos os avisos de tarefas ainda não terminadas. Nessa sala podia simplesmente pensar.

Tinha a impressão de que sentia menos aversão por seu primo que antes, nos quatro dias transcorridos desde que o encontrou no salão com Amélia, as conversas entre eles foram muito corteses, mas continuava parecendo irremediavelmente pouco sério. Sabia que em outro tempo Audley foi oficial do exército e, como tal, tinha que ter agido com prudência e julgamento, mas ele tinha sérias dúvidas de sua capacidade para dirigir um ducado com a diligência necessária.

Compreenderia que dele dependia o sustento e a mesmo a vida de centenas de pessoas?

Sentiria os antecedentes históricos de seu posto? O patrimônio, o legado? O pacto tácito com a terra, as pedras, o sangue que alimentara a terra, geração após geração? Wyndham era algo mais que um título que se acrescenta ao sobrenome, era...

Era...

Sentou-se em sua poltrona de pele favorito e fechou os olhos, angustiado.

Era ele.

Ele era Wyndham, e não tinha idéia quem seria quando lhe arrebatassem tudo. E arrebatariam. Disso estava mais e mais seguro a cada dia.

Audley não era estúpido. Não os levaria por todo o caminho a Irlanda, pelo amor de Deus, se no destino não os estivesse esperando a prova de sua legitimidade. Audley tinha que saber que o encheriam de privilégios e dinheiro, até no caso que tivesse declarado que sua mãe era uma puta do porto, que seu pai conheceu só durante três minutos. Sua avó estava tão absolutamente fascinada pela idéia de que seu filho favorito tivesse engendrado um filho que, fosse ou não legítimo, lhe daria recursos para que tivesse ganhos toda sua vida.

A vida de Audley seria segura e muitíssimo menos complicada se fosse ilegítimo.

E isso significava que não era. Em algum lugar da Irlanda havia uma Igreja onde estava a prova do casamento entre Lorde John Cavendish e a Senhorita Louise Galbraith. E ele sabia que quando a encontrassem, de todos os modos ele seria o Senhor Thomas Cavendish, cavalheiro do Lincolnshire, neto de um Duque, e isso seria tudo quanto ao parentesco.

O que faria então? Como ocuparia seus dias?

Quem seria?

Olhou sua taça. Já tinha bebido fazia um momento, e parecia que era a terceira. O que diria a Amélia? Havia dito que não abusava dos licores, e isso era certo, normalmente. Mas esses últimos dias sua vida distava muito de ser normal. Talvez esse seria seu novo hábito. Talvez assim encheria seus dias, na ignóbil busca do esquecimento, bebendo conhaque suficiente para poder esquecer que não sabia quem era, nem o que possuía, nem como devia agir.

Como tampouco sabia, pensou, rindo pesaroso, *como iria agir os outros com ele*.

Ah, seria divertido, francamente, observar os membros da alta Sociedade gaguejar e mover-se nervosos sem saber o que dizer. Que macabra diversão seria fazer ato de presença em algum evento no salão de reuniões e bailes de Lincolnshire.

Em Londres seria pior ainda.

E depois tinha Amélia. Teria que romper o compromisso, supunha, ou ao menos insistir em que ela o rompesse, como um cavalheiro não podia dar o primeiro passo para dissolver um contrato de compromisso. Mas sem dúvida ela não o desejaria, e muito menos desejaria sua família.

Tinham criado Amélia para ser a Duquesa de Wyndham, tal como o criaram para ser o Duque. Isso já não era uma possibilidade, pois duvidava que Audley fosse se casar com ela. Mas havia muitos outros títulos no país, e muitos pares do reino solteiros. Amélia iria muito melhor casando-se com um deles que com um plebeu sem um tostão e nenhuma habilidade útil. Quer dizer, nenhuma habilidade útil além da de possuir e administrar imensas extensões de terras e um ocasional Castelo.

Amélia.

Fechou os olhos. Viu seu rosto, a viva curiosidade em seus olhos, as tênues sardas que salpicavam a ponta do nariz. No outro dia tinha desejado beijá-la, mais do que pareceu no momento. Jazia na cama acordado pensando nela, perguntando se agora a desejava só porque já não podia tê-la. Pensava em tirar seu vestido, em adorá-la com suas mãos e lábios, explorar sua pele, conquistando-a, em contar às sardas que sem dúvida devia ter debaixo da roupa.

Amélia.

Serviu-se outra taça em sua honra, pareceu correto, já que foi a cerveja o que os reuniu da última vez. O conhaque que estava bebendo era bom, potente e meloso, uma das últimas garrafas que restavam das compradas, antes que fosse ilegal trazê-las da França. Levantou a taça, ela merecia um

brinde com o melhor conhaque. E talvez outro mais, decidiu, quando terminou de beber a taça.

Sem dúvida Amélia valia duas taças de conhaque. Mas quando se levantou para ir pegar a garrafa ouviu vozes no vestíbulo.

Grace falava com alguém. Parecia feliz.

Feliz. Desconcertante. Não conseguia nem imaginar um sentimento tão simples e sem travas.

Quanto à outra voz, só levou um segundo reconhecê-la. Era de Audley, e dava a impressão de que desejava seduzi-la.

Condenação.

Grace gostava de Audley, esses últimos dias vira como se ruborizava em sua presença e ria de suas brincadeiras. Ela tinha direito a apaixonar-se por quem quisesse, é claro, mas, por Deus *Audley*?

Sentia como o pior tipo de traição.

Sem poder conter-se, dirigiu-se à porta. Estava ligeiramente entreaberta, o bastante para ouvir sem ser visto.

— Pode me chamar de Jack — estava dizendo Audley.

— Não, acredito que não — disse Grace, mas ao que parece disse sorrindo, como se não dissesse a sério.

— Não o direi a ninguém.

— Mmm... Não.

— Uma vez me chamou por meu nome.

— Isso foi um erro — disse ela, embora em tom coquete.

Thomas saiu do vestíbulo, certas coisas simplesmente não se podem tolerar.

— Certamente — concordou.

Grace fez uma brusca inspiração e o olhou com um grau de horror que ele encontrou bastante satisfatório.

— De onde diabos saiu? — resmungou o Senhor Audley.

— Curiosa conversa — disse Thomas, com voz arrastada, zombeteira — Uma de muitas, suponho.

— Estava escutando? — disse Audley — Que vergonhoso.

— Excelência — começou Grace — eu...

Vamos, pelo amor de Deus, se podia chamar de Jack a Audley, bem podia voltar a chamá-lo por seu nome.

— Thomas — espetou — Não se recorda? Chamou-me por meu nome muitas vezes.

Sentiu uma pontada de culpa ao ver sua expressão afligida, mas esta se desvaneceu imediatamente quando Audley interveio com seu frescor habitual.

— Sim? Nesse caso, insisto que me chame Jack.

Olhou para ele e encolheu os ombros.

— É justo.

Thomas se manteve muito quieto, sentindo crescer em seu interior uma espécie de fúria negra. E cada vez que Audley falava seu tom era muito gracioso, seu sorriso sereno, como se nada do que estava passando importasse, isso intensificava o nó negro no ventre, queimava-lhe o peito.

— A chamarei Grace — disse então Audley olhando-a.

— De maneira nenhuma — gritou Thomas.

Seu primo arqueou uma sobrancelha, mas continuou dirigindo-se a Grace, — Ele sempre toma estas decisões em seu lugar?

— Esta é minha casa — replicou Thomas, condenação, não ia se desentender com ele.

— Possivelmente não por muito tempo — disse Audley.

Essa era a primeira vez que o provocava com um comentário desse tipo e, por isso, achou-o divertido. Olhou para Grace, logo para Audley, e de repente viu claramente com que desespero este desejava levar ela para cama.

— Só para que saiba — disse, adotando sem querer o tom e o sorriso de Audley — ela não está inclusa na casa.

Seu primo se esticou e jogou para trás o queixo.

Ah, pensou Thomas, um golpe direto. Magnífico.

— E o que quer dizer com isso?

O Duque encolheu os ombros.

— Acredito que sabe.

— Thomas — intercedeu Grace.

Ele recordou a amargura que sentia para ela.

— Ah, voltamos para Thomas, não é?

Então Audley, com seu habitual senso de humor, olhou para Grace e disse: — Acredito que você gosta da Senhorita Eversleigh.

— Não seja ridículo — respondeu ela imediatamente.

E Thomas pensou *por que não? Por que não gostava de Grace?* Isso seria muitíssimo menos complicado que sua relação com Amélia, por quem cada vez se sentia mais atraído.

Em todo caso, divertia-o que Audley acreditasse que gostava de Grace, assim cruzou os braços e o olhou altivamente ao longo do nariz.

Seu primo se limitou a sorrir, com uma expressão claramente de desafio.

— Não queria impedir que atenda as suas responsabilidades.

— Ah, agora são *minhas* responsabilidades.

— Enquanto a casa siga sendo dele.

— Não é só uma casa, Audley.

— Acredita que não sei?

Thomas viu passar por seus olhos algo diferente e totalmente novo, era medo, compreendeu. Para Audley o aterrava ter o título.

E era normal, maldito seja.

Começou a sentir um pouco de respeito por ele. Se sabia o bastante para sentir medo... Bem, pelo menos isso significava que não era um tolo de arremate.

— Se me desculparem — disse, porque já não sentia muito firmes as pernas.

Era o conhaque, sim, mas também o encontro. Ninguém era como devia ser, nem Grace, nem Audley, nem ele, em especial ele. Girou sobre seus calcanhares, entrou na sala de estar e fechou a porta. De todos os modos podia ouvi-los conversar, mas eles não seriam tão tolos para continuar ali. Iriam a alguma outra parte para rir e paquerar. Audley tentaria beijar Grace e era possível que ela o permitisse, e seriam felizes, ao menos nesse dia.

Sentou-se em sua poltrona e olhou pela janela, pensando por que não podia chorar.

Nesse mesmo dia a noite Thomas estava sentado diante da mesa de seu escritório, onde fora com a aparente finalidade de se ocupar de seus assuntos, embora na realidade tenha ido em busca de solidão. Esses dias não desfrutava muito a companhia do demais dado, sobretudo que estes *demaís* eram somente sua avó, seu primo recém-encontrado e Grace.

Sobre a mesa tinha vários livros de contabilidade abertos, suas muitas colunas cheias de cifras escritas ordenadamente por ele mesmo. Ao administrador de Belgrave se pagava para que levasse essas contas, como era lógico, mas gostava de fazê-lo pessoalmente, por isso fosse, a informação resultava mais clara quando ele anotava as cifras. Fazia alguns anos tentou renunciar a esse costume, já que achava desnecessário levar dois livros de contas, mas teve uma sensação semelhante a de que houvesse árvores que não permitissem ver o bosque.

Um Duque *tinha* que ver o bosque. Wyndham era uma responsabilidade imensa, com propriedades por toda Grã-Bretanha. Audley compreenderia isso? Respeitaria, ou se desentenderia, deixando as decisões em mãos dos diversos administradores e secretários, como vira muitos de seus contemporâneos fazerem, normalmente com resultados desastrosos?

Poderia um homem cuidar de um patrimônio como Wyndham se não tinha nascido para fazê-lo? Ele que representava seu ducado, mas, claro, teve toda uma vida para tomar carinho e conhecer bem suas terras. Audley chegou só fazia uma semana. Seria capaz de entender o que significava tudo isso? Ou seria algo que se leva no sangue? Teria posto um pé em Belgrave e pensado *Sim, este é meu lar?*

Muito improvável, estando ali sua avó para recebê-lo.

Friccionou as têmporas. Era preocupante, tudo poderia cair. Não imediatamente, isso sim, ele levava muito bem a propriedade para que ocorresse isso.

Mas com o tempo, Audley poderia arrasar tudo sem sequer ter intenção.

— Não será meu problema — disse em voz alta.

Ele não seria o Duque. Diabos era possível inclusive que não seguisse vivendo em Lincolnshire. Uma propriedade não vinculada ao título não aparecia no testamento de seu avô? Uma casa pequena perto de Leeds que comprou com a intenção de enviar para lá seu filho mais novo? Ele não queria ficar perto para ver Audley assumir seu papel, pegaria essa outra propriedade e se livraria de todos eles.

Bebeu um gole da taça de conhaque que tinha sobre a escrivaninha, quase tinha bebido toda a garrafa, o que produzia uma certa satisfação. Não fora fácil adquiri-la e não desejava deixá-la ali. Mas o gole foi um aviso de certas funções corporais, assim jogou para trás a poltrona e se levantou. No

canto havia um urinol, mas não fazia muito tinha restaurado essa parte de Belgrave instalando um banheiro com os últimos adiantamentos da tecnologia. Que o pendurassem se se privasse desse prazer antes que o embarcassem para Leeds.

Saiu para o corredor. Era tarde, a casa estava silenciosa. Entrou no banheiro, fez suas necessidades, entreteve-se um momento admirando as maravilhas dos inventos modernos e saiu para voltar para seu escritório, onde tinha a intenção de passar a noite, ou ao menos ficar que acabasse o conhaque.

Mas ao voltar ouviu sons que indicavam que havia outra pessoa em pé. Deteve-se diante da porta do salão rosa e apareceu. Sobre uma mesa havia um candelabro com uma vela acesa que iluminava a sala com sua luz piscando. Grace estava junto a escrivaninha do canto do outro extremo procurando algo, abrindo e fechando gavetas, com uma expressão de frustração na face.

Tinha dito a si mesmo que devia pedir desculpas, seu comportamento nessa tarde fora abominável. Eram muitos os anos de amizade com ela para permitir que acabasse assim.

Disse seu nome e ela levantou o olhar, sobressaltada.

— Thomas, não sabia que ainda estava em pé.

— Não é tão tarde — disse ele.

Ela sorriu levemente.

— Não, suponho. A Duquesa se deitou, mas ainda não dormiu.

— Seu trabalho alguma vez termina? — perguntou ele, entrando.

— Não — disse ela, encolhendo os ombros, em atitude resignada.

Ele a vira fazer esse movimento incontáveis vezes, e a expressão com que o acompanhava, algo pesarosa, algo sarcástica. De verdade, não sabia como ela podia aguentar sua avó. Aguentava porque tinha que aguentá-la. Não abundavam as oportunidades de emprego para as damas de pouca ou nenhuma fortuna.

— O papel lá de cima acabou — explicou ela.

— Para cartas?

— Uma carta de sua avó. Eu não tenho ninguém para quem escrever. Suponho que quando Elizabeth Willoughby se case e parta... — interrompeu-se e esteve um momento pensativa — Vou sentir falta.

— Sim — disse ele, recordando o que Amélia havia dito — São boas amigas, não é verdade?

Ela assentiu.

— Ah, aqui tem papel — disse tirando um fino monte de folhas, então o olhou fazendo um gesto de pesar — Agora tenho que ir escrever a carta de sua avó.

— Ela não escreve suas cartas? — perguntou ele, surpreso.

— Acredita que as escreve. Mas a verdade é que tem uma letra horrorosa. Ninguém poderia entender uma sílaba do que diz. Inclusive eu tenho dificuldade para entender. No final, improviso pelo menos a metade.

Ele riu. Que boa pessoa era Grace. Era estranho que não tenha se casado. Seu posto em Belgrave intimidava muito os cavalheiros? Era provável. Era culpa dele também, pensou, tão necessitado de

que ela continuasse sendo a dama de companhia de sua avó que não tinha feito o devido, atribuindo um pequeno dote para que pudesse encontrar marido e deixar esse emprego.

— Devo pedir desculpas a você Grace — disse, avançando para ela.

— Por está tarde? Não, por favor, não seja tolo. Esta é uma situação terrível, e ninguém poderia culpá-lo por...

— Por muitas coisas — ele interrompeu.

Deveria ter dado a oportunidade de encontrar marido. Se tivesse feito, ela não teria estado ali quando Audley chegou.

— Por favor — disse ela, esboçando um triste sorriso — Não me ocorre nada do que precise pedir desculpas, e asseguro que se houvesse algo, aceitaria suas desculpas, com toda gentileza.

— Obrigado — disse ele. Pareceu que se sentia melhor, embora não muito. Então, como sempre é possível encontrar refúgio no óbvio, acrescentou — dentro de dois dias partimos em direção a Liverpool.

Ela assentiu.

— Imagino que tem muito que fazer antes que partamos.

Ele pensou. Na realidade, não. Esses últimos quatro dias passaram supondo caso voltasse para a Inglaterra sem nada, assim trabalhara como um louco, comprovando que até o último canto das propriedades Wyndham estivessem como deviam estar. Não permitiria que ninguém dissesse que fizera sabotagem ao novo Duque.

E já terminara tudo. Ainda faltava por revisar um pedido de grão, e fiscalizar a preparação de sua bagagem, mas, além disso... Tinha acabado seu tempo como Duque.

— Quase nada — disse, sem poder evitar uma certa mordacidade.

— Ah — disse ela, ao que pareceu surpresa, nem tanto por sua resposta como porque a havia dito — isso deve ser uma mudança agradável.

Ele se aproximou outro pouco, notou que ela começava a sentir-se incômoda, e tinha bebido o suficiente para desfrutar um pouco disso.

— Estou praticando, sabe? — disse.

Ela engoliu em seco.

— Praticando?

— Ser um cavalheiro ocioso. Talvez devesse emular a seu Senhor Audley.

— Não é meu Senhor Audley — replicou ela imediatamente

— Não terá que se preocupar — continuou, passando por cima do protesto dela — Deixei tudo em perfeita ordem. Revisaram-se todos os contratos e se cotejou até a última cifra de cada última coluna. Se ele levar a propriedade à ruína, só será responsabilidade dele.

— Thomas, pare — disse ela — Não fale assim. Não é seguro que ele seja o Duque.

— Não é seguro?

Bom Deus, a quem queria enganar, ele ou ela mesma?

— Vamos, Grace, nós dois sabemos o que encontraremos na Irlanda.

— Não sabemos — insistiu ela, embora a voz tenha saído rouca.

E ele sabia. Avançou outro passo.

— O ama?

Ela ficou imóvel.

— O ama? — repetiu ele, perdendo a paciência — Falo de Audley.

— Sei a quem se refere — espetou ela.

Ele quase riu.

— Imagino que sim.

Estavam condenados, disse para seu colete.

Os dois. Amélia estava perdida para ele e Grace se apaixonou por Audley, nada menos. Nesse aspecto, não podia acontecer nada. Ele poderia ter conseguido se casar com uma mulher da posição social de Grace, mas Audley não poderia. Uma vez que se convertesse em Duque, teria que se casar com uma garota feia cuja linhagem fosse tão elevada como a sua. Haveria muitos cétricos e caluniadores, o novo Duque precisaria fazer um casamento brilhante para demonstrar à Sociedade que era digno do título.

Além disso, Audley era um tolo irresponsável, claramente indigno de uma mulher como Grace.

— Quanto tempo está aqui? — perguntou, tratando de localizar a resposta na névoa de seu cérebro.

— Em Belgrave? Cinco anos.

— E em todo este tempo eu não hei... — moveu a cabeça — Não sei por que.

— Thomas — disse ela, olhando-o receosa — de que fala?

— Que me pendurem se sei — Riu amargamente — O que vai ser de nós, Grace? Estamos perdidos, sabe? Os dois.

— Não sei de que fala — disse ela.

— Oh, vamos, Grace, é muito inteligente, sabe disso.

Ela olhou para a porta.

— Devo ir.

Mas ele fechava o passo.

— Thomas, eu...

E então ele pensou *por que não?*

Bem podia dar por perdida Amélia, e Grace, a boa, sensata e responsável Grace, estava ali. Era formosa, sempre a tinha achado formosa, isso era uma vantagem para ela, a um homem sem um quarto de tostão do seu nome resultaria mais difícil sair adiante.

Agarrou o rosto entre as mãos e a beijou. Foi um ato desesperado, nascido não do desejo, mas sim da dor, e continuou beijando-a, com a esperança de que isso se convertesse em outra coisa, de que se tentasse e se esforçasse tempo suficiente, acenderia algo entre eles e ele esqueceria...

— Pare! — exclamou ela, empurrando-o pelo peito — por que faz isto?

Ele encolheu os ombros, impotente.

— Não sei. — Era a verdade — Eu estou aqui, você está aqui.

— Já vou.

Mas ele seguia com uma mão em seu braço. Devia soltar-lhe sabia que devia fazê-lo, mas não pode. Talvez ela não fosse a mulher adequada para ele, mas talvez... Talvez não era inadequada de tudo. Talvez entre os dois se pudesse arrumar.

— Vamos, Grace — disse — Já não sou Wyndham. Nós dois sabemos.

Encolheu os ombros, soltou o braço e moveu a mão para ela. Foi como se por fim permitisse se render ao inevitável.

Ela o olhou curiosa.

— Thomas?

Então, sem saber por que, disse:

— Se casaria comigo depois que tudo isto acabe?

— O que? — exclamou ela, horrorizada — Vamos, Thomas, está louco.

Mas não se apartou. Assim, pôs-lhe um dedo sob o queixo e levantou o rosto para ele.

— O que diz, Gracie?

Ela não disse sim, mas tampouco disse não. Ele sabia que estava pensando em Audley, mas não se importou. Parecia sua única esperança, sua última tentativa para manter a prudência.

Inclinou-se para beijá-la outra vez, parando para pensar em sua beleza. Esses abundantes cabelos escuros, os preciosos olhos azuis, deveriam acelerar seu coração. Se a apertava contra ele, com força e exigência, se excitaria, endureceria o corpo de desejo e necessidade?

Mas não a apertou contra ele. Não desejou fazê-lo. Achou incorreto, e se sentiu sujo por pensar nisso.

E quando ela sussurrou *Não posso*, e desviou o rosto, não fez nada para impedir ou insistir. Simplesmente, apoiou o queixo sobre sua cabeça, abraçando-a como poderia abraçar a uma irmã.

Com o coração oprimido, murmurou:

— Sei.



— Excelência?

Thomas levantou a vista dos papéis que estava olhando em seu escritório, pensando quanto tempo mais poderiam chamá-lo assim. Seu mordomo estava na porta esperando seu gesto de assentimento.

— Lorde Crowland veio vê-lo Senhor — disse Penrith — Com Lady Amélia.

— Há esta hora? — Entrecerrou os olhos olhando para o relógio, que inexplicavelmente não estava ali.

— São nove e meia, Senhor — disse Penrith — e o relógio se levou para reparar.

Thomas tocou a ponta do nariz, ao que parece tinha absorvido sozinho todos os maus efeitos da garrafa de conhaque da noite passada.

— Por um momento acreditei que havia me tornado louco — disse.

Embora, a verdade, o relógio desaparecido fosse o menos grave dos sintomas.

— Estão no salão rosa, Senhor.

Onde ele assaltara Grace só umas horas antes. Fabuloso.

Esperou que Penrith partisse para fechar os olhos, envergonhado. Bom Deus, tinha beijado Grace. Pegara a pobre garota entre seus braços e a beijara.

Como diabos pode acontecer algo assim?

Entretanto, não podia lamentar de todo. No momento pareceu uma ideia sensata. Se não podia ter Amélia...

Amélia.

Seu nome o fez voltar de um salto ao presente. Ela estava ali. Não devia fazê-la esperar.

Levantou-se. Havia trazido seu pai, o que não era bom sinal. Dava-se bastante bem com Lorde Crowland, mas não ocorria nenhum motivo para que tivesse vindo visitá-lo essa hora tão cedo. Nem sequer se recordava quando foi a última vez que o Conde esteve ali. Esperava que não houvesse trazido seus cães de caça. Doía-lhe muito a cabeça para suportar seus latidos.

Não teve que caminhar muito para chegar ao salão rosa, ficava nesse mesmo corredor. Quando entrou, viu imediatamente Amélia sentada em um sofá, com uma expressão que indicava que preferiria estar em outra parte. Ela sorriu, mas o sorriso foi mais uma careta, e ele pensou que se sentia indisposta.

— Lady Amélia — disse, embora na realidade devesse ter saudado seu pai primeiro.

Ela levantou e se inclinou em uma leve reverência.

— Excelência.

Inclinando ligeiramente a cabeça, ele a olhou nos olhos, voltavam a estar verdes, com umas pintinhas marrons nas bordas. Mas ela não parecia se encontrar bem. Desde quando a conhecia tão bem que era capaz de notar esses sutis detalhes em sua aparência?

— Passa-se algo?

— Estou muito bem, Excelência.

Mas não gostou desse tom submisso e formal, desejava de volta à outra Amélia, a que esteve olhando velhos e poeirentos atlas com ele, com os olhos brilhantes de entusiasmo por esses novos conhecimentos. A que riu com Harry Gladdish a custa dele!

Curioso. Nunca tinha pensado que a provocação seria algo que valorizaria em uma mulher, mas era assim. Não desejava que o colocassem sobre um pedestal. Certamente, não desejava que ela o fizesse.

— Está certa disso? — perguntou, porque começava a se preocupar — Está pálida.

— Só se deve ao uso correto de um chapéu — disse ela — Talvez pudesse dizer-lhe a sua avó.

Sorriram-se, cúmplices, e então ele se voltou para saudar seu pai.

— Lorde Crowland, perdoe minha falta de atenção. No que posso servi-lo?

Lorde Crowland não se tomou o incômodo de recorrer às sutilezas de rigor, nem sequer o saudou.

— Perdi a paciência com você, Wyndham — disse.

Thomas olhou Amélia, em busca de uma explicação, mas ela não o estava olhando.

— Acredito que não entendo o que quer dizer — disse.

— Amélia me disse que parte para a Irlanda.

Thomas pestanejou surpreso. Amélia sabia que ia para a Irlanda? Isso era uma novidade para ele.

— Ouvi você falando com Grace — disse ela, engolindo em seco, aflita — Não era minha intenção escutar. Sinto muito, não deveria dizer isso. Não pensei que ele se zangaria tanto.

— Esperamos muito tempo — bramou Crowland — teve a minha filha penduranda de uma corda anos e anos, e agora, quando por fim acreditávamos que fosse se dignar a marcar uma data, inteiro-me de que vai fugir para a Irlanda.

— Penso em voltar.

O rosto de Crowland ficou quase roxo. Talvez essa ironia não tenha sido o mais acertado.

— Quais são suas intenções? — gritou.

Thomas fez uma larga e profunda inspiração pelo nariz para obrigar seu corpo a se manter calmo.

— Minhas intenções? — disse.

Em que momento estava permitido a um homem decidir que já estava farto? Que estava farto de ser amável, de tentar fazer o correto? Pensou em todo o ocorrido nesses últimos dias. Em geral, tinha feito bastante bem. Não tinha matado ninguém, e Deus sabia que havia sentido a tentação.

— Minhas intenções? — repetiu, flexionando a mão no flanco, o único sinal exterior de seu esgotamento e angústia.

— Para minha filha.

E, francamente, isso o levou ao seu limite. Dirigiu um glacial olhar a Lorde Crowland.

— Não tenho intenções respeito a nenhuma outra coisa na sua área.

Ouviu a exclamação afogada de Amélia, e embora devesse sentir remorso, não sentiu. Durante essa semana o tinham jogado para baixo, golpeado, sacudido e cravado, e se sentia a ponto de explodir. Uma espetada mais e ia...

— Lady Amélia — disse então uma voz muito pouco grata para seus ouvidos — Não sabia que tínhamos sido honrados com sua encantadora presença.

Audley. Como não, tinha que estar ali.

Pôs-se a rir.

Crowland o olhou com uma expressão muito parecida com repugnância. Ele, não a Audley, que parecia vir de volta de uma cavalgada, com o cabelo revolto pelo vento e incrivelmente bonito.

Ao menos supunha isso, era difícil saber o que as damas viam nele.

— Pai — disse Amélia — permita-me que presente ao Senhor Audley? É um hóspede aqui em Belgrave. Conheci-o outro dia quando vim ver Grace.

— Onde está Grace? — perguntou Thomas, pensando em voz alta, todos os outros estavam ali, achava pouco amável deixá-la fora.

— Está no final do vestíbulo — respondeu Audley, olhando-o com curiosidade — Eu ia caminhando...

— Não me cabe dúvida — interrompeu-o Thomas, e olhou para Crowland — Muito bem, queria saber minhas intenções.

— Este pode não ser o melhor momento — disse Amélia, nervosa.

Thomas sentiu uma forte pontada de pesar. Ela acreditava que dizendo isso postergaria algum tipo de repúdio, quando a verdade era muito pior.

— Nãooo — disse, esticando a sílaba, como se estivesse pensando — este pode ser nosso único momento.

Para que seguir com o segredo? O que podia ganhar com isso? Por que não tirar para luz todo o maldito assunto?

Então Grace chegou.

— Deseja algo, Excelência? — perguntou.

Thomas arqueou as sobrancelhas, surpreso, e olhou para os outros.

— Tão forte falei?

— O laçao o ouviu — disse a dama de companhia, vacilante, fazendo um gesto para o vestíbulo, onde era provável que ainda estivesse o laçao escutando.

— Entre, Senhorita Eversleigh — disse, movendo o braço em gesto de boas vindas — Bem poderia ter um lugar nesta farsa.

Grace enrugou o rosto, preocupada, mas entrou e foi situar-se perto da janela, afastada de todos os outros.

— Exijo saber o que ocorre — disse Crowland.

— É claro — respondeu Thomas — Que falta de educação a minha. Onde estão minhas boas maneiras? Tivemos uma semana muito emocionante em Belgrave. Ultrapassa com muito minhas mais loucas imaginações.

— E o que quer dizer com isso?

— Ah, sim, provavelmente deveria saber. Este homem — agitou a mão flexionada em direção a Jack — é meu primo. Poderia inclusive ser o Duque. — Sem deixar de olhar Crowland encolheu os ombros, com insolência, quase desfrutando do momento — Embora ainda não sabemos com segurança.

CAPÍTULO 14



Santo Deus! Pensou Amélia.

Olhou para Thomas, olhou para o Senhor Audley, voltou a olhar para Thomas, e então... Viu que todos estavam olhando para ela. Por que a olhavam? Tinha falado? Havia dito em voz alta seu pensamento?

— A viagem a Irlanda... — estava dizendo seu pai.

— É para determinar sua legitimidade — explicou Thomas — vai ser uma viagem divertida. Minha avó nos acompanhará.

Amélia o olhou horrorizada. Parecia outro homem. Aquilo tinha que ser um engano. Um tremendo engano. Não podia estar acontecendo algo assim. Fechou fortemente os olhos.

Por favor, que alguém diga que isto não está acontecendo.

Então ouviu a voz implacável de seu pai,

— Iremos com vocês.

Abriu os olhos.

— Papai?

— Não se meta nisso, Amélia — disse ele, sem sequer olhá-la.

— Mas...

— Posso assegurar — disse Thomas — que teremos a maior pressa possível em verificar a verdade e o informaremos imediatamente.

— Disto depende o futuro de minha filha — replicou Crowland, acalorado — Quero estar lá para examinar os papéis.

— Acredita que pretendemos enganá-lo? — perguntou Thomas em tom glacial.

Amélia deu um passo para eles. Por que ninguém fazia caso dela? Consideravam-na invisível? Insignificante nesse horrível quadro?

— Só estou velando pelos direitos de minha filha.

— Papai, por favor — disse ela, pondo a mão em seu braço. Alguém tinha que deixá-la falar, alguém tinha que escutá-la — Por favor, só um momento.

— Disse que não se meta nisso! — rugiu seu pai, soltando bruscamente o braço.

Não tendo esperado essa recusa, ela cambaleou para trás e se chocou com uma mesa pequena.

Imediatamente Thomas estava ao seu lado, sustentando-a para que não perdesse o equilíbrio e caísse.

— Peça desculpa a sua filha — disse em tom letal.

Crowland o olhou perplexo.

— Que diabos diz?

— Peça desculpa a ela! — rugiu Thomas.

— Excelência — apressou-se ela em dizer — Não julgue meu pai com tanta dureza, por favor. Estas circunstâncias são excepcionais.

— Ninguém sabe disso melhor do que eu — disse ele sem desviar o olhar do rosto do Conde — Peça desculpa a Amélia ou faça expulsar você de minha propriedade.

A jovem reteve o fôlego. Pareceu que ninguém respirava, à exceção talvez de Thomas, que parecia um antigo guerreiro exigindo justiça.

— Sinto muito — disse Crowland, pestanejando confuso, e olhou sua filha por fim — Amélia, sabe que eu...

— Sei — ela interrompeu.

Isso bastava, conhecia seu pai, conhecia sua maneira de ser, normalmente afável.

— Quem é este homem? — perguntou então seu pai, fazendo um gesto com o braço para o Senhor Audley.

— É o filho do irmão mais velho de meu pai — respondeu Thomas.

— Charles? — perguntou ela, consternada, o homem que tinha que ter se casado sua mãe?

— John. Que morreu no mar. O favorito da Duquesa viúva.

Seu pai assentiu pálido, muito afetado.

— Estão seguros disto? — perguntou.

Thomas encolheu os ombros.

— Pode olhar o retrato.

— Mas seu sobrenome.

— Era Cavendish quando nasci — atravessou o Senhor Audley — No colégio tinha o sobrenome Cavendish-audley. Pode olhar os arquivos se desejar.

— Aqui? — perguntou seu pai.

— Em Enniskillen. Só vim a Inglaterra depois de servir o exército.

Crowland assentiu aprovador.

Sempre tinha desejado entrar no exército, recordou sua filha Amélia. Mas não podia, logicamente. Herdou o título quando tinha dezessete anos, e não havia nenhum herdeiro depois dele, o condado de Crowland não podia correr o risco de ficar sem o último Conde, antes que tivesse a oportunidade de engendrar filhos. E resultou que teve cinco filhas. Ela pensava se talvez às vezes ele desejasse ter entrado no exército. O resultado teria sido o mesmo pelo que ao condado se referia.

— Eu estou convencido de que é parente sanguíneo — disse Thomas tranquilamente — Só falta por determinar se é também pela lei.

— Isto é um desastre — resmungou o Conde, caminhando para a janela para olhar para fora.

Os olhos de todos o seguiram, para onde podiam olhar nesse salão silencioso?

— Eu assinei o contrato de boa fé — disse ele então, sem deixar de olhar para o parque de grama — Vinte anos atrás, assinei o contrato.

Os olhos Amélia aumentaram. Nunca ouviu seu pai falar assim. Sua voz soava nervosa, controlada, como uma corda esticada ao máximo a ponto de romper-se. Então ele virou bruscamente.

— Entende? — bradou, e era difícil saber a quem se dirigia, até que seus olhos se pousaram no rosto de Thomas — Seu pai foi me ver com seus planos e eu os aceitei, acreditando que você fosse o herdeiro legítimo do ducado. Amélia ia ser Duquesa. Duquesa! Acredita que teria entregado minha filha se tivesse sabido que não fosse para ser... A não ser...?

O rosto se pôs vermelho e feio ao tratar de decidir o que era Thomas, ou o que seria, se verificava o direito ao ducado do Senhor Audley.

Amélia se sentiu doente. Por ela. Por Thomas.

— Pode me chamar Senhor Cavendish, se o desejar — disse Thomas, com uma voz aterradoramente calma — Se crê que isso possa servir para se acostumar com a idéia.

Mas o Conde não acabara.

— Não vou permitir que defraudem a minha filha. Se resultar que não é o legítimo Duque de Wyndham, pode considerar nulo o compromisso.

Não! Desejou gritar Amélia.

Seu pai não podia anulá-lo, não podia fazer isso. Olhou para Thomas, desesperada. Sem dúvida ele diria algo. Entre eles ocorrera algo. Já não eram dois desconhecidos. Gostava dele, importava-se com ele. Ele lutaria por ela.

Mas não.

A alma caiu aos seus pés. Sentiu-se completamente destroçada. Ele não lutaria por ela, compreendeu. Porque quando limpou bastante sua cabeça para enfocar seu rosto, viu-o assentir. E então ele disse: — Como queira.

— Como queira — repetiu ela, sem poder acreditar.

Mas ninguém a ouviu. Só foi um sussurro, um sussurro horrorizado saído da boca de uma mulher ao que parece ninguém via.

Não a estavam olhando. Ninguém. Nem sequer Grace.

Então seu pai se virou para o Senhor Audley e o apontou com um dedo.

— Se for assim — disse — se você for o Duque de Wyndham, você se casará com minha filha.

Depois, dessa noite, e todas as noites de várias semanas, Amélia reviveria esse momento uma e outra vez. Via seu pai virar e apontar com o dedo o primo de Thomas.

Via seus lábios formando as palavras. Ouvia sua voz. Via o horror no rosto de todos.

Via o horror no rosto do Senhor Audley.

E cada vez que o revivia, ela dizia algo distinto. Algo engenhoso ou algo mordaz. Talvez algo gracioso ou algo furioso.

Mas sempre dizia algo.

Mas no momento que tudo ocorreu não disse nada. Nenhuma só palavra. Seu pai tentava endossá-la a um homem que ela não conhecia, diante de pessoas que sim conhecia, e ela...

Não disse nada.

Nem sequer emitiu uma exclamação. Sentiu a face paralisada, como uma horrível gárgula apanhada na tortura eterna. Abaixou o queixo e os lábios petrificaram formando uma espantosa máscara de horror. Mas não emitiu nem o menor som. Era provável que seu pai se sentisse orgulhoso dela por isso. Nada de histerias femininas de sua parte.

O Senhor Audley parecia estar igualmente afetado, mas recuperou o aprumo muito mais rápido que ela, mesmo que as primeiras palavras que saíram de sua boca foram: — Ah, não.

Ela acreditou que poderia vomitar.

— Ah, sim — advertiu-lhe seu pai — casará com ela, embora tenha que levá-lo ao altar com meu trabuco às costas.

— Papai — conseguiu dizer ela com a voz afogada — não pode fazer isto.

Mas não fez o menor caso. Deu outro enérgico passo para o Senhor Audley.

— Minha filha está comprometida com o Duque de Wyndham — sibilou — e com o Duque de Wyndham se casará.

— Não sou o Duque de Wyndham — disse o Senhor Audley.

— Ainda não. Talvez não o seja nunca. Mas eu estarei presente quando sair à luz a verdade. E me encarregarei de que minha filha se case com o homem que deve.

— Isto é loucura — exclamou o Senhor Audley.

Estava visivelmente angustiado, e ela quase riu ao ver seu rosto horrorizado. Era digno de se ver, um homem apavorado diante da idéia de se casar com ela.

— Nem sequer a conheço — acrescentou ele.

— Isso não tem importância — respondeu o Conde.

— Está louco! — exclamou o Senhor Audley — Não me vou casar com ela.

Amélia cobriu a boca e o nariz com ambas as mãos e fez uma inspiração profunda. Sentia as pernas fraquejarem. Não queria chorar. Isso seria a última coisa que desejaria.

— Minhas desculpas, Milady — disse ele, fazendo um gesto para ela — Isto não é de caráter pessoal.

Ela conseguiu fazer um gesto de assentimento, não muito elegante, mas talvez sim amável. Por que ninguém perguntava? Por que não pediam sua opinião? Por que ela não era capaz de falar?

Era como se todos estivessem a vendo de muito longe. Não a ouviriam. Poderia gritar e chiar, e ninguém a ouviria.

Olhou para Thomas. Ele estava olhando para frente, imóvel como uma estátua de pedra.

Olhou para Grace. Seguro que ela iria a sua ajuda. Era mulher, sabia o que significava que destroçassem a vida de uma dama dessa forma.

Voltou a olhar para o Senhor Audley, que seguia procurando argumentos para se livrar de ter que se casar com ela.

— Eu não aceitei esse acordo — disse ele então — Não assinei nenhum contrato.

— Ele tampouco — disse o Conde, fazendo um gesto com a cabeça para Thomas — Seu pai assinou.

— Em seu nome — respondeu o Senhor Audley, quase aos gritos.

Crowland nem sequer pestanejou.

— Aí é onde se equivoca, Senhor Audley. No contrato não se especificou seu nome. Minha filha, Amélia Honoria Rose, se casaria com o sétimo Duque de Wyndham.

— Sim? — perguntou Thomas, falando por fim.

— Não olhou o documento? — perguntou seu recém-descoberto primo.

— Não, nunca vi a necessidade.

— Bom Deus — exclamou o Senhor Audley — entrei em um grupo de malditos idiotas.

Amélia não viu nenhum motivo para contradizê-lo.

— Senhor — continuou o Senhor Audley, olhando francamente o Conde — não me casarei com sua filha.

— Oh, sim se casará.

Então foi quando Amélia soube que tinham quebrado seu coração. Porque essas palavras seu pai não as disse.

Thomas as disse.

— O que disse? — perguntou o Senhor Audley.

Thomas caminhou para ele e só se deteve quando estavam quase tocando os narizes.

— Esta mulher passou toda sua vida preparando-se para ser a Duquesa de Wyndham. Não vou permitir que destroce sua vida. Entendeu-me?

E a única coisa que ocorreu ela pensar foi, *Não*.

Não. Não desejava ser a Duquesa. Não importava ser ou não ser Duquesa. Só desejava ele. Thomas. O homem que não tinha conseguido conhecer em toda sua vida.

Até agora.

Até que ele esteve ao seu lado olhando um mapa e explicou por que a África é maior que Groenlândia.

Até que disse que gostava de mandona.

Até que a fez sentir que ela era importante. Que seus pensamentos e opiniões eram valiosos. Ele a tinha feito sentir-se completa. Mas ali estava, exigindo que outro casasse com ela. E ela não sabia como impedi-lo. Porque se falasse, dizia a todos que o desejava, ele voltaria a recusá-la.

Thomas não perguntara a ela sua opinião. Simplesmente, tinha exigido que o Senhor Audley se casasse com ela. E este respondeu: — Não.

Ela inspirou uma baforada de ar e olhou para o teto, tentando simular que esses dois homens não estavam discutindo sobre qual deles tinha que se casar com ela.

— Não entendo por que tenho que casar com sua prometida — continuou o Senhor Audley, em tom insultante — Sinto muito.

Ela voltou a olhá-los. Na realidade era difícil desviar a vista. Era como ver um acidente de carruagens, embora claro, era sua vida que estavam pisoteando.

Thomas estava olhando para o Senhor Audley com uma expressão assassina. E então disse quase cordialmente: — Acredito que o matarei.

— Thomas! — gritou ela, sem parar para pensar, e quase voando se equilibrou para ele e agarrou seu braço.

— Pode me roubar a vida — grunhiu Thomas como um animal furioso, ofendido, e tratando de liberar seu braço — Pode me roubar meu sobrenome, mas por Deus que não roubará o dela.

Assim era isso, pensou Amélia. Ele acreditava que fazia o correto. Desejou chorar de frustração. Não havia maneira de fazê-lo mudar de opinião. Thomas passara toda sua vida fazendo o correto porque era o Duque de Wyndham. E agora acreditava que fazia o correto por ela.

— Ela tem um sobrenome — replicou o Senhor Audley — É Willoughby. E, pelo amor de Deus, é filha de um Conde. Encontrará outro homem.

— Se você for o Duque de Wyndham — disse Thomas energicamente — terá que cumprir com seus compromissos.

— Se for o Duque de Wyndham, você não pode me dizer o que devo fazer.

— Amélia, solte meu braço — disse Thomas com uma calma letal.

Em lugar de soltá-lo, ela aumentou a pressão.

— Acredito que não é conveniente — disse.

O Conde escolheu esse momento para por fim intervir.

— Isto..., Senhores, tudo isto neste momento é hipotético. Talvez devessem esperar a...

— Em todo caso, eu não serei o sétimo Duque — resmungou o Senhor Audley.

A Crowland o irritou a interrupção.

— Como disse?

— Eu não serei o sétimo Duque — repetiu o Senhor Audley. Olhou para Thomas — Seu pai foi o sexto Duque, mas não deveria ter ostentado esse título, não é verdade? — acrescentou como se o assunto não fosse já bastante confuso.

— De que diabos está falando? — perguntou o Conde.

— Seu pai, meu tio John, morreu antes que seu próprio pai — respondeu Thomas ao Senhor Audley — Se seus pais estavam casados, você teria herdado o ducado com a morte do quinto Duque, nos eliminando totalmente ao meu pai e a mim.

— E isso me converteria no sexto Duque.

— Sim — disse Thomas entre dentes.

— Então não estaria obrigado a honrar o contrato. Nenhum tribunal do país exigiria isso de mim. Duvido que exigissem isso até no caso de que fosse o sétimo Duque.

— Não é a um tribunal jurídico que deve apelar — disse Thomas — a não ser o tribunal de sua responsabilidade moral.

Amélia engoliu em seco. Que típico dele era isso. Que honrado, que reto. Como poderia discutir

com um homem assim? Notou que os lábios começavam a tremer e olhou para a porta, calculando quantos passos precisaria dar para sair do salão.

O Senhor Audley estava muito rígido, e ao falar a voz saiu tensa.

— Eu não pedi isto.

Thomas negou com a cabeça.

— Eu tampouco — disse.

Amélia retrocedeu, afogando o grito de pena que subiu à garganta. Não, ele nunca tinha pedido nada de nada. Não tinha pedido o título, nem as terras nem as responsabilidades. Não tinha pedido a ela. Isso ela sabia, claro. Sempre soube que ele não a escolheu, mas nunca imaginou que doeria tanto ouvi-lo dizer. Ela era simplesmente outra das muitas cargas, que endossaram por virtude de seu nascimento.

Com o privilégio vem à responsabilidade. Que certo isso era.

Continuou retrocedendo, tratando de afastá-lo mais possível do centro do salão. Não queria que ninguém a visse, assim, com os olhos empapados, as lágrimas a ponto de sair excitadas, as mãos trêmulas. Desejou fugir, sair desse salão e...

Então sentiu, uma mão na dela.

Primeiro olhou para baixo, as duas mãos. Então levantou o olhar. Embora já soubesse que era Grace. Não disse nada. Não confiava em sua voz, não confiava em seus lábios para dizer as palavras que desejava dizer. Mas ao olhar sua amiga nos olhos compreendeu que esta via o que tinha no coração.

Apertou-lhe a mão.

Nunca em sua vida tinha necessitado tanto de uma amiga como necessitava nesse momento.

Grace correspondeu o aperto. E pela primeira vez essa manhã, Amélia não se sentiu completamente sozinha.

CAPÍTULO 15



Quatro dias depois, no mar

A travessia era extraordinariamente apazível, repetia-se Thomas, ao menos isso foi o que comentou o Capitão quando a escuridão começava a cair. E ele se sentia agradecido por isso, os balanços causados pelos movimentos do mar da Irlanda não o adoeceram fisicamente de todo, embora quase. Um pouco mais de vento ou fluxo, ou o que fosse que fazia subir e baixar o pequeno navio, e certamente seu estômago teria protestado, e de uma maneira muito desagradável.

Descobrira que era mais cômodo ficar na cobertura. Embaixo, o ar era sufocante e havia pouco espaço. Encima podia tentar desfrutar com o aroma do salubre ar marinho e senti-lo açoiar sua pele. Podia respirar.

Viu que mais à frente estava Jack, apoiado na amurada, contemplando o mar. Não tinha escapado que esse era o mar onde morreu seu pai. Mais perto da costa irlandesa, supunha, posto que sua mãe conseguisse chegar à borda.

Como seria a vida sem conhecer próprio pai? Pensou. Ele tinha a idéia de que teria preferido não conhecer o dele, mas, por tudo o que ouviu John Cavendish fora um homem muito mais afável que seu irmão mais novo Reginald.

Jack estaria pensando como poderia ter sido sua vida se não tivesse sido por essa tormenta? Teria se criado em Belgrave, logicamente. A Irlanda não teria sido outra coisa que um país conhecido, o lugar onde sua mãe nasceu e se criou. Poderia ter tido a oportunidade de visitá-la de vez em quando, mas não teria sido sua terra.

Teria ido a Eton, como faziam todos os meninos Cavendish, e depois a Cambridge. O teriam matriculado em Peterhouse, porque só o mais antigo dos colégios ia bem para a Casa Wyndham, e seu nome teria acrescentado à longa lista de Cavendish Petrean, inscrita na parede da biblioteca que a família doasse centenas de anos atrás, no tempo em que os Duques eram Condes e a Igreja era a católica.

Não teria tido importância que estudasse e nem sequer se estudava. Jack teria se graduado fossem quais fossem suas notas. Teria sido o Wyndham herdeiro. Não sabia o que teria tido que fazer para conseguir que o jogassem, não conseguia imaginar que isso pudesse consegui-lo algo inferior a um analfabetismo total.

À universidade teria seguido uma temporada em Londres, como tinha ocorrido a ele.

Jack teria divertido as grande, pensou, irônico. Tinha o tipo de astúcia e graça que fazia mais tremendamente atraente para as damas, um jovem solteiro herdeiro de um ducado. Certamente não teriam permitido entrar no exército. E, não precisava dizê-lo, não teria se dedicado a assaltar carruagens na estrada de Lincoln.

Que importância podia ter uma tormenta.

Quanto a ele, não tinha idéia de onde poderia ter acabado. Muito ao norte, o mais provável, em alguma casa proporcionada por seu avô materno. Seu pai teria entrado no negócio? Teria se dedicado a dirigir fábricas? Era difícil imaginar algo que Reginald Cavendish tivesse detestado mais. O que poderia ter feito com sua vida se não tivesse nascido filho único de um Duque? Não obtinha nem imaginar essa liberdade. Desde que tinha memória, sua vida fora antecipadamente programada. Todos os dias tomavam muitíssimas decisões, mas as importantes, as que importavam em sua vida, foram tomadas por ele. Todas tinham resultado bem, supunha.

Gostou de Eton, adorou Cambridge, e se tivesse querido defender seu país, como fez Jack..., bem, ao que parece o exército de Sua Majestade se defendeu bastante bem sem ele. Inclusive Amélia...

Fechou os olhos um momento, deixando que as inclinações e balanços do navio jogassem com seu equilíbrio.

Inclusive Amélia teria resultado ser uma excelente escolha. Sentia-se idiota por ter demorado tanto em conhecê-la.

Todas essas decisões que não tinham permitido tomar... teriam sido melhores se ele as tivesse tomado?

Provavelmente não.

A certa distância dele, na coberta de proa, viu Grace e Amélia, sentadas em um banco embutido. Compartilhavam um camarote com a viúva, e posto que esta estava trancada ali, elas tinham decidido estar fora. O outro camarote o deram a Lorde Crowland.

Ele e Jack dormiriam em beliches junto com os tripulantes.

Ao que parece Amélia não se dava conta de que ele a estava olhando, talvez porque olhava para onde o sol dava nos olhos. Tirou o chapéu e o tinha nas mãos, as longas fitas agitadas pelo vento.

Estava sorrindo.

Tinha sentido falta disso, compreendeu. Não a vira sorrir durante a viagem a Liverpool. Não tinha muitos motivos para sorrir, logicamente. Nenhum deles tinha. Inclusive Jack, que era o que tinha tanto por ganhar, se via mais e mais inquieto à medida que se aproximavam do chão irlandês.

Tinha seus demônios esperando-o ali, ele suspeitava. Tinha que ter um motivo para que não houvesse nunca retornado.

Virou o olhar para o oeste, já fazia muito que Liverpool desaparecera no horizonte, e na realidade não havia nada para ver além de água, água agitada, ondulante, um caleidoscópio de azul, verde e cinza. Curioso como toda uma vida de olhar mapas não prepara um homem para a infinita extensão do mar. Tanta água. Difícil imaginar. Essa era a viagem por mar mais longa que tinha feito em sua vida. Estranho. Nunca estivera no continente. A guerra tinha posto fim a essas grandiosas viagens, que se faziam na geração de seu pai e, portanto os últimos toques a sua educação os tinha tido que fazer em chão britânico. De entrar no exército, nem pensar, aos herdeiros de Duques não permitiam arriscar sua vida em terra estrangeira, por mais patriotas ou valentes que fossem.

Outra coisa que teria sido diferente se esse outro navio não se tivesse afundado, ele teria ido lutar contra Napoleão e Jack o teriam retido no país. Seu mundo se media em graus a partir de Belgrave. Não viajava afastando-se muito de seu centro. E de repente se sentia muito limitado. Muito limitador.

Quando voltou a virar, viu que Amélia estava sentada sozinha, fazendo viseira com a mão. Olhou ao redor, Grace não se via por nenhuma parte. Na coberta de proa só ficavam Amélia, e um menino que estava atando cabos e ele. Não falara com ela desde aquela manhã em Belgrave. Não, isso não era certo. Estava bastante seguro de que tinham trocado uns quantos *com permissão* e talvez um par *de bom dia*.

Mas a vira, tinha-a observado de longe. De perto também, quando ela não estava olhando.

O que o surpreendia, o que não esperava, era o muito que doía só olhá-la. Vê-la tão triste. Saber que, ao menos em parte, ele era a causa dessa tristeza. Mas que outra coisa poderia ter feito?

Plantar-se e dizer *Bem, na realidade acredito que desejo me casar com ela depois de tudo, agora que meu futuro é absolutamente incerto?* Ah, sim, isso teria sido recebido por uma onda de aplausos.

Fazia o que era melhor. O correto.

Amélia entenderia. Era uma garota inteligente. Não passou a última semana compreendendo que era muito mais inteligente do que acreditava? Era prática também, capaz de conseguir que se fizessem as coisas.

Gostava disso nela.

Com certeza compreendia que convinha se casar com o Duque de Wyndham, fosse quem fosse este. Isso era o planejado. Para ela e para o ducado.

Além disso, ela não o amava.

Alguém gritou algo, pareceu que foi o Capitão, e o menino deixou a tarefa com os nós e se afastou correndo, deixando-os a ele e Amélia sozinhos sobre a coberta. Esperou um momento, para dar a oportunidade de partir se não desejava se arriscar a ficar presa em uma conversa com ele. Mas ela não se moveu, assim caminhou para ela e quando chegou ao seu lado fez sua respeitosa reverência.

— Lady Amélia.

Ela o olhou e inclinou a cabeça.

— Excelência.

— Posso acompanhá-la?

— É claro — deslizou para seu lado, tudo o que pode sem cair do banco — Grace teve que descer.

— A viúva?

Ela assentiu.

— Queria que Grace a abanasse.

Thomas não conseguiu imaginar que o ar viciado e sufocante de abaixo pudesse melhorar movendo um leque, mas claro, duvidava que sua avó se importasse com isso. O mais provável era que desejava ter alguém com quem queixar-se. Ou de quem queixar-se.

— Eu deveria tê-la acompanhado — continuou ela, não muito pesarosa — Isso teria sido o correto, mas... — exalou um suspiro e moveu a cabeça — simplesmente não pude.

Thomas esperou um momento se por acaso ela desejava dizer algo mais, mas não disse nada mais, o que significava que ele não tinha nenhum pretexto para continuar em silêncio.

— Vim pedir desculpas a você — disse.

Sentiu que as palavras saíam com dificuldade pela boca. Não estava acostumado a pedir desculpas, não estava acostumado a se comportar de modos que exigissem desculpas.

Ela virou o rosto para ele e o olhou nos olhos com surpreendente franqueza.

— Por quê?

O que pergunta. Não tinha esperado que ela o obrigasse a formulá-lo.

— Pelo que ocorreu em Belgrave — disse, com a esperança de não ter que entrar em mais detalhe, há certas lembranças que não se deseja conservar claros — Não foi minha intenção causar aflição a você.

Ela olhou para a longa parte da coberta. Thomas a viu engolir saliva, e pareceu detectar certa melancolia no movimento. Pareceu pensativa, não exatamente triste. A resignação impedia de sentir. E detestou ter parte da culpa por ter causado isso.

— Sinto muito — disse, e as palavras demoraram a sair — Acredito que minhas palavras podem tê-la feito sentir-se não desejada. Não foi essa minha intenção.

Jamais desejaria que se sentisse assim.

Ela continuou olhando à frente, mostrando seu perfil. Viu-a apertar e franzir os lábios e o fascinou sua maneira de pestanejar. Nunca ocorreu que pudesse ter tantos detalhes nos cílios de uma mulher, mas os dela eram... Encantadores.

Ela era encantadora. Em todos os sentidos. Essa era a palavra perfeita para descrevê-la. A princípio a palavra podia parecer simples, inexpressiva, mas pensando-a bem adquiria mais e mais complexidade.

Formosa denota uma qualidade impressionante, deslumbrante e... Solitária. Mas encantadora não. Encantadora denota calor e simpatia, brilha tênue abrindo caminho para o coração.

Amélia era encantadora.

— Está escurecendo — disse ela, mudando de assunto.

Essa era sua maneira de aceitar suas desculpas, compreendeu ele. E deveria respeitar isso. Deveria refrear-se e não dizer nada mais, porque estava claro que era o que ela desejava. Mas não pode. Ele, que jamais tinha encontrado um motivo para explicar seus atos a ninguém, mas sentia a avassaladora necessidade de dar explicações, de explicar até sua última palavra.

Precisava saber sentir até no fundo de sua alma, que ela entendia. Que entendia que ele não desejava renunciar a ela, que não disse que casasse com Jack Audley porque ele desejasse tal coisa, que o fez por que...

— Corresponde a você casar com o Duque de Wyndham — disse — Sim, teria que ter se casado comigo quando eu acreditava que era o Duque de Wyndham.

— Segue sendo — disse ela em voz baixa, sem deixar de olhar à frente.

— Não — Quase sorriu, não sabia por que — Nós dois sabemos que isso não é certo.

— Eu não sei nada disso — disse ela, finalmente girando a cabeça para olhá-lo, com olhos ferozes, protetores — Pensa ceder seu patrimônio se apoiando em um retrato? É possível que se encontrem cinco homens nos bairros baixos de Londres, que poderiam passar por algum dos

retratados nos quadros de Belgrave. É um parecido nada mais.

— Jack é meu primo — disse ele, não havia dito muitas vezes essas palavras, e sentiu um estranho alívio ao dizê-las — A única coisa que falta por se ver é se foi um filho legítimo.

— Isso segue sendo um obstáculo.

— Um que não me cabe dúvida que se superará facilmente. Haverá provas, o registro de casamentos da Igreja, testemunhas.

Olhou para frente, talvez ao mesmo ponto do horizonte que estava ela olhando. Compreendeu por que Amélia estava fascinada pela vista, o sol já estava muito baixo e era possível olhá-lo sem ter que fechar os olhos, e o céu estava tingido por espetaculares cores rosa e laranjas.

Poderia continuar olhando eternamente. Uma parte dele desejava isso.

— Não acreditei que fosse um homem disposto a renunciar tão facilmente — disse ela.

— Ah, ora, não renunciei. Estou aqui, não é? Mas devo fazer planos. Meu futuro não é o que eu tinha acreditado. — Com a extremidade do olho a viu abrir a boca para protestar, assim acrescentou sorrindo — Provavelmente.

A mandíbula dela esticou e logo relaxou. E passado um momento disse: — Eu gosto do mar.

Ele se deu conta de que também gostava, inclusive com o estômago revolto.

— Não está enjoada?

— Não, nada. E você?

— Um pouco — ele reconheceu e a viu sorrir tênue. Captou-lhe o olhar — Você gosta quando eu estou indisposto, não é verdade?

Ela apertou um pouco os lábios, estava sobressaltada.

Adorou isso.

— Sim — disse ela — bem não indisposto exatamente.

— Fraco e necessitado? — ele sugeriu.

— Sim! — respondeu ela, e o fez com tanto entusiasmo que imediatamente se ruborizou.

Ele também adorou isso. O rosa assentava bem.

— Eu não o *conhecia* quando era orgulhoso e capaz de tudo — apressou-se a acrescentar ela.

Teria sido fácil simular que não entendia o que queria dizer, recordar, por exemplo, que se conheciam de toda a vida. Mas, claro, não se conheciam. Conheciam seus nomes e seu destino comum, mas nada mais. E ele estava finalmente chegando a compreender que isso não era muito.

Não o suficiente.

— Sou mais acessível quando estou bêbado? — brincou.

— Ou enjoado — respondeu ela amavelmente.

Ele riu.

— Tenho sorte de que o tempo seja tão bom. Disseram-me que os mares revistam ser muito menos clementes. O Capitão me disse que a travessia do Liverpool a Dublin está acostumada a ser mais difícil, que toda a travessia das Índias Ocidentais a Inglaterra.

Os olhos dela iluminaram de interesse.

— Isso não pode ser.

Ele encolheu os ombros.

— Só repito o que ele me explicou.

Ela pensou, e passado um momento disse:

— Sabe que isto é o mais longe que estive que minha casa em toda minha vida?

Ele se aproximou um pouco.

— Eu também.

— Seriamente? — perguntou surpresa.

— Aonde teria ido?

Divertido, observou-a pensar em uma resposta. Por seu rosto passaram diversas expressões e ao final disse: — Você gosta muitíssimo de geografia. Pensava que tinha viajado muito.

— Teria gostado — Contemplou o por do sol, estava desaparecendo muito rápido para seu gosto — Muitas responsabilidades em casa, suponho.

— Viajará se...? — interrompeu-se, e ele não precisou olhá-la para imaginar exatamente a expressão de seu rosto.

— Se não for o Duque?

Ela assentiu.

— Suponho — encolheu levemente os ombros — Não sei muito bem aonde.

De repente Amélia virou para ele.

— Sempre desejei conhecer Amsterdam.

— Sim? — Parecia surpreso talvez inclusive curioso — E isso por quê?

— Todas as preciosas pinturas holandesas acredito. E os canais.

— A maioria das pessoas viaja a Veneza para ver os canais.

Ela sabia, é claro, e talvez isso era parte do motivo de que nunca tivesse desejado ir ali.

— Desejo ver Amsterdam.

— Espero que o veja — Guardou silêncio o tempo suficiente para fazer perceptível o momento, e então acrescentou em voz baixa — Todo mundo deveria poder fazer pelo menos um de seus sonhos realidade.

Ela virou a face para ele. Estava-a olhando com uma expressão da mais tenra. Isso quase partiu o coração, bom, o que ficava de coração ao menos. Assim desviou o olhar.

— Grace desceu — disse.

— Sim, já me disse isso.

— Ah — Que embaraçoso — Sim, claro, o leque — Ele não disse nada, assim acrescentou — Acredito que a sopa assentou mal.

— Sopa — repetiu ele, movendo a cabeça.

— Não consegui compreender muito bem — ela reconheceu.

Ele a olhou esboçando um sorriso enviesado bastante irônico.

— A verdade é que minha avó é uma responsabilidade que não lamento tirar de cima.

Subiu um risinho à garganta.

— Oh, sinto muito — apressou-se em dizer, tentando engolir a risada — fui muito grosseira.

— Não, não, absolutamente — disse ele. Aproximou mais o rosto do dela, com uma expressão de cumplicidade — Acredita que Audley terá coragem de enviá-la longe?

— Você não teve.

Ele levantou as mãos.

— É minha avó.

— Também é a dele.

— Sim, mas ele não a conhece, garoto afortunado — Voltou a aproximar do rosto dela — Sugeri as Hébridas Exteriores.

— Vamos, pare.

— É certo. Disse para Audley que estava pensando comprar algo em alguma das ilhas, só para deixá-la abandonada e só ali.

Então ela riu.

— Não deveríamos falar assim de sua avó.

— Por que será — murmurou ele — que todas as pessoas que conheço falam de velhas ariscas, que sob seu exterior mordaz escondem um coração de ouro?

Ela o olhou divertida.

— A minha não o tem — disse ele, como se custasse acreditar em tamanha injustiça.

Ela tentou não sorrir.

— Não — Renunciou à seriedade, balbuciou e sorriu de orelha a orelha — Não tem.

Ele a olhou, os dois viram a diversão nos olhos do outro, e se puseram a rir.

— É ruim — disse ele.

— Ela não gosta de mim — disse ela.

— Ela não gosta de ninguém.

— Eu acredito que de Grace ela gosta.

— Não, só cai um pouco menos mal que todos os outros. Nem sequer gosta de Audley, mesmo que trabalha incansavelmente por conseguir o título.

— Não gosta do Senhor Audley?

— Ela o *detesta*.

Ela moveu a cabeça e voltou a olhar para o sol poente, que já estava desaparecendo no horizonte.

— Que enredo.

— Que eufemismo.

— Que nó? — ela sugeriu sentindo-se muito náutica.

Ouviu-o sorver pelo nariz, divertido, e então ele se levantou. Olhou-o, tampava os últimos raios do sol. Na realidade, parecia encher toda sua visão.

— Poderíamos ter sido amigos — ouviu-se dizer.

— Poderíamos?

— Teríamos sido amigos — ela emendou, e sorriu. Isso achou o mais assombroso, como era possível que tivesse algo pelo que sorrir? — Acredito que teríamos sido amigos se não tivesse sido por... Se tudo isto...

— Se tudo tivesse sido diferente?

— Sim. Não. Não tudo, só... Algumas coisas — Começava a sentir-se mais alegre, mais feliz. E não tinha a menor idéia de por que — Talvez se tivéssemos nos conhecido em Londres.

— E não estivéssemos comprometidos?

Ela assentiu.

— E você não fosse Duque.

Ele arqueou as sobrancelhas.

— Os Duques são muito amedrontadores — explicou ela — Teria sido muito mais fácil se não tivesse sido Duque.

— E sua mãe não estivesse comprometida em casamento com meu tio — acrescentou ele.

— Simplesmente se nos houvésssemos *conhecido*.

— Sem nenhuma história entre nós.

— Nenhuma.

Ele arqueou as sobrancelhas e sorriu.

— Se tivesse visto você do outro lado de uma sala cheia de gente...

— Não, não, não assim — Negou com a cabeça, ele não entendia o que ela queria dizer — Não se referia a romance, nem suportaria pensar nisso. Mas a amizade, isso era algo totalmente distinto — Algo muito mais normal. Se te tivesse sentado ao meu lado em um banco.

— Como este?

— Talvez em um parque.

— Ou em um jardim — murmurou ele.

— Sentaria ao meu lado...

— E pediria sua opinião sobre as projeções do Mercator.

Ela riu.

— Eu diria que são úteis para a navegação, mas distorcem terrivelmente a superfície.

— Eu pensaria, que bom, uma mulher que não oculta sua inteligência.

— E eu pensaria, que simpático, um homem que não supõe que não tenho inteligência.

Ele sorriu.

— Teríamos sido amigos.

— Sim — Fechou os olhos. Só um instante, se permitia mais momento, se entregaria aos seus sonhos — Sim, teríamos sido.

Ele esteve em silêncio um momento, depois pegou a mão e a beijou.

— Será uma Duquesa espetacular — disse docemente.

Ela tentou sorrir, mas resultou difícil, o nó que havia formado na garganta o impedia.

Então ele disse em voz baixa, embora não tão baixa como para que ela não o ouvisse.

— A única coisa que lamento é que nunca tenha sido minha.

CAPÍTULO 16



No dia seguinte, na estalagem Queen's Arms em Dublin Thomas se inclinou para Amélia para sussurrar em seu ouvido.

— Acredita que há pacotes que saiam do porto de Dublin em direção às Hébridas Exteriores?

Um som afogado escapou dela, que seguiu um olhar muito severo, e que o divertiu imensamente. Estavam com o resto do grupo na primeira sala da estalagem Queen's Arms, onde seu secretário reservara quartos para que passassem a noite, e daí continuassem a viagem a Butlersbridge, o pequeno povoado do condado de Cavam onde se criou Jack Audley. Tinham chegado ao porto de Dublin na última hora dessa tarde, mas com o tempo que ocupou recolher suas bagagens e o trajeto à cidade, já escurecera. Ele se sentia cansado e tinha fome, e estava bastante seguro de que Amélia, o Conde, Grace e Jack também.

Mas sua avó não atendia razões.

— Não muito tarde! — Ela insistiu, enviando sua voz estridente para todos os cantos da sala.

Estava no terceiro minuto de sua birra. Thomas supunha que a essas alturas toda a vizinhança se inteirou de que ela desejava continuar a viagem nessa mesma noite.

— Senhora — disse Grace, nesse tom calmo, tranquilizador, tão dela — já são mais de sete. Todos estamos cansados e com fome, os caminhos estão escuros e nos são desconhecidos.

— Para ele não — gritou a viúva movendo para a cabeça de Jack.

— Eu estou cansado e faminto — gritou o aludido — e graças a você já não viajo pelos caminhos à luz da lua.

Thomas reprimiu um sorriso. Sim, decididamente poderia gostar de seu primo.

— Não deseja ter resolvido isto de uma vez por todas? — perguntou a viúva.

— Na realidade, não — respondeu Jack — Não tanto como desejo uma boa fatia de bolo de carne com batatas e uma jarra de cerveja.

— Isso, isso — murmurou Thomas, mas só Amélia o ouviu.

Era curioso, mas à medida que se aproximavam de seu destino seu ânimo fora melhorando. Acreditara que iria se sentir mais e mais deprimido. No final das contas, estava a ponto de perder tudo, inclusive sua identidade, segundo seus cálculos, já deveria estar fazendo saltar cabeças.

Em troca, sentia-se quase alegre.

Parecia incrível. Passou toda a manhã na coberta conversando com Amélia, contando anedotas e escutando-a e rindo com ela.

E isso a fez esquecer de seu estômago revoltado.

Graças ao Senhor por esses favores tão grandes. Na noite anterior estivera a ponto de vomitar,

custou manter no ventre os três bocados de jantar que tinha comido. Pensou se talvez sua estranha afabilidade se devesse que aceitou que Jack era o Duque legítimo. Agora só desejava que resolvesse e acabasse o maldito enredo. Na realidade, a espera era a parte mais difícil.

Deixara seus assuntos em ordem. Fazia todo o necessário para que a transferência de responsabilidades fosse precisa. O único que faltava era que se fizesse já, pois então poderia partir a fazer o que fosse que teria feito se não tivesse estado enganado a Belgrave.

De repente, em meio as suas reflexões, se deu conta que Jack partiu, talvez para procurar dessa fatia de bolo de carne, supôs.

— Acredito que meu primo tem razão — disse — Um jantar me parece imensamente melhor que uma noite na estrada.

Sua avó virou a cabeça para ele e o olhou furiosa.

— Não é que queira atrasar o inevitável — acrescentou ele — Mesmo os Duques que estão a ponto de ser destituídos têm fome.

Lorde Crowland pôs-se a rir.

— Pegou você Augusta — disse jovialmente, e saiu em direção ao bar.

— Eu comerei o jantar em meu quarto — declarou a viúva, bem mais um latido — Senhorita Eversleigh, pode vir me atender.

Grace exalou um lento suspiro e se pôs a andar atrás dela.

— Não — disse Thomas.

— Não? — repetiu sua avó.

Thomas permitiu um leve sorriso. Deixara todos seus assuntos em ordem.

— Grace vai jantar conosco — disse a sua avó — na sala de jantar.

— É minha dama de companhia — sibilou a anciã.

Ah, que bem estava passando, muito melhor do que tinha imaginado.

— Já não é mais — disse, sorrindo afavelmente para Grace, que o estava olhando como se tivesse se tornado louco — Como ainda não fui deposto, tomei a liberdade de fazer certos acertos de última hora.

— De que diabos fala? — perguntou a viúva.

Ele não fez conta.

— Grace — disse — está oficialmente exonerada de seus deveres para com minha avó. Quando voltar a Inglaterra, encontrará uma casa de campo cuja escritura está em seu nome, junto com recursos que darão ganhos para o resto de sua vida.

— Está louco? — balbuciou sua avó.

— Deveria ter feito isso há muito tempo — continuou ele — mas não o fiz por puro egoísmo. Não suportava a idéia de viver com a Senhora — fez um gesto com a cabeça para sua avó — sem você para que agisse de mediadora.

— Não sei o que dizer — murmurou Grace.

Ele encolheu os ombros modestamente.

— Normalmente aconselharia dizer *obrigado*, mas como sou eu quem se sente agradecido por tudo o que fez, bastará com um simples *é um príncipe entre os homens*.

Grace conseguiu esboçar um choroso sorriso e murmurou:

— É um príncipe entre os homens.

— Sempre é agradável ouvir isso — disse ele — Agora, gostaria de jantar conosco?

Grace olhou para a viúva, que estava vermelha de fúria.

— Escória ambiciosa — gritou esta — acredita que não sei o que é? Acredita que a admitiria novamente em minha casa?

Thomas esteve a ponto de intervir, mas deu-se conta que Grace levava a situação com muito mais apuro do que ele teria conseguido ter. Com o rosto sereno, impassível, a jovem disse: — Iria dizer que continuaria atendendo-a durante o resto da viagem, porque jamais sonharia abandonar meu posto, sem dar o aviso com a devida antecipação e cortesia, mas acredito que irei repensar — Olhou Amélia — Permite-me compartilhar seu quarto esta noite?

— É claro — respondeu sua amiga imediatamente e agarrou seu braço — Vamos jantar.

Foi uma saída magnífica, concluiu Thomas saindo atrás delas, mesmo que não visse o rosto de sua avó. Mas não custava nada imaginar que estaria balbuciando, com o rosto vermelho. Um clima mais fresco faria bem. De verdade. Teria que convencer o novo Duque de que se encarregasse disso.

— Isso foi magnífico! — exclamou Amélia, quando já tinham entrado na sala de jantar — Ah, caramba, Grace, deve estar fascinada.

A jovem parecia aturdida.

— Não sei o que dizer — disse.

— Não precisa que diga nada — disse Thomas — Simplesmente, desfrute de seu jantar.

— Ah, sim que o desfrutarei. — virou para Amélia, e parecia a ponto de tornar a rir — Suspeito que este vai ser o melhor bolo de carne que comi em toda minha vida.

E então se pôs a rir. Todos riram. Tomaram seu jantar, os três, e riram, riram e riram.

Quando nessa noite Thomas se retirou ao seu aposento para se deitar, com as costelas ainda doloridas pela risada, ocorreu pensar que não recordava ter tido uma noite melhor.

Amélia também passou bem no jantar, tanto, que pela manhã seguinte a tensão a golpeou como uma bofetada. Achava que tinha levantado cedo, Grace continuava dormindo profundamente, quando saiu do quarto para tomar o café da manhã. Mas quando chegou à sala de jantar particular da estalagem, seu pai já estava ali, como também a Duquesa viúva. Não havia maneira de escapar, pois os dois a viram imediatamente e, além disso, estava morta de fome.

Com certeza seria capaz de aguentar os sermões de seu pai que foram aumentando em frequência e a malignidade da viúva sempre frequente se isso significava comer o que fosse que produzia esse celestial aroma que vinha da cozinha.

Ovos, provavelmente.

Sorriu. Pelo menos ainda tinha capacidade de se divertir, isso tinha que ser bom.

— Bom dia, Amélia — saudou-a seu pai quando se sentou com seu prato.

Ela saudou com uma amável inclinação da cabeça.

— Papai — Olhou à viúva — Excelência.

A anciã franziu os lábios e emitiu um som, mas, além disso, não a saudou.

— Dormiu bem? — perguntou seu pai.

— Muito bem, obrigado — respondeu, embora não era de todo certo, havia compartilhado a cama com Grace e esta se movia muito.

— Vamos partir dentro de meia hora — declarou a viúva em tom enérgico.

Amélia tinha levado um bocado de ovo à boca e aproveitou o momento que ocupou mastigar para olhar para a porta, ainda não aparecia ninguém.

— Acredito que outros não estarão preparados — disse — Grace continua...

— Ela não importa.

— Não pode ir a nenhuma parte sem os dois Duques — assinalou Lorde Crowland.

— E isso devo achar divertido? — perguntou a viúva.

O Conde encolheu os ombros.

— De que outra maneira devo me referir a eles?

Amélia compreendeu que deveria se sentir indignada, esse foi um comentário muito desdenhoso, dadas às circunstâncias. Mas seu pai estava tão displicente e a viúva tão ofendida que decidiu que tinha muito mais lógica tomar como brincadeira.

— Às vezes não sei por que me esforço tanto em acelerar sua entrada em minha família — disse então a viúva, dirigindo um olhar fulminante.

Amélia engoliu em seco, desejando ter uma réplica, já que dessa vez se sentia o bastante valente para dizer, mas não ocorreu nada, pelo menos nada tão mordaz e inteligente como teria gostado, assim fechou a boca e fixou o olhar em um ponto da parede por cima do ombro da anciã.

— Não tem nenhum motivo para falar assim, Augusta — disse Lorde Crowland.

E quando ela o olhou furiosa por empregar seu nome de batismo ele era um dos poucos que a intimidavam, e sempre a enfurecia, acrescentou: — Um homem menos equânime poderia considerar um insulto.

Por sorte, a entrada do Thomas interrompeu o arrepiante momento.

— Bom dia — disse amavelmente, ocupando seu assento.

Não pareceu absolutamente chateado pelo fato que ninguém correspondeu a saudação. Amélia supôs que seu pai estava muito ocupado tentando por a viúva em seu lugar, e a viúva, bem, nunca respondia uma saudação, assim isso não era estranho.

Quanto a ela, teria gostado de dizer algo.

Na realidade, já o achava muito agradável, já não se sentia tão intimidada por sua presença. Mas quando ele se sentou, justo na frente dela, levantou a vista, ele levantou a vista e...

Na realidade, não se sentiu intimidada, só pareceu que se esqueceu de respirar.

Seus olhos estavam muito azuis.

Só que com a faixa marrom, claro. Adorava essa faixa, e adorava que ele achasse tola a faixa.

— Lady Amélia — disse ele.

Ela correspondeu a sua saudação fazendo uma inclinação da cabeça.

— Duque — disse, já que *Excelência* continha muitas sílabas.

— Parto — declarou bruscamente a Duquesa viúva, raspando fortemente os pés da cadeira no chão ao se levantar.

Continuou um momento ali, como se esperasse que alguém fizesse algum comentário. *Como ninguém disse nada sinceramente acreditava que alguém ia tentar detê-la?* Pensou Amélia, acrescentou.

— Partiremos dentro de trinta minutos — Então dirigiu a jovem toda a força de seu feroz olhar — Irá comigo na carruagem.

Amélia não entendeu por que a anciã sentia a necessidade de anunciar tal coisa. Durante toda a viagem pela Inglaterra fora acompanhando-a em sua carruagem, por que a viagem pela Irlanda ia ser diferente? De todos os modos, algo que detectou em seu tom revolveu seu estômago, e logo que a viúva saiu, exalou um lento suspiro.

— Acredito que poderia estar enjoada — disse se dando permissão para desmoronar no assento.

Seu pai a olhou impaciente e depois se levantou para colocar mais comida no prato. Mas Thomas sorriu, seu sorriso se refletiu mais em seus olhos, mas de todos os modos ela sentiu uma afinidade, quente e agradável, e talvez isso tenha feito desaparecer o medo que tinha começado a se acumular no coração.

— Enjoada em terra? — murmurou ele, sorrindo com os olhos.

— Sinto o estômago azedo.

— Revolto?

— Com revoadas.

— Curioso — disse ele, irônico, levando um bocado de bacon à boca, quando terminou de mastigá-lo, engoliu e continuou — Minha avó é capaz de muitas coisas, imagino que a peste, a fome e a pestilência não superariam suas capacidades, mas o enjôo... — riu — Quase estou admirado.

Ela suspirou, olhando sua comida, que agora parecia ligeiramente mais apetecível que um prato de vermes. Afastou o prato.

— Sabe quanto tempo nos levará chegar a Butlersbridge?

— A maior parte do dia, diria eu, sobretudo se pararmos para almoçar.

Amélia olhou para a porta, pela qual a viúva acabara de sair.

— Ela não vai querer.

Ele encolheu os ombros.

— Não terá opção.

Nesse momento voltou seu pai com o prato cheio.

— Quando for Duquesa — disse ao sentar-se, estreitando os olhos — sua primeira ordem deveria ser encerrar à viúva em sua casa.

Quando for Duquesa. Amélia engoliu em seco, incômoda.

Tudo seguia sendo igualmente horrível. Seu próprio pai se mostrava muito alegre por seu futuro, realmente não importava com qual dos dois homens se casava, enquanto estivesse demonstrado que

era o Duque legítimo.

Olhou para Thomas. Ele estava muito ocupado comendo, assim continuou olhando-o. E esperou, esperou, até que por fim ele notou sua atenção e captou seu olhar. Então fez um leve encolhimento de ombros, que ela não conseguiu interpretar. E isso a fez sentir-se pior ainda.

O Senhor Audley foi o seguinte a chegar para tomar o café da manhã, seguido uns dez minutos depois por Grace, ao que parece desceu correndo, pois tinha as faces rosadas e estava sem fôlego.

— A comida não é do seu gosto? — perguntou Grace, olhando seu prato quase sem tocar ao se sentar no assento que tinha desocupado a viúva.

— Não tenho fome — respondeu Amélia, mesmo que o estômago rugisse.

Começava a compreender que há uma diferença entre fome e apetite, tinha fome, mas nada de apetite. Grace a olhou sentida e ficou à tarefa de comer, ao menos tudo o que pode comer nos três minutos que transcorreram antes que entrasse o dono de hospedaria, com expressão um pouco de causar pena.

— Isto, sua Excelência... — disse retorcendo-as mãos — está na carruagem.

— Insultando seus homens, suponho? — perguntou Thomas.

O dono de hospedaria assentiu tristemente.

— Grace não terminou de comer — assinalou o Senhor Audley tranquilamente.

— Por favor — disse a jovem — não nos atrasemos por mim. Estou muito satisfeita e...

Então tossiu, como se sentisse terrivelmente envergonhada, e Amélia teve a estranha sensação de que não tinha entendido a piada.

— Enchi muito meu prato — terminou Grace, assinalando, que seguia cheio até a metade.

— Está segura? — perguntou Thomas.

Ela assentiu, embora Amélia viu que colocava na boca uns quantos garfos mais cheios enquanto outros se levantavam.

Os homens saíram para se ocupar de seus cavalos, e Amélia esperou enquanto Grace comia outro pouco.

— Tem fome? — perguntou, já que estavam sozinhas.

— Canina — confirmou sua amiga, limpou a boca com o guardanapo e seguiu para fora — Não queria provocar à viúva.

Amélia virou a olhá-la com as sobrancelhas arqueadas.

— Mais — Grace explicou, já que as duas sabiam que a anciã sempre se sentia provocada por uma ou outra coisa.

E, como não, quando chegaram a carruagem a mulher estava destrambelhando, ao que parece não estava nada satisfeita com a temperatura do tijolo quente que colocaram na carruagem aos seus pés. *Um tijolo quente?* Pensou Amélia, mais desanimada ainda. Não fazia muito calor, mas tampouco fazia frio. Iriam assar nessa carruagem.

— Hoje está em plena forma — resmungou Grace.

— Amélia! — gritou a viúva.

A jovem agarrou a mão da sua amiga. Fortemente. Jamais em sua vida havia sentido tão agradecida pela presença de outra pessoa. A idéia de passar outro dia na carruagem com a avó de Thomas sem a companhia de Grace... Não a suportava.

— Lady Amélia — repetiu a viúva — não me ouviu chamá-la?

— Perdoe Excelência — disse ela, avançando e levando Grace com ela — Não a ouvi.

A anciã entreceirou os olhos, sabia quando mentiam. Mas estava claro que tinha outras prioridades, porque moveu a cabeça para sua antiga dama de companhia e disse: — Ela pode ir à boléia com o cocheiro.

Disse com todo o afeto que poderia mostrar por um verme na comida.

Grace fez gesto de se por a caminhar, mas Amélia a aproximou de um puxão.

— Não — disse à viúva.

— Não?

— Não. Desejo sua companhia.

— Eu não.

Amélia pensou em todas as vezes que se maravilhou pela fria reserva de Thomas, e do modo como era capaz de esfolar as pessoas com um único olhar. Fez uma inspiração profunda, tratando de encher dessa lembrança, e então voltou o olhar para a viúva.

— Vamos, pelo amor de Deus — espetou esta quando a jovem levava vários segundos olhando-a altivamente — Que suba então. Mas não espere que eu converse.

— Nem o sonharia — disse Amélia, subindo na carruagem, seguida por Grace.

Por infelicidade para Amélia, Grace e Lorde Crowland, que depois da primeira parada tinha subido a carruagem para fazer aos cavalos beberem água, a Duquesa viúva decidiu conversar depois de tudo.

Embora, pensou Amélia, tendo em conta que a palavra *conversa* dá a entender certo diálogo pelo menos entre duas pessoas, estava muito seguro de que o que ocorria dentro da carruagem não tinha nada a ver. Ouviram muitíssimas instruções e diretrizes e o dobro de queixa, mas de conversa...

Seu pai só aguentou trinta minutos. Passado esse tempo se levantou para golpear o painel e pedir ao cocheiro que parasse para poder descer. *Traidor*, pensou ela. *Desde que ela nasceu, ele tinha o plano de introduzi-la na família da viúva, e não era capaz de aguentar mais de meia hora com ela?*

Durante o almoço ele fez uma fraca tentativa de pedir desculpas, não por tentar obrigá-la a se casar contra sua vontade, mas sim por tê-la abandonado na carruagem essa manhã, mas qualquer pingão de compaixão que ele poderia ter sentido, se evaporou quando ele começou a exortá-la sobre seu futuro e a explicar suas decisões a respeito.

Seu único descanso chegou quando tanto a viúva como Grace ficaram adormecidas. Dedicou-se a olhar pela janela, vendo passar os campos da Irlanda e escutando o clop clop dos cascos dos cavalos. Enquanto isso, não podia deixar de pensar como tudo acabara daquela maneira. Sua sensatez impedia de acreditar que estava sonhando, mas, francamente, como é possível que a vida de uma pessoa muda tão absolutamente da noite para o dia? Não parecia possível. Na semana passada era Lady Amélia Willoughby, noiva do Duque de Wyndham. Agora era...

Santo céu era quase cômico. Seguia sendo Lady Amélia Willoughby, noiva do Duque de

Wyndham. Mas nada era igual.

Estava apaixonada, mas pelo homem que talvez não devia estar. E ele, a amava? Não saberia dizer. Gostava dela, disso estava segura. Admirava-a. Mas amor? Não. Homens como Thomas não se apaixonam tão rápido. E se apaixonassem, se ele se apaixonasse, não seria por uma mulher como ela, que conhecia toda vida.

Se Thomas se apaixonasse, mais ou menos repentinamente, seria de uma bela desconhecida. Veria-a do outro lado de um salão cheio de gente e seria golpeado por um potente sentimento, pelo conhecimento de que com essa mulher compartilhava um destino. Uma paixão.

Assim se apaixonaria Thomas. Se chegasse a se apaixonar.

Engoliu em seco, detestando o nó que formou em sua garganta, detestando o aroma do ar, detestando as bolinhas de pó que via no ar iluminadas pela luz do sol. Havia muito que detestar essa tarde.

Viu que Grace, que ia sentada em frente dela, começava a despertar. Observou o processo. Na realidade, achou bastante fascinante ver o despertar de uma pessoa, não recordava ter visto ninguém despertar. Finalmente, sua amiga abriu os olhos.

— Ficou adormecida — disse e levou um dedo aos lábios fazendo um gesto para a viúva.

Grace tampou a boca para ocultar um bocejo e perguntou:

— Sabe quanto tempo nos falta para chegar?

— Não sei. Talvez uma hora? Pode ser que duas.

Exalando um suspiro, reclinou-se no respaldo e fechou os olhos. Estava cansada.

Todos estavam cansados, mas ela se sentia egoísta e preferia pensar somente em seu próprio esgotamento. Talvez pudesse tirar uma soneca. Por que algumas pessoas ficam adormecidas com tanta facilidade em uma carruagem e outras, em especial ela, não podem dormir em nenhum lugar que não fosse uma cama? Achava injusto e, além disso...

— O que vai fazer?

A pergunta vinha de Grace, e por mais que desejasse fingir não tê-la ouvido, não pode. Não tinha muita importância, em todo caso, pois sua resposta seria totalmente insatisfatória. Abriu os olhos viu que sua amiga parecia estar desejando não ter feito a pergunta.

— Não sei — disse, voltando a fechar os olhos e reacomodando-se no assento.

Gostava de viajar com os olhos fechados, assim apreciava melhor o ritmo das rodas. Bem, quase sempre gostava de viajar assim, mas nesse dia não, e não era estranho, dirigiam-se a uma cidade desconhecida da Irlanda, onde seu futuro seria decidido pelo conteúdo do registro de uma Igreja sobre casamentos.

Além disso, seu pai a tinha exortado durante todo o almoço, fazendo-a sentir uma menina pequena obstinada.

— Sabe qual é a parte mais divertida? — perguntou antes de se dar conta que ia fazer essa pergunta.

— Não.

— Vivo me dizendo *Isto não é justo. Deveria ter escolha. Não deveriam decidir com quem tenho que me casar,*

como se eu fosse uma espécie de bem transferível. E então penso, *O que mudaria?* Entregaram-me a Wyndham faz muitos anos. Nunca me queixei.

Disse tudo na escuridão que davam suas pálpebras fechadas, curiosamente, era mais satisfatório assim.

— Só era um bebê — disse Grace.

— Tive muitos anos para apresentar uma queixa.

— Amélia...

— Ninguém, exceto eu, tem culpa.

— Isso não é certo.

Amélia abriu finalmente os olhos. Um ao menos.

— Só trata de me consolar.

— Não — disse Grace — Limito-me a dizer a verdade. Não é tua culpa. Na realidade, não é culpa de ninguém — Fez uma inspiração e deixou sair o ar — tomara que fosse, assim seria muito mais fácil.

— Ter a alguém a quem jogar a culpa?

— Sim.

— Não quero me casar com ele — sussurrou Amélia.

— Com Thomas?

Com Thomas? No que estava pensando Grace?

— Não, com o Senhor Audley.

Sua amiga entreabriu os lábios, surpresa.

— Não?

— Está surpresa?

— Não, claro que não — disse Grace imediatamente — Só que é muito bonito.

Amélia encolheu os ombros levemente.

— Suponho. Não acha que é *muito* encantador?

— Não.

Amélia a olhou com um novo interesse. Seu *não* tinha divulgado algo mais à defensiva do que ela teria esperado.

— Grace Eversleigh — disse em voz muito baixa e lançando um rápido olhar à viúva — você gosta do Senhor Audley?

Então ficou mais que evidente que sim, porque sua amiga gaguejou, balbuciou e o *não* saiu em um som parecido ao de um sapo.

— Você gosta — disse.

— Isso não tem importância — balbuciou Grace.

— Sim que tem — respondeu Amélia com atrevimento. — Você gosta dele? Não, não responda. Em seu rosto vejo que gosta. Bem, deixo claro. Não me casarei com ele.

— Não deve recusá-lo por mim — disse Grace.

— O que disse?

— Não posso me casar com ele se for o Duque.

Amélia desejou golpeá-la. Como se atrevia a renunciar ao amor?

— Por que não?

— Se ele for o Duque, terá que se casar com uma mulher apropriada — Olhou-a fixamente — De seu status.

— Vamos, não seja tola. Não é que tenha se criado em um orfanato.

— Já haverá suficiente escândalo. Não deve agravá-lo com um casamento pouco conveniente.

— Com uma atriz seria pouco conveniente. Você simplesmente vale uma semana de intrigas.

Esperou que sua amiga dissesse algo, mas parecia muito nervosa e muito, muito triste. *Não pode suportar.*

Pensou em Grace, apaixonada pelo Senhor Audley, e pensou em si mesma, deixando-se levar pela corrente das expectativas de outros. Assim não era como desejava viver. Nem tampouco queria ser esse tipo de pessoa.

— Não sei o que o Senhor Audley pensa — disse — nem conheço suas intenções, mas se estiver disposto a desafiar a todos por amor, você deveria estar também — Agarrou a mão e a apertou — É uma mulher valente, Grace.

Então sorriu, tanto por si mesmo como pela Grace. E sussurrou: — Eu também serei.

CAPÍTULO 17



O trajeto a Butlersbridge transcorria bastante parecido com o que Thomas imaginara. Ia a cavalo, como Jack e Lorde Crowland, para desfrutar melhor do bom tempo. Não falavam muito, nunca conseguiam ir bastante alinhados para poder conversar. De tempo em tempo um deles acelerava ou diminuía a marcha, e um cavalo adiantava a outro e trocavam saudações rotineiras.

De vez em quando um deles fazia um comentário sobre o tempo.

Lorde Crowland parecia bastante interessado nos pássaros nativos. Ele tentava desfrutar da paisagem. Tudo estava muito verde, mais ainda que em Lincolnshire, e isso o levou a pensar nas chuvas anuais. Se chovia mais, isso significaria que havia melhores colheitas? Ou as chuvas seriam rebatidas por...?

Para.

Agricultura, cria de animais... por que seguia se interessando por tais coisas? Ele não possuía terras nem animais, à exceção de seu cavalo, e talvez nem sequer isso.

Não tinha nada.

Nem ninguém.

Amélia...

A imagem de sua face veio à mente de repente, e sorriu. Ela era muito mais do que tinha imaginado. Não a amava, não devia amá-la. Mas de certo modo, sentia falta dela. O que era ridículo, pois ela estava dentro da carruagem, a só umas vinte jardas atrás. E a vira durante o lanche campestre. E tomaram o café da manhã juntos.

Não tinha nenhum motivo para sentir falta dela. Entretanto, sentia falta.

Sentia falta de sua risada, a forma como soaria sua risada em um jantar ou festa particularmente prazerosa. Sentia falta do brilho de seus olhos, como veriam as primeiras luzes do dia. Se alguma vez chegasse a vê-la na primeira hora da manhã...

Não, isso não ocorreria. Mas de todos os modos, sentia sua falta.

Olhou para a carruagem por cima do ombro, e meio o surpreendeu vê-lo tal como devia estar, e não jogando chamas pelas janelas.

Sua avó estivera em plena forma essa tarde. Não, isso era algo que não sentiria falta uma vez que estivesse despojado do título. A Duquesa viúva de Wyndham fora uma pesada carga em suas costas, fora uma droga Medusa, cuja única finalidade em sua vida era fazer a vida dele o mais difícil possível.

Mas sua avó não era a única carga que ficaria feliz de tirar de cima. A interminável papelada, isso não sentiria falta. A falta de liberdade. Todos acreditavam que podia fazer o que desejasse muito, todo esse dinheiro e todo esse poder tinham que dar um homem um poder absoluto.

Pois não, ele estava atado a Belgrave, ou, melhor dizendo, estivera.

Pensou em Amélia, em seus sonhos de ir a Amsterdam.

Bem, demônios. Chegado amanhã, poderia ir a Amsterdam se desejasse. Poderia embarcar para ali de Dublin. Poderia visitar Veneza, as Índias Ocidentais. Não havia nada que o impedisse, ninguém que...

— Sente-se feliz?

— Eu? — perguntou Thomas, olhando para Jack surpreso.

Durante a viagem ambos tinham acabado se entendendo. Se deu conta que estivera assoviando. Assoviando.

Não recordava a última vez que assoviou.

— Suponho que sim. O dia é magnífico, não acha?

— Sim, é — concordou Jack.

— Nenhum de nós está preso na carruagem com a malvada bruxa velha — declarou Crowland — Os três deveríamos estar felizes — Então, posto que a malvada bruxa velha era a avó de seus dois acompanhantes, acrescentou — Perdão.

— Por isso que se refere, não é necessário que se desculpe — disse Thomas, sentindo-se muito jovial — Estou totalmente de acordo com sua avaliação.

— Terei que viver com ela? — perguntou Jack.

Thomas o olhou e sorriu de orelha a orelha. Só nesse momento compreendia a envergadura de suas cargas?

— As Hébridas Exteriores, companheiro, as Hébridas Exteriores.

— Por que você não o fez?

— Ah, me acredite que o farei se por acaso amanhã sigo possuindo poder sobre ela. E se não... — encolheu os ombros — Vou necessitar algum tipo de emprego, não é verdade? Sempre desejei viajar. Talvez seja seu explorador. Encontrarei a mais fria das ilhas. Passarei fabulosamente.

— Pelo amor de Deus, homem — exclamou Jack — deixe de falar assim.

Thomas o observou com curiosidade, mas não disse nada. Não pela primeira vez se perguntava o que seria que passava pela cabeça de seu primo. Ultimamente tinha emagrecido e seus olhos estavam tristes. Não desejava ir a sua casa. Não, tinha medo de ir a sua casa.

Sentiu uma faísca de algo no peito. Compaixão supôs, por um homem que deveria detestar. Mas não havia nada para dizer, nada para perguntar. Portanto, guardou silêncio.

Durante o resto do trajeto não disse nada. As horas transcorreram e com a aproximação da noite o ar foi esfriando. Passaram por encantadores povoados, por Cavam, uma cidade grande e ocupada, e finalmente chegaram a Butlersbridge.

Deveria ter a aparência de um povoado sinistro, pensou Thomas. As sombras deveriam ser imensas e deformadas, e deveriam ouvir uivos de animais estranhos. Ali seria onde o despojariam de sua vida, como se retirassem o chão onde apoiava os pés.

Não achava bem que fosse um lugar tão pitoresco.

Jack, que ia um pouco mais adiante, diminuiu bastante a marcha de sua montaria, Thomas deu alcance e pôs seu cavalo ao passo.

— Esta é a rua? — perguntou em voz baixa.

Seu primo assentiu.

— Passada essa curva.

— Não o esperam, não é verdade?

— Não.

Então Jack pôs seu cavalo em trote, e Thomas continuou com o seu ao passo, deixando-se adiantar.

Há coisas que um homem precisa fazer sozinho. E o mínimo que podia fazer era reter a viúva enquanto seu primo se reencontrava com seu lar.

Diminuiu a marcha tudo o que pode, posicionando-se diante da carruagem para obrigar o cocheiro a ir devagar.

E ao final do curto caminho de entrada na casa viu Jack desmontar, subir a escada e golpear a porta. Quando esta abriu, saiu um raio de luz, mas de onde ele estava não se ouviam as palavras.

O cocheiro deteve a carruagem de um lado do caminho da entrada, e um dos criados ajudou a viúva a descer. Ela se pôs a andar imediatamente, mas Thomas apeou e a deteve, agarrando-a no braço.

— Me solte — gritou ela, tentando se soltar.

— Pelo amor de Deus, mulher, dê um momento para estar as sós com seus parentes.

— Nós somos seus parentes.

— Não tem nenhum pinga de sensibilidade?

— Há assuntos muitíssimo mais importantes que...

— Não há nada que não possa esperar dois minutos mais — replicou ele — Nada.

Ela entreteceu os olhos.

— Não me cabe dúvida de que isso é o que pensa.

Thomas soltou uma maldição, e não em voz baixa.

— Cheguei até aqui, não? Tratei-o com amabilidade estes últimos dias, inclusive com respeito. Escutei seus mordazes comentários e suas incessantes queixas. Cavaleguei por dois países, dormi no fundo de um navio e inclusive cedi minha noiva, que, poderia acrescentar, foi o insulto definitivo. Acredito que demonstrei que estou preparado para o que seja que tenha que encontrar neste lugar. Mas, por tudo o que é sagrado não vou abandonar o pouco de decência humana que consegui conservar tendo me criado em uma casa *com você*.

Por cima do ombro viu Grace e Amélia, as duas o olhando boquiabertas.

— O homem pode ter dois malditos minutos para estar as sós com sua família — acrescentou entre dentes.

Sua avó o olhou glacialmente durante todo um longo segundo.

— Não amaldiçoe na minha presença.

Thomas se sentiu tão desconcertado por sua absoluta falta de reação a tudo o que havia dito, que afrouxou a pressão da mão com a que a segurava.

Imediatamente ela se soltou e, caminhando a toda pressa, chegou a escada e subiu, situando-se atrás de Jack, que estava no vestíbulo perto da porta abraçando a uma mulher, que Thomas supôs ser sua tia.

— Ahã — disse então, como só ela podia dizer.

Thomas avançou, preparado para intervir se fosse necessário.

— Você deve ser a tia — disse a viúva para a mulher.

A Senhora Audley a olhou surpresa, e finalmente respondeu: — Sim, e você é...?

— Tia Mary — interrompeu Jack — devo apresentar à Duquesa viúva de Wyndham.

Afastando-se dele, a Senhora Audley se inclinou em uma reverência e se fez de um lado para deixá-la passar.

— A Duquesa de Wyndham? — repetiu — Santo céu, Jack, não podia ter nos enviado um aviso? Ele esboçou um triste sorriso.

— É melhor assim, asseguro isso — Então virou para Thomas e o assinalou com um movimento de braço — O Duque de Wyndham. Excelência, minha tia, a Senhora Audley.

Thomas se inclinou em uma reverência.

— É uma honra conhecê-la, Senhora Audley.

Ela gaguejou algo, visivelmente desconcertada pela chegada de um Duque.

Jack terminou de fazer as apresentações, e as duas damas estavam fazendo suas reverências quando a Senhora Audley o levou para um lado. Falou-lhe em sussurros, mas em seu tom havia tanto terror que Thomas ouviu todas suas palavras.

— Jack não tenho muitos aposentos. Não temos nada suficientemente...

— Por favor, Senhora Audley — atravessou Thomas, fazendo outra cortês e respeitosa reverência — não se tome muito incômodos por mim. Foi imperdoável de nossa parte não tê-la avisado. Não faz precisa que se preocupe conosco. Embora, talvez, poderia ceder seu melhor quarto para minha avó — E acrescentou, tentando que não notasse o cansaço — Isso nos fará, a todos, as coisas mais fáceis.

— Faria mais — disse imediatamente a Senhora Audley — Por favor, por favor, faz frio. Devem entrar todos. Jack, preciso dizer...?

— Onde fica sua Igreja? — interrompeu a viúva.

Thomas quase gemeu. Não podia esperar que os tivessem feito entrar de tudo?

— Nossa Igreja? — perguntou à Senhora Audley, olhando para Jack totalmente desconcertada — A estas horas?

— Não é minha intenção render culto — gritou a anciã Duquesa — Desejo examinar o livro de registros.

— Beveridge continua pároco? — perguntou Jack, sem dúvida com a intenção de interromper a viúva.

— Sim — respondeu sua tia — mas com certeza já está deitado. São nove e meia, e eu diria que é madrugador. Talvez pela manhã. Eu...

— Este é um assunto de importância dinástica — interrompeu a Duquesa — Não me importa que passe da meia noite. Vamos a...

— Sim, importa — interrompeu-a Jack — Não vai tirar o pároco da cama. Se esperou todo este tempo, bem pode esperar até amanhã, droga.

Thomas desejou aplaudir.

— Jack! — exclamou a Senhora Audley, e olhou à viúva — Não o eduquei para que falasse dessa maneira.

— Não, claro que não — disse ele olhando furioso à anciã Duquesa.

— Você era a irmã de sua mãe, não é verdade? — disse para a Senhora Audley a teimosa mulher.

Esta pareceu bastante perplexa pela repentina mudança de assunto.

— Sim.

— Esteve presente em seu casamento?

— Não.

— Não foi ao casamento de meus pais? — perguntou Jack, surpreso.

— Não, não pude assistir. Estava a ponto de dar a luz — Olhou-o pesarosa — Nunca disse isso, o bebê nasceu morto — Suavizou a expressão — Esse foi um dos motivos porque fui tão feliz por ter você.

— Iremos à Igreja pela manhã — declarou a viúva — A primeira hora. Encontraremos os papéis e tudo ficará resolvido.

— Os papéis? — repetiu à Senhora Audley.

— A prova do casamento — disse a Duquesa, quase em um grunhido — Acaso você é estúpida?

Até aí Thomas aguentou. Agarrou-a pelo braço e a obrigou a retroceder, e talvez isso resultou em bem dela, já que Jack parecia desejar equilibrar-se sobre ela para agarrar o pescoço e estrangulá-la.

— Louise não se casou na Igreja de Butlersbridge — disse a Senhora Audley então — Casou-se em Maguiresbridge, do condado Fermanagh, onde nos criamos.

— A que distância está isso? — perguntou a viúva, esforçando para soltar o braço.

Thomas a segurou firme.

— A vinte milhas, Excelência — respondeu a Senhora Audley, e olhou para seu sobrinho — Jack? O que está acontecendo? Por que necessitam de uma prova do casamento de sua mãe?

Passado um momento de vacilação, ele limpou a garganta e disse, fazendo um gesto com a cabeça para a viúva.

— Meu pai era seu filho.

— Seu pai — exclamou a Senhora Audley — John Cavendish, quer dizer...?

Thomas avançou, sentindo-se estranhamente preparado para tomar o comando da situação que se ia deteriorando por momentos.

— Posso intervir? — perguntou.

— Por favor — disse Jack, assentindo.

— Senhora Audley — disse Thomas — se houver provas do casamento de sua irmã, seu sobrinho se converterá no Duque de Wyndham.

— O Duque de... — a Senhora Audley cobriu a boca, espantada — Não, não é possível. Recordo. O Senhor Cavendish. Era... — moveu os braços como tratando de descrevê-lo com gestos, depois de tentar descrevê-lo várias vezes com palavras, disse finalmente — Ele não nos teria ocultado algo assim.

— Nesse tempo não era o herdeiro — explicou Thomas.

— Oh, meu Deus. Mas se Jack for o Duque, você...

— Não sou — terminou ele, irônico.

Olhou para Amélia e Grace, que estavam observando no interior da porta.

— Pode imaginar, sem dúvida, nossa impaciência por ter isto resolvido.

A Senhora Audley só pode olhá-lo horrorizada.

Thomas compreendeu exatamente como se sentia.

Amélia não sabia que horas eram. Sem dúvida passava bem da meia noite. Fazia várias horas que as tinham levado ela e Grace ao quarto que compartilhavam, e embora tenha lavado o rosto e posto a camisola, seguia acordada.

Continuou um longo momento parada sob as mantas, imaginando que no som da respiração de Grace havia uma certa música que a induziria a dormir. Finalmente desceu da cama e foi aparecer na janela, pensando que poderia ter algo melhor para olhar que o céu raso. A lua estava quase cheia e sua luz fazia algo menos titilantes às estrelas.

Exalou um suspiro. Já tinha bastante dificuldade para ver as constelações sem que estivessem eclipsadas pela lua. Com pouco entusiasmo, conseguiu localizar a Ursa Maior.

Uma nuvem movida pelo vento a tampou.

— Ah, claro, lógico — resmungou.

Grace começou a roncar.

Sentou-se no largo batente da janela e apoiou a cabeça no vidro. Isso fazia quando era mais jovem e não podia dormir, ir à janela contar as estrelas e as flores. Às vezes saía pela janela, antes que seu pai fizesse podar o majestoso carvalho que se elevava junto dela.

Isso era divertido.

Desejou voltar a fazê-lo. Divertir-se. Essa noite. Desejava expulsar dela esse espantoso abatimento, o horrível medo. Desejava sair ao ar livre, sentir a brisa na cara. Desejava cantar para si mesma aonde ninguém pudesse ouvi-la. Desejava estirar as pernas, ainda duras por ter ficado tanto tempo sentada na carruagem. Desceu de um salto do batente, agarrou sua jaqueta e a pôs. Nas pontas dos pés passou por um lado de Grace, que estava murmurando algo no sonho infelizmente, nada que se pudesse entender, porque teria ficado escutando se suas palavras tivessem tido algum sentido.

A casa estava silenciosa, tal como supôs dada a hora. Tinha certa experiência em andar silenciosa pela casa quando todos dormiam, embora suas proezas do passado se limitassem a fazer brincadeiras pesadas as suas irmãs, ou a vingar-se das brincadeiras pesadas que fizessem com ela. Caminhou com passo ligeiro, respirando lentamente e, antes de se dar conta, já estava no vestíbulo, abrindo a porta

da rua e saindo para a escuridão da noite.

O ar estava fresco e impregnado de orvalho, mas o sentiu glorioso. Amassando mais a jaqueta, avançou pela grama do jardim em direção às árvores. Os pés começaram a congelar, pois não quis se arriscar ao ruído que seus sapatos fariam, mas não se importou. Passaria o dia seguinte muito feliz espirrando se isso significava ter liberdade nessa noite.

Liberdade.

Sorrindo e rindo, pôs-se a correr.



Thomas não podia dormir.

Isso não o surpreendia absolutamente. De fato, depois de lavar o pé do corpo, colocou uma camisa e calça limpas. Uma camisola de dormir não serviria de nada essa noite.

Tinham-no instalado em um bom quarto, o mais cômodo depois do que deram a sua avó. O quarto não era excessivamente grande, e os móveis não eram novos nem caros, mas tudo era de boa qualidade, estava amorosamente cuidado e era quente e acolhedor. Sobre a escrivaninha havia retratos em miniatura, engenhosamente colocados na esquina, de forma que a pessoa pudesse olhá-los quando estava escrevendo suas cartas. Também vira retratos em miniatura no suporte da lareira do salão colocados em fileira. Os quadros estavam um pouco desgastados, a pintura nos lugares onde os haviam agarrado para admirá-los, algo esvaída. Essas miniaturas, as pessoas retratadas nelas, eram amadas.

Tentara imaginar uma exibição similar em Belgrave e quase riu. Claro que tinham pintado os retratos de todos os Cavendish, muitos os pintara inclusive mais de uma vez. Mas os retratos estavam pendurados na galeria, como testemunhos formais de grandeza e riqueza. Ele não os olhava jamais. Para que? Não havia nenhum que desejasse ver, nenhum retratado cujo sorriso ou bom humor desejasse recordar.

Foi até a escrivaninha e pegou um dos pequenos retratos. Parecia ser de Jack, talvez dez anos mais jovem.

Estava sorrindo.

Ele se surpreendeu sorrindo também, embora não soubesse por que. Gostava dessa casa, chamada Cloverhill. Simpático nome, muito apropriado.

Essa casa tinha que ser um bom lugar para crescer. Para aprender a ser um homem.

Deixando o retrato em seu lugar, caminhou até a janela próxima e apoiou as duas mãos no batente. Sentia-se cansado. E desassossego.

Nociva combinação.

Desejava que todo o assunto acabasse. Desejava deixar tudo aquilo para trás, e avançar, para descobrir, não, para *saber* quem era.

E quem não era.

Continuou ali vários minutos, contemplando a cuidada grama. Não havia nada para ver essa hora da noite e, entretanto não conseguia se obrigar a afastar-se. E então...

Seus olhos captaram um relâmpago de movimento, e aproximou mais o rosto do vidro. Havia alguém lá fora.

Amélia.

Não podia ser, mas indiscutivelmente era ela. Ninguém mais tinha o cabelo dessa cor.

Que diabos fazia ali? Não ia fugindo, era uma garota sensata, não faria isso, e, além disso, não levava mala nem bolsa. Não, ao que parece tinha decidido sair e dar um passeio.

Às quatro da manhã.

O que de maneira nenhuma era sensato.

— Mulher tola — resmungou.

Agarrando uma bata para colocar em cima da camisa, saiu do quarto. Assim poderia ter sido sua vida se tivesse arrumado para se casar com ela? Teria que ter se acostumado a sair e procurá-la fora de casa altas horas da noite?

Menos de um minuto depois saiu pela porta da rua, que, observou, estava um dedo entreaberta. Caminhou um trecho do caminho de entrada e continuou pelo jardim de grama, onde a vira, mas já não estava.

Desaparecera.

Vamos, pelo amor de Deus, não podia gritar seu nome, despertaria a toda a casa.

Continuou caminhando.

Onde diabos estava? Não poderia ter ido muito longe, mais ainda, não teria ido muito longe. Amélia não.

— Amélia? — sussurrou.

Nada.

— Amélia? — repetiu, atrevendo-se a elevar um pouco a voz.

E de repente ela estava ali, sentada na relva.

— Thomas?

Estava estendida no chão? Tinha desfeito o penteado e o cabelo caía pelas costas em uma simples trança. Não recordava tê-la visto assim, não conseguia imaginar quando poderia vê-la assim.

— Estava olhando as estrelas — disse ela.

Ele olhou para o céu, não podia não olhar depois dessa declaração.

— Estava esperando que passassem as nuvens — explicou ela.

— Por quê?

— Por quê? — repetiu ela, como se fosse ele que tivesse dito algo incompreensível.

— Já passa muito da meia noite.

— Sim, sei. — Dobrou as pernas, colocando os pés debaixo dela e, afirmando as mãos no chão, deu um impulso e se levantou — Mas é minha última oportunidade.

— Para que?

Ela encolheu os ombros.

Ele abriu a boca para dizer algo, para arreganhá-la e fazer ver que fazia uma tolice, mas se limitou a sorrir.

Estava tão formosa...

— Amélia.

Não soube por que disse seu nome, não tinha nada concreto a dizer, mas ela estava ali, diante dele, e nunca tinha desejado uma mulher, não, nunca desejara nada, mais do que desejava ela.

Sobre a relva úmida, no meio da Irlanda, em plena noite, desejava-a.

Absolutamente.

Não tinha se permitido pensar nisso. Desejava-a, fazia tempo que deixara de fingir que não. Mas não se permitiu nem sonhá-lo, não se permitia se imaginar com as mãos em seus ombros, as abaixando por suas costas. Seu vestido caindo, movido por suas ávidas mãos, deixando descoberto seu perfeito...

— Tem que entrar em casa — disse com a voz rouca.

Ela negou com a cabeça.

Ele fez uma longa e entrecortada inspiração. Sabia ela que se arriscava ficando ali com ele? Tinha que recorrer a toda sua força de vontade, mais do que teria imaginado que tinha, para manter-se parado no lugar em que estava, a dois corretos passos de distância dela, tendo-a perto, muito perto, mas fora de seu alcance.

— Preciso estar fora — disse ela.

Olhou-a nos olhos, o que foi um erro, porque nesses incríveis olhos viu tudo o que ela estava sentindo, seu sofrimento, sua insegurança, o mal que se sentia pela injustiça da que era vítima.

Sentiu-se esmigalhado.

— O quarto — continuou ela — era sufocante e quente.

Não era certo, mas ela tinha tido essa sensação.

Ele compreendeu seu mal estar.

— Estou cansada de me sentir presa — continuou ela, tristemente — Toda minha vida me disseram onde devo estar, o que devo dizer, com quem devo falar.

— Com quem deve se casar — disse ele docemente.

Ela assentiu levemente.

— Só desejava me sentir livre. Embora fosse só durante uma hora.

Olhou sua mão. Que fácil seria agarrar, só precisaria aproximar-se um passo. Um passo e ela estaria em seus braços.

Mas se limitou a dizer:

— É preciso que entre na casa.

Porque era o que devia dizer. Era o que ela devia fazer.

Não podia beijá-la, não nesse momento, ali, quando não se sentia capaz de por fim ao beijo.

Por fim ao beijo com um beijo. Não se acreditava capaz de fazê-lo.

— Não desejo me casar com o Senhor Audley — disse ela.

Algo no interior dele se enroscou e esticou.

Thomas já sabia, ela deixara mais que claro. Mas de todos os modos, nesse momento, estando ali à luz da lua...

Suas palavras eram desesperadoras, era impossível suportá-las, impossível não lhes fazer caso.

E eu não desejo que ele a tenha.

Mas não disse. Não podia permitir-se dizê-lo. Porque sabia que chegada a manhã era quase certo que se demonstraria que Jack Audley era o Duque de Wyndham. E se nesse momento dizia *segue comigo...*

Ela faria conta.

Talvez inclusive acreditasse que o amava. Por que não acreditaria? Toda a sua vida havia dito que devia amá-lo, obedecer, agradecer seus cuidados e a sorte que a tinham prometido a ele tantos anos atrás. Mas não o conhecia. Nesses momentos nem sequer ele sabia se conhecia. Como podia pedir que continuasse com ele se não tinha nada para oferecer?

Ela merecia mais.

— Amélia — sussurrou, porque tinha que dizer algo, ela estava esperando sua resposta.

Ela negou com a cabeça.

— Não quero me casar com ele.

— Seu pai... — disse Thomas com a voz afogada.

— Quer que eu seja uma Duquesa.

— Deseja o melhor para você.

— Ele não sabe o que é o melhor para mim.

— Você tampouco sabe.

O olhar que ela dirigiu o aniquilou.

— Não diga isso. Diga qualquer outra coisa, mas não diga que eu não sei o que quero.

— Amélia...

— Não.

O *não* soou horroroso uma só sílaba, mas saiu muito do fundo dela. E ele sentiu sua pena, sua ira, sua frustração, feriram-no como facas com surpreendente precisão.

— Sinto muito — disse, porque não soube que outra coisa dizer.

E o sentia. Não sabia o que lamentava, mas essa horrível dor que notava no peito tinha que ser aflição.

Ou talvez pesar.

Porque ela não era dele.

Porque jamais seria.

Porque não podia deixar de lado a única pequena parte dele que sabia ser honrado e cabal. Porque não podia dizer *ao diabo tudo* e possuí-la ali mesmo, nesse momento.

Porque, compreendeu surpreso, resultava que não era o Duque de Wyndham que sempre fazia o correto.

Era Thomas Cavendish.

A única parte dele que não perderia jamais.

CAPÍTULO 18



Era irônico, pensara Amélia mais de uma vez durante a viagem a Cloverhill, que tivesse se apaixonado tanto pela cartografia.

Porque só agora começava a compreender o completamente que outros tinham esboçado sua vida. Inclusive com todos seus planos destrocados, seu novo mapa, com as rotas que devia tomar sua vida, estavam riscando os outros.

Seu pai.

A Duquesa viúva.

Inclusive Thomas.

Ao que parece todos intervinham em seu futuro, à exceção dela. Mas não nessa noite.

— É tarde — disse em voz baixa.

Ele aumentou os olhos e ela viu seu desconcerto.

— Mas não muito — murmurou.

Olhou para o céu. O vento se levou as nuvens. Não havia sentido o vento, não havia sentido nada além da presença dele, e ele nem sequer a havia tocado. Mas pelo que fosse, o céu estava espaçoso e as estrelas estavam à vista.

Isso era importante. Não sabia por que, mas era.

— Thomas — sussurrou, e o coração deu um tombo, retumbava. Estava rompendo.

— Thom...

— Não — disse ele com a voz rouca — não diga meu nome.

Por quê?

Teve a pergunta na ponta da língua, desesperada para sair, mas não a disse em voz alta. Compreendeu que não devia. Fosse qual fosse a resposta, não desejava ouvi-la. Não nesse momento, quando ele a estava olhando com essa intensidade triste, ardente.

— Não há ninguém aqui — murmurou.

Era certo. Todos estavam dormindo. E não entendia por que disse algo tão óbvio. Talvez só desejava que ele soubesse... Sem dizê-lo muito claramente. Se ele se aproximasse e se inclinasse, se a beijasse...

Corresponderia o beijo encantada.

Ele negou com a cabeça.

— Sempre há alguém aqui.

Mas estava equivocado. Era plena noite, todos estavam dormindo. Estavam sozinhos, e ela

desejava... Desejava...

— Me beije.

Os olhos relampejaram e ela teve a impressão, por um momento, de que estava sofrendo.

— Amélia, não.

— Por favor — Sorriu-lhe com o maior atrevimento que pode — Me deve isso.

Ele pareceu surpreso e divertido.

— Devo-lhe isso?

— Por vinte anos de compromisso. Deve-me um beijo.

Ele esboçou um relutante sorriso.

— Eu diria que por vinte anos de compromisso devo vários.

Ela molhou os lábios, tinham ressecado pela rapidez de sua respiração.

— Um bastará.

— Não — disse ele — um não bastaria. Jamais bastaria.

Ela deixou de respirar.

Ia beijá-la. Ia beijá-la. Ele ia beijá-la e por Deus que corresponderia o beijo.

Avançou um passo.

— Não — disse ele, mas a voz não saiu firme.

Ela ergueu a mão até deixá-la a uns poucos dedos da de Thomas.

— Amélia, não — disse ele, com a voz rouca.

Ah, não. Não ia se separar de um empurrão, não o permitiria. Não ia dizer que era por seu bem, nem que ele sabia mais, que todos sabiam mais, exceto ela.

Era sua vida, e essa era sua noite, e como que Deus era testemunha, ele era seu homem.

Equilibrou-se para ele.

Na realidade, jogou-se sobre ele.

— Am...

Talvez tentou dizer seu nome ou talvez foi um grunhido de surpresa, não se importou. Estava já muito lançada para preocupar-se com essas trivialidades. Já tinha seu rosto entre as mãos e ia beijá-lo, torpemente talvez, mas com toda a energia louca que ardia nela.

Amava-o.

Amava-o. Não havia dito a ele e talvez nunca tivesse oportunidade de dizer-lhe mas o amava. E nesse momento ia beijá-lo.

Porque isso é o que faz uma mulher apaixonada.

— Thomas — disse, porque queria dizer seu nome, diria uma e outra vez se ele o permitisse.

— Amélia ... — Pôs-lhe as mãos nos ombros, preparado para afastá-la.

Ah, não, não o permitiria. Rodeou-o com os braços e apertou todo seu corpo contra ele. Afundou as mãos em seu cabelo, atraindo a cabeça para ela, e pousou os lábios nos dele.

— Thomas — gemeu sobre seus lábios — Thomas, por favor...

Mas ele não se moveu. Seguia rígido, sem reagir de nenhuma maneira ao seu assalto, e então...

Algo se abrandou nele, primeiro o notou em seu peito, como se por fim se deu permissão para respirar. E então moveu uma mão, lentamente, quase trêmula, e a pôs em suas costas na altura da cintura.

Ela estremeceu e gemeu em sua boca. Afundou uma mão em seu cabelo e suplicou: — Por favor.

Se ele a recusava... Não se acreditava capaz de suportá-lo.

— Preciso de você — murmurou.

Ele ficou muito quieto, tão quieto que ela pensou que o havia perdido. Mas então estalou com apaixonada energia, estreitou-a em seus braços com incrível velocidade e não só correspondia seu beijo.

Bom Deus, parecia querer devorá-la.

E ela desejava permitir isso e se sentiu melhor.

— Ah, sim — suspirou, apertando-se mais contra ele.

Isso era o que desejava. Tinha desejado ele, sim, mas desejara *isso*.

O poder, o conhecimento de que ela tinha iniciado algo. Ela o tinha beijado.

E ele desejava o beijo. Desejava ela.

Isso a fez estremecer, derreteu-a por dentro. A fez desejar derrubá-lo no chão e montar em cima...

Santo céu, o que tinha acontecido com ela?

A mulher que fora até umas horas antes desapareceu e foi substituída por um espírito sensual, desenfreado, que não tinha passado vinte anos de vida aprendendo a ser uma dama decorosa. Quando o beijou, não, quando se jogou sobre ele, rogando que não a afastasse, o fez movida por seus sentimentos, estava furiosa, desesperada, triste, e desejava, por uma vez, sentir-se no comando.

Mas esses sentimentos já tinham desaparecido, seu corpo tomara a substituição, impulsionado por uma necessidade que nunca havia sentido antes. Era como se algo a tivesse arrancado por dentro, algo que a esticava, retorcia. Sentia muito no fundo dela, em lugares dos quais nunca falava, que sequer reconhecia.

E ele, Thomas, fazia que essas sensações se acentuassem.

E se sentia melhor.

Não, pior.

— Por favor — rogou ela, desejando saber o que ele desejava.

Então gemeu, porque ele estava fazendo que se sentisse melhor outra vez.

Seus lábios estavam em seu pescoço e sentia suas mãos por toda parte, em seu cabelo, acariciando as costas, cavadas em seu traseiro.

Desejava-o mais perto. Mas que tudo, desejava *mais*. Desejava seu calor, sua força. Desejava sentir sua pele ardendo sobre a dela. Desejava arquear as costas, abrir as pernas.

Desejava *mover-se*, de maneiras que jamais tinha imaginado possíveis.

Movendo-se entre seus braços tentou tirar a jaqueta, mas só tinha conseguido abaixá-la até os cotovelos quando ele gemeu: — Vai ficar com frio.

Ela tratou de tirar o braço direito da manga.

— Você pode me dar calor...

Ele se afastou, o suficiente para olhá-la, e ela viu sua expressão angustiada.

— Amélia...

Detectou o antigo Thomas em sua voz, o que sempre fazia o correto.

— Não pare — rogou — Não esta noite.

Thomas agarrou seu rosto entre as mãos e aproximou a dele até que quase estavam tocando os narizes. Olhou-a nos olhos e ela viu os dele atormentados e tristes.

— Não desejo parar — disse com a voz áspera.

Mas tenho que parar.

Os dois ouviram o que ficou sem dizer.

— Não posso, não devo... — interrompeu-se para fazer uma inspiração entrecortada, ao tempo que se obrigava a retroceder — Não devo fazer algo que vai se...— queria escolher com cuidado as palavras, ser racional, para evitar deixar-se levar pelos impulsos — Se fizer isto, Amélia...

Passou a mão pelo cabelo, enterrando as unhas no couro cabeludo, desejava essa dor, necessitava. Necessitava de algo, algo que o fizesse voltar para a realidade, que o impedisse de desmoronar, perder esse último pedaço dele. Obrigou-se a dizê-lo: — Não devo fazer algo que vá decidir seu futuro.

Levantou a vista, meio esperando que ela desse meia volta, mas não, estava ali, olhando-o, com os olhos aumentados, os lábios entreabertos. Via seu fôlego no ar úmido, cada baforada sussurrando na noite.

Era uma tortura. Seu corpo clamava por ela. Sua mente...

Seu coração.

Não.

Não a amava. Não podia amá-la. Não podia existir um Deus tão cruel que infligisse tanta dor.

Obrigou-se a respirar. Não resultou fácil, e menos ainda quando desviou o olhar de seu rosto e desceu por seu pescoço.

O pequeno laço da cinta que fechava o pescoço da camisola estava meio solto.

Engoliu em seco. Vira mais dela em numerosas ocasiões, os vestidos de noite quase sempre eram muito decotados. Entretanto, não podia afastar os olhos dos extremos desse simples laço que caíam sobre a elevação de seus seios.

Se lhes desse um puxão...

Se agarrasse esses extremos e puxasse, abriria a camisola? O tecido deslizaria para os lados?

— Entra na casa — disse com a voz rouca e áspera — Por favor.

— Thom...

— Não posso deixar você sozinha aqui e não posso, não devo...

Fez uma longa inspiração, não serviu para se acalmar. Mas ela não se moveu.

— Entre Amélia. Se não fizer por você, faça por mim.

Viu-a modular seu nome. Não entendia.

Tentou respirar, era difícil. O desejo, a excitação, já doíam.

— Estou necessitando de toda minha força de vontade para não possuir você neste momento.

Ela aumentou os olhos, luminosos de afeto. Tentador, muito tentador, mas...

— Não permita que me converta no bruto que a desonrou uma noite antes de... Antes de...

Ela lambeu os lábios, foi um gesto nervoso, mas fez seu sangue ferver.

— Amélia, entre.

Ela deve ter notado o desespero em sua voz, porque partiu, deixando-o sozinho sobre a relva, com o membro duro e amaldiçoando-se por ser tão tolo.

Um tolo nobre, talvez, um tolo honrado. Mas tolo de todos os modos.

Umás horas depois Thomas seguia em pé, passeando pelo vestibulo de Cloverhill. Ficou quase uma hora no jardim depois que Amélia entrou na casa, dizendo-se que gostava do frio ar noturno, que sentava bem aos pulmões e refrescava a pele. Dizia-se que não importava que estivessem congelando os pés, que converteriam em ameixas passas sobre a úmida relva.

Tudo isso era pura estupidez, logicamente, sabia que se não desse a Amélia muito tempo e outro pouco mais para voltar para seu quarto, que por sorte compartilhava com Grace, ele a seguiria. E se voltava a tocá-la, inclusive se pressentisse sua presença antes que chegasse a manhã, não poderia parar.

Um homem tem força de vontade só até certo ponto.

Finalmente tinha voltado para seu quarto, onde esteve um bom momento esquentando os pés junto ao fogo. E depois, sentindo-se tão desassossego que não podia ficar quieto no quarto, colocou os sapatos e desceu silenciosamente a escada, a procurar algo, o que fosse, que o distraísse até o amanhecer.

A casa seguia silenciosa. Não se ouvia nenhum ruído de criados que se levantaram fazer seus afazeres matutinos. De repente pareceu ouvir algo, um suave golpe talvez, ou o ruído dos pés de uma cadeira ao roçar o chão. Ao olhar com mais atenção, viu um raio de luz no chão, procedente de uma sala cuja porta estava entreaberta.

Curioso, caminhou até a porta e apareceu.

Jack estava sentado ali, sozinho, seu rosto gasto, com sinais de esgotamento. *Via-se como ele sentia*, pensou.

— Não pode dormir? — perguntou.

Seu primo levantou a vista, seu rosto totalmente desprovido de expressão.

— Não.

— Eu tampouco — disse Thomas, entrando.

Jack agarrou uma garrafa de conhaque, ainda cheia mais de três quartos, o que indicava que tinha bebido por necessidade de consolo, não para atordoar-se e esquecer.

— É bom — disse — Acredito que meu tio o estava reservando — Entrecerrou os olhos olhando a garrafa — Não para isto, imagino.

Em uma prateleira perto da janela havia um jogo de taças de cristal, assim Thomas foi até ali e pegou uma. Depois foi sentar-se na outra poltrona de orelhas, justo em frente da que Jack ocupava, e deixou a taça na mesa que os separava. Seu primo serviu uma generosa quantidade.

Thomas pegou a taça e bebeu. Era um bom conhaque, forte e meloso, tão próximo ao que necessitava como podia sê-lo qualquer outro licor. Depois de beber outro gole se inclinou e, apoiando os antebraços nas coxas, olhou pela janela, viu que esta não dava para a grama do jardim onde estivera beijando Amélia, por isso elevou uma oração de ação em agradecimento.

— Falta pouco para a aurora — disse.

Jack também olhou para fora.

— Alguém se levantou? — perguntou — Não que eu tenha ouvido.

Ficaram em silêncio um bom momento. Thomas bebia seu conhaque lentamente, nos últimos tempos tinha bebido muito. E teve uma desculpa tão boa como qualquer, melhor que muitas, na realidade. Mas não gostava do homem em que estava se transformando.

Grace...

Não a teria beijado aquela noite se não tivesse sido pela bebida.

Já ia perder sua identidade, seu status e até a última de suas posses, não fazia nenhuma falta perder também sua dignidade e seu bom julgamento. Endireitou as costas, sentindo-se cômodo com o silêncio, observando Jack. Estava chegando a compreender que seu primo recém encontrado era mais homem do que ele tinha suposto ao princípio. Jack tomaria a sério suas responsabilidades. Cometeria enganos, mas, claro, também ele os tinha cometido. Era possível que o ducado não prosperasse muito com a administração de Jack, mas tampouco se viria abaixo.

Isso bastava. Tinha que bastar.

Viu Jack agarrar a garrafa e incliná-la sobre a taça, mas quando tinham passado só umas gotas parou e a endireitou bruscamente. Então levantou a vista e o olhou, com os olhos inesperadamente limpos.

— Alguma vez se sentiu como se estivesse em exibição?

Thomas sentiu vontade de rir, mas não moveu nem um só músculo da face.

— Sempre, em todo momento.

— Como suporta isso?

Thomas pensou um momento.

— Não sei fazer outra coisa.

Jack fechou os olhos e friccionou a frente. Quase dava a impressão de que queria apagar uma lembrança.

— Hoje vai ser um dia espantoso.

Thomas assentiu. Era uma boa descrição.

— Vai ser um maldito circo — disse.

— Certamente.

Continuaram sentados sem fazer nada, e de repente os dois levantaram a vista ao mesmo tempo. Olharam-se nos olhos e logo Thomas olhou para o lado, para a janela.

Para fora.

— Vamos? — propôs Jack.

— Antes que alguém...?

— Agora mesmo.

Thomas deixou sua taça ao meio beber na mesa e se levantou. Olhou para Jack e, pela primeira vez, sentiu afinidade, o parentesco entre eles.

— Você na frente — disse.

E o achou estranho, mas quando montaram seus cavalos e empreenderam a marcha, compreendeu finalmente que o que sentia era uma ligeireza no peito.

Era liberdade.

Não sentia particularmente desejoso de renunciar a Wyndham. Wyndham era...

Era ele. Sim. Wyndham era ele. Era a essência de si mesmo.

Mas a sensação era maravilhosa. Partir furtivamente quando a tênue luz da alvorada começava a iluminar o caminho.

Começava a descobrir que talvez ele fosse algo mais que seu nome e seu título. E que talvez, quando tudo estivesse dito e feito, seguiria inteiro.

CAPÍTULO 19



Thomas achou surpreendente prazeroso o trajeto a Maguiresbridge. Claro que não tinha esperado que a paisagem rural fosse outra coisa que pitoresco, mas as circunstâncias do dia não se prestavam para contemplar o panorama com olhos afáveis. Quanto a Jack, não parecia inclinado a conversar, mas de quando em quando dizia algo sobre a história da localidade.

Passara bem crescendo ali, compreendeu. Não, mais que isso, tinha-o encantado. Sua tia era uma mulher estupenda, não havia outra maneira de descrevê-la.

Thomas estava seguro de que foi uma mãe maravilhosa. Estava claro que Cloverhill teve que ser uma casa muito mais agradável que Belgrave para um menino.

Ah, ironia. Jack estava em seu direito de pensar que tinham roubado seu legado. E entretanto ele começava a pensar que fora ele o extorquido. Claro que não havia nenhuma probabilidade de que tivesse tido uma infância mais agradável se não tivesse sido o herdeiro de Wyndham, seu pai haveria se sentido mais amargurado ainda vivendo no norte e sendo conhecido por todo mundo como o genro do dono de uma fábrica.

De todos os modos o assunto dava o que pensar, não no que poderia ter sido, a não ser no que poderia ser. Ele tinha convertido em sua missão não emular seu pai, mas nunca tinha refletido sobre que classe de pai poderia ser algum dia.

Sua casa estaria adornada com retratos em miniatura cujos arcos teriam a pintura esvaída de tanto agarrá-los?

Claro que isso sendo claro que tivesse uma casa, o qual estava ainda muito no ar.

Apareceu um povoado à vista, e Jack diminuiu a marcha até deter o cavalo e ficou olhando para a distância. Thomas o observou curioso, teve a impressão de que seu primo não tinha tido a intenção de deter-se.

— É esse? — perguntou. Jack fez um gesto de assentimento, e juntos reataram a marcha.

Quando foram chegando ao povoado, Thomas o observou olhando para ambos os lados.

Era um povoado pequeno muito limpo e ordenado, com casas e lojas de ambos os lados do meio fio pavimentado. Um teto de palha aqui, uma parede de tijolos crus lá, não era distinto de qualquer outro povoado pequeno das Ilhas Britânicas.

— A Igreja fica para lá — disse Jack, indicando com a cabeça.

Thomas continuou cavalgando com ele pela rua que, supunha, era a principal, até que chegaram à Igreja. Este era um simples edifício de pedra cinza, com janelas estreitas em arco. Parecia muito antigo, e não pode deixar de pensar que tinha que ser um lugar agradável para se casar.

Mas não se via uma alma.

— Parece que não há ninguém — disse.

Jack olhou para uma casa mais baixa à esquerda da Igreja.

— É provável que o livro de registros esteja na casa paroquial.

Thomas assentiu. Desmontaram, deixaram os cavalos amarrados a um poste, e caminharam até a porta da casa.

Bateram várias vezes até que no interior se ouviram passos em direção a eles.

Abriu-se a porta e apareceu uma mulher de idade amadurecida. Thomas supôs que era a governanta.

— Bom dia, Senhora — disse seu primo, fazendo uma educada reverência — Sou Jack Audley e ele é...

— Thomas Cavendish — interrompeu.

Desvencilhou-se do olhar de surpresa que dirigiu Jack. Teria sido ridícula presunção apresentar-se com seu título estando este nos últimos minutos de sua legitimidade.

Teve a impressão de que seu primo arregalava os olhos, mas se limitou a voltar a olhar a governanta, dizendo: — Queríamos ver o registro da paróquia.

Ela os fitou e passado um momento, virou a cabeça indicando a parte interior da casa.

— Está no quarto dos fundos. No escritório do pároco.

— E o pároco está em casa? — perguntou Jack.

Thomas deu uma forte cotovelada nas costelas.

Bom Deus, e quem queria companhia?

Mas se a mulher achou embora fosse curiosa a pergunta, não o demonstrou.

— Estamos sem pároco — respondeu em tom de aborrecimento — O posto está vago — Caminhou tranquilamente até um sofá, sentou-se e acrescentou por cima do ombro — Têm que atribuir logo um. Por enquanto enviam alguém de Enniskillen todos os domingos para dar o sermão.

E assim, sem acrescentar mais nada, pegou um prato com torradas da mesinha e lhes deu totalmente as costas.

Thomas interpretou isso como permissão para entrar no escritório, assim entrou, seguido por Jack uns passos atrás.

Havia estantes na parede oposta à lareira, assim começou por lá. Viu várias bíblias e livros de sermões e de poesia. Tentou recordar se vira o livro de registros na Igreja de sua paróquia, perto de Belgrave. Supunha que sim, mas talvez não era particularmente distintivo, pois se tivesse sido recordaria.

— Sabe como é um livro de registros paroquial? — perguntou.

Jack não respondeu, e pareceu melhor não insistir, assim que ficou tarefa de olhar livro por livro.

A retidão moral e o homem moderno. Não, obrigado.

História de Fermanagh. Passava esse também. Formoso que era o condado, já estava farto dele.

Relato das viagens, do James Cook. Sorriu, esse Amélia gostaria.

Fechou os olhos, fez uma inspiração profunda e se deu permissão para pensar nela um momento. Tinha tentado não fazê-lo, durante todo o trajeto tinha concentrado a atenção na paisagem, nas

rédeas, na parte de barro que se pegou na parte de trás da bota esquerda de Jack...

E não tinha pensado em Amélia.

Decididamente não tinha pensado em seus olhos, que não eram absolutamente da cor das folhas das árvores, da casca talvez. A casca com as folhas, juntas. Verdes e castanhos, uma mescla. Gostava disso.

Tampouco tinha pensado em seu sorriso. Nem na forma exata de sua boca quando esteve diante dele a passada noite, sem fôlego, desejando-o.

Desejava-a. Bom Deus, quanto a desejava.

Mas não a amava.

Não podia amá-la. Seria insustentável.

Com implacável resolução voltou a atenção para a tarefa que tinha entre mãos. Começou a tirar todos os livros que não levavam o título no lombo, para poder abri-los e olhar as primeiras páginas. Finalmente, chegou uma parte em que só havia uma fileira de livros de contabilidade. Tirou um e acelerou o coração ao ver que as palavras que tinha diante eram registros de nascimentos, de mortes e de casamentos.

Estava olhando um dos livros de registros da Igreja. Mas as datas não eram as que corresponderiam. Os pais de Jack deviam ter se casado em 1790, e essas eram muito mais recentes.

Olhou para o Jack por cima do ombro para dizer algo, e então viu que estava muito rígido diante da porta, com os ombros levantados até as orelhas. Parecia estar paralisado, e compreendeu por que não o tinha ouvido caminhar pela sala procurando o livro.

Não se tinha movido do momento em que entraram.

Desejou dizer algo, desejou ir até a ele para dar uma sacudida, para colocar um pouco de sensatez, maldito seja, porque de que diabos podia se queixar?

Era ele, não Jack, que ia ficar com a vida destrocada ao final do dia. Ia perder sua identidade, sua casa e sua fortuna.

E a sua noiva.

Jack sairia dessa sala sendo um dos homens mais ricos e capitalistas do mundo. Ele, em troca, não teria nada. Seus amigos, supunha, mas eram poucos. Conhecidos tinha muitos, mas amigos... Eram Grace, Harry Gladdish, Amélia possivelmente. Encontrava difícil acreditar que ela desejasse vê-lo depois de que tudo estivesse dito e feito. Ela o acharia incômodo, violento. E acabaria casando-se com Jack...

Então seria ele quem o acharia violento.

Fechou os olhos, e se obrigou a focar a atenção na tarefa que o tinha levado até ali. Foi ele quem disse para Amélia que devia se casar com o Duque de Wyndham, quem quer que resultasse ser.

Não podia queixar-se se ela acatava o dito por ele.

Pôs o livro em seu lugar da prateleira, tirou outro e olhou as datas escritas ao final de cada anotação. Este era anterior ao primeiro, e terminava ao final do século XVIII. Tirou outro, logo um quarto, e esta vez, ao olhar a cuidada e elegante letra, encontrou o ano que procurava.

Engoliu em seco e olhou para Jack.

— Pode ser este.

Seu primo virou para olhá-lo. Tinha os cantos apertados da boca e seus olhos refletiam angústia.

Thomas abaixou o olhar ao livro e viu que as mãos tremiam. Engoliu em seco. Tinha chegado a esse momento do dia com surpreendente resolução. Fora um estóico perfeito, disposto a fazer o que fosse correto para Wyndham.

Mas nesse momento tinha medo.

De todos os modos, tirou coragem de suas reservas e conseguiu esboçar um sorriso irônico, porque se não fosse capaz de se comportar como um homem, o que ficava dele? Ao final do dia teria sua dignidade e sua alma. Nada mais.

Olhou para Jack nos olhos.

— Olhamos?

— Olhe-o você.

— Não quer olhá-lo comigo?

— Confio em você.

A boca de Thomas abriu sozinha, embora não de tudo por surpresa, porque, francamente, porque Jack não iria confiar nele? Não podia trocar o escrito nas páginas que tinha diante. Mas de todos os modos, por mais que aterrorizasse o resultado, não desejava vê-lo? Não desejaria ler ele mesmo as páginas? Não conseguia imaginar que tivesse chegado até aí e não queria olhar as páginas a medida que as passava.

— Não — disse. Por que tinha que fazer isso sozinho? — Não o olharei sem você.

Jack continuou sem se mover, até que, passado um momento, soltando um palavrão em voz baixa, foi situar-se ao seu lado diante da escrivaninha.

— É muito nobre, maldito seja — resmungou.

— Não por muito tempo — resmungou Thomas.

Pôs o livro sobre a escrivaninha e o abriu na primeira página. Jack continuou ao seu lado e juntos olharam a apertada e clara letra do que fora o padre pároco de Maguiresbridge em 1786.

Thomas engoliu em seco, nervoso. Sentia a garganta oprimida. Mas tinha que fazê-lo. Era seu dever, seu dever para com o Wyndham.

Não tinha feito isso toda sua vida? Cumprir com seu dever como Duque de Wyndham?

Quase se pôs a rir. Se alguém o acusasse alguma vez de levar muito longe seu dever... Tinha que ser nesse momento.

Olhando, foi passando as páginas até que encontrou o ano.

— Sabe em que mês seus pais se casaram? — perguntou ao seu primo.

— Não. Mas isso não tinha importância. A paróquia era pequena, não haveria muito casamento.

“Patrick Colville e Emily Kendrick, 20 de março de 1790.” “William Figley e Margaret Plowright, 22 de maio de 1790.”

Deslizou os dedos pela página, levando-os pela beira. Com o fôlego retido, passou a página.

E ali estavam.

“John Augustus Cavendish e Louise Henrietta Galbraith, casados em 12 de junho de 1790.

Testemunhas, Henry Wickman e Philip Galbraith.”

Fechou os olhos. Ai está. Tinha perdido, tudo o que o tinha definido, tudo o que possuía... Perdido. Tudo. E que era?

Abriu os olhos, e se olhou as mãos. Ficava seu corpo, sua pele, sangue, músculos e ossos. Era suficiente? Perdia inclusive Amélia. Ela se casaria com Jack ou com algum sujeito que tivesse um título similar, e viveria sua vida como a esposa de outro homem.

Doeu-lhe. Queimou-o. Custava acreditar o muito que o queimava.

— Quem é Philip? — perguntou em um sussurro, olhando a página, porque Galbraith era o sobrenome da mãe de Jack.

— O que? — exclamou seu primo. Thomas o olhou, seu primo tinha a cabeça inclinada e o rosto entre as mãos.

— Philip Galbraith. Foi uma testemunha.

Jack levantou a cabeça, olhou-o e depois olhou a página do registro.

— É o irmão de minha mãe.

— Vive? — perguntou ele, sem saber por que fazia essa pergunta, a prova do casamento estava aí, diante dele, e não tinha a intenção de impugná-la.

— Não sei. Estava vivo a última vez que soube dele. Passaram cinco anos.

Thomas levantou a cabeça e ficou olhando o espaço. Sentia estranho o corpo, quase leve, como se seu sangue tivesse perdido densidade. Formigava-lhe a pele e...

— Arranca-a — disse Jack.

Thomas se virou a olhá-lo surpreso. Devia ter ouvido mal.

— O que?

— Arranca-a.

— Está louco?

Seu primo negou com a cabeça.

— Você é o Duque.

Thomas olhou a página e foi então quando, com enorme tristeza, aceitou verdadeiramente seu destino.

— Não, não sou.

— Vamos — disse Jack, agarrando-o pelos ombros, com os olhos exagerados pelo terror — Você é o que necessita Wyndham. O que todos necessitam.

— Pare, não seja...

— Me escute. Você nasceu e se criou para fazer esse trabalho. Eu danificarei tudo. Entende? Não posso fazê-lo. Não poosso.

Tinha medo. Bom sinal, disse-se. Só um estúpido ou um homem tremendamente superficial não veria outra coisa que a riqueza e o prestígio.

Se Jack estava apavorado porque entendia que ser Duque significava muito mais, então era o bastante homem para o posto.

Assim negou com a cabeça, sustentando seu olhar.

— Pode ser que me tenham criado para o trabalho, mas é você o que nasceu para ele. E não posso tomar o que é seu.

— Eu não quero! — exclamou Jack.

— Não corresponde a você aceitá-lo nem recusá-lo — disse Thomas — Não o entende? Não é uma posse. É o que é.

— Vamos, pelo amor de Deus! — exclamou Jack, tremiam-lhe as mãos, tremia todo o corpo — Dou isso, em uma droga bandeja de prata. Você segue sendo o Duque e eu o deixarei em paz. Serei seu explorador nas Hébridas Exteriores. Farei o que for. Simplesmente, arranca essa página.

— Se não queria ser o Duque — replicou Thomas — por que não mentiu dizendo que seus pais não estavam casados? Quando perguntei se estavam casados, poderia haver dito que não.

— Não sabia que estava na linha de sucessão quando pôs em dúvida minha legitimidade.

Thomas abaixou o olhar ao registro. Só um livro, não, só uma página de um livro. Isso era o único que se interpunha entre ele e tudo o que era conhecido, tudo o que considerava certo.

Era tentador. Sentia o sabor na boca, desejo, cobiça. Medo também, uma humilhante dose de medo.

Podia arrancar essa página e ninguém jamais saberia. As páginas nem sequer estavam numeradas. Se a arrancavam com cuidado, ninguém saberia que estivera ali.

A vida seria normal. Voltaria para Belgrave exatamente como saiu dali, com as mesmas posses, responsabilidades e compromissos.

Inclusive Amélia.

Ela já deveria ser sua Duquesa. Ele não devia ter arrastado os pés...

Se arrancava essa página...

— Ouve isso? — sibilou Jack.

Thomas aguçou os ouvidos, e instintivamente virou a cabeça de modo que um ouvido ficasse para a janela.

Cavalos.

— Chegaram — disse.

Era agora ou nunca.

Voltou a olhar a página do registro.

E continuou olhando-a.

— Não posso fazê-lo — murmurou.

Então, com uma rapidez incrível, Jack o empurrou de um lado.

Thomas alcançou virar o rosto bem a tempo para vê-lo com as mãos na página, arrancando-a. De um salto se equilibrou sobre ele e agarrou o braço tentando tirar a página, mas seu primo se soltou e correu para a lareira.

— Jack, não! — gritou.

Mas o outro foi muito rápido, e embora ele voltasse a agarrar o braço, conseguiu lançar o papel ao fogo.

Thomas retrocedeu cambaleante, olhando a página horrorizado. As chamas acenderam o primeiro centro, abrindo um buraco, e logo as esquinas começaram a enroscar-se e enegrecer-se, até ficar em nada.

Cinzas, fuligem.

Pó.

— Deus dos céus — murmurou — O que fez?



Amélia acreditara que não teria que voltar a pensar nas palavras *pior dia e de minha vida* em uma mesma frase. Depois daquela cena no salão de Belgrave, quando dois homens quase se encetaram a murros discutindo sobre qual deles estava obrigado a se casar com ela, bem, normalmente se supõe que não se chega a tal grau de humilhação duas vezes na vida.

Mas ao que parece seu pai não fora informado disto.

— Papai, pare — suplicou, plantando-se, enterrando os calcanhares no chão, quando ele tentou fazê-la passar pela porta da casa paroquial, levando-a força.

— Qualquer um diria que estaria mais que desejosa de ter uma resposta — disse ele, impaciente — Deus sabe que eu estou.

A manhã fora horrível. Quando a Duquesa viúva se inteirou de que os dois homens se foram à Igreja sem ela, sofreu um ataque de loucura furiosa, e não achava exagerado descrevê-lo assim, mais arrepiante ainda foi a rapidez com que se recuperou em menos de um minuto, segundo seus cálculos. A anciã transformou sua fúria em uma glacial resolução e, francamente, ela achou isto mais aterrador que sua fúria.

Portanto, no instante em que se inteirou de que Grace não tinha a intenção de acompanhá-las a Maguiresbridge, agarrou-se firmemente de seu braço, gritando: — *Não me deixe sozinha com essa mulher.*

Sua amiga tentou tranquilizá-la dizendo que não estaria sozinha, mas ela não aceitou suas explicações e se negou rotundamente a ir se Grace não ia. E como seu pai não iria sem ela, e necessitavam da Senhora Audley para que indicar o caminho para a Igreja...

Fizeram o trajeto ao condado Fermanagh em uma carruagem muito abarrotada.

Ela ia sentada em um extremo do assento com vista para trás, junto com Grace e a Senhora Audley, o que não teria sido nenhum problema se não fosse pelo fato de que a viúva estava a sua frente, e esta não parava de perguntar para Senhora Audley, quanto tempo faltava para chegar à Igreja. A pobre mulher tinha que virar a olhá-la, e dado que iam tão apertadas, ao fazê-lo empurrava Grace, que dava um empurrão nela, que já se sentia bastante tensa e nervosa.

Então, no instante em que a carruagem se deteve porque chegaram, seu pai a agarrou pelo braço e sibilou ao ouvido um último sermão a respeito dos pais e as filhas e as regras que regem a relação entre eles, para não mencionar três frases inteiras sobre legados dinásticos, fortunas familiares e

responsabilidades para com a Coroa.

Tudo isso gritado no ouvido e em menos de um minuto. Se não se viu obrigada a suportar a mesma ladainha de diretrizes tantas vezes durante a passada semana, não teria entendido nenhuma só palavra.

Até sabendo que seria em vão, tentou convencer de que Thomas e Jack mereciam estar a sós, que não deviam tomar conhecimento de seus respectivos destinos diante das pessoas.

A viúva já tinha entrado correndo, e a ouviu gritar:

— Onde está?

Virou para olhar Grace e a Senhora Audley, que vinham uns passos mais atrás. Mas antes que chegasse a dizer algo, seu pai deu um forte puxão em seu braço, fazendo-a entrar aos tropeços na casa.

Uma mulher estava no centro da sala com uma xícara de chá na mão e uma expressão meio surpresa e meio alarmada. Era provavelmente a governanta, embora não pode perguntar. Seu pai seguia levando-a a rastros atrás dele, resolvido a impedir que a viúva adiantasse muito em chegar até Thomas e Jack.

— Caminhe — grunhiu.

Mas um estranho terror, nada normal, se deu procuração dela, e não queria entrar nesse quarto traseiro.

— Pai — tentou dizer, mas a segunda sílaba ficou apanhada na língua.

Thomas.

Então o viu, frente a ela, pois seu pai a fez entrar de um puxão. Estava imóvel, com o rosto absolutamente inexpressivo, e os olhos fixos na parede em que não havia janela nem quadros, não havia nada, mas ele tinha o olhar perdido nela.

Reprimiu um grito. Thomas perdera o título, não tinha que dizer nenhuma só palavra. Nem sequer tinha que olhá-la, ela o via em sua face.

— Atreveram-se a vir sem mim! — estava gritando a viúva — Onde está? Exijo ver o registro!

Ninguém disse nada. Thomas continuou imóvel, rígido e orgulhoso, como o Duque que todos acreditavam que era, e Jack, santo céu, parecia francamente doente.

Tinha a cor sumida, e estava claro que sua respiração era agitada.

— O que descobriram? — perguntou a viúva quase aos gritos.

Amélia olhou para Thomas. Ele não disse nada.

— Ele é Wyndham — disse Jack no fim — como deve ser.

Amélia fez uma brusca inspiração, esperando, rogando, ter se enganado ao interpretar a face de Thomas. Não importava o título, nem a riqueza nem a terra.

Só desejava a ele, mas ele era tão condenadamente orgulhoso que não se casaria com ela se só era o Senhor Thomas Cavendish, cavalheiro de Lincolnshire.

A viúva virou bruscamente a cabeça e olhou para o seu neto.

— É certo isso?

Thomas não respondeu.

A velha Duquesa repetiu a pergunta, agarrando o braço com tanta ferocidade que Amélia fez um gesto de dor.

Ele continuou em silêncio.

— Não está registrado o casamento — disse Jack.

Thomas não disse nada.

— Ele é o Duque — repetiu Jack, e sua voz soou assustada, desesperada — Não me ouviu? Por que ninguém me escuta?

Amélia reteve o fôlego.

— Mente — disse Thomas então com voz rouca e clara.

— Não — exclamou Jack — Digo-lhes que...

— Vamos, pelo amor de Deus. Acredita que ninguém vai descobrir que mente? Haverá testemunhas. Acredita que não aparecerão testemunhas do casamento? Sabe muito bem que não pode reescrever o passado — olhou para a lareira — Nem queimá-lo, como poderia ser o caso.

Amélia o olhou fixamente e então compreendeu, ele poderia ter mentido.

Poderia ter mentido, mas não o fez.

Se tivesse mentido...

— Arrancou a página do registro — continuou Thomas, sua voz era estranha, monótona, indiferente — e a jogou no fogo.

Todos se viraram para olhar como embevecidos às chamas que ardiam na lareira. Mas não havia nada que ver, nem sequer esses diminutos pedacinhos enegrecidos que se formam redemoinhos no ar quando se queima um papel.

Não havia nada que provasse o delito de Jack. Se Thomas tivesse mentido...

Ninguém teria informado. Poderia ter ficado com tudo, poderia ter conservado seu título. Seu dinheiro. Poderia tê-la conservado.

— É seu — disse Thomas então, voltando-se para Jack.

E se inclinou em uma reverência diante de seu primo, que estava espantado, pasmado.

Depois se voltou para outros.

— Eu sou... — limpou a garganta e continuou com a voz tranquila e orgulhosa — sou o Senhor Cavendish, e desejo a todos um bom dia.

Uma vez dito isto, partiu. Passou por um lado e saiu pela porta.

Não olhou para Amélia.

De pé, em silêncio, passou-lhe esse pensamento pela cabeça, ele não a tinha olhado em nenhum momento, nem sequer uma vez.

Primeiro estava olhando a parede, depois olhou para Jack e depois sua avó e inclusive a Grace.

Mas não a olhou nenhuma só vez.

Era muito estranho encontrar consolo nisso, mas encontrou.

CAPÍTULO 20



Thomas saiu sem ter idéia de para onde deveria ir. Quando passou pela porta, ao lado da governanta, que tinha passado de um desinteresse total a uma atrevida curiosidade por tomar ciência de tudo, quando saiu ao ensolarado e luminoso dia irlandês e desceu a escada, se deteve um momento, desorientado, só tinha um pensamento.

Afastar-se.

Tinha que se afastar.

Não desejava ver sua avó. Não desejava ver o novo Duque de Wyndham.

Não desejava que Amélia o visse. Portanto, de um salto montou em seu cavalo e se foi. Cavalgou até Butlersbridge, que era o único lugar que conhecia.

Quando chegou ao caminho de entrada de Cloverhill, passou reto, não desejava entrar nessa casa, pois outros voltariam muito em breve. Assim, continuou cavalgando até que viu o letreiro de uma estalagem à direita. Via-se bastante decente, assim desmontou e entrou no bar.

E ali estava quando o encontrou Amélia, cinco horas depois.

— Estive procurando você — disse ela em um tom que tentava ser alegre e corajoso.

Thomas fechou os olhos e passou um dedo pela ponta do nariz. Só então os abriu de novo e respondeu: — Parece que me encontrou.

Ela mordeu os lábios, com o olhar fixo na jarra de cerveja cheia até a metade que ele tinha a frente.

— Não estou bêbado se for isso o que está pensando.

— Compreenderia se estivesse.

— Uma mulher tolerante — disse ele. Encostou-se na cadeira, em postura indolente e relaxada — Que pena que não me casarei com você.

Talvez não estivesse bêbado, mas tinha bebido álcool suficiente para ser algo cruel.

Ela não respondeu. E isso foi talvez melhor. Se tivesse dado a repreensão que merecia, ele teria tido a oportunidade de responder conforme, que era o que na realidade queria, mas então o teria detestado mais do que se detestava nesse momento.

Francamente, encontrava bastante lenta a perspectiva de uma discussão.

Ela não merecia seu mau humor, mas, claro, ele tinha tentado retirar-se para estar sozinho e foi ela que o buscou, e fez todo o caminho até a estalagem Derragarra.

Ela se sentou na frente dele e ficou olhando-o com expressão serena. Então a ele ocorreu...

— O que faz aqui?

— Acredito que é claro que estive procurando você.

Ele olhou ao redor. Estavam em uma taberna, pelo amor de Deus. Havia homens ali bebendo.

— Veio sem acompanhante?

Ela encolheu levemente de ombros.

— Duvido que alguém reparou em minha ausência. Em Cloverhill há bastante animação.

— Todos estão festejando o novo Duque? — perguntou ele, irônico e sarcástico.

Ela inclinou a cabeça, indicando que captava seu sarcasmo.

— Todos estão celebrando seu próximo casamento.

Ele a olhou fixamente.

— Não comigo — apressou-se a dizer ela, levantando uma mão para impedir a pergunta.

— Sim — murmurou ele — Seria estranha toda essa celebração sem a noiva.

Ela fechou bruscamente a boca, delatando sua impaciência com ele. Mas não perdeu a calma.

— Vai se casar com Grace.

Ele sorriu.

— Sim? Isso é maravilhoso. É uma boa notícia.

— Parece que se amam muito.

Ele levantou a vista e a olhou. Estava sentada muito tranquila, e a tranquilidade não só se notava em sua voz, mas também em sua atitude, em seu aspecto.

Levava o cabelo penteado para trás, solto, com umas mechas rebeldes colocadas atrás das orelhas, e sua boca... Não estava sorrindo, mas tampouco tinha os lábios franzidos. Tomando em conta todo o ocorrido nesse dia, estava extraordinariamente serena e comedida. E talvez feliz. Se não por ela, pelo Jack e Grace.

— O pedido foi muito romântico — continuou ela.

— Estava presente?

Amélia sorriu de orelha a orelha.

— Estávamos todos.

— Inclusive minha avó?

— Ah, sim.

Ele riu, em que pese a sua resolução de continuar arrasado.

— Lamento ter perdido isso.

— Eu também lamento.

Ele notou algo em sua voz, e quando a olhou, notou algo em seus olhos também. Mas não desejava vê-lo, não desejava saber. Não desejava sua lástima nem sua compaixão nem o que fosse que significasse essa horrenda expressão tão feminina, um pouco maternal, um pouco triste, como se quisesse arrumar todos os seus problemas, fazê-los desaparecer com um beijo e um *calma, não acontece nada*.

Era muito pedir uns malditos momentos para derrubar-se em sua desgraça?

E a desgraça era dele, não era o tipo de experiência que desejava compartilhar.

Ab, sim, sou o homem ao que antes chamavam Duque de Wyndham.

Ia ser uma das notícias mais comentadas nas festas.

— Acredito que o Senhor Audley tem medo — disse Amélia.

— Não poderia ser de outra forma.

Ela assentiu levemente, pensativa.

— Suponho. Terá muito que aprender. Você sempre parecia estar muito ocupado quando eu estava em Belgrave.

Ele bebeu um gole de cerveja, e não porque o desejasse, essa era a terceira jarra e parecia que já tinha bebido o bastante, mas se ela acreditasse que ele pensava se embebedar até atordoar-se, talvez partisse.

Seria mais fácil sem ela.

Esse dia. Ali. Era o Senhor Thomas Cavendish, cavalheiro de Lincolnshire, e nesse momento resultaria mais fácil aceitar sua nova condição sem ela ao seu lado. Mas ela não captou a indireta e, pareceu acomodar-se melhor na cadeira.

— Grace o ajudará não me cabe dúvida — disse — Ela sabe muito a respeito de Belgrave.

— É uma boa mulher.

— Sim — olhou as mãos, passando ociosamente os dedos pelas gretas e arranhões da mesa, e voltou a olhá-lo — Eu não a conhecia muito bem antes desta viagem.

Ele achou estranha essa declaração.

— Conhece-a de toda sua vida.

— Mas não a conhecia muito bem — explicou ela — Sempre foi amiga de Elizabeth, não minha.

— Imagino que Grace não estaria de acordo com essa afirmação.

Ela arqueou as sobrancelhas o necessário para manifestar seu desdém.

— É fácil ver que não tem irmãos.

— Com isso quer dizer...?

— É impossível ser amiga em igual medida de duas irmãs ou irmãos, sempre a gente tem que ser o principal.

— O que complicado deve ser amigo das irmãs Willoughby.

— Cinco vezes mais complicado que ser amiga sua.

— Mas não tão difícil.

Ela o olhou tranquilamente,

— Neste momento teria que estar de acordo.

— Ai — exclamou ele sorrindo, mas sem muito humor, e *sem muito* era um eufemismo.

Ela não respondeu e, então foi que ela cutucou. Portanto, consciente de que era um idiota, inclinou-se a olhar suas mãos.

Ela as retirou imediatamente de em cima da mesa.

— O que faz?

— Procuo as garras — respondeu ele, e em sua voz soou um sorriso satisfeito.

Ela se levantou bruscamente.

— Não é o de sempre.

Isso sim o fez rir.

— Acaba de se dar conta?

— Não me referia ao seu nome.

— Ah, então deve se referir a minhas encantadores maneiras e ao meu magnífico aspecto.

Ela apertou os lábios.

— Normalmente não é tão sarcástico.

Bom Deus, o que esperava dele?

— Por favor, tenha um pouco de compaixão, Lady Amélia. Permita-me pelo menos umas poucas horas para lamentar a perda de tudo o que me é querido?

Ela voltou a sentar-se, mas com supremo cuidado, e não parecia cômoda em sua posição.

— Me perdoe — Apertou as mandíbulas e engoliu em seco, e então acrescentou — Deveria ser mais compreensiva.

Ele exalou um suspiro de irritação e passou a mão pelo olho e a frente. Condenação estava cansado. Na noite passada não tinha fechado o olho, e pelo menos uma hora de vigília a tinha passado no muito incômodo estado de desejá-la. E agora ela agia *assim*?

— Não me peça perdão — disse farto de todo o assunto.

Ela abriu a boca e voltou a fechá-la. Ele supôs que estivera a ponto de pedir desculpas de novo.

Bebeu outro gole.

Novamente ela não captou a indireta.

— O que vai fazer?

— Esta tarde? — murmurou ele, sabendo muito bem que não era esse o sentido da pergunta.

Ela o olhou chateada.

— Não sei — respondeu irritado — Só passaram umas horas.

— Bem, sim, mas o estive pensando durante mais de uma semana. E no navio parecia estar bastante seguro de que este seria o resultado.

— Não é o mesmo.

— Mas...

— Pelo amor de Deus, Amélia, vai fazer o favor de deixar em paz este assunto?

Ela se tornou para trás e imediatamente ele lamentou seu arroubo de fúria, embora não o bastante para se desculpar.

— Devo ir — disse ela com voz apagada.

De maneira nenhuma ele a ia impedir. Não estivera tentando se livrar dela? Ela sairia por essa porta e por fim ele teria um pouco de paz e silêncio, e não estaria sentado ali esforçando-se em não olhar o rosto.

A boca.

Esse lugar dos lábios que gostava de tocar com a ponta da língua quando estava nervosa.

Mas quando ela se levantou algo o agarrou por dentro, esse pingo de integridade que se negava a desaparecer junto com o resto da sua identidade.

Inferno e condenação.

— Tem acompanhante?

— Não necessito — replicou ela, absolutamente impressionada por seu tom.

Ele se levantou fazendo ruído no chão com os pés da cadeira.

— Te acompanharei.

— Acredito que disse...

Ele a agarrou pelo braço com mais força do que foi sua intenção.

— É uma mulher solteira, só em um país estrangeiro.

Ela o olhou com certa incredulidade.

— Tenho um cavalo, Thomas. Não acredita que vim caminhando pela rua sozinha.

— Acompanharei você — repetiu ele.

— Quer ser cortês?

— A cortesia parece ser a única coisa que não posso perder — disse ele, sarcástico — Se não, estaria feliz de deixá-la partir sozinha.

Pareceu que ela estava a ponto de discutir, mas preponderou seu bom senso natural.

— Muito bem — disse exalando um suspiro de impaciência — Pode me acompanhar até a curva da rua, se esse for seu desejo.

— Isso é uma provocação, Lady Amélia?

Ela virou para olhá-lo com os olhos tão tristes que ele se sentiu quase golpeado.

— E quando começou a me chamar Lady outra vez?

Ele a olhou um bom momento, e finalmente respondeu em voz baixa e suave.

— Quando deixei de ser um Lorde.

Ela não fez nenhum comentário, mas ele viu o movimento em sua garganta. Condenação, valia mais que não se pusesse a chorar, ele não poderia suportar.

— Voltemos, então — disse ela e, soltando o braço pôs-se a caminhar a toda pressa diante dele.

Mas ele notou o quanto entrecortada saiu a voz, e quando ela saiu pela porta, fixou-se que seu andar não era o de sempre. Ia muito rígida, e não levava as mãos da maneira que acostumava, seu braço não fazia o leve e gracioso movimento que ele adorava.

Embora até esse momento não se desse conta de que adorava.

Como tampouco se deu conta de que conhecia os ritmos de seu andar até que advertiu que sentia falta dele. E achava condenadamente frustrante que nesses momentos, em meio de todo o desastre, quando não desejava fazer nada além de estar sentado se auto-compadecendo, sofresse por *ela*.

— Amélia — disse quando já tinham saído da taberna.

Sua voz soou brusca, mas não fora sua intenção chamá-la, simplesmente... Ocorreu.

Ela se deteve. Levantou a mão até seu rosto, abaixou e só então virou.

— Perdão — disse ele.

Não perguntou por que pedia perdão, mas a pergunta ficou suspensa no ar de todos os modos.

— Perdoa que tenha sido tão grosseiro. Não merecia isso.

Ela levantou a vista, olhou para um lado e finalmente o olhou nos olhos.

— Levou muito melhor do que se comportariam muitos homens em sua situação.

Ele conseguiu esboçar um sorriso.

— Se por acaso encontrar com outro, em minha situação quero dizer, dê meu endereço, por favor.

Um riso escapou dela, e imediatamente pareceu envergonhada.

— Sinto muito — conseguiu dizer.

— Ah, não sinta. Se alguém merece rir, é você.

— Não — disse ela imediatamente — Não. Não poderia...

— Isso não é o que quis dizer — interrompeu, não queria que ela fosse dizer algo que o fizesse sentir-se mais frustrado ainda — a não ser simplesmente que também sua vida deu um tombo.

A ajudou a subir a sela, procurando não deixar as mãos mais tempo do necessário em sua cintura e não fixar-se em que cheirava a rosas.

— Cloverhill não está longe — disse ela quando já iam cavalgando.

Ele assentiu.

— Bem, já sabe. Teve que passar por ali quando voltou de Maguiresbridge.

Ele voltou a assentir.

Ela também assentiu e virou a face para frente, concentrando sua atenção no caminho. Era muito boa cavaleira, observou ele, não sabia como o faria em uma cavalgada menos aprazível, mas sua postura e forma de sustentar-se na sela eram perfeitas. Dobraria um pouco a coluna e afundariam um pouco os ombros se vísse para olhá-lo?

Mas ela não virou para olhá-lo. Cada vez que a olhava, via seu perfil. Até que finalmente chegaram à curva depois da qual estava Cloverhill.

— Até a curva da rua, acredito que especificou — murmurou ele.

— Vai entrar? — perguntou ela então, não com voz tímida, sim com uma espécie de dolorosa cautela.

— Não.

Ela assentiu.

— Compreendo.

Ele duvidava de que compreendesse, mas não viu nenhum motivo para dizê-lo.

— Vai voltar em algum momento? — perguntou então ela.

— Não — disse ele. Até esse momento não o tinha pensado, mas não, não desejava fazer a

viagem de volta a Inglaterra com o grupo — Voltarei para Belgrave por minha conta — acrescentou.

E depois disso não sabia o que faria.

Supunha que ficaria na casa uma semana mais ou menos para explicar a Jack como funcionava tudo. E para recolher suas coisas. Embora o ducado já não o fosse dele, devia ter algo que lhe pertencesse. Seria difícil aceitar sua nova situação se não possuía ao menos suas botas.

Por que encontrava mais deprimente isso que a perda do maldito Castelo, não saberia jamais.

— Adeus, então — disse ela, e sorriu.

Mas foi um sorriso muito leve, a sua maneira, esse sorriso era o mais triste que vira ele.

— Adeus, Amélia.

Ela continuou detida um momento, e finalmente instigou ao cavalo para que reatasse a marcha, preparando-se para continuar sozinha.

— Espere! — gritou ele.

Ela virou na cadeira, seus olhos brilhantes, esperançosos. A brisa agarrou uma mecha, levantando em um serpentino arco. Impaciente, ela o colocou atrás da orelha.

— Devo pedir um favor — disse ele.

E era certo, embora isso não explicasse o alívio que sentiu quando ela avançou até por seu cavalo ao lado do dele.

— É claro — disse.

— Preciso escrever uma carta curta. Ao Duque — limpou a garganta. Resultava difícil calcular quanto tempo levaria escrevê-la, finalmente continuou — me fará o favor de ser minha mensageira?

— Sim, mas também estaria encantada de transmitir uma mensagem. Para que não tenha que tomar o trabalho de... — Agitou a mão — Bem, o trabalho de escrevê-la, suponho.

— Se transmitir minhas palavras, saberão que me viu. Ela entreabriu os lábios, mas não respondeu. — Tem que pensar em sua reputação — disse ele em voz caindo.

Ela engoliu em seco e ele adivinhou o que estava pensando. Nunca antes tinha tido que preocupar-se de sua reputação.

— Sim, claro — disse ela em tom abrupto.

— Encontramos aqui então? Depois do por do sol?

— Não.

Ele pestanejou surpreso.

— Poderia atrasar e não quero esperar em um caminho público.

— Não me atrasarei.

— Encontraremos no mirante.

— Há um mirante?

— A Senhora Audley me mostrou — Explicou a ele como chegar, e acrescentou — Não fica longe da casa, mas não o verão, se for isso o que teme.

Ele assentiu.

— Obrigado. Agradeço sua ajuda.

Então ela empreendeu a marcha, e ele continuou onde estava, olhando-a fazer-se mais e mais, menor com a distância. Seguiu olhando-a até que ela dobrou a curva e se perdeu de vista. Esperou outro momento mais.

Então, quando soube em seu coração que ela tinha desmontado e entrado na casa, virou o cavalo e se afastou.

Mas só então.

CAPÍTULO 21



O sol se punha tarde nessa época do ano, e como a Senhora Audley observava os costumes do campo, fazia tempo que tinham jantado quando Amélia pôs-se a andar para o mirante. Tal como supôs, ninguém se fixou que saía. Seu pai se retirou ao seu aposento logo que terminou o jantar, seguia um pouco abatido pelo pedido de Jack a Grace.

A viúva não se incomodou em descer para jantar.

Depois da comida, a Senhora Audley a convidara a reunir-se com ela, Jack e Grace no salão, mas Amélia declinou o convite. Antes do jantar passou uma hora lá com essas mesmas três pessoas, e toda a conversa versou sobre as travessuras e proezas de Jack quando era menino. E sim que eram amenas e divertidas as histórias, mas talvez o seriam mais se estivesse apaixonada por ele, o que não estava. Ninguém se surpreendeu quando disse que estava cansada e preferiria ir ler na cama.

Tirou um livro da pequena biblioteca, subiu ao quarto e esteve mais ou menos um minuto recostada na cama, para deixar a colcha convenientemente enrugada, e logo saiu silenciosa. Se Grace fosse ao quarto enquanto ela estava fora o que duvidava muito, pois estava pendente de cada palavra da Senhora Audley, pensaria que tinha saído um momento, talvez para ir à biblioteca a procurar outro livro ou para procurar algo para comer. Não havia nenhum motivo para que alguém suspeitasse que ia encontrar-se com Thomas. Todos tinham manifestado sua curiosidade, logicamente, com respeito a seu paradeiro, mas compreendiam que ele desejasse ter um tempo para estar sozinho.

O sol se estava afundando depois do horizonte quando se pôs a caminhar para o mirante, e já se percebia essa espécie de opacidade ou penumbra, as cores se viam menos vivos, já nada formava sombras. Disse-se que esse encontro não significava nada, que simplesmente ia fazer um favor, agarrando sua carta para deixá-la na mesa do vestíbulo e aparentar uma surpresa igual a dos outros quando a encontrassem. E provavelmente não seria nada. Ela não ia se jogar sobre ele outra vez, sem dúvida sua última tentativa de paixão tinha completado com acréscimo a quantidade de humilhação que devia sofrer em toda sua vida. Além disso, Thomas não dera a entender de maneira nenhuma que desejasse continuar o romance.

Agora que tinha perdido Wyndham, não a queria.

Que tremendamente orgulhoso era, maldito seja. A isso chega, supunha, quando viveu toda a vida sendo um dos vinte homens mais poderosos do país. Podia arrancar o coração do peito e entregar e dizer que o amaria até o dia de sua morte, que ele seguiria negando a se casar com ela.

Pelo bem dela, claro.

Isso era o pior. Diria que era por seu bem, que ela merecia mais.

Como se alguma vez ela o tivesse valorizado por seu título e suas riquezas. Se tudo tivesse ocorrido só um mês atrás, antes que falassem e se beijassem...

Não teria importado.

Ah, se sentiria sobressaltada, seguro, a próxima vez que fosse a Londres. Mas haveria muitos que diriam que foi uma afortunada escapada não ter-se casado com ele antes que perdesse o título. E ela conhecia sua valia. Era a bem dotada filha de um Conde, passavelmente atraente, inteligente embora não, oh, obrigado, mãe, muito. Não estaria solteira muito tempo.

E tudo isso seria totalmente aceitável se não tivesse se apaixonado por ele.

Por ele. Não pelo título, não pelo Castelo. Por ele.

Mas isso Thomas não jamais entenderia.

Apressou o passo pela erva, se rodeando com os braços para proteger do frio do anoitecer. Tinha dado uma volta para não passar diante da janela do salão.

Se deu conta que tinha adquirido bastante experiência em andar com sigilo e passar inadvertida nessa casa. Tinha que ter um pouco de diversão nisso.

Ou, pelo menos, irônico. Ou, talvez, simplesmente triste.

Divisou o mirante na distância, sua pintura branca visível à luz mais tênue. Um minuto mais e...

— Amélia.

Deu um salto com um pé.

— Oh! Santo céu, Thomas, que susto me deu.

Ele esboçou seu sorriso enviesado — Não me esperava?

— Não aqui — O mirante ainda estava a muitas jardas de distância.

— Minhas desculpas. Vi você e me pareceu falta de educação não anunciar minha presença.

— Não, não, claro, só que... — fez uma inspiração, dando uns tapinhas no peito — Ainda me pulsa forte o coração.

A isso seguiu um momento de silêncio. E outro.

E outro mais.

Um silêncio horrível. Incômodo, oco, que recordou todas essas coisas que acreditava normais antes de conhecê-lo de verdade, quando ele era o Duque e ela sua afortunada prometida, e nunca tinham nada que dizer um ao outro.

— Aqui tem — disse ele, passando um papel dobrado e selado com lacre, então deu também seu anel de selo — ia empregar sobre o lacre, mas então dei conta...

Ela olhou o anel, tinha o brasão gravado da Casa Wyndham.

— Na realidade, teria sido divertido.

— Dolorosamente divertido.

Ela tocou o lacre, estava liso no lugar onde ele tinha estampado um simples selo plano. Levantou a vista e tentou sorrir.

— Talvez dê de presente um novo para seu aniversário.

— Um anel novo?

Ai, Deus, tinha saído mal.

— Não, não — limpou a garganta, sobressaltada, e balbuciou — Isso seria muita presunção.

Ele esperou, e adiantou a cabeça para indicar que seguia pensando o que tinha querido dizer.

— Um simples selo, para estampar sobre o lacre — explicou detestando o tom de sua voz, apenas umas poucas palavras e soavam como puro bate-papo, um bate-papo tolo e nervoso — Vai seguir precisando enviar cartas.

Ele pareceu interessado.

— O que vai escolher como desenho?

— Não sei — Voltou a olhar o anel, e o meteu no bolso, não que o fosse perder — Tem um lema?

Ele negou com a cabeça.

— Necessita um lema!

— Quer me dar um?

Ela riu.

— Vamos não me tente.

— E com isso quer dizer...?

— Que se tomo um tempo, poderia inventar algo mais engenhoso que *Mors aerumnarum requie*.

Ele franziu o cenho, tentando traduzir.

— A morte é o descanso das aflições — explicou ela.

Ele riu.

— O lema heráldico dos Willoughby — disse ela, fitando-o — Do tempo dos Plantagenet.

— Quanto o sinto.

— Bem, terá que ter em mente que os Willoughby vivem até uma idade avançadíssima. — E como o estava desfrutando, acrescentou — Entrevados, artríticos e asmáticos.

— Não esqueça a gota.

— Que amável ao me recordar isso — Arregalou os olhos e olhou para ele curiosa — Qual é o lema dos Cavendish?

— Só nobilitas virtus.

— Só nobilitas... — renunciou — Meu latim está enferrujado.

— A virtude é a única nobreza.

— Ah — Fez um mau gesto — Isso é irônico.

— Sim, é.

Ela não soube que mais dizer, e ao que parece ele tampouco. Sorriu, incômoda.

— Concordo. Bem — Levantou a carta — Cuidarei bem disto.

— Obrigado.

— Adeus, então.

— Adeus.

Ela se virou para partir, mas então se deteve e voltou a virar, com a carta no alto.

— Devo supor que isto significa que não pensa se reunir conosco em Cloverhill?

— Não, não seria boa companhia.

Ela assentiu levemente, com os lábios fechados e curvados em um tolo sorriso. Abaixou o braço, sabendo que devia partir. E começou a girar, de verdade, ou ao menos pareceu, e justo então ele disse.

— Aí está tudo.

— Perdão?

Notou que a voz saiu afogada, mas talvez ele não se deu conta.

— Na carta — explicou ele — Nela exponho minhas intenções a Jack.

— Claro — Assentiu, procurando não pensar no brusco que saiu o movimento — Acredito que foi muito consciencioso.

— Consciencioso em todas as coisas — murmurou ele.

— Esse é seu novo lema?

Reteve o fôlego, encantada por ter encontrado outro tema de conversa. Não desejava despedir-se. Se afastava nesse momento, teria acabado tudo, não?

Ele sorriu amavelmente e inclinou a cabeça.

— Esperarei com ilusão seu presente.

— Então voltarei a vê-lo?

Oh idiotice. Maldição, maldição, maldição.

Isso não deveria ter sido uma pergunta, a não ser uma afirmação, irônica, sofisticada, e não dita com essa voz pateticamente esperançosa.

— Com certeza que sim.

Ela assentiu.

Ele assentiu.

E continuaram ali. Olhando-se.

Então, dos lábios dela...

E da maneira mais incrivelmente estúpida, saiu:

— Te amo.

Ai, Deus.

Ai Deus, ai Deus, ai Deus. De onde saiu isso? Não deveria tê-lo dito. Não deveria tê-lo dito dessa maneira tão desesperada.

E ele não deveria estar olhando-a como se tivessem brotado chifres. E ela não deveria estar tremendo, e deveria respirar e, ai Deus, ia começar a chorar porque se sentia tão terrivelmente infeliz e...

Levantou as mãos e as agitou.

— Tenho que ir!

Pôs-se a correr.

Vamos, droga, droga, caiu a carta.

Voltou correndo e a recolheu.

— Sinto muito — disse, e o olhou.

Isso foi um erro. Porque começou a falar outra vez, como se sua boca não tivesse feito outra coisa que fazê-la fazer o ridículo essa tarde.

— Sinto muito. Não deveria ter dito isso. Não disse, bem, não deveria tê-lo dito. E estou... Estou... — Tinha a boca aberta, mas a garganta tinha fechado, e pareceu que tinha deixado de respirar, mas então, como um horroroso arroto, saiu — Tenho que ir!

— Amélia, espere — disse ele, pondo uma mão no braço.

Ela ficou imóvel, e teve que fechar os olhos, pelo sofrimento que produziu seu contato.

— Você...

— Não deveria tê-lo dito — soltou ela.

Tinha que interrompê-lo antes que ele continuasse falando, porque sabia que não ia dizer que ele também a amava, e nenhuma outra coisa seria suportável.

— Amélia, você...

— Não! Não diga nada, por favor. Só vai piorar. Sinto muito, o coloquei em uma posição terrível e...

— Pare — interrompeu ele.

Pôs suas mãos nos ombros, firmes, quentes. Ela desejou virar um pouco a cabeça para poder apoiar a face nele, em seu peito.

Mas não o fez.

— Amélia — disse Thomas.

Parecia estar procurando as palavras, isso não era bom sinal.

Se a amava, se desejava que ela soubesse, não saberia o que dizer?

— Foi um dia muito especial e... — disse ele, vacilante, limpou a garganta — aconteceram muitas coisas, e não seria se estranhar que acreditasse que...

— Acredita que acabo de chegar a esta conclusão esta tarde?

— Não...

Mas ela não estava disposta a tolerar essa condescendente superioridade.

— Não se perguntou por que insisti tanto em que não queria me casar com o Senhor Audley?

— Na realidade, não dizia muito — disse ele em voz baixa.

— Porque estava muda de assombro! Pasmada, estupefata! Como acredita que se sentiria se de repente seu pai, exigisse que se casasse com uma mulher a quem não conhece e logo sua noiva a quem acreditava que por fim estava formando uma amizade, voltasse em seu contrário e exigisse o mesmo?

— Era pelo seu bem Amélia.

— Não, não era! — exclamou ela, quase aos gritos, liberando-se dele, que a segurava pelos ombros — Seria por meu bem que me obrigassem a me casar com um homem que está apaixonado por Grace Eversleigh? Eu tinha acabado de parar de acreditar que você era apaixonado por ela!

Fez-se um silêncio horrível.

Não acabava de dizer isso. Por favor, não, não o havia dito.

Ele tinha o rosto flácido, pela surpresa.

— Acreditava que eu estava apaixonado por Grace?

— Estava claro que ela o conhecia melhor que eu.

— Não, eu não, quero dizer, não estava apaixonado, embora...

— Embora o que?

— Nada — disse ele.

Mas tinha uma expressão culpado.

— Diga-me isso.

— Amélia...

— Diga-me isso.

Devia parecer uma verdadeira harpia, pronta para equilibrar-se sobre ele para agarrar o pescoço e estrangulá-lo, porque ele disse: — Pedi que se casasse comigo.

— O que?

— Não significou nada.

— Pediu que se casasse com você e não significou nada?

— Não é o que parece.

— Quando pediu?

— Antes de empreender a viagem a Irlanda.

— Antes de... — ficou boquiaberta — Seguia comprometido comigo. Não pode pedir a alguém que se case com você quando está comprometido com outra pessoa.

Era o ato mais incrivelmente impróprio de Thomas que poderia ter imaginado.

— Amélia...

— Não — Negou com a cabeça, não queria ouvir suas desculpas — Como pode fazer isso? Sempre faz o correto. Sempre, inclusive quando é uma droga, uma moléstia, sempre...

— Pensei que não seguiria comprometido com você muito mais tempo — interrompeu ele — Simplesmente disse que se Audley resultava ser o Duque, talvez poderíamos iniciar uma vida juntos quando tudo tivesse acabado e estivesse resolvido.

— Iniciar uma vida juntos?

— Não o disse assim — resmungou ele.

— Ai, meu Deus.

— Amélia...

Ela pestanejou, tentando assimilar tudo.

— Mas comigo não se casaria — murmurou.

— O que quer dizer?

Ela por fim foi capaz de olhá-lo no rosto. Olhou-o fixamente nos olhos, e por uma vez não se importou no quanto eram azuis.

— Disse que não casaria comigo se perdesse o título. Mas teria casado com Grace?

— Não é o mesmo — disse ele, embora parecesse envergonhado.

— Por quê? Qual é a diferença?

— Porque você merece mais.

Ela aumentou os olhos.

— Acredito que acaba de insultar Grace.

— Condenação — resmungou ele, passando a mão pelo cabelo — Inverte minhas palavras..

— Parece-me que você é um perito nessa arte.

Ele fez uma inspiração profunda, sem dúvida para dominar um pouco do gênio.

— Toda sua vida esperou casar com um Duque.

— O que importa isso?

— Como o que importa? — ficou em silêncio um instante, como se não pudesse falar — Não tem idéia do que poderia ser a vida despojada de suas relações e de seu dinheiro.

— Não necessito disso.

— Não tenho nada, Amélia — continuou ele, como se não a tivesse ouvido — Não tenho dinheiro, nem propriedades.

— Tem a você mesmo.

Ele soltou um sopro.

— Nem sequer sei quem sou.

— Eu sim.

— Não é realista.

— Você não é justo.

— Amélia...

— Não — interrompeu zangada — Não quero ouvi-lo. Custa-me acreditar a magnitude de seu insulto.

— Meu insulto?

— Seriamente sou uma flor de estufa a que não considera capaz de suportar a mais mínima privação?

— Não será mínima.

— Mas Grace sim seria capaz.

Ele pôs sua expressão pétrea e não respondeu.

— O que disse? — perguntou ela em tom quase zombeteiro.

— O que?

— O que disse Grace? — repetiu ela em voz mais alta.

Ele a olhou como se nunca a tivesse visto antes.

— Pediu que se casasse com você. O que disse?

— Negou-se — respondeu ele ao fim em tom abrupto.

— Beijou-a?

— Amélia...

— Beijou-a?

— O que importa isso?

— Beijou-a?

— Sim! — explodiu ele — Sim, pelo amor de Deus, beijei-a, mas não senti nada. Nada! Tentei, me acredite, tentei sentir algo, mas não foi absolutamente como *isto*.

Agarrou-a em seus braços e colocou os lábios sobre os dela, tão rápido e com tanta força que Amélia não conseguiu respirar. E então não importou. Suas mãos estavam sobre ela, apertando-a contra ele, forte, e sentiu a pressão de seu membro excitado, e o desejou.

Desejou ser dele.

Abriu-lhe a roupa, desejando sentir o calor de sua pele. Estava beijando seu pescoço e tinha a mão debaixo de sua saia, subindo-a por sua perna.

Ela estava ofegante de desejo, ele ia subindo o polegar pela delicada pele do interior de sua coxa, e ela acreditou que não poderia sustentar-se em pé. Agarrou-se em seus ombros para não cair, suspirando seu nome, gemendo-o, pedindo mais, uma e outra vez.

E ele subiu um pouco mais a mão até deixá-la guardada no alto da coxa, no quadril, para logo ir deslizando-a mais e mais abaixo.

E então a acariciou entre as pernas.

Ela se esticou e depois se apoiou nele, relaxando por instinto enquanto ele seguia acariciando-a.

— Thomas — gemeu.

Não chegou nem a se dar conta quando ele já a tinha deitado no chão e a estava beijando e acariciando. Amélia não sabia o que fazer, não tinha nenhum pensamento além de que desejava que não parasse.

Desejava todas suas carícias, e mais.

Ele continuava acariciando entre suas pernas com os dedos, e de repente introduziu um em sua cavidade, a carícia mais incrível e maravilhosa. Ela se arqueou debaixo dele, ofegante pela surpresa e o prazer.

Ele tinha introduzido o dedo com muita facilidade. Seu corpo estivera esperando isso? Preparando-se para esse momento, em que ele se instalaria entre suas coxas e a acariciaria?

A respiração saía mais e mais agitada, e o desejava mais apertado contra ela.

O sangue continuava vibrando pelo corpo, e a única coisa que era capaz de fazer era abraçar-se a ele, passar as mãos pelas costas, pelo cabelo, pressionar as nádegas, o que fosse para senti-lo mais perto, para sentir a crescente pressão de seu corpo sobre o dela.

Ele abaixou a boca até seu seio, à parte plana que não cobria o vestido, estremeceu quando Thomas encontrou a beirada do decote e passou os lábios de um lado ao outro, então agarrou o tecido com os dentes e começou a empurrar, primeiro suave e logo com mais vigor, pois o tecido resistia.

Finalmente, soltando uma maldição em voz baixa, colheu com uma mão a borda do ombro e de um puxão abaixou a manga por seu braço. O seio ficou livre, e ainda não tinha alcançado a fazer uma inspiração quando ele fechou a boca sobre o mamilo.

Escapou-lhe um grito, e não soube se afastava ou apertava mais contra ele, mas ao final não importou, porque Thomas a tinha firmemente segura e, a julgar por seus grunhidos de prazer, não ia deixar ela se mover. Tinha levado a mão, a que tinha entre suas pernas, com a que estivera dando uma tortura tão prazerosa, para seu traseiro, e a estava apertando contra seu membro excitado. A seguir deslizou a outra mão pela sensível pele de seu braço, levantando e estirando até que ficaram com as mãos unidas por cima das cabeças.

Com os dedos entrelaçados.

Te amo, desejou exclamar.

Mas não disse nada. Não devia falar, não podia permitir-se dizer nenhuma só palavra, porque então ele pararia. Não sabia como estava tão segura disso, mas sabia que era certo. Se fizesse algo que rompesse o feitiço, Thomas voltaria para a realidade e pararia. E se ocorria isso, não poderia suportar.

De repente notou que deslizava as mãos por entre seus corpos, logo os movimentos ao desabotoar a braguilha, e então o sentiu, o membro duro, excitado, pressionando-a entre as pernas, e entrando, alargando a vagina, ela não soube o que podia esperar, já não estava tão segura de que fosse gostar, e então...

Ele investiu, emitindo um grunhido primitivo, e ela não pode evitá-lo, escapou um grito de dor.

Imediatamente Thomas ficou imóvel.

Ela também.

Ele se ergueu um pouco afastando a cabeça e ela teve a impressão de que só nesse momento a via.

Desaparecera o atordoamento da paixão e...

Oh, isso era o que tinha temido.

Ele lamentava.



— Oh, meu Deus, meu Deus — murmurou ele.

O que tinha feito?

Pergunta condenadamente estúpida, e o momento mais estúpido ainda para fazer já que estava em cima de Amélia, com o pênis enterrado nela, no meio do campo. No campo! Tinha tirado sua virgindade sem sequer pensar em sua comodidade. Ela tinha a saia arregaçada e enrugada na cintura, tinha folhas no cabelo e, bom Deus, ele nem sequer tinha ocorrido tirar as botas.

— Sinto muito — sussurrou.

Ela negou com a cabeça, mas ele não soube ver em sua expressão o que queria dizer.

Se casaria com ela, disso não podia ter a menor dúvida. Tinha-a desonrado da maneira mais degradante possível. Tinha sussurrado seu nome pelo menos? Durante todo o tempo em que estivera acariciando-a, fazendo amor, havia dito seu nome? Tinha tido consciência de algo que não fosse seu irrefreável desejo?

— Sinto muito — repetiu.

Mas as palavras não bastam. Ergueu-se mais para retirar-se e poder aliviá-la e pô-la cômoda.

— Não! — exclamou ela, agarrando os ombros — Por favor, não se afaste.

Ele a olhou fixamente, sem poder acreditar no que ouvia. Não fora violação, isso sabia, ela também tinha desejado. Tinha gemido de desejo, segurado seus ombros e exclamado seu nome. Mas com certeza desejaria por fim a aquilo, esperar algo mais civilizado. Em uma cama, sendo sua esposa.

— Continue — disse ela acariciando sua face.

— Amélia — disse com a voz áspera, rogando que ela ouvisse todos seus pensamentos nessa só palavra, porque não acreditava capaz de expressá-los.

— Está feito — disse ela em voz baixa, então brilharam os olhos, de energia — E jamais lamentarei.

Ele tentou dizer algo, mas só foi capaz de emitir um profundo som, algo que recordava a um primitivo gemido.

Pôs um dedo nos lábios.

— Chss. Está feito — repetiu, então sorriu, e sua expressão era a culminação de um milhão de anos de experiências femininas — Agora faça que seja agradável.

O pulso dele acelerou e então ela subiu a mão por sua perna até chegar à pele nua de suas nádegas.

Ele afogou uma exclamação.

Apertou uma nádega.

— Faça que seja maravilhoso.

E ele fez isso. Se a primeira parte do ato sexual fora uma frenética investida e paixão desenfreada, agora tudo foi diferente, cada beijo foi pura arte, cada carícia esteve pensada para levá-la ao topo do prazer. Quando algo a fazia gemer, repetia-o, uma e outra vez.

Sussurrou seu nome, sem descanso, sobre sua pele, em seu cabelo, enquanto atormentava o seio com os lábios. Queria que aquela fosse uma experiência maravilhosa para ela. Não descansaria até levá-la às alturas do êxtase, até que estalasse de prazer em seus braços.

Pela primeira vez fazia semanas, ele não era o importante. Não pensava em seu nome, nem em

quem era, nem em nada que não fosse o que podia dar prazer Amélia.

Ela era então a única coisa importante para ele, e talvez sempre o seria, o resto de suas vidas.

E talvez gostasse, não importa.

Talvez fosse bom. Muito bom.

Olhou-a e ficou sem fôlego ao vê-la entreabrir os lábios em um suave suspiro de desejo e prazer. Jamais vira nada tão formoso. Nem o mais brilhante dos diamantes, nem a mais espetacular das postas de sol, podia se comparar com sua face nesse momento.

E então ficou claro.

Amava-a.

Esta garota... Não, esta mulher, da que se desentendeu educadamente durante anos, colocou-se dentro dele e tinha roubado seu coração. E de repente não entendia como ocorreu pensar que permitiria se casar com Jack.

Não sabia como pode pensar que poderia viver separado dela. Nem como poderia viver um só dia mais sem saber que algum dia ela seria sua esposa. Que pariria seus filhos, que envelheceria com ele.

— Thomas?

O sussurro o devolveu ao presente e se deu conta de que tinha deixado de se mover. Ela o estava olhando com uma mescla de curiosidade e desejo, e seus olhos... Sua expressão... Não poderia explicar como a expressão de sua face o fez sentir tão feliz.

Não contente, nem satisfeito, nem divertido.

Feliz.

Apaixonado, com champanhe nas veias, tão feliz que desejava gritar ao mundo.

— Por que sorri? — perguntou ela.

E então sorriu também, porque era contagioso. Tinha que sê-lo.

Não pode guardar segredo.

— Te amo — disse, e compreendeu que seu rosto delatava a surpresa e a maravilha que sentia.

Imediatamente a expressão de Amélia passou a ser cautelosa.

— Thomas...

Era imperioso que ela entendesse.

— Não digo por que você disse, e não digo por que é evidente que agora tenho que me casar com você. Digo por quê... Por que...

Ela ficou muito quieta debaixo dele.

Ele sussurrou a última parte.

— Digo por que é certo.

Brotaram lágrimas dos olhos dela e ele se inclinou a limpar com beijos.

— Te amo — murmurou, e então não pode evitar que formasse um sorriso travesso — Mas por uma vez em minha vida não vou fazer o correto.

Ela aumentou os olhos, alarmada.

— O que quer dizer?

Beijou a face, a orelha e logo todo o gracioso contorno da mandíbula.

— O correto, acredito, seria por fim a esta loucura imediatamente. E não é que não esteja já totalmente desonrada, mas na realidade antes de continuar eu deveria obter a permissão de seu pai.

— De continuar *isto*? — exclamou ela.

— Jamais seria tão grosseiro. Referia a nossa relação... Como noivos.

Ela abriu e fechou a boca várias vezes até que curvou os lábios em um sorriso.

— Mas não poderia ser tão cruel — disse ele.

— Cruel?

— Mmm, não pode não continuar *com o que estava fazendo*.

Thomas investiu brandamente, apenas um pouco, mas o bastante para fazê-la gemer de surpresa.

Mordiscou-lhe o pescoço, e começou a acelerar o ritmo.

— Parece-me que começar algo e não acabá-lo não é o correto, não é verdade?

— Não — respondeu ela, mas sua voz soou tensa, e já começava a agitar a respiração.

Assim que ele continuou seu rítmico movimento.

Amou-a com seu corpo tal como a amava com o coração. E quando a sentiu estremecer de agrado ao alcançar o orgasmo, soltou e ejaculou dentro dela com uma força que o deixou esgotado, satisfeito e completo.

Talvez não fosse essa a maneira correta de seduzir à mulher que amava, mas sem dúvida foi fabuloso.

CAPÍTULO 22



No final Thomas sim fez o correto. Ou quase. Amélia tinha suposto que no dia seguinte ele procuraria seu pai para pedir formalmente sua mão em casamento. Mas pediu que entregasse a carta e o anel, tal como tinham planejado, acrescentando que a veria na Inglaterra dentro de umas duas semanas.

Amava-a, disse. Amava-a mais do que sabia dizer, mas precisava voltar sozinho a Inglaterra.

Ela compreendeu.

E assim foi como ocorreu que quase três semanas depois ela estava no salão de Burges Park, sentada em companhia de sua mãe, suas quatro irmãs e dois dos cães de seu pai, quando apareceu o mordomo na porta e anunciou.

— O Senhor Thomas Cavendish, Milady.

— Quem? — perguntou imediatamente Lady Crowland.

— É Wyndham! — sibilou Elizabeth.

— Já não é Wyndham — corrigiu Milly.

Amélia abaixou o olhar para seu livro, um horrível manual de urbanidade que sua mãe chamava *edificante*, e sorriu.

— E a que vem aqui? — perguntou Lady Crowland.

— Talvez segue comprometido com Amélia — sugeriu Milly.

Sua mãe se virou para ela absolutamente horrorizada.

— Não sabemos?

— Acredito que não — respondeu Milly.

Amélia seguiu com o olhar cravado no livro.

— Filha — disse Lady Crowland imediatamente — em que situação está seu compromisso?

Ela tentou responder com um encolhimento de ombros e o rosto sem expressão, mas não demorou a dar-se conta de que isso não ia bastar.

— Não sei bem — disse.

— Como é possível isso? — perguntou Milly.

— Eu não o rompi — respondeu Amélia.

— E ele?

— Isto... — guardou silêncio um momento, sem saber aonde olhar para responder, pois a pergunta chegou de cinco lugares distintos. Finalmente, decidiu responder a sua mãe, assim que se virou para ela — Não, não formalmente.

— Que confusão, que confusão — exclamou Lady Crowland, levando uma mão à cabeça, com aspecto de sentir-se muito mal — Então, terá que rompê-lo você. Ele não o fará, é tão cavalheiresco que não faria isso. Mas sem dúvida não esperará que se case com ele *agora*.

Amélia se mordeu o lábio.

— É muito provável que tenha vindo para dar a você oportunidade de romper seu compromisso. Sim, isso deve ser — Olhou para o mordomo e disse — O faça passar, Granville. E o resto de vocês... — Agitou uma mão tratando de abranger as suas filhas, o que não era nada fácil, pois estavam repartidas em diferentes lugares do salão — Vamos saudá-lo, ofereceremos nossas desculpas e nos retiraremos discretamente.

— Uma retirada em massa vai ser discreto? — perguntou Milly.

Lady Crowland a olhou chateada e virou para Amélia exclamando: — Ah! Acredita que seu pai deveria estar presente?

— Sim — respondeu Amélia, sentindo-se extraordinariamente serena dadas as circunstâncias — Acredito que sim.

— Milly, vá procurar seu pai.

A jovem a olhou boquiaberta.

— Não posso sair agora.

Lady Crowland exalou um teatral suspiro.

— Vamos, pelo amor de Deus, alguma mãe foi alguma vez tão atormentada?

Olhou para Elizabeth.

— Ah, não — disse esta imediatamente — Não quero perder nada.

— Vocês duas — disse Lady Crowland, agitando a mão para suas duas filhas menores — vão procurar seu pai e não protestem — Voltou a ficar com a mão na cabeça — Isto me vai causar uma enxaqueca, não me resta dúvida — Ao ver que suas filhas não se moviam com suficiente rapidez, acrescentou — Não há nada que ver aqui! Wyndham...

— Cavendish — corrigiu Milly.

Lady Crowland arregalou os olhos.

— Quem podia chegar a imaginar algo assim? Um primo encontrado depois de anos... — Então, com uma agilidade verbal francamente incrível, virou-se por volta das duas filhas menores que se ficaram detidas perto da porta — Vão, agora mesmo!

Elas saíram, mas não antes de quase se chocar com Thomas, que acabava de entrar. Trazia na mão um pacote plano bastante grande, que, por sugestão de sua anfitriã, deixou no piso apoiado na parede.

— Lady Crowland — disse, inclinando-se em uma profunda reverência.

Amélia sentiu uma cotovelada nas costelas... De Elizabeth.

— Não está muito mal — sussurrou sua irmã mais velha — Não acaba de perder tudo?

— Talvez não tudo — murmurou Amélia.

Mas Elizabeth não a ouviu, estava muito ocupada tratando de parecer que não estava olhando

com a boca aberta, embora, claro, era justo o que estava fazendo.

Thomas se voltou para elas três.

— Lady Elizabeth — saudou amavelmente — Lady Amélia, Lady Millicent.

As três fizeram suas reverências e ele correspondeu com uma elegante inclinação da cabeça.

Lady Crowland limpou a garganta.

— Que agradável surpresa, exce... isto...

— Senhor Cavendish — disse ele, com amável humor — tive umas quantas semanas para me acostumar.

— Bem, esse é seu sobrenome — atravessou Milly.

— Millicent! — arreganhou sua mãe.

— Não, não — disse Thomas sorrindo irônico — Tem razão. Thomas Cavendish foi meu nome desde que nasci.

A isso seguiu um momento de incômodo silêncio, até que o rompeu Lady Crowland.

— Parece estar bem de saúde.

— Muito bem, Milady, e você?

— Todo o bem que se pode esperar — suspirou ela, dando uns golpezinhas no peito — As filhas podem ser muito exaustivas.

— Espero descobrir isso pessoalmente algum dia — disse Thomas.

Lady Crowland se ruborizou.

— Bem — gaguejou — claro que todos esperamos ser abençoados com filhos, não é verdade?

— Não recordo a última vez que se referiu a mim como a uma bênção — resmungou Milly.

Amélia não fez conta. Estava absolutamente feliz só olhando para Thomas de onde estava. Tinha sentido falta dele, mas até vê-lo com seus olhos não se deu conta de até que ponto. Só que nesse momento desejava acariciá-lo, rodeá-lo com seus braços e afundar seu rosto em seu peito, entre seus braços. Desejava beijá-lo, cheirá-lo, estar perto dele.

Suspirou, ao que parece o suspiro saiu muito forte.

Milly deu um chute e só então se deu conta de que todos a estavam olhando.

Simplesmente sorriu de orelha a orelha, não pode evitá-lo.

Sua mãe a olhou intrigada e olhou para Thomas, dizendo: — Suponho que queria estar um momento as sós com Amélia para falar em particular.

— Isso eu gostaria acima de tudo — disse ele tranquilamente — embora também...

— Cavendish!

Amélia olhou para a porta, seu pai tinha chegado.

— Lorde Crowland — saudou-o Thomas.

— Estava pensando quando voltaria. Compreendo que nos abandonasse na Irlanda. Mas, suponho que temos assuntos para tratar — Olhou ao redor, como se acabasse de ver o grupo de mulheres Willoughby reunidas ali, de pé e muito rígidas — Mmm, talvez em meu escritório?

Amélia supôs que ele aceitaria. Thomas jamais faria um pedido formal de casamento sem ter primeira a permissão de seu pai. Ou ao menos sem tentar ter.

Não sabia o que faria ele se seu pai não aceitasse, mas tinha toda a fé do mundo que se casariam. Só que seria muito mais fácil se seus familiares não se opusessem.

Mas Thomas a surpreendeu. Na realidade, surpreendeu-os a todos, ao dizer: — Não há nenhuma necessidade de que nos retiremos a outra sala. Não tenho nada a dizer que não possam escutar sua mulher e suas filhas.

— Eu adoro quando alguém diz isso — comentou Milly.

— Milly! — sibilou Elizabeth.

— Ouvi.

— Sim você já ouviu — murmurou Thomas.

Amélia teve que tampar boca para afogar a risada.

— Acabou? — perguntou Lorde Crowland, olhando abatido para suas três filhas mais velhas.

Elas não responderam. Em um ambiente como esse a insubordinação só pode chegar até certo ponto.

— Muito bem, então — disse o Conde, voltando-se para Thomas — O que é o que precisa me dizer?

— Em primeiro lugar, desejo dissolver formalmente o contrato de compromisso.

Elizabeth fez uma brusca inspiração e inclusive Milly pareceu horrorizada por essa declaração.

Amélia simplesmente sorriu. Não sabia o que pensara, mas confiava nele.

— Considere-o feito — disse Lorde Crowland — Embora, na realidade, eu acreditava que já estava anulado.

Thomas inclinou levemente a cabeça.

— Mas convém deixar as coisas claras, não parece?

O Conde pestanejou umas quantas vezes, como duvidoso da direção que ia tomar a conversa.

— Quero deixar clara uma coisa mais — disse Thomas.

Então virou para Amélia.

Olhou-a nos olhos.

Avançou até ela atravessando a sala.

Agarrou-lhe as mãos.

Desapareceu o salão, e só estavam ele e ela... E a sorte.

Amélia sentiu subir a risada à garganta, silenciosa, era tão imensa sua felicidade que não podia retê-la dentro.

— Amélia — disse ele sem deixar de olhá-la nos olhos.

Ela começou a baixar a cabeça para assentir, mesmo que não tinha pedido nada ainda. Mas não pode evitá-lo. Ele só tinha que sussurrar seu nome e ela desejava gritar, *Sim! Sim!*

Ele fincou um joelho.

— Amélia Willoughby — disse em voz mais alta — Me dará a muita imensa honra de ser minha esposa?

Ela continuou assentindo, não podia parar.

— Pergunto isso — continuou ele — porque desta vez é você que deve decidir.

— Sim — murmurou ela, e logo gritou — Sim, sim!

Pôs um anel no trêmulo dedo. Ela não se fixou em que ele tinha o anel na mão, tão absorta estivera olhando sua face.

— Te amo — disse Thomas, ali, diante de todos.

— Eu também te amo — respondeu ela, tremeu a voz, mas as palavras soaram sinceras.

Então ele se levantou, sem soltar sua mão, e virou para seu pai.

— Espero que nos dê sua bênção.

Disse-o em tom suave, mas a intenção estava clara, se casariam com ou sem a bênção dele.

— Pode mantê-la? — perguntou Lorde Crowland, francamente.

— Cheguei a um acordo com o novo Duque. Não lhe faltará nada.

— Não terá um título — assinalou Lady Crowland, embora amavelmente.

Era mais um aviso, uma maneira de comprovar que sua filha tinha pensado bem as coisas.

— Não necessito — respondeu Amélia.

E supôs que seu amor devia resplandecer em seu rosto, porque os olhos de sua mãe empanaram, e enquanto os limpava balbuciou uma tolice sobre o pó.

— Bem, então — disse Lorde Crowland com o aspecto de que preferiria estar fora com seus cães — Suponho que está decidido então — Passado um momento acrescentou — Outra vez.

— Deveria ter casado com você antes — disse Thomas a Amélia, levando sua a mão aos lábios.

— Não, não deveria. Talvez não teria me apaixonado por você se tivesse sido meu marido.

— Quer me explicar isso? — perguntou ele sorrindo divertido.

— Francamente, não — respondeu ela com certo atrevimento.

— Ah, quase me esqueço — disse ele de repente — Te trouxe um presente.

Ela sorriu de orelha a orelha, a seu pesar, jamais fora tão sofisticada que pudesse dissimular sua alegria por um presente.

Então ele se dirigiu à parede onde tinha deixado o enorme pacote, passando junto a todos os familiares, que seguiam observando a cena com certa incredulidade.

— Ali — disse. Caminhou até uma mesa próxima e o deixou em cima.

Amélia correu a ficar ao seu lado, junto com todos outros Willoughby.

— O que é? — perguntou sorridente.

— Abre-o. Mas com cuidado, é delicado.

Ela desatou as cordas e com supremo cuidado apartou o papel.

— O que é? — perguntou Milly.

— Você gosta? — quis saber Thomas.

Ela assentiu, avassalada pela emoção.

— Eu adoro.

— O que é? — repetiu Milly.

Era um mapa. Um mapa em forma de coração.

— Uma projeção cordiforme — disse Thomas.

Amélia o olhou entusiasmada.

— Não distorce a superfície. Olhe que pequena é Groenlândia.

Ele sorriu.

— Tenho que confessar que o comprei principalmente por sua forma de coração.

Ela se virou para sua família.

— Não é o presente mais romântico que viram?

Olharam-na como se tivesse enlouquecido.

— Um mapa — disse Lorde Crowland — Muito interessante.

Elizabeth limpou a garganta.

— Deixa-me ver o anel?

Amélia levantou o braço, para que suas irmãs exclamassem seus aahs e oohs admirando o diamante, enquanto ela olhava a seu novo, quer dizer, ao seu novo antigo noivo.

— É este o momento em que devo fazer um engenhoso comentário a respeito de que você encontrou o mapa do meu coração? — perguntou ele.

— Pode fazê-lo sem me fazer chorar?

Ele pensou.

— Acredito que não.

— Muito bem, pode dizer isso de qualquer maneira.

Ele disse.

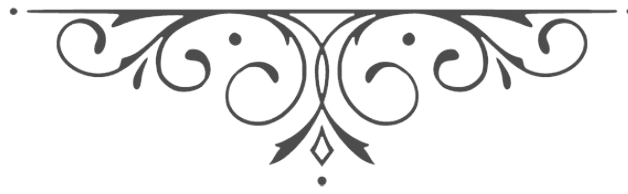
E ela chorou.

— Bem, este sim é um casamento por amor — declarou Milly.

Eles assentiram.

Era, efetivamente.

EPÍLOGO



Castelo de Windsor, julho de 1823

— Terminamos?

O Rei estava aborrecido. Jorge IV jamais apreciava os seus encontros com Lorde Chambelán, sempre eram inoportunos, não sabia como as arrumava Montrose, mas sempre eram justo na hora de uma comida planejada.

— Só há uma coisa mais, Majestade — disse o Duque do Montrose, seu Lorde Chambelán desde fazia dois anos já, folheou uns papéis, olhou o que encontrou e levantou a vista — morreu o Conde de Crowland.

Jorge pestanejou.

— Isso é uma pena.

— Tinha cinco filhas.

— Nenhum filho?

— Nenhum. Não há herdeiro. O título passou a Sua Majestade.

— Foi recentemente?

— No começo deste mês.

Jorge bocejou.

— Ah, bem, teremos que dar um tempo à viúva para chorar sua morte antes de reabsorver a propriedade.

— Muito amável de sua parte, como sempre, Majestade.

— Não tem muita importância... Um momento — Franziu o cenho — Disse Crowland? Não esteve envolto nesse horrível assunto Wyndham?

— Sua filha estava comprometida com o Duque — respondeu Montrose — Quero dizer, com o que se acreditou Duque até que apareceu seu primo — Clareou a garganta — Mas fica o assunto do condado. Estando disponível Crowland...

— Como está Wyndham? — interrompeu Jorge.

— Eeh... Qual deles?

Jorge riu com vontade.

— O novo, o verdadeiro. É..., o outro também. É um bom tipo, sempre me caiu bem. Desapareceu da vista, não é?

— Acredito que recentemente retornou de Amsterdam.

— Que diabos foi fazer ali?

— Não sei Majestade.

— Mas se casou com a garota Crowland, não? Depois de toda a confusão com o título.

— Sim.

— Deve ser uma jovem estranha — murmurou Jorge — Acredito que poderia ter se casado melhor.

— Minha esposa me informou que foi um casamento por amor — disse Montrose.

Jorge riu. Era muito difícil encontrar boa diversão nesse tempo. Essa era uma boa história.

Montrose pigarreou.

— É necessário resolver o assunto do condado sem Conde. Certamente, o posto pode continuar vago, mas...

— Dêem a Cavendish — disse Jorge, agitando uma mão.

Montrose o olhou surpreso.

— A...

— A Cavendish, o ex-Wyndham. Deus sabe que o merece depois de tudo pelo que passou.

— Acredito que sua esposa não era a filha mais velha. O precedente...

Jorge voltou a rir.

— Acredito que não há nenhum precedente de algo similar a isto. Esperaremos seis meses. Daremos tempo à família para o luto antes de fazer a transferência.

— Está seguro, Majestade?

— Isto nos diverte James.

Montrose assentiu. O Rei o chamava por seu nome de batismo muito raramente.

— Ele agradecerá muitíssimo, não tenho dúvidas.

— Bem, não é um ducado — disse Jorge rindo — mas de todos os modos...



Sete meses depois, na casa Crowland de Londres — Ah, então não acredito que possa chamar você de Lorde Crowland — disse Amélia pegando sua xícara de chá para beber um gole — Me faria sentir como se estivesse falando com meu pai.

Thomas se limitou a mover a cabeça. Só tinha transcorrido um mês desde que os chamaram a Windsor, e só uma semana desde que se fez pública a notícia. Mais ou menos acabava de se acostumar a não virar a cabeça cada vez que alguém dizia *Wyndham*.

Nisso entrou um laiaio trazendo uma enorme bandeja.

— Os jornais, Senhor — entouou.

— Ah, hoje é quarta-feira, não é verdade? — exclamou Amélia, erguendo a mão imediatamente para a bandeja.

— Tem estado viciada nesse jornaleco de intrigas — disse Thomas em tom acusador.

— Não posso evitar. É absolutamente delicioso.

Ele agarrou o Jornal e procurou a seção sobre política. Teria que voltar para a Câmara dos Lordes. Precisaria estar melhor informado.

— Ooooh — murmurou Amélia, com a cabeça virtualmente metida na folha de fofocas recém-chegadas.

Thomas a olhou.

— O que foi?

Fez um gesto com a mão.

— Nada que possa interessá-lo. Ooh!

— Agora é o que?

Desta vez não fez nenhum caso.

Ele voltou à atenção ao jornal, mas só tinha lido três frases quando Amélia gritou.

— O que houve?

Ela virou a folha.

— Estamos aqui! Estamos aqui!

— Deixe-me ver isso — disse ele, arrebatando a folha.

E leu:

De Wyndham a Cavendish a Crowland Esta cronista apresenta um assunto interessante para quem quer que identifique corretamente o homem casado com a ex-Lady Amélia Willoughby. E é que depois de pertencer à massa de pessoas sem título, por cinco anos, o novo Conde daria trabalho até mesmo a Shakespeare. Aquilo que chamamos um cavalheiro com título, propriedades e trinta mil libras por ano cheira bem melhor que um simples “Senhor de Tal”.

Sem dúvida, a nova Lady Crowland está de acordo. Ou não? Mesmo que estivesse comprometida toda a vida com o homem que era o Duque de Wyndham, casou-se com ele quando já não tinha nem um quarto de tostão em seu nome. Se isso não for um casamento por amor, esta cronista comerá sua pluma.

Ecos de Sociedade de Lady Whistledown, 4 de fevereiro de 1824

SOBRE A AUTORA



Julia Quinn começou a trabalhar em seu primeiro romance um mês depois de terminar a faculdade e nunca mais parou de escrever. Seus livros já atingiram a marca de 10 milhões de exemplares vendidos, sendo mais de 3,5 milhões da série Os Bridgertons, publicada pela Arqueiro. Seus romances já foram lançados em 29 países.

Julia é formada pelas universidades Harvard e Radcliffe e foi a autora mais jovem a ser incluída no Romance Writers of America's Hall of Fame, a Galeria da Fama dos Escritores Românticos dos Estados Unidos. Atualmente mora com a família no Noroeste Pacífico.

www.juliaquinn.com